

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Flávia Maria Marques Nogueira

O futuro é a semana que vem: um estudo sobre juventude e tempo

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

SÃO PAULO

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Flávia Maria Marques Nogueira

O futuro é a semana que vem: um estudo sobre juventude e tempo

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Tese apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTORA em Educação no Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia da Educação, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Wanda Maria Junqueira de Aguiar.

SÃO PAULO

2016

BANCA EXAMINADORA :

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

(Local, data e assinatura)

Aproveitar o tempo!

Mas o que é o tempo, para que eu o aproveite?

[...]

Aproveitar o tempo!

Desde que comecei a escrever passaram cinco minutos.

Aproveitei-os ou não?

Se não sei se aproveitei, que saberei de outros minutos?

Álvaro de Campos

Dedico esta tese aos meus amados filhos, Daniel e Guilherme, por tudo o que eu fui, sou e serei para vocês, e por tudo o que vocês são eternamente para mim.

Agradeço à CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior,
pela bolsa concedida.

Agradecimentos

Neste período de longa dedicação ao doutorado, foram muitas as pessoas que me acompanharam e incentivaram para que este projeto se concretizasse.

Agradeço imensamente aos professores da banca de qualificação: Marcelo Afonso Ribeiro, Ana Mercês Bahia Bock, Maria da Graça Marchina Gonçalves e Silvio Duarte Bock, que com seus conhecimentos e por meio de suas ricas sugestões, considerações, críticas e reflexões, me auxiliaram diretamente na construção e objetivação deste trabalho.

À minha orientadora Wanda Maria Junqueira de Aguiar, pela oportunidade de estudo proporcionada e por seu acompanhamento detalhista. Sou grata ainda pelo compartilhamento de suas considerações, que me auxiliaram em minhas reflexões.

Ao Julio Ribeiro Soares, querido amigo, que sempre se mostrou disponível em me ajudar e compartilhar o enorme conhecimento que possui.

À Shyrlleen Christieny Assunção Alves, também querida amiga e muito generosa ao se propor a discutirmos juntas algumas de minhas dúvidas.

Ao Marcelo, grande companheiro ao longo desses anos, que sempre presente me ajudou nos momentos mais difíceis. Não existem palavras para que eu possa expressar tamanha gratidão!

Aos meus queridos filhos, Daniel e Guilherme, pela paciência que tiveram com a minha ausência no tempo, a qual dediquei aos estudos. Sou muito grata a eles pela força, coragem e determinação que souberam me transmitir.

À minha mãe que sempre me apoiou a estudar e ser independente ao construir meu caminho profissional.

Aos meus irmãos Fábio, Marcelo e Maurício e as minhas cunhadas Cristina, Adriana e Kátia, que mesmo de longe torceram por mim. Aos meus sobrinhos Renato e sua mulher Ana Paula, a Laurinha, Sofia e Heleninha que também de longe me acompanharam neste processo. E a minha prima Maria do Carmo que torce muito por mim em todos os meus projetos.

Ao grande apoio que tive de minhas amigas: Adriana, Carol, Cris, Ana Beatriz, Anelise, Akemi, Letícia, Maria Ângela, Luciene Abdalla, Almunita e Claudia Vanozzi.

Às colegas e amigas da Colmeia: Maria Stella, Caioá, Sandra, Elísia, Marisa, Maria Tereza, Michele, Lucy e Fabiana.

À Colmeia Instituição a Serviço da Juventude, local em que desenvolvo meu trabalho como orientadora profissional, pois sem esse trabalho não poderia sonhar em me tornar também uma pesquisadora.

Ao Maurício Nogueira, pela gentileza ao me ajudar no abstract.

Ao Edson, do programa de Psicologia da Educação.

E em especial aos jovens que generosamente colaboraram com a pesquisa e por isso possibilitaram que ela se concretizasse.

RESUMO

Considerando-se os cenários contemporâneos de um mundo dinâmico, em que várias transformações ocorreram nas últimas décadas, verificamos que os ritmos da vida moderna também mudaram e intensificaram-se, em harmonia com a velocidade dos tempos tecnológicos. No âmbito dessas mudanças e na esteira dessa aceleração temporal, transformaram-se também as instituições sociais, os sujeitos, seus estilos de vida. Nessa lógica contemporânea, verificamos que uma das grandes transformações que assistimos na sociedade e nas esferas da vida do sujeito diz respeito à dimensão social do tempo. Há um tempo diferente em nosso momento histórico, constituído por novas mediações e, assim, vivido de forma diferente. Os sujeitos vivem novas relações com o tempo, relações pautadas pela experiência da velocidade. Isso ocorre devido à própria velocidade da vida social capitalista, que demanda cada vez mais produtividade. Há também a vivência do tempo da instantaneidade; do imediatismo, do efêmero, mediados pelo tempo da virtualidade, o tempo das novas tecnologias e da Internet. Desse modo, levando em consideração as mudanças que a contemporaneidade tem infligido aos sujeitos (as quais permitem uma determinada experiência de tempo) temos como objetivo geral neste estudo pesquisar como os jovens estão significando seus projetos de futuro mediados pelo tempo do contemporâneo. Para tanto, o referencial teórico metodológico adotado é o da Psicologia Sócio-Histórica, que apoia-se no materialismo histórico dialético. Foi elaborado um instrumento de frases incompletas, composto de frases relacionadas ao tempo futuro, aos projetos de futuro, sobre o trabalho, sobre o ser adulto e sobre o tempo tecnológico para os jovens. O instrumento foi aplicado em 31 jovens, sendo alunos de terceiro ano do ensino médio de algumas escolas particulares da cidade São Paulo e alunos de cursinhos pré-vestibulares, também privados. A análise nos possibilitou apreender que, na era da incerteza, os jovens buscam por certeza, objetividade, respostas imediatas. Com isso, podemos dizer que, a regra fundamental contemporânea é buscar a segurança no movimento. Buscar a segurança na incerteza e imprevisibilidade, não tendo o longo prazo como horizonte. Indo nessa mesma direção, podemos observar que elaborar projetos de longo prazo para eles é algo que soa vago. Eles nos trazem o fato de que têm metas a serem perseguidas, tem objetivos, mas em um discurso que parece vazio, indefinido, inconsistente, pois "chegar lá" é um futuro muito distante ainda. Os sujeitos desta pesquisa demonstraram a grande pressão que sofrem do tempo presente, sentem-se como se estivessem sendo "tragados", pelo imediatismo dos estudos, pela intensa preparação para o vestibular, pelo curto prazo de tempo que dispõem para suas escolhas. E dessa maneira, quanto mais ficam presos ao presente, menos eles se apropriam de seus futuros, o que por sua vez, acaba por dificultar que construam seus projetos. Entendemos então que, em nosso momento atual valorizam-se as conquistas imediatas em detrimento das conquistas de longo prazo, pois o futuro é imediato. O futuro é agora.

Palavras-chave: jovens, tempo, projetos de futuro, orientação profissional, Psicologia Sócio-Histórica.

ABSTRACT

Considering all the contemporary scenarios of a dynamic world in which several transformations have occurred over the last decades, we noticed that modern day life rhythms have changed and intensified, and this fact is related to the speed of technological times. Due to these changes and following the temporal acceleration the social institutions have also changed, the subjects, and their life styles. In this contemporary logic, we verify that one of the great transformations that we witnessed in society and the stratospheres of life of the subject is associated to the social dimension of time. There is a different time in our historical moment, there is a time made up of new mediations and, therefore, it is lived in a different way. The subjects live new relations to time, the experience of speed, a result of the capitalist social life, that demands more productivity every time. As well as this, there is also living time of the instantaneousness, of the immediate, of the ephemeral, moderated by the time of the virtual, ultimately the time of new technologies, the time of the internet. So taking into consideration the changes that contemporaneity has inflicted on its subjects, and that it brings a determinate experience of time, we have as a general objective on this study research how young people are establishing their future projects mediated by contemporary time. To ensue that, the theoretical referential method used is of the Psychosocial History, which is based on historical dialectic materialism. An instrument of incomplete phrases was developed, composed of phrases related to future time, to future projects, about work, about adults, and about the technological times for young people. The instrument was applied in 31 young people, students of the third year of medium grade in private schools in the city of Sao Paulo, and students of pre-“vestibular” schools, also private. The analysis enabled seizing that, at this age of uncertainty, young people seek certainty, objectivity, and immediate answers. With that we can say that the fundamental contemporary rule is to try to obtain security in the movement. To try to obtain security in uncertainty and unpredictability, not having a long deadline as a horizon. Following that argument, we could observe that to elaborate long-term projects sound too vague for them. They bring to us the fact that they have goals to be achieved, they do have objectives, but on a discourse that seems empty, undefined, inconsistent, because “getting there” is still a too distant future. The subjects of this research have demonstrated the great pressure that they have suffered over present time, they feel like they have been “swallowed”, by the immediacy of their studies, the intense preparation for the “vestibular”, by the short time constraints they have at their disposal for their choices. Therefore, the more they are prisoners of the present, the less they own their own futures, and that ends up making it harder for them to build their projects. We understand then that at our present juncture immediate achievements are valued in detriment of long-term achievements, because the future is immediate. The future is now.

Key words: young people, time, future projects, professional orientation, Psychosocial History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1: A DIMENSÃO SOCIAL DO TEMPO CONTEMPORÂNEO	
1.1 O tempo na história: a revolução tecnológica.....	22
1.2 O tempo na história: o tempo circular e o tempo da previsibilidade	29
1.3 O tempo contemporâneo: o efêmero, o instantâneo e o imprevisível.....	36
CAPÍTULO 2: JUVENTUDES	
2.1 Juventude: concepções e distinções	47
2.2 Adolescência e juventude: uma construção histórico-social.....	53
2.3 Ideal social do adulto, ideal social do jovem	64
CAPÍTULO 3: O PROJETO E SUA CONSTRUÇÃO NO TEMPO: MUITAS ESCOLHAS, VÁRIOS CAMINHOS	
3.1 O projeto de futuro, suas concepções.....	71
3.2 O que é o projeto?	74
3.3 O projeto de futuro e o trabalho no mundo contemporâneo.....	84
CAPÍTULO 4: O MÉTODO	
4.1 Considerações metodológicas	94
4.2 Categorias teóricas metodológicas em nossa pesquisa	99
4.2.1 Historicidade.....	99
4.2.2 As significações: sentidos e significados	101

4.3 O processo de coleta de informações.....	103
4.3.1 Os sujeitos desta pesquisa e o local de informação.....	103
4.3.2 Instrumento	104
4.3.3 Quadro geral do grupo de frases e seus objetivos.....	107
4.3.4 Procedimentos de análise.....	111
 CAPÍTULO 5: ANÁLISE	
5.1 O tempo passa como uma estrela cadente: mudanças na nossa relação com o tempo.....	113
5.2 "Nunca se chega realmente 'lá', é por isso que estamos sempre em movimento": ter um projeto e o encontro com os possíveis futuros	130
5.3 Ser jovem é "aproveitar cada segundo da vida", ser adulto é "tão incerto quanto o resto da vida"	147
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 166
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 174
 ANEXO A.....	 180
 ANEXO B.....	 185

Introdução

Ao viver, o homem historiciza o tempo, a duração cronológica do existir da realidade. Sem o homem, o que ocorre é apenas evolução, geológica ou orgânica, mas apenas a introdução da razão engendra a historicidade, a perspectiva histórica, pela introdução da distinção entre passado, presente e futuro (VIEIRA PINTO 1979, p.186).

Considerando-se os cenários contemporâneos de um mundo dinâmico onde notadamente várias transformações ocorreram nas últimas décadas, verificamos que os ritmos da vida moderna também mudaram e intensificaram-se, fato esse relacionado à velocidade dos tempos tecnológicos. No âmbito dessas mudanças e deste ritmo acelerado, transformaram-se também as instituições sociais, os sujeitos e seus estilos de vida, houve diversas mudanças estruturais.

Vivemos em um mundo em ebulição, cujas transformações sociais, políticas, econômicas ocorrem em um ritmo intenso, rápido, afetando em cheio a vida e o cotidiano dos sujeitos. E, hoje, apresenta-se um contexto histórico de um mundo que se transformou em um curto espaço de tempo frente à longa história da humanidade.

Nessa lógica contemporânea, verificamos que uma das grandes transformações a que assistimos na sociedade e nas esferas da vida diz respeito à dimensão social do tempo. A vivência dos homens em relação ao tempo nem sempre se deu da mesma forma e, portanto, há um tempo diferente em nosso momento histórico, há um tempo constituído diferentemente e vivido de forma diferente. Os sujeitos vivem novas relações com o tempo, o da experiência da velocidade, fruto da velocidade da vida social capitalista, que demanda cada vez mais produtividade, tornando essencial o tempo produtivo e rentável. Há também a vivência do tempo da instantaneidade; do imediatismo, do fragmentado, do efêmero, mediados pelo tempo da conectividade, da virtualidade, enfim, o tempo das novas tecnologias, o tempo da Internet.

Os sinais temporais de nossa sociedade são, ainda, marcados pela experiência da instabilidade, incerteza e imprevisibilidade, uma vez que tantas mudanças tornaram o mundo mais complexo, plural e cada vez mais incerto. Destarte, todos os sujeitos contemporâneos se encontram diante de mudanças profundas em seus contextos de vida.

Quanto à vivência dos jovens neste mundo contemporâneo, observamos que seus caminhos e trajetórias são mais complexos também. Há uma pluralidade de escolhas e de caminhos a seguir e ainda é preciso considerar que as experiências dos sujeitos, os caminhos

que estão sendo trilhados chocam-se com o imprevisto, com o imponderável, com rupturas. Com isso, os jovens, ao se projetarem subjetivamente no horizonte temporal, no futuro, têm certamente de lidar com algo da ordem do inesperado e imprevisível. Assim e considerando as mudanças que a contemporaneidade tem infligido aos sujeitos, levando a uma determinada experiência de tempo, estas questões nos instigam a refletir e a pesquisar como a dimensão do tempo, sua relação com a tecnologia e o modo de funcionamento da sociedade impactam as construções dos projetos de futuro dos jovens na atualidade.

Ou seja, temos como objetivo geral neste estudo pesquisar como os jovens estão significando seus projetos de futuro mediados pelo tempo do contemporâneo. Porque consideramos que, se as novas relações dos sujeitos com o tempo alteraram-se e se a noção de tempo (um dos elementos constitutivos dos projetos) também se alterou, nossa hipótese centra-se no fato de que, essa nova temporalidade que está impactando a noção de futuro dos jovens afeta a construção dos seus projetos também.

É importante salientar que a dimensão social do tempo está dialeticamente articulada à dimensão social do espaço, pois se trata de um par dialético, o par tempo-espaço. São dois polos que se constituem dialeticamente. Então, justamente por estabelecerem este tipo de relação — em que uma dimensão depende da outra, ao mesmo tempo que mantém sua identidade, sua singularidade — é que podemos considerar que uma dimensão pode ser analisada em sua especificidade. Pois, a despeito de uma dimensão não existir sem a outra, elas não se diluem uma na outra e, desta forma, não perdem sua identidade.

Posto isso, nesta tese e pelas questões que levaram ao desenvolvimento desta pesquisa, centralizaremos nosso foco na dimensão social do tempo, contudo, mediado pela dimensão do espaço. Sendo assim, o espaço aparece como uma mediação importante, mas não como o foco do trabalho. Entretanto, é digno de nota esclarecer que as significações dos projetos de futuro dos jovens relacionam-se ao tempo-espaço, pois não se constrói nada no tempo sem que haja o espaço. Os projetos se constituem no tempo, no entanto, seu movimento de constituição só ocorre em espaços, sejam eles físicos ou virtuais.

Cabe dizer que o propósito em me debruçar em uma tese de doutorado iniciou-se em decorrência de um conjunto de fatores que ao longo do tempo foram se articulando. Notadamente o meu projeto de dissertação no mestrado e minha atuação na área da Orientação Profissional.

Em meu percurso profissional, trabalhei e dediquei meus estudos aos jovens com os quais, ao longo de minha carreira, tive a oportunidade de desenvolver minhas atividades profissionais. Inicialmente trabalhei no SENAC e em ONGs, em Programas de Educação para o Trabalho, orientando jovens em suas trajetórias profissionais. E há muitos anos trabalho especificamente como orientadora profissional na Colmeia - Instituição a Serviço da Juventude. Portanto, meu interesse, público alvo e instrumento de trabalho sempre foram os jovens, os quais me despertaram e me despertam curiosidade e ímpeto em ajudá-los com suas demandas e questionamentos a respeito de escolhas e construção de seus futuros.

Ao desenvolver a pesquisa de mestrado, dediquei-me a estudá-los sob a ótica de suas perspectivas de futuro. No referido estudo, investiguei os sentidos que os jovens estudantes do primeiro ano de graduação de Administração da PUC-SP atribuem aos seus projetos de futuro profissional, bem como os elementos que compõem tais projetos e seus múltiplos determinantes. Ou seja, como as mudanças sofridas pela nossa sociedade nas últimas décadas, suas grandes transformações, tais como o avanço tecnológico, os processos de flexibilização e precarização do trabalho e a globalização da economia, incidem na constituição das subjetividades dos jovens e na construção de seus projetos de futuro.

A escolha do título desta pesquisa "O futuro é a semana que vem: um estudo sobre juventude e tempo" surgiu a partir do cotidiano de minha experiência de trabalho. O tempo, a dimensão social e subjetiva do tempo, vem tomando cada vez mais espaço nas ansiedades e discursos dos jovens que participam do processo de orientação profissional que oferecemos. Nos últimos anos, uma situação sempre me suscitou reflexões: receber jovens e mais jovens cada vez mais ansiosos com as pressões do tempo em suas escolhas, em seus projetos de futuro. Trazem em seus discursos a ansiedade e a vivência de dar conta das demandas do presente, tendo como consequência a sensação de um tempo encurtado em suas vidas.

Mais alguns aspectos do trabalho com os jovens também me chamaram a atenção. Um deles diz respeito à figura do relógio que aparece recorrentemente em uma atividade de colagem em que peço que coloquem figuras que os representem em uma folha de sulfite. Diante disso, minha análise e interpretação me leva a crer que o recorte do relógio representa fielmente a ansiedade que eles têm em relação à pressão do tempo exercida sobre eles. Pois são os segundos que não voltam, os minutos que não voltam, as horas que não voltam. Os ponteiros avançam e assinalam um tempo que está se consumindo e pressionando, já que

marca os dias que se aproximam cada vez mais: as escolhas, o vestibular, os novos rumos, a construção de seus futuros.

Em outra atividade em que desenvolvo meu trabalho percebo também a pressão, porém, dessa vez relacionada às demandas da vida do trabalho na contemporaneidade. Em um jogo em que se discutem os valores pessoais, despertou-me inquietação e reflexão quando um grupo de jovens defendeu veementemente que os valores de tranquilidade, falta de pressão e estabilidade são vistos como "quase abomináveis" dentro do mundo do trabalho, tamanha é a ânsia em viver a vida no trabalho de forma dinâmica, rápida e acelerada. Esse é o estilo de vida que conta agora, para a vida, para o trabalho: o mundo da novidade, da mudança, da rapidez e das experimentações. Mais uma vez trazem uma vivência da noção de tempo objetivamente posta em nossa sociedade que os impacta em suas expectativas de futuro.

E de reflexões e inquietações sobre as significações desses jovens frente ao tempo futuro, encontro na resposta de um jovem uma indicação, podemos até dizer, uma síntese da forma como eles estão significando, como estão vivenciando esse tempo. Ao ser questionado sobre o que é o futuro, esse jovem responde: "o futuro é a semana que vem", pois é a semana que vem que acontece a prova do ENEM, portanto, "o futuro está aí, ele é a semana que vem". Essas expressões nos mostram o quanto sua visão de futuro é curtíssima, é de um futuro que é agora. Assim, ocorre uma ênfase cada vez maior no presente, porque o jovem encontra-se exigido cada vez mais a participar de inúmeras atividades em prol de preparar-se na construção de seu futuro. Isso significa que ao viver sob as pressões do presente imediato, vive-se sempre mais o momento presente.

Outro fator fundamental no processo de reflexão e construção desta tese se deu por meio da articulação da minha experiência profissional com as leituras de diversos autores nessa área do conhecimento, ou seja, autores que abordam a dimensão do tempo em seus estudos (ELIAS, 1994; BAUMAN, 1999, 2001; PELLETIER, 2001; LECCARDI, 2005; HARVEY, 2005; SENNETT, 2008, 2012). Sennett (2012) trabalha com a noção de momento imediato, pois para ele não se pode buscar metas de longo prazo numa sociedade impaciente e dedicada ao curto prazo. Bauman (2001) alude à lógica da volatilidade, a qual torna extremamente difícil planejamentos de longo prazo. Já Pelletier (2001) resgata os mitos gregos de Chronos e Kairós para tratar da nossa relação com o tempo atual.

Além da dimensão do tempo, outras duas categorias se fazem igualmente fundamentais nessa pesquisa: juventude e projetos de futuro. No âmbito da temática juventude, contamos com um conjunto de autores e pesquisadores que trabalham na elaboração de análises e discussões que visam compreender esse jovem hoje, sempre levando em consideração a historicidade, o contexto sócio-histórico, ou seja, a gênese deste processo. Para tanto, torna-se proeminente hoje que, para que se possa compreender o que é ser jovem, é necessário compreender o que é ser o adulto na contemporaneidade. Vários foram os autores que nos auxiliaram a compreender como se dá o processo de constituição de ser jovem e ser adulto hoje, bem como no entendimento da descronologização dos ciclos da vida, aspecto de suma importância para entender o modelo existencial do ser jovem em nossa sociedade (CALLIGARIS, 2000; COSTA, 2004; BOCK & LIEBESNY, 2003; KEHL, 2004; RIBEIRO, 2004; ABRAMO, BRANCO, 2005; BIRMAN, 2005; SPOSITO, 2005; PIMENTA, 2007; IMANISHI, 2008; NOVAES, 2002, 2004, 2006; BOCK, 2007; ARIÉS, 2011).

A fim de compreender as concepções de projeto e suas vicissitudes, nos apoiamos em autores que fundamentam suas teorias em linhas teóricas diversas, pois suas contribuições articulam elementos que são expressivos para que possamos compreender as significações dos jovens frente à construção de seus projetos de futuro na atualidade (BOHOSLAVSKY, 1977, 1983; BOUTINET, 2002; VELHO, 1994, 2004; CATÃO, 2007; LIEBESNY, 2008; GUICHARD, 1995, 2012; SARTRE, 1970, 1997; RIBEIRO, 2009, 2012).

A despeito de estudarmos diversos autores visando nos auxiliar na construção desta tese, faz-se necessário salientar que a perspectiva teórica adotada que nos ajuda a compreender a visão de homem e visão de mundo está fundamentada na Psicologia Sócio-Histórica. Baseada no materialismo histórico-dialético, subsidia-nos com seus aportes teórico metodológicos na compreensão da realidade social em seu movimento contraditório.

Em relação ao desenvolvimento da pesquisa, cabe dizer que nossos sujeitos são jovens pertencentes às classes socioeconômica médias e altas da cidade de São Paulo. São 31 estudantes, parte do Ensino Médio de escolas particulares e parte de cursinhos pré-universitários, também privados. Cabe observar que tais sujeitos possuem características similares quanto aos seus discursos, devido ao fato de pertencerem a um mesmo contexto econômico, social e cultural: são jovens cujos pais possuem condições financeiras de manter

sua inatividade e, por isso, são voltados unicamente para seus estudos, não precisando preocupar-se com sua subsistência.

Desenvolver pesquisas que envolvam a temática da juventude implica entrar em contato com um grupo que se caracteriza por sua heterogeneidade e multiplicidade, por conta de um fenômeno social constituído em diferentes contextos: cultural, social, econômico, local, global, educacional, familiar. Implica ainda trabalhar com um fenômeno social em construção permanente, a juventude, uma construção social fruto da conjuntura histórica à qual pertence. Muitos autores entendem os jovens justamente como catalisadores da compreensão do mundo, sendo uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da sociedade, justamente por condensar os medos e também as esperanças relativas às tendências sociais do presente (ABRAMO, 1997).

Conforme mencionamos acima, entendemos com isso que os jovens têm um importante papel a desempenhar nas diversas áreas do conhecimento e, dessa forma, podem buscar uma delimitação compreensiva da atual configuração social e a partir disso, transformá-la. Esquadrinhar nossa realidade implica buscar viver melhor nessa realidade.

Diante disso, justificamos a relevância científica e social do desenvolvimento desta pesquisa. Ao centrarmos a investigação na juventude, no projeto de futuro e no trabalho, o interesse em conhecer essas categorias em uma perspectiva histórica ganha importância porque implica produção de conhecimento sobre a área, de modo que se produza um conhecimento que pode se desdobrar numa prática profissional melhor.

Cabe ainda apontar a relevância deste estudo para a área da orientação profissional, pois ao nos depararmos com a dimensão social do tempo contemporâneo perpassando a realidade objetiva e subjetiva dos sujeitos quanto ao tempo futuro, verificamos que é de fundamental importância que essa questão seja mais bem aprofundada teoricamente.

Temos que destacar que, o recorte de classe econômico-social, os sujeitos pertencentes as camadas médias e altas de São Paulo referendam nosso estudo, na medida em que se tornam essenciais para essa pesquisa. Isso se dá pois, além de serem sujeitos com os quais eu tive fácil acesso, torna-se interessante a análise e a consequente produção de conhecimento sobre esta camada social, se trata de jovens que sem dúvida revelam elementos singulares de significar.

Importante pontuar que sabemos que o objetivo deste estudo é amplo e complexo, uma vez que suas categorias também são amplas e se situam em varias áreas do conhecimento: a psicologia, a sociologia, a educação. Contudo, não temos aqui a pretensão de abranger todas as questões. Mas, ao trabalharmos com um tema novo, principalmente, no que se refere ao tempo da instantaneidade, o tempo virtual, ousamos dizer que o desenvolvimento desta tese pode vir a ser um ponto de partida para outros estudos com jovens, uma vez que, compreendê-los, saber o que pensam, saber como estão projetando seus futuros na era da incerteza são todos empreendimentos intelectuais que têm o objetivo de auxiliar os profissionais que trabalham com jovens.

Por fim, apresentaremos a estrutura de nossa tese, que se divide em cinco capítulos, que serão descritos em detalhes a seguir.

O primeiro capítulo trata de compreender a dimensão social do tempo contemporâneo. Para tanto, faz-se um resgate da historicidade desse processo. Analisam-se as mudanças ocorridas na relação entre tempo e sociedade e, concomitantemente, a relação do sujeito com a dimensão do tempo. Primeiramente, partimos da compreensão do tempo circular, tempo vivenciado como estático, correspondente ao modo de produção das sociedades arcaicas, para o tempo da previsibilidade, o tempo linear, que ocorreu devido à difusão da concepção cristã do tempo. Com a modernidade, emerge um novo tempo, ainda vetorial mas transformado pela sociedade industrial: o tempo controlado da produção, cronometrado pelos relógios, regido "pelo tempo de Chronos" (PELLETIER, 2001). E por fim, o tempo contemporâneo, fruto da aceleração da velocidade das informações, o tempo da instantaneidade, do imediatismo, o tempo da conectividade, da virtualidade, enfim, o tempo da Internet.

O segundo capítulo traz uma importante contribuição sobre as concepções e distinções sobre "juventudes". Busca a gênese dessa concepção ao trazer a juventude como uma construção histórico-social. Pontuamos as grandes transformações deste processo, desde a etapa em que não havia a distinção entre infância e juventude até chegarmos à contemporaneidade, cujo estudo na direção da compreensão do jovem é fundamentado por muitos aspectos importantes, dentre eles, o capitalismo econômico, a economia de mercado, a sociedade do consumo. Outro aspecto de suma importância para compreender o jovem faz-se por meio do questionamento e compreensão do significado da vida adulta na atualidade, uma vez não existe uma imagem única de adulto que possa constituir-se como modelo para os

jovens.

O terceiro capítulo aborda a compreensão da construção dos projetos de futuro, suas principais concepções, trata ainda dos questionamentos subjacentes ao fenômeno nos dias de hoje, já que elaborar projetos implica a escolha de um futuro entre os vários futuros possíveis. Também procura compreender a categoria trabalho, uma vez que o trabalho, instância privilegiada de inserção social, é um dos elementos centrais na construção do futuro pelos jovens.

O quarto capítulo faz uma apresentação das considerações metodológicas e da teoria da Psicologia Sócio-Histórica. Dessa forma, aprofundamos a noção das categorias teóricas metodológicas que utilizamos em nossa pesquisa, quais sejam, a historicidade, e as significações: os sentidos e os significados. Apresentamos ainda o processo de coleta de informações da pesquisa, o instrumento elaborado para este estudo e os procedimentos de análise.

E finalmente, o quinto capítulo traz a análise da pesquisa.

Capítulo 1- A dimensão social do tempo contemporâneo

A distância em tempo que separa o começo do fim está diminuindo ou mesmo desaparecendo [...] (BAUMAN, 2001, p.150).

1.1 O tempo na história: a revolução tecnológica

No projeto de existência dos jovens, as dimensões do tempo e do espaço são um fator essencial por estarem arraigadas em suas vidas cotidianas. Tais dimensões, relacionadas entre si e sendo base material para a vida humana, têm sofrido mudanças no decorrer do processo histórico e, como toda dimensão social que se modifica com a passagem do tempo, acabam transformando o modo de vida das pessoas. Frente a isso, há que se considerar que os projetos dos sujeitos, objeto de estudo nesta pesquisa, são delineados nos momentos presente e contemporâneo, ancorados e estruturados no espaço e no tempo históricos, constitutivos desse mundo atual. Cabe ainda observar que a vivência dos sujeitos em relação ao tempo e ao espaço nem sempre se deu da mesma forma.

No intuito de avançarmos em nossa investigação a respeito de como a dimensão do tempo impacta as construções dos projetos de futuro dos jovens na atualidade, faz-se necessário entendermos as mudanças ocorridas no decorrer do tempo histórico para que possamos aprofundar nossa compreensão sobre o mundo contemporâneo, mergulhado em suas contradições e suas lógicas: a aceleração da velocidade das informações e o tempo da instantaneidade; do imediatismo, do fragmentado, do efêmero, mediados pelo tempo da conectividade, da virtualidade, enfim, o tempo das novas tecnologias, o tempo da Internet. Este imperativo do tempo do instantâneo altera as formas de vivência e percepções dos sujeitos quanto aos referenciais temporo-espaciais. Importante ressaltar que a lógica do tempo do instantâneo, da conectividade e das redes de comunicação que incide no funcionamento do mundo atual está inter-relacionada com a lógica do capitalismo econômico, uma vez que os acontecimentos, as mudanças, as alterações sofridas pela nossa sociedade decorrem de múltiplas determinações, de um jogo de forças e das regras fundamentais que o presente histórico determina para o funcionamento da sociedade.

O cenário que presenciamos na atualidade, este estágio em que se encontra o sistema capitalista, tem uma história. É fruto das mudanças sociais, econômicas e políticas que aconteceram no transcorrer do tempo. Se compararmos o campo social da contemporaneidade

com o que ocorria na modernidade, a transformação em pauta é radical. Os pensadores iluministas se voltaram para o desenvolvimento da ciência objetiva e de leis universais, em prol da emancipação humana e do enriquecimento da vida cotidiana, num verdadeiro projeto de modernidade calcada no progresso. No entanto, o mundo mudou, sofreu grandes transformações na infraestrutura, nas instituições sociais, na cultura (HARVEY, 2005; JAMESON, 2007; CASTELLS, 2009; BAUMAN¹, 1999, 2001; SENNETT, 2008, 2012) e os esforços em prol de tal projeto não mais se sustentam em face da nova realidade que nos envolve.

Jameson (2007), importante crítico marxista, ressalta a necessidade de analisarmos o sistema que organiza nossas vidas: o capitalismo ou, mais especificamente, o capitalismo

¹ Cabe esclarecer que, a despeito de desenvolvermos esta tese fundamentada na teoria da Psicologia Sócio-Histórica, e o tema que subsidia esse estudo – espaço e tempo – ser desenvolvido por muitos autores que não trabalham sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético, os quais trabalham com abordagens teóricas diferentes de nossa abordagem, por vezes, em muitos aspectos conflitantes, tais como Bauman (1999 e 2001), Elias (1994), Leccardi (2005) e Sennett (2012), o fazemos por considerarmos a relevância e estudo desses autores nessa área do conhecimento. Zygmunt Bauman é um cientista social polonês que tem se debruçado a investigar vários temas sobre o mundo atual, a destrinchar sua complexidade e denunciar os fenômenos que incidem no mal estar da sociedade. É um autor que tem uma obra atual, pois tem desenvolvido suas pesquisas após o advento da internet, da virtualidade, da aceleração dos ritmos da vida moderna. Para tanto, seu trabalho adquire fundamental importância nesta tese devido ao aprofundamento de seus estudos sobre a temporalidade hoje. Já outros autores como Harvey (2005), Jameson (2007) e Castells (2009), ao tecerem suas formulações a respeito da vida contemporânea e ao analisarem a diversidade econômica, política e social, subsidiam suas teorias a partir da historicidade, ou seja, buscam a gênese dos fenômenos, buscam as determinações sociais e históricas do seu momento histórico.

Outra questão que se faz necessário esclarecer é que não temos o propósito aqui nesta tese de nos debruçarmos na análise dos termos modernidade e pós-modernidade, debate este tomado por muitos autores que estudam as configurações sociais de nosso sistema atual, contudo, traremos a visão de alguns autores, pois conforme mencionamos acima, nos ajudam a iluminar com suas teorias nosso objeto de estudo em questão. Para Jameson (2002), a pós-modernidade tem sido frequentemente caracterizada como o fim de algo. Apesar desta ideia de ruptura, o autor faz sua ressalva, apresentando sua própria contradição e ainda se mostrando crítico desta concepção que ele adota, pois em suas palavras: "[...] não se trata de um novo modo de produção, mas de uma mutação dialética de um sistema capitalista já estabelecido (lucro, produção de mercadorias, expansão e crise, trabalho assalariado) (p.93). Continuando com o autor, o pós-modernismo é apenas reflexo e aspecto concomitante de mais uma modificação sistêmica do próprio capitalismo. Podemos dizer, com isso, que Jameson trabalha dentro de sua teoria, ultrapassando a dicotomia moderno e pós-moderno. Gonçalves (2001), autora que trabalha sob o viés do materialismo histórico e dialético, complementa essa posição teórica: "[...] as características do atual momento histórico não representam a superação de antagonismos inerentes ao capitalismo, mas apenas sua modificação, aparente não essencial, de forma e não de conteúdo. Em outras palavras, representa uma nova fase do mesmo capitalismo que engendrou a modernidade" (p.55). Por outro lado, para Bauman (1999, 2001), a sociedade hoje está marcada pelo individualismo, o que exige sujeitos fluídos em um ambiente simultaneamente fluído, ou seja, para o autor, as instituições estão sendo constantemente desconstruídas, estão fluídas e adquirindo formas tal como os líquidos, que diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Portanto, para esse autor, há um acento sobre a ruptura, mesmo que em alguns aspectos essa ruptura seja descrita como algo positivo.

tardio² – termo cunhado pelo economista Ernest Mandel, utilizando-se da dialética. O autor, resgatando Marx, acena para o verdadeiro desafio de pensar o desenvolvimento histórico do capitalismo de forma positiva e negativa ao mesmo tempo, isto é, pensar dialeticamente a evolução do capitalismo tardio como um progresso, com seu dinamismo liberador, maior possibilidade de ação e transformação, mas também como uma catástrofe ligada ao aumento da desigualdade social e da exclusão. Isto significa ainda analisar as tendências fragmentadoras da vida contemporânea como fruto de um desenvolvimento imerso em rupturas e também continuidades.

No entanto, a sensação de um modo de vida fragmentado e efêmero, marca de nosso tempo, surge, entre outros fatores, da constitutiva relação entre o capitalismo e o desenvolvimento das novas tecnologias. Entende-se, desta forma, que diversas dimensões de nossas vidas, como o espaço e o tempo, estão sendo transformadas pelo paradigma da tecnologia da informação e comunicação.

A revolução da tecnologia da informação desenvolveu-se de forma exponencial nas duas últimas décadas do século XX (CASTELLS, 2009; JAMESON, 2007; LEVY, 1999; NICOLACI-DA-COSTA, 2005). Surge, de acordo com Castells (2009), em um determinado período histórico de reestruturação global do capitalismo, se tornando sua ferramenta básica. O ritmo acelerado dessa revolução da tecnologia da informação propiciou grande aumento da capacidade produtiva da sociedade, introduzindo uma nova forma de economia distinta da existente na economia industrial. Inaugura-se uma economia global que teve ainda como palco para esta transformação a implementação das políticas de desregulamentação e liberalização, postas em prática pelos governos e pelas instituições internacionais. Castells (2009) refere-se a esta economia como informacional, global e em rede. É, segundo o autor, informacional porque a produtividade advém da geração de conhecimentos; global porque suas atividades produtivas estão organizadas em escala global; por último, é em rede porque sua interligação se dá mediante uma rede global de interações entre redes empresariais.

² Jameson (2007) faz uma ressalva no uso do termo tardio pois, para esse autor, o "qualitativo tardio" raramente significa algo tão tolo quanto o envelhecimento, colapso ou fim do sistema como tal (esta é uma visão temporal, que parece pertencer mais ao modernismo do que ao pós-modernismo). O que o "tardio" geralmente transmite é mais um sentido de que as coisas são diferentes, que passamos por uma transformação de vida que é de algum modo decisiva, ainda que incomparável com as mudanças mais antigas da modernização e industrialização, menos perceptíveis e menos dramáticas, porém mais permanentes, principalmente por serem mais abrangentes e difusas" (p.24).

Em especial, o desenvolvimento da rede mundial de computadores, sua expansão, bem como a consequente penetrabilidade em largo espectro em todas as esferas da vida humana conectaram o mundo. Esse meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores abriga um universo oceânico de informações. Navegam por ele os seres humanos, que também alimentam esse espaço por meio de uma infraestrutura material de comunicação digital. Este é o espaço virtual, o ciberespaço (Levy, 1999).

A extensão do ciberespaço e o concomitante ritmo acelerado que se impõe alteram nossa sociedade, remodelando-a de acordo com o jogo de forças que impera nas relações sociais, políticas e ideológicas que regem nosso mundo. Neste sentido, a tecnologia assume uma posição estrategicamente importante em nosso período histórico. Pierre Levy, conhecido autor que trata de cibercultura, virtualidade, e ferrenho defensor da técnica científica, destaca que "a ambivalência ou a multiplicidade das significações e dos projetos que envolvem as técnicas são particularmente evidentes no caso digital" (LEVY, 1999, p.24). Pois, de acordo com o autor, o desenvolvimento das cibertecnologias é encorajado pelos Estados, que em geral buscam a hegemonia, principalmente no que diz respeito à supremacia militar. Além disso, destaca a técnica como principal agente produtor de conhecimentos e de mudanças da realidade. Assim, ao mesmo tempo em que as técnicas transformam a sociedade e seu modo de organização, elas também são modificadas, aprimoradas e desenvolvidas de acordo com as necessidades de um contexto social em constante transformação. Levy (1999) vai mais além, ao aludir uma importância da técnica como uma das dimensões fundamentais em que se dá a transformação do mundo humano por ele mesmo.

Castells também reforça o papel do Estado ao afirmar que a tecnologia e sua relação com a sociedade têm um papel decisivo no processo geral, "à medida que expressa e organiza as forças sociais dominantes em um espaço e em uma época determinada" (CASTELLS, 2009, p.49). Cabe observar que as inovações tecnológicas interessam tanto ao Estado quanto às instituições sociais, uma vez que os impulsionam. O desenvolvimento das nações, regiões, localidades, setores e empresas, é mediado por seu potencial de produtividade e competitividade, os quais se alcançam por meio do desenvolvimento de inovações tecnológicas. Para esse mesmo fim, as empresas, especialmente as grandes corporações,

centram suas estratégias no potencial tecnológico para incrementar seu potencial competitivo e aumentar sua lucratividade.

Outro fator de reflexão importante a respeito da tecnologia hoje – da forma como ela se apresenta para nós, neste atual estágio em que se encontra, ou seja, digital, virtual, de conexões em redes – centra-se na dificuldade em analisar e identificar redes de poder e de controle, uma vez que estas ficam encobertas pela diluição, imediatismo e instantaneidade das informações. O fluxo instantâneo de informações dificulta o esforço e o tempo necessários para reflexão e para "enxergar" (vencer a miopia) além das imagens e aparências, para ir além do que se é.

Além do papel estratégico que desempenha, a revolução tecnológica suscita entre alguns autores um importante debate sobre o determinismo tecnológico. “O desenvolvimento tecnológico é o resultado do desenvolvimento do capital em vez de uma instância determinante em si mesma” (Jameson, 2007, p.61). Com essa afirmação, o autor defende sua visão de que no interior do capital ocorreram vários estágios de revolução tecnológica. Portanto, apesar da nova formação social do capital hoje, continuamos sobre esse sistema, todavia não mais regidos pelo capitalismo clássico da produção industrial. Apoiando-se nos estudos do economista Ernest Mandel, Jameson (2007) identifica que nosso mundo contemporâneo encontra-se no terceiro estágio na evolução do capital, o qual passou por três transformações fundamentais na evolução das máquinas e tecnologia subjacente, remodelando com isso os modos de produção, as formas de trabalho, as bases materiais do funcionamento da sociedade como um todo. São esses os períodos de mudança, que Ernest Mandel (1978, p. 118) aponta em seu livro *O Capitalismo tardio*:

As revoluções fundamentais na tecnologia de propulsão – a tecnologia para a produção de força motriz por máquinas – aparecem, portanto, como os momentos determinantes nas revoluções tecnológicas como um todo. A produção de motores a vapor a partir de 1848; a produção de motores elétricos e de combustão a partir dos anos 90 do século XIX; a produção de motores eletrônicos e nucleares a partir dos anos 40 do século XX – são essas as três grandes revoluções gerais da tecnologia, engendradas pelo modo de produção capitalista desde a revolução industrial "original" de fins do século XVII (apud Jameson, 2007, p.61).

Deste modo, entra em questão o dilema do determinismo tecnológico, a relação entre o modo de funcionamento da sociedade, suas transformações e a tecnologia. Para Castells, a tecnologia não determina a sociedade nem a sociedade determina o desenvolvimento da

tecnologia. Para ele, essa questão mostra-se como "um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas" (CASTELLS, 2009, p.43). Diante desta exposição, reafirmamos nossa visão dialética sobre a interação sociedade e tecnologia que traz em seu bojo o acelerado desenvolvimento tecnológico de nosso sistema capitalista como uma forma de manutenção de acumulação do capital, bem como de sua expansão, que se opera sempre em busca de locais virgens para serem explorados³.

Importante ressaltar que, nessa interação tecnologia e sociedade, a ciência ocupa um papel fundamental, pois conforme já mencionamos a inovação e o conhecimento são os principais fatores que definem a competitividade nas instituições da sociedade. Assim, com a ciência alcançando grau de sofisticação cada vez maior, as corporações, empresas e países que tiverem maior acesso e oportunidade a esse progresso científico tecnológico terão mais assegurados seus interesses políticos e econômicos. Desse modo, vale dizer que o acesso às informações precisas e atualizadas confere a elas um valor de mercadoria:

"[...] o conhecimento da última técnica, do mais novo produto, da mais recente descoberta científica, implica a possibilidade de alcançar uma importante vantagem competitiva. O próprio saber se torna uma mercadoria-chave, a ser produzida e vendida a quem pagar mais, sob condições que são elas mesmas cada vez mais organizadas em bases competitivas" (HARVEY, 2005, p. 151).

Em nossa sociedade, intensamente mediada pela tecnologia, verificamos uma expansão das redes de comunicação virtuais que, no entanto, não é homogênea na abrangência de toda sua população, pois falar que o acesso é democratizado para todos os sujeitos não é o mesmo que falar que esta democratização esteja aberta para todos da mesma forma. O acesso à Internet ainda não é prerrogativa de todos os que vivem no mundo atual, uma vez que se evidenciam desigualdades em seu acesso e expansão decorrentes do posicionamento social, econômico e geográfico aos quais o sujeito pertence.

³ Em seu livro *Capitalismo Parasitário*, Bauman (2010) refere-se ao capitalismo e sua expansão como: "ele só é capaz de avançar seguindo os próprios princípios enquanto existirem 'terras virgens' abertas à expansão e à exploração – embora, ao conquistá-las e explorá-las, ele as prive de sua virgindade pré-capitalista, exaurindo assim as fontes de sua própria alimentação. Sem meias palavras, o capitalismo é um sistema parasitário. Como todos os parasitas pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento (pp. 8- 9).

Um exemplo é a rede mundial de computadores: a internet. Seu acesso à população tem um custo⁴ e isso já é um fator de desigualdade entre as diferentes classes sociais, de exclusão e grandes assimetrias, o que acaba cristalizando relações de forças diferentes entre as pessoas. Tal fato, conforme mencionamos, está relacionado ao poder dos que detêm as informações estratégicas, bem como o controle de quem fazem uso.

Da mesma forma, os usos da internet dependem do valor atribuído por interesses socialmente dominantes. Assim, o uso desta tecnologia da comunicação, pode ser de inclusão – capacidade de interconectar com eficiência, qualidade na conexão, acesso a meios mais rápidos de mobilidade – ou, ao contrário, de exclusão, com má qualidade de conexão e falta de investimento em infraestrutura por parte dos responsáveis pela distribuição da rede. Na era da Internet, das redes de comunicação virtual, podemos então reafirmar que um dos meios privilegiados de poder se dá por meio das conexões que ligam as redes, configurando assim forte instrumento utilizado pelas grandes empresas e pelo Estado no controle das pessoas.

Castells (2013) explicita que os programadores assumem uma posição crucial, pois são eles os profissionais responsáveis pelas redes que regem a vida das pessoas: governo, parlamento, órgãos militares, segurança, mídia, finanças, empresas de tecnologia, etc. E toda essa interligação é feita por meio dos comutadores, aparelhos que fazem a conexão entre as diferentes redes e estabelecem relações como: barões da mídia embrenhados na classe política, empresas de mídia interligadas a empresas financeiras, instituições acadêmicas financiadas por grandes empresas, entre outras.

Indo além, para Lima et al. (2012), o poder na sociedade tecnológica não mais se concentra no Estado, organizações ou nas instituições produtoras do controle por meio de mecanismos de manipulação simbólica, tais como mídias corporativas, igrejas etc, "[...] mas

⁴ Uma pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) sobre o número de usuários no Brasil divulgou que, no ano de 2013 mais da metade dos brasileiros foram classificados como usuários de internet. Um destaque da pesquisa refere-se ao fato que 42,5 milhões de brasileiros acessam a internet usando celulares. Por outro lado, a parcela de brasileiros que nunca entrou na internet é de 42%. Entre os motivos apontados para não acessar a rede são: falta de habilidade com computador, falta de necessidade ou interesse e falta de condição de pagar pelo acesso. CAPUTO, Victor. Mulheres são maioria entre os internautas brasileiros. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/mulheres-sao-maioria-entre-os-internautas-brasileiros>>. Acesso em: 12/02/2015.

está difundido nas redes globais de riqueza⁵, poder, informações e imagens, que circulam e passam por transmutações em um sistema de geometria variável e geografia desmaterializada (LIMA et al., 2012, p. 4)". Com isso, constatamos que os processos de produção hoje se dão de diversas formas, pois o que assistimos é que a mente humana torna-se uma força direta de produção, os próprios usuários tem a possibilidade de apropriar-se da tecnologia e modificá-la. "As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos, usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa" (CASTELLS, 2013, p. 27). Frente a isso, cabe observar que trataremos da categoria trabalho – importante dimensão quando estuda-se jovens e futuro – e o modo de produção capitalista no capítulo em que discorreremos sobre o projeto.

Este processo atual de transformação histórica, advindo da articulação entre o avanço da tecnologia da informação e da nova economia global, nos cerca de mudanças em todas as esferas de nossas vidas: no modo de produção, na esfera do trabalho, nas relações sociais, nas instituições sociais e afins. Como apontado acima, tanto o espaço como o tempo também sofreram transformações e, em consequência, propiciam vivências nos sujeitos contemporâneos diferentes de outros tempos históricos. Desta maneira, se faz necessário um resgate histórico da mudança da dimensão social do espaço e do tempo, das mudanças ocorridas na relação entre tempo e sociedade. Possibilitando a compreensão da experiência de vida do jovem, seu modo de ser e de estar no mundo, seus projetos e seu olhar para o futuro na sociedade tecnológica contemporânea.

1.2 O tempo na história: o tempo circular e o tempo da previsibilidade

⁵ Em um livro recém-publicado nos EUA, "Culture Crash", de Scott Timberg, o autor tematiza e defende a tese de que a cultura é cada vez mais regida pela lógica do vencedor leva tudo. Para ele, a tão propagada "era da democracia digital" defendida pelos arautos da informação livre não passou de uma falácia. No lugar do mundo bem informado, heterogêneo e culto que, diziam, a internet proporcionaria, temos hoje um mundo cada vez mais ignorante e homogêneo. Isso porque o monopólio da informação nunca esteve tão forte. Para exemplificar essa questão: em 2001, dez sites respondiam por 31% do tráfego na internet. Hoje, representam mais de 75%. Em relação ao comércio eletrônico, o que se verifica é que sites de vendas usam algoritmos para recomendar compras a consumidores e guiá-los aos produtos mais populares, incentivando o monopólio e destruindo a competição. São formas que revelam a desigualdade social e o avanço da concentração de renda e poder nas mãos de poucos. Folha de São Paulo, 9 de março de 2015.

Entender a nova dinâmica do tempo e do espaço é uma das características apontadas por muitos autores (BAUMAN, 1999, 2001; CASTELLS, 2009; HARVEY, 2005; JAMESON, 2007; NICOLACI-DA-COSTA, 2005; SENNETT, 2012) como um dos principais fenômenos de transformação da sociedade, em nosso momento atual. Como já mencionamos, isso nem sempre foi assim. As dimensões do tempo e do espaço são fruto de um processo sócio-histórico e, como tal, alteram-se no decorrer das mudanças sociais. Para Leccardi (2005), é nesse sentido que tais dimensões podem ser consideradas indicadores das diferentes “épocas cognitivas” da humanidade, ou mesmo um modo de conceber ou vivenciar o tempo que, de acordo com Norbert Elias, "não é nem um dado biológico, nem um dado metafísico. Trata-se, antes, de uma dimensão social que muda com a sucessão das gerações" (ELIAS, 1998, p.15). Castells também assume esta questão ao afirmar que "todo o tempo, na natureza como na sociedade, parece ser específico a um determinado contexto: o tempo é local"(CASTELLS, 2009, p.523).

Por compreendermos a história e os movimentos de mudanças que se apresentam de forma dialética – ou seja, as transformações que incidem na sociedade como fruto de um jogo complexo de determinações que há na relação constitutiva entre o homem e a sociedade –, consideramos importante pontuar o resgate de autores que trazem importantes contribuições e nos ajudam em nosso estudo sobre a dimensão do espaço e do tempo. Cabe assim ressaltar que não perdemos nossa visão materialista e de historicidade que subsidiam nosso estudo. Trabalhamos sob o ponto de vista de que a realidade social é construída como um conjunto de devires, ou seja, precisa ser compreendida de uma perspectiva histórica. Feito este esclarecimento, retomamos esse resgate histórico para compreendermos não só as qualidades objetivas, mas também os significados do tempo e do espaço enquanto mediadores importantes das vivências dos homens e do desenvolvimento das sociedades, bem como das práticas humanas na constituição destas dimensões.

A passagem da concepção de tempo circular à concepção de tempo linear ocorreu no percurso da passagem da tradição à modernidade (ELIAS, 1998). A concepção de tempo cíclico corresponde ao modo de produção e funcionamento das sociedades arcaicas. Nessas sociedades, os parâmetros temporais eram dados pelos ritmos da natureza, pelo tempo agrário ligado ao ciclo das estações, pelos movimentos do sol, da lua, das estrelas ou o ritmo das

marés: alta ou baixa. A invenção da agricultura se mostra um fator importante na relação com o tempo, pois implica uma organização, um planejamento calcado em um tempo delimitado, o das estações do ano. Difere disso quando se analisa o processo de caça e de colheita, cujo tempo é o da atividade imediata, se caça a presa e se colhe o que há à disposição na natureza. Desta maneira, se observa que, seja colheita e caça ou o planejamento do tempo agrário, as ações humanas se voltam para necessidades imediatas, sua subsistência.

O tempo circular se caracteriza, portanto, por sua repetição, pelas poucas mudanças que impõe, compondo uma percepção de um tempo estático. "A consciência dos homens primitivos não percebe a mudança como ruptura e descontinuidade. O futuro, por esse ângulo, não se diferencia do passado. No novo, a mentalidade primitiva reencontra o antigo" (LECCARDI, 2005, p.38). Assim, os homens não reconheciam que a realidade se modifica por movimentos de contradição e superação.

Ao longo da história, ocorre uma emancipação da percepção do tempo, ao passar do tempo circular para o linear. Essa transformação deve-se à difusão da concepção cristã do tempo. Nessas sociedades, os sacerdotes tiveram importante papel como especialistas da determinação ativa do tempo, os quais organizavam as rotinas e horários:

Os sinos das igrejas, desde o século VI, marcavam o tempo em unidades religiosas do dia; os beneditinos deram um passo importante, no início da Idade Média, tocando os sinos para marcar as horas de trabalhar e as horas de comer, além das de rezar (SENNETT, 2012, p. 40).

Redefine-se, então, um novo tempo, agora cumulativo e irreversível. É o tempo vetorial, o qual impõe aos homens a mesma direção, o mesmo sentido. "O tempo cristão não olha apenas para o passado. Parte-se 'de' para chegar 'ao' último dia do mundo: a fé garante a riqueza do sentido desse percurso" (LECCARDI, 2005, p.40). Deus é o autor desse tempo, no qual lhe são depositados os tempos passado, presente e futuro, tomando o sentido de um projeto divino.

A modernidade laiciza esta concepção do tempo, a seculariza (LECCARDI, 2005; BOUTINET, 2002). O tempo continua vetorial, mas transformado pela sociedade industrial, sobretudo, pela nova organização do trabalho que se impõe, pela grande utilização das máquinas pelo homem e, ainda, pelo modo de produção capitalista impulsionado por meio das novas formas de produção. Acelera-se o tempo. Aceleraram-se os ritmos de trabalho, movidos

pelos ritmos constantes das máquinas. Emerge um novo tempo, o tempo cronometrado pelos relógios, o tempo controlado da produção, ou seja, novos domínios sobre o tempo do trabalho. É neste contexto que as concepções de tempo e de espaço são criadas por meio das práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social (HARVEY, 2005).

Mudam-se os projetos, passa-se do projeto divino para o projeto de sociedade. Ou seja, com a filosofia iluminista se instaura a ideia de progresso, e o futuro, não mais subordinado a Deus, é submetido ao domínio humano. O movimento do modernismo se dedicou à busca de futuros melhores, sobrepujando o tempo presente e o tempo passado. No entanto, é importante ressaltar as contradições que surgem neste movimento. A abertura que o modernismo implica, na forma da busca por um progresso social inquestionável, é construída a partir do presente e das próprias forças de seu movimento interno, almejando o novo, ao mesmo tempo em que procura romper com a tradição, com o velho mundo. É desta forma que engendram as contradições e os movimentos de superação: o surgimento do novo, como as novas tecnologias, a aceleração do tempo, as modificações nos estilos de vida etc. Todas essas questões que se apresentam não fazem desaparecer por completo o velho mundo, uma vez que se opera uma transição de um sistema que organiza a vida das pessoas para outra forma de organização. Uma transição que se dá dentro dos princípios da dialética, pois ao mesmo tempo em que rompe com a tradição, a mantém.

Conforme nos elucidam vários autores, a modernidade, ao abrir-se para o novo, para o inédito, abre-se também para o incerto. Como agente do progresso, o futuro é sempre visto como melhor do que o presente e passado. "É desse futuro, e não mais do passado, que se origina a nova identidade temporal das sociedades ocidentais" (LECCARDI, 2005, p. 41). Quanto a isso, quanto a esse futuro imensamente buscado, Harvey (2005) ressalva que alguns autores ao estudarem a modernidade enfatizam a experiência do progresso e tomam a temporalidade, o *vir-a-ser* em vez de *ser*, no espaço e no lugar.

O *vir-a-ser* do sujeito, mergulhado nesta ideologia disseminada do modernismo, prega que as ações empreendidas pelos homens devem voltar-se para o progresso. Este movimento ideológico afeta o sujeito. Ou seja, voltar-se para o futuro implica escolhas e decisões no

presente. Implica ainda um sujeito que, não tendo mais sua posição no mundo definida por Deus, adquire autonomia e, com isso, se projeta subjetivamente em um horizonte temporal⁶:

Há uma modalidade de experiência vital — experiência do espaço e do tempo, do eu e dos outros, das possibilidades e perigos de vida — que é partilhada por homens e mulheres em todo o mundo atual. Denominarei esse corpo de experiências de modernidade. Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo — e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Os ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia; nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é ser parte de um universo em que, como disse Marx, "tudo o que é sólido desmancha no ar" (HARVEY, 2005, p.21).

"Tudo o que é sólido desmancha no ar", frase que revela o derreter dos sólidos, ou melhor, refere-se ao mecanismo de dissolver o que persiste no tempo, o que é duradouro, perpétuo. O movimento de busca do modernismo clamava por esse rompimento. Clamava o rompimento com a tradição, com o que estava estagnado e resistente a mudanças, com o que estava congelado e que prescindia de seus caminhos habituais. Clamava, de acordo com Bauman (2001), pela "profanação do sagrado", o repúdio e destronamento do passado e da "tradição". Em meio a esse turbilhão de mudanças que a modernidade enseja, Harvey (2005, p.22), em concordância com muitos autores, afirma: "a única coisa segura na modernidade é a sua insegurança".

Bauman é um dos autores da atualidade que se debruça a analisar as complexas e intrincadas questões da modernidade, principalmente sobre a temporalidade. O autor refere-se à modernidade como o período em que a história do tempo começou. E, desta forma, ilustra: a pré-história do tempo foi uma longa era limitada pelo "*wetware* – os humanos, os bois e os cavalos – que fazia o esforço e punha os limites" (BAUMAN, 2001, p.140). E assim:

Quando eu era criança (e isso aconteceu em outro tempo e em outro espaço) não era incomum ouvir a pergunta "Quão longe é daqui até lá?" respondida por um "Mais ou menos uma hora, ou um pouco menos se você caminhar rápido" [...] Hoje em dia, pode-se ouvir ocasionalmente essas respostas: "Você vai de carro ou a pé?" (BAUMAN, 2001, p.140).

⁶ De acordo com Boutinet (2002, p.67), o futuro, ou seja, o horizonte temporal, é este horizonte que se afasta incessantemente de nós. Evidencia exatamente a capacidade de distanciamento que estabelecemos diante de um prazo futuro, ou melhor, a capacidade de antecipação que nos subtrai ao estímulo momentâneo.

"Longe" e "tarde", "perto" e "cedo", segundo o autor, significavam o esforço necessário para o ser humano percorrer determinado percurso, determinada distância. "'Espaço' é o que se pode percorrer em certo tempo, e 'tempo' é o que se precisa para percorrê-lo" (BAUMAN, 2001, p.140).

A história moderna, ou a modernidade em sua ampla definição e múltiplas dimensões, período este que ocupa lugar central nos atributos do tempo e espaço, irrompe-se de forma marcante, entre outros fatores, pelo progresso dos meios de transporte – trens, automóveis, aviões. Assim, o tempo necessário para viajar deixou de ser característica "do inflexível 'wetware'" , pois a construção dos veículos faz com que os espaços possam ser percorridos em um menor tempo e ainda se considera que os veículos podem se tornar cada vez mais velozes. Torna-se, então, um fato objetivo que a velocidade dos veículos difere substancialmente das pernas dos humanos, que não mais se limita aos seus passos: uns mais largos, outros menos largos, ou mesmo a limitação da velocidade dos cavalos, ambos impossíveis de esticar. Desta forma, "[...] o tempo se tornou o problema do "*hardware* " que os humanos podem inventar, construir, apropriar, usar e controlar" (BAUMAN, 2001, p.142). Com isso, o tempo desprende-se do espaço, uma vez que pode ser diferente deste, pode ser manipulado e mudado. Essa emancipação do tempo em relação ao espaço marca a modernidade como a história do tempo, ou seja "a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história" (BAUMAN, 2001, p.140).

A era do *hardware*, ou “modernidade pesada”, nas palavras do autor, foi uma época de conquistas territoriais e da busca pelo volume: quanto mais, melhor. Dá-se ênfase na rotinização do tempo, apoiado em padrões de medida mais exatos e confiáveis. A fábrica fordista ilustra bem esse processo de racionalização do tempo. Um tempo submetido ao imperativo de uma racionalização crescente, de uma racionalidade planejada, marcado por precisão e quantificações⁷. Uma necessidade de medição do tempo, que assume um caráter coercivo⁸ e tirânico, do tempo dos relógios, cronômetros, calendários, cronogramas. São estes símbolos reguladores que já fazem parte da realidade e têm como intuito imprimir ao sujeito

⁷ Encontramos a racionalização do tempo em nosso cotidiano, é o tempo cortado, um tempo parcelado. Por exemplo: a jornada de trabalho de 44 horas semanais, a hora de aula tem 55 minutos e a duração de um jogo de futebol em tempo normal comporta 90 minutos.

⁸ Elias, N. (1998) Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Zahar.

uma autodisciplina. A modernidade, por fim, é nesse sentido, apontada como o descolamento do tempo com o espaço, ou em outras palavras, como o "domínio do tempo cronológico sobre o espaço e a sociedade" (CASTELLS, 2009, p.525).

Pelletier (2001) aponta para modificações profundas nas relações que temos com o tempo na contemporaneidade. O autor retoma os mitos gregos de Chronos e Kairós para diferenciar as mudanças ocorridas na dimensão social do tempo. Por possuírem a capacidade de suas imagens mitológicas serem ressignificadas a partir de uma leitura atual, os mitos transcendem o tempo e desta forma nos auxiliam na leitura e análise do mundo, enriquecendo nossas reflexões a respeito dele. Nos ajudam a compreender o impacto do tempo no encurtamento das distâncias e, por outro lado, as consequências da sua aceleração.

Chronos (em grego, χρόνος, representa duração controlada)⁹ é o tempo programado, linear e repetitivo, que funda o calendário e nos permite programar nossa rotina, é o tempo dos relógios, dos cronômetros, do controle decorrente da revolução industrial, enfim, o tempo da previsibilidade. Em contraposição Kairós (em grego καιρός, representa momento oportuno ou certo)¹⁰ é a ocasião, o acontecimento inesperado e imprevisível que vem desprogramar Chronos, que pode criar rupturas e novas direções a qualquer momento. Chronos é o tempo pensado, planejado, Kairós é o tempo do oportuno, de agir e interagir em momentos únicos nos quais os acontecimentos tomam um caráter excepcional e podem nos exigir grandes decisões.

Ainda segundo o autor, a modernidade era regida pelo tempo de Chronos, o mundo estava submetido a uma ordem lógica e de racionalidade. Prevalecia a ideia de que a razão poderia assimilar e se apropriar de todas as coisas, poderia organizá-las e unificá-las em um único modelo integrador. A contemporaneidade trouxe um mundo de incertezas, sob o efeito das ciências, dos processos democráticos e das novas tecnologias da informação, a realidade se torna plural, diversa e complexa. Surgem sistemas abertos que ampliam possibilidades e oferecem combinações ilimitadas: o genoma humano, a era digital, a nanotecnologia, os materiais compostos, os organismos modificados geneticamente, as células-tronco, a terapia celular, entre outros.

⁹ Wikipédia - acesso em 31/01/2015

¹⁰ Idem

Estas concepções abertas dão lugar a consequências inesperadas e imprevisíveis, que constantemente nos provocam e nos interpelam. A realidade passa a ser regida, cada vez mais, pelo tempo de Kairós, oferecendo-nos oportunidades de aprendizagem e exploração e, ao mesmo tempo, perspectivas pouco claras e incertezas crescentes.

Na seção seguinte retomaremos estas questões do nosso mundo contemporâneo, nossa sociedade, focando agora no tempo presente que se desvela aos nossos olhos; o mundo do instantâneo, do virtual e do efêmero, e por isso não tão facilmente capturado e compreendido.

1.3 O tempo contemporâneo: o efêmero, o instantâneo e o imprevisível

Autores como Jameson, Harvey e Castells referem-se, em sua análise da sociedade, a uma certa dificuldade em mapear, especificar e compreender a dinâmica do presente e deste sistema que organiza nossas vidas no tempo atual. Presumimos que tais observações feitas por estes autores devem-se ao fato de que analisar e entender o efêmero, o instantâneo e o transitório se torna contraditório e paradoxal, pois como compreender e descrever um fato, torná-lo explicativo, se no momento seguinte isso já se modificou? Como explicar o que não permanece e pode mudar no momento seguinte? Como capturar e imobilizar o que está em movimento constante? Frente a estas questões, o que podemos ressaltar é que, por mais que nosso momento possa ser descrito como fluído ou líquido (BAUMAN, 2001, 1999), transitório (HARVEY, 2005), ou esquizofrênico (JAMESON, 2009), estes mesmos autores nos mostram o que se modificou drasticamente e o que não deixou de existir. Ou seja, que existem continuidades entre o tradicional e o contemporâneo. Um resgate na história nos mostra que as transições no desenvolvimento da humanidade sempre ocorreram com rupturas e continuidades. A sociedade atual, por exemplo, ainda é regida em grande parte pelo tempo de Chronos, do relógio, porém cada vez mais vem sofrendo a influência do tempo de Kairós, do tempo da ação e do imprevisível.

As características do tempo presente, conforme já mencionamos anteriormente, emergem das transformações advindas da revolução tecnológica – além das transformações sociais, políticas e culturais – cujas novas tecnologias da informação e comunicação proporcionam a todos os setores da sociedade um sentido de instantaneidade e fluidez, em

grande parte devido ao desenvolvimento da internet e seu poder de ubiquidade. Por fim, toma-se uma nova lógica temporal compartilhada e difundida por toda a experiência da vida humana.

Para Bauman (2001), da modernidade pesada à modernidade leve ou à era do capitalismo de software, tudo mudou: do tempo rotinizado e estagnado, o qual mantinha o espaço/lugar compacto, passível de controle e sujeito a uma lógica homogênea, se passou para a era da instantaneidade, a era da aceleração do tempo e da diminuição do espaço. As concepções de espaço e tempo sofreram transformações.

Bauman (1999) refere-se a um terceiro espaço cibernético do mundo quando se refere ao tempo instantâneo, o mundo do software. A velocidade da informação induz o tempo de comunicação para a insignificância do instante. O instantâneo se efetua em um movimento muito rápido e num tempo curto. Então, a instantaneidade significa realização imediata, ou seja, todo conteúdo do instante sintetiza a realidade.

No contexto atual em que impera a rede mundial de computadores, a velocidade impacta diretamente sobre as distâncias tornando o longe perto e instala uma dinâmica na comunicação que não envolve o movimento dos corpos físicos. A velocidade desse tempo virtual tem por consequência a perda da importância das distâncias. Esse ciberespaço de dimensões infinitas toma a amplitude do espaço global, que se caracteriza pela imaterialidade e também pela temporalidade singular de uma difusão instantânea.

No tempo-espaço destas novas realidades, a mobilidade das pessoas não acontece da mesma forma para todos, uma vez que, em nossa sociedade o grau de mobilidade das pessoas e sua liberdade de escolher onde estar e sua forma de transitar pelo mundo dependem de sua condição de classe. A mobilidade revela o indivíduo de hoje, pois todos nós estamos em movimento. Bauman (1999) sugere que somos "nômades", fadados ao eterno movimento em um mundo em permanente transformação. Não estamos imobilizados, pois somos todos viajantes, seja em casa ou quando estamos fisicamente parados. Por um lado, "zapeando" pelos canais da televisão, navegando pela web em seus infindáveis sites ou nos comunicando via redes sociais, ou por outro lado literalmente viajando, saindo de casa e saltando de um lugar para outro, movimentando-nos física e localmente no real e não no virtual.

Nesta mesma orientação de pensamento e contemplando o presente momento, Nicolaci-da-Costa (2005) diz que "as noções de espaço se multiplicam, coexistem e ganham destaque", Harvey (2005) desenvolve o conceito de compressão tempo-espaço, enquanto para Castells (2009) a comunicação em tempo real que as novas tecnologias da informação e comunicação oferecem, bem como a concomitante instantaneidade desse efeito derrubam as barreiras temporais. Por fim, para muitos autores que trabalham com a temática do tempo e espaço, o que ocorre hoje em nossa sociedade é que houve uma inversão na "importância" dessas dimensões sociais. Castells (2009) refere-se até a uma vingança do espaço em relação ao tempo, uma vez que hoje se permite estruturar a temporalidade em lógicas diferentes (temporalidades virtuais diversas) e até contraditórias de acordo com a dinâmica espacial.

Esta condição pôde se tornar realidade devido ao que Castells denomina de espaço dos fluxos, uma nova forma espacial que domina e molda a sociedade em rede. A rede de comunicação, de acordo com o autor, "é a configuração espacial fundamental: os lugares não desaparecem, mas sua lógica e o seu significado são absorvidos na rede" (CASTELLS, 2009, p. 502). Os fluxos estão localizados nas redes eletrônicas de transmissão da comunicação, portanto, não são desprovidos de lugar. Levy (1999) denomina o desprovido de lugar de desterritorializado e avança na explanação do que é o virtual. Dessa forma, para o autor, é virtual toda entidade desterritorializada, mais precisamente toda entidade capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar presa a um lugar ou tempo em particular. Mesmo que esta entidade não possa ser fixada em nenhuma coordenada espaço-temporal, o "virtual é real". "O virtual existe sem estar presente" (LEVY, 1999, p.47).

Além de conceituar o funcionamento da sociedade em rede, Castells propõe a ideia de tempo intemporal no intuito de conceituar a temporalidade dominante em nossa sociedade. Assim, a sociedade em rede para o autor refere-se a:

Esse tempo linear, irreversível, mensurável e previsível que está sendo fragmentado na sociedade em rede, em um movimento de extraordinária importância histórica. [...] a transformação é mais profunda: é a mistura de tempo para criar um universo eterno que não se expande sozinho, mas que se mantém por si só, não cíclico, mas aleatório, não recursivo, mas recursor: tempo intemporal utilizando a tecnologia para fugir dos contextos de sua existência e para apropriar, de maneira seletiva, qualquer valor que cada contexto possa oferecer ao presente eterno (CASTELLS, 2009, p. 526).

Nesse sentido, tempo intemporal:

[...]ocorre quando as características de um dado contexto, ou seja, o paradigma informacional e a sociedade em rede, causam confusão sistêmica na ordem sequencial dos fenômenos sucedidos naquele contexto. Essa confusão pode tomar a forma de compressão da ocorrência dos fenômenos, visando à instantaneidade, ou então de introdução de descontinuidade aleatória na sequência. A eliminação da sequência cria tempo não diferenciado, o que equivale à eternidade (CASTELLS, 2009, p.556, grifos do autor).

Por essa perspectiva, o que se passa é que o espaço dos fluxos dissolve o tempo, comprime-o. Castells (2009, p.526) ainda nos traz a visão de que "comprimir o tempo até o limite equivale a fazer com que a sequência temporal, e por conseguinte, o tempo, desapareça".

Ao debruçar-se sobre a condição pós-moderna, Harvey enfatiza o sentido e a importância que as dimensões sociais do tempo e do espaço ocupam hoje, focando principalmente na lógica da compressão têmporo-espacial. Para isso, destaca o capitalismo que, com seu modo de produção revolucionário, caracteriza a aceleração dos ritmos da vida, em que práticas e processos estão em permanente mudança. Tudo isso faz com que, muitas vezes, tenhamos a sensação que o mundo parece encolher sobre nós.

À medida que o espaço parece encolher numa "aldeia global" de telecomunicações e numa "espaçonave terra" de interdependências ecológicas e econômicas – para usar apenas duas imagens conhecidas e corriqueiras –, e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal (HARVEY, 2005, p. 219, grifo do autor).

É exatamente com o mundo do esquizofrênico, ou melhor, com a semelhança com a patologia que Jameson, traça paralelo com a produção da arte do mundo pós-moderno, caracteriza, entre alguns dos atributos de sua análise, a fragmentação como a patologia cultural do mundo hoje.

Se, de fato, o sujeito perdeu sua capacidade de estender de forma ativa suas protensões e retensões em um complexo temporal e organizar seu passado e seu futuro como uma experiência coerente, fica bastante difícil perceber como a produção cultural de tal sujeito poderia resultar em outra coisa que não um amontoado de fragmentos e em uma prática da heterogeneidade a esmo do fragmentário, do aleatório (JAMESON, 2007, p. 52).

Fundamentando-se nas ideias de Lacan e considerando a esquizofrenia como a ruptura na cadeia de significantes, Jameson assume a vivência de fragmentação do esquizofrênico –

um amontoado de significantes distintos e não relacionados – como a experiência de uma série de puros presentes não relacionados no tempo. Desta forma, relaciona parte de nossa vivência atual a esse novo padrão de tempo, o tempo do fragmentário¹¹, ou melhor, o tempo constituído por meio da internet. O fragmentário contemporâneo, um conjunto de múltiplas realidades, é percebido pelo sujeito muitas vezes como descontinuidade, ainda que esse conjunto de múltiplas realidades possibilite modos particulares de ser e de viver na contemporaneidade. Disso decorre que a vivência de fragmentação do tempo equivale a uma experiência para o sujeito que se pauta por uma série de presentes perpétuos. Assim, como observa Jameson, a identidade pessoal constitui efeito de certa unificação temporal entre o presente, passado e futuro do sujeito. Portanto, se há rupturas em sua cadeia de significantes, a experiência resultante muitas vezes é de "esquizofrenia", uma série de puros pensamentos que não se relacionam no tempo. Ou, de forma concreta, uma série de presentes perpétuos, onde o que importa é o que aqui e o agora. Com isso, a dimensão histórica se perde, o tempo passado também perde sua importância, tendo relevância apenas o presente.

Por fim, a vida atual, invadida e constituída pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e do contingente (HARVEY, 2005), a vida líquida (BAUMAN, 2001), traz para o sujeito profundas consequências. Já que em todas as esferas de sua vida, no cotidiano, na política, nas instituições sociais em que vive e participa, como família, trabalho e comunidade, o sujeito pode deparar-se com situações que são constantemente envolvidas pelo

¹¹ Importante pontuarmos aqui que a vivência de fragmentação, assim como de efemeridade vivida pelos sujeitos contemporâneos, deve-se a algumas lógicas, dentre elas o tempo instantâneo da internet, assim como a lógica que impera em nossa sociedade, a lógica do consumo. Harvey trata dessa questão quando nos alude com seu conceito de acumulação flexível, pois para o autor "esses sistemas de produção flexível permitiram uma aceleração do ritmo da inovação do produto [...]". Com maior produtividade, temos mais produtos e mais consumo. Desta forma, para o autor: "a acumulação flexível foi acompanhada na ponta do consumo, portanto, por uma atenção muito maior as modas fugazes e pela mobilização de todos os artifícios de indução de necessidades e de transformação cultural que isso implica. A estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo o fermento, instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais. Nessa mesma linha de pensamento, para Bauman (2013, p.22) a sociedade líquido-moderna caracteriza-se por uma civilização do excesso, da redundância e do seu descarte, uma vez que produzir o efêmero e o volátil, produzir objetos que desde a linha de montagem já carregam em si a marca de seu "prazo de validade", está diretamente relacionado com a política econômica vigente de nosso capitalismo atual. A lógica do mundo líquido moderno para o autor, calcada no espectro da produção de objetos da superfluidez, é de que nada nesse mundo se destina a durar, pois para ele "os objetos hoje recomendados como úteis e indispensáveis tendem a virar coisa do passado muito antes de terem tempo de se estabelecer e se transformar em necessidade ou hábito".

imprevisível, pelo imponderável e pelo improvável. Situações que podem ser-lhe desconhecidas, mas que são fruto do tempo presente. Desta forma, depreendemos que novas e tantas experiências do sujeito impactam e constituem suas subjetividades: deixa-se de fazer previsões e passa-se a procurar tentar compreender a realidade, à medida em que ela se apresenta e se revela. Por que “[...] pensar no futuro se o presente contém mais possibilidades e mais opções do que aquilo que nós podemos compreender e escolher?” (PELLETIER, 2001, p. 1).

Pelletier (2001), em seu quarto ensaio sobre o contexto atual de incertezas enfatiza que vivemos constantemente na urgência de agir, uma vivência que nos invade e nos impele para a ação, uma vez que somos instados a todo momento a produzir os resultados esperados. Ao trazer a urgência não mais como algo pontual e sim como um modo habitual de funcionamento do sujeito, considera-se então que ao viver na urgência, pouco tempo resta para reflexão.

Conclui-se, então, que nossa vivência e a dos jovens também, o nosso agir sobre o mundo, nossa experimentação, são como fontes de movimento de ser e estar no mundo e, desse modo, de constituição das subjetividades contemporâneas. Para Pelletier (2001), é pela ação e interação que se conhece o mundo, pois se conhece agindo, experimentando a diversidade das aparências e dos fenômenos, dos objetos com os quais nos relacionamos. Podemos assim dizer que a relação do sujeito com a tecnologia se dá nesse movimento de ação e interação e ao mesmo tempo de constituição de si e do mundo. Um mundo tecnológico e virtual, de caráter global e imediato, que não para de crescer e por isso torna-se cada vez mais complexo, proporcionando uma pulverização e uma articulação de experiências para o sujeito, atingindo-o em sua totalidade. Cabe ressaltar que a temporalidade do sujeito contemporâneo, em relação ao seu mundo interno, não se dá na mesma proporção e na mesma dimensão da temporalidade do instantâneo do mundo digital. Assim, enquanto a tecnologia muda com rapidez, a mudança das pessoas segue em um ritmo mais lento.

Desta forma, faz-se necessário, ainda que brevemente, apontarmos as peculiaridades dessa juventude, sobretudo no que se refere ao jovem e à experiência de tecnologização e virtualização da vida. São jovens que nasceram inseridos em um mundo tecnológico, desenvolveram-se junto à informatização e à digitalização. Portanto, podemos dizer que a

conexão virtual, estar conectado permanentemente, constitui seu modo de vida. Por estas razões são adaptados e possuem mais facilidade com as inovações e mudanças tecnológicas.

A respeito disso, Lanier (2010, p.21), ao assumir a premissa de que "as tecnologias são extensões de nós mesmos", observa que, quando ocorrem variações na realidade virtual, essas modificações podem trazer profundos e imprevisíveis efeitos sobre as experiências dos sujeitos, pois de acordo com ele "diferentes designs de mídias estimulam diferentes potenciais da natureza humana". A partir dessa análise, o autor prossegue :

Criamos extensões para o ser, como olhos e ouvidos remotos (webcams e telefones celulares) e memória expandida (o mundo de detalhes que você pode encontrar on-line). Essas extensões se tornam as estruturas por meio das quais você se conecta ao mundo e a outras pessoas. Essas estruturas, por sua vez, podem mudar a forma como você vê a si mesmo e ao mundo. Nós aprimoramos a sua forma de pensar por manipulação direta da sua experiência cognitiva, não indiretamente, pela argumentação (LANIER, 2010, p.22).

A internet, por sua vez, apresenta-se como espaço online, lugar virtual certificado para fazer novas relações ou manter as relações que foram constituídas fora da rede. Sendo assim, o computador, os *tablets* e *smartphones* deixaram de ser unicamente um dispositivo técnico e se transformaram em objetos que estruturam as experiências sociais das pessoas por meio das inúmeras redes sociais existentes no ciberespaço e das tantas comunidades virtuais. Estudar, ter lazer (baixar vídeos, jogos, músicas e seriados), navegar pela World Wide Web têm sido o lugar, por excelência, usado para a constituição subjetiva desses jovens. Ademais, esse espaço desterritorializado, desapegado das fronteiras geográficas, também é um dos espaços ocupados pelos jovens para se expressarem.

Valentini (2013) ao analisar o *i-mundo* para o público adolescente ressalta alguns benefícios, como a comunicação veloz e assimétrica, a possibilidade de simultaneidade entre fatos e sua comunicabilidade para todo o mundo, bem como as facilidades da internet no que diz respeito à pesquisa sobre qualquer tema, a qualquer momento. E desta forma refere-se à internet como se encarnasse o absoluto, tamanha importância e abrangência. Por outro lado, a autora tece uma crítica quanto à exposição dos jovens no *i-mundo*. A autora revela que há um apelo à imagem, a uma forma da exposição da vida nos moldes dos *reality shows*, o que significa que a realidade está aprisionada ali, como se a pessoa fosse uma questão da imagem

e mais nada além disso. "No *i-mundo* fala-se e mostra-se de tudo o que se gostaria de ser em tempo real" (VALENTINI, 2013, p.88).

Em face disso, reforçamos a ideia de que a internet e sua cibercultura são constitutivas da vivência cotidiana dos sujeitos, em especial dos jovens, para quem o mundo cibernético é lugar comum, tamanha facilidade que encontram diante das últimas tecnologias digitais. São jovens nascidos a partir da segunda metade da década de 90, época em que o *Google* e a internet já faziam parte do dia a dia de muitas pessoas. Estes jovens conectados, além de serem tachados de geração da exposição, a geração *facebook*, são conhecidos ainda como a Geração Z (de "zapear") ou *Homo "zapiens"*. O *homo zapiens* é aquele que apresenta uma crescente necessidade de se manter informado e, para isso, para que nenhuma informação se perca, esse sujeito lança mão da conexão permanente por meio dos celulares de última geração.

Critelli (2013), em um artigo intitulado "A ilusão das redes sociais", colabora com a análise da autoexposição dos jovens nas redes sociais, a qual chamaremos também de geração *selfie*, que demanda estar em cena sempre. Trata ainda da maneira como as relações virtuais tem acentuado características mais individualistas e egoístas nos jovens. Para a autora, uma das características das redes sociais, por mais contraditório que pareça, é a implementação do isolamento como padrão para as relações humanas. Isto é, participar das redes sociais tem suas ambiguidades, pois, ao mesmo tempo em que o sujeito tem muitos amigos, se sente popular, mede sua popularidade por meio das inúmeras curtidas em seu perfil do *facebook*, está permanentemente ligado e informado em relação aos recentes acontecimentos, tudo isso mostra-se como uma ilusão, por que se tratam de conexões superficiais e instáveis. Prosseguindo com o raciocínio, os contatos se formam e se desfazem com imensa rapidez; os vínculos estabelecidos são voláteis e atrelados a interesses momentâneos. Além disso, as relações cultivadas nas redes sociais se baseiam na virtualidade, portanto, no distanciamento físico entre as pessoas. Tal virtualidade garante comunicação sem intimidade. Em suma, são relações caracterizadas pelo viés narcisista, superficial e distante.

Outro aspecto que a autora ressalta do comportamento dos jovens hoje é a dificuldade que apresentam em fazer análises e reflexões, uma vez que estão acostumados, quando estão frente a uma tela de computador, por exemplo, a pular de um assunto a outro e entrar em

contato com múltiplas informações ao mesmo tempo. O que interessa é sempre a próxima novidade, o próximo assunto, a próxima notícia – se encontram na expectativa do futuro. Porém, quando a notícia chega, já é desprestigiada por uma nova expectativa, pela avidez das últimas novidades, em um compasso que induz a uma aceleração constante. A partir disso, é possível constatar que estar em movimento constante em busca do novo e ficar permanentemente em um compasso de espera podem acarretar diversos graus de ansiedade.

Para muitos estudiosos da área, estar conectado permanentemente é uma das questões cruciais e complexas que instiga a pesquisa sobre os jovens. Valentini (2013) traz a contribuição de Belintane, que ressalta sobre esse aspecto:

Dos games eletrônicos aos jogos disponíveis na internet tornou-se cada vez mais difícil distinguir o lazer do estudo e do trabalho, o real do virtual e a ficção da vida pessoal. O mesmo se aplica às fronteiras entre adolescência e universo adulto, cada vez mais tênues [...]. Com essa cega popularização do ciberespaço, algumas confusões passaram a tal dimensão que talvez já seja bom negócio investir em uma linha de pesquisa específica que dê conta de distinguir, na prática cotidiana, o virtual do real, o lazer do estudo/trabalho, a ficção da vida pessoal. [...] A adolescência, diante das redes e suportes eletrônicos atuais, tem de ser robustecida por muito outros estudos. Confiar no potencial educativo do ciberespaço é eternizar a ingenuidade e equacionar adolescência e consumo (BELINTANE, 2004, p.40 apud VALENTINI, 2013, p. 88).

Esse jovem, em nosso mundo atual, tal como os adultos que nele vivem, tem sua experiência nos diversos espaços em que vive marcado por experiências híbridas, ou seja, ora encontra-se em espaços digitalizados, está online, ora está em espaços físicos, desconectado.

Logo, compreender as experiências subjetivas dos jovens a partir desses espaços diversos é também um grande desafio que se coloca aos estudiosos da área. Cada espaço tem suas peculiaridades, cada espaço social é constitutivo de suas subjetividades e impõe interações específicas. Por exemplo, o jovem estudante de uma escola pública estará em um espaço formativo cujas experiências, interações, socializações e formações são diferentes das vivências que outro jovem pode ter em uma escola particular. É dentro dessa perspectiva que Nicolaci-da-Costa (2006, p.20), ao apoiar-se no clássico artigo de Simmel escrito em 1901 sobre as características dos espaços metropolitanos, referenda a questão, pois, para este antropólogo, os "novos espaços colocam em operação novas necessidades, novas demandas, novas regras de sociabilidade, sobrevivência etc. Estas, por sua vez, dão lugar a novas formas de agir e viver que tornam visíveis diferentes formas de ser".

Muitos autores trazem os jovens como catalisadores para entender o mundo. Para Abramo (1997), a juventude caracteriza-se como uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da sociedade, uma vez que os jovens condensam as angústias, os medos e também as esperanças relacionadas às tendências sociais do presente. Entende-se com isso que os jovens desta geração da exposição têm um importante papel a desempenhar diante da chamada tecnificação da vida, sendo importantes protagonistas para delinear o futuro e as transformações sociais de uma sociedade altamente tecnológica.

Em suma, o que depreendemos é que, com a mudança em curso temos muitos questionamentos a fazer a respeito das consequências que estão por vir, apesar de se tratar de uma revolução tecnológica, digital e virtual sobre nossas vidas. Enquanto testemunhas e alvos das mudanças, observamos que se torna difícil fazer projeções. Prever o futuro é algo distante, portanto, até o momento, é possível apenas contar com análises feitas no presente. Porém, precisamos tomar cuidado para não fazermos análises que criem dicotomias. Com isso, se faz necessário um resgate das dimensões históricas que estão nos constituindo, uma vez que nossas experiências passadas são fruto das determinações de ordem política, econômica, e social de um determinado momento e ao mesmo tempo são mediadoras de nossa vida no mundo. Por outro lado, ainda que não saibamos precisar o espaço de tempo necessário para que haja uma leitura do tempo contemporâneo, apostamos que no futuro ela será feita, permitindo a elaboração de análises mais consistentes a respeito das consequências da artificialidade de nossa experiência tecnológica, virtual.

Por fim, vale lembrar que, lançar luz nas concepções a respeito de nossa sociedade atual em que as "juventudes" – conforme trataremos no próximo capítulo – estão inseridas torna-se fundamentais para situar e compreender os jovens no nosso momento histórico. Pois por um lado, o contexto de nossa experiência se pauta pela vivência da liquidez, do instantâneo e do efêmero, fruto da lógica consumista que move economicamente nossa sociedade e, por outro, é norteadada por uma sociedade altamente produtiva, com excesso de informações e desenvolvimento tecnológico, entre outros aspectos. Para tanto, nesse capítulo, foi nosso esforço mostrar um panorama de autores e teorias que dessem conta de melhor revelar esse contexto atual e chamar atenção para a velocidade dessas transformações, cujos resultados incidem na constituição e modos de vida dos adolescentes e jovens, tornando os

jovens contemporâneos, por excelência, os jovens da tecnologia. Cabe ainda observar que buscamos no presente trabalho especialmente compreender como esse contexto de vida tecnológica, em que a internet e o ciberespaço fazem parte do cotidiano juvenil, incide sobre as esferas da construção de projetos de futuro dos jovens estudantes, objetos de nossa pesquisa. Em face disso, nos dedicaremos agora ao capítulo sobre as juventudes.

Capítulo 2 - Juventudes

Juventude é um desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas. Afinal, todos nós somos ou fomos jovens (há mais ou menos tempo), convivemos com jovens em relações mais ou menos próximas, e nas últimas décadas eles têm sido tema de alta exposição nos diferentes tipos de mídia que atravessam nosso cotidiano. (ABRAMO, 2005, p.37).

2.1 - Juventude: concepções e distinções

Analisar a juventude ou "juventudes" no plural, tal como muitos dos estudiosos do tema hoje a conceituam (ABRAMO, 2005; ABRAMO & BRANCO, 2005; ESTEVES & ABRAMOVAY, 2008; NOVAES, 2002; VELHO, 2006), implica compreender como esse fenômeno foi construído socialmente, entender sua historicidade e ainda a complexidade e singularidade que constitui a realidade do universo juvenil hoje nos diferentes contextos (cultural, social, econômico, local, global, educacional, familiar, etc). Em consonância com a perspectiva que subsidia este trabalho, a Psicologia Sócio-Histórica, consideramos necessário resgatar e analisar as mudanças que ocorreram ao longo do tempo nas concepções sobre juventude e sociedade, lembrando que as classificações quanto a esse período de vida, "o ser jovem", não estão consolidadas, nem são consenso, foram constituídas histórica e socialmente no percurso histórico que se desvelou até a atualidade.

Desta forma, adentrar as expectativas e projetos de futuro dos jovens, bem como seus dilemas e conflitos nos remete a dialeticamente adentrar no mundo de hoje – um mundo altamente tecnológico mediado pela lógica econômica de mercado. Para tanto, no intuito de compreender a juventude contemporânea, precisamos considerar a velocidade e as características das transformações que operam em nossa sociedade atual. Verificaremos, assim, que as leis e lógicas que conduzem o mundo atual são as mesmas que incidem na constituição desse jovem.

Vale observar que no capítulo anterior tratamos de compreender nossa sociedade, estudando recortes da sociedade atual, e neste nos debruçaremos a compreender o jovem, ou melhor, nos aproximaremos da compreensão desse jovem, objeto de nossa pesquisa. Este sujeito que se encontra no Ensino Médio, prestes a efetuar uma transição em seu percurso

educacional, tendo em vista suas perspectivas de futuro. Sendo assim, nos deteremos inicialmente na compreensão das distinções e definições sobre a juventude, concepção esta reconhecida por muitos autores como recente na ciência.

Ser jovem se tornou um atributo importante nos dias de hoje. Deparamo-nos com uma valorização, uma centralidade do ser jovem, crescente em nossa sociedade. Assim, a "juvenilização" da sociedade – “juvenilização dos adultos” (UNESCO, 2004), o "kidults" ou "adolescentização" (DEBERT, 2010), ou a "modelagem adolescente da sociedade" (RIBEIRO, 2004) –, conforme muitos autores aludem, é um fenômeno particularmente recente, fruto de uma construção tipicamente moderna.

Importante pontuar que, na presente pesquisa, empregaremos os termos adolescência e juventude sem fazer distinção entre um termo e outro¹², pois ambos são construtos inseridos no tempo da vida dos sujeitos que se encontram entre a infância e a vida adulta, entre a heteronomia da infância e a autonomia do adulto. Entretanto, se nos referirmos à faixa etária que delimita essa fase da vida, concordamos com muitos autores sobre a difícil tarefa em delimitar o período etário correspondente ao que é "ser jovem" hoje. Pois, de acordo com Novaes (2002, p.105), a definição de quais sujeitos podem ser considerados jovens, e até quando podem ser considerados jovens “[...] tem mudado no tempo e são sempre diferentes nas diversas culturas e espaços sociais”. Ainda de acordo com Novaes e Vannuchi (2004), as idades cronológicas referentes a esse período da vida mudam de acordo com as regras

¹² A discussão do uso dos termos adolescência ou juventude nos trabalhos e pesquisas na área sofre um embate, pois as diferenças entre as duas concepções nem sempre são claras. Desta forma, nos apoiamos em Abramo (2007) que, ao falar sobre juventude em seu artigo "Considerações sobre a tematização social da juventude", refere-se a esse momento como posterior à infância, que por sua vez envolve a adolescência e a juventude propriamente ditas. Já na análise da pesquisa "Perfil da juventude brasileira", Abramo (2005) distingue dois momentos distintos da etapa juvenil, e por se tratar de uma pesquisa que visa dar subsídios para as políticas públicas na área de estudo, a autora circunscreve a adolescência na faixa etária que compreende 15 aos 17 anos e a fase posterior aos 18 anos como juventude. Cabe ainda complementar que há nas diferentes áreas da ciência distinções na utilização dos termos. A psicologia, a psicanálise e a pedagogia trabalham com a concepção de adolescência, cujos estudos tratam de compreender o sujeito particular quanto as suas vicissitudes, singularidades psíquicas, seu comportamento, ou seja, suas transformações enquanto sujeito. Já a sociologia trabalha com o conceito de juventude, por investigá-la sob o ponto de vista de ciclo de vida, de um período que se encontra no interstício das funções sociais da vida infantil e das funções sociais da vida adulta. Já na perspectiva da psicologia sócio-histórica a concepção de adolescência é conceituada dentro de uma visão dialética, sem dicotomizar sujeito e sociedade. A adolescência é vista como uma construção social, que por sua vez, não é vista aqui como uma etapa natural entre a vida adulta e a infância.

socialmente construídas, as quais determinam em que momento e por meio de quais rituais de passagem os jovens fazem a transição para a vida adulta. E, tal como observa Calligaris (2000, p.19), o começo da adolescência é facilmente observável porque a puberdade, um fenômeno biológico e natural, se caracteriza como um disparador, como seu ponto de partida. Para ele, "a puberdade é a marca que permite calcular o começo da adolescência". Já o final da adolescência e entrada na vida adulta se constitui em um verdadeiro enigma.

Em concordância com os autores acima citados, tomamos ainda a conceituação de juventude proposta pela equipe de colaboradores da UNESCO – Estudos da Organização das Nações Unidas para a Educação, para a Ciência e a Cultura – Brasil (2004) que reafirma a juventude não como um período necessariamente delimitado pela idade, mas um período que compreende as intensas transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais, as quais variam de acordo com as etnias, classes sociais, gênero e cultura nas diferentes épocas. Assim, a juventude – fruto de uma construção social, ou melhor, fruto da produção de uma determinada sociedade que se origina a partir das múltiplas formas como ela própria significa os jovens – conjuga, entre vários fatores, momentos históricos, estereótipos, múltiplas referências, pertencimentos aos distintos grupos ou tribos etc. Por essa linha, é que o emprego do termo "juventudes" no plural pretende dar conta de toda a enorme gama de possibilidades existentes em relação a este fenômeno social (ESTEVES & ABRAMOVAY, 2008). Em suma, pelas diferenças e desigualdades, sua heterogeneidade, podemos considerar a juventude como resultado de uma vivência em determinado momento histórico e social, uma construção social fruto da conjuntura histórica ao qual pertence.

No entanto, este fenômeno tem, sim, sua faixa etária delimitada e apoiada em critérios demográficos, dos quais órgãos nacionais e internacionais lançam mão. Hoje, de acordo com a maioria dos organismos internacionais, se considera como juventude a faixa etária de 15 a 29 anos. Aqui no Brasil, o Estatuto da juventude (Lei 12.852/2013)¹³ também considera

¹³ O Estatuto da juventude, elaborado pela Secretaria Nacional da Juventude, é um instrumento legal promulgado pela Lei 12.852/2013, que determina quais são os direitos dos jovens que devem ser promovidos e garantidos pelo Estado brasileiro. Ao definir como jovens as pessoas entre 15 e 29 anos, o Estatuto contempla hoje cerca de 51 milhões de brasileiros (Dados do censo IBGE 2010). Cabe observar que nessa pesquisa nosso estudo não se refere especificamente as políticas públicas para a juventude, objeto desse Estatuto, mas é importante termos em vista o enorme contingente de jovens que em sua amplitude têm expectativas quanto aos seus futuros profissionais.

jovem o sujeito que se encontra nesta faixa etária. Importante observar que não há um consenso na delimitação da faixa etária entre as diferentes instituições. Assim, no Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, se considera adolescente o sujeito que tem entre 12 e 18 anos e, dependendo de sua condição social, até 21 anos. Cabe reafirmar que as determinações sobre as idades e as diversas fases da vida estão intimamente ligadas ao contexto social, posto que sujeito e sociedade estão dialeticamente relacionados. A referência aos “jovens”, portanto, não significa que a relação entre idade social e idade biológica é a mesma para todos que se encontram na mesma faixa etária, sendo necessário se atentar a isso, uma vez que as fases da vida podem variar no seio da própria sociedade. Devemos ainda considerar que nem o mundo, nem os fenômenos sociais são estáticos – há movimento, há transformação e as modificações vão ocorrendo ao longo do tempo. Sendo assim, o termo “juventudes”, no plural, não contempla todos aqueles sujeitos que se encontram com a mesma idade biológica, mas um fenômeno social em construção permanente.

Desta maneira, Novaes (2002, p.105) aponta que existem grupos que representam parcelas da juventude, no entanto, tais grupos, ou quaisquer outros constituídos enquanto grupo, não se encontram autorizados a falar ou representar todos os jovens que compõem a mesma faixa etária. Assim, para a referida autora, "qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais.

Conforme temos discorrido até o presente momento, a juventude não é um conceito que está dado, mas sim uma construção social que se faz no tempo e na história, onde o biológico não se sobrepõe ao social, nem o social se sobrepõe ao biológico: as transformações vão ocorrendo simultaneamente. Frente a isso e levando em consideração que o jovem é o sujeito social da juventude e elemento central dessa investigação, cabe questionar: quem é o jovem? O que é "ser jovem"?

A etimologia da palavra *Juvenis* remete a *aeoum*, que significa “aquele que está em plena força da idade”. Por outro lado, *adulescens* diz respeito “àquele que está em crescimento”. Além da força física e das transformações psíquicas e biológicas, o jovem é aquele em que o tempo toma um grande significado, pois é ele que está, em tese, mais distante da morte. "Biologicamente, o jovem está mais predisposto à vida, possui o gosto pela

aventura e tem maior curiosidade pelo novo. Em consequência, tem um lado mais propenso a ser revolucionário" (NOVAES, 2002, p.46).

Na análise de Kehl (2004, p.91), o conceito de adolescência situa-se entre a incompatibilidade existente entre a maturidade sexual e o despreparo para o casamento, e ainda pelo "hiato pela aquisição de capacidades físicas do adulto — força, destreza, habilidade, coordenação etc. — e a falta de maturidade intelectual e emocional, necessária para o ingresso no mercado de trabalho".

Dentro da perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, a adolescência não é vista como uma fase natural do desenvolvimento e sim constituída e constituinte de forma histórica e social. Desta forma:

A adolescência é vista como uma construção social com repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento. É um momento significado, interpretado e construído pelos homens. Estão associadas a ela marcas do desenvolvimento do corpo. Essas marcas constituem também a adolescência enquanto fenômeno social, mas o fato de existirem enquanto marcas do corpo não deve fazer da adolescência um fato natural. Há muitas outras características que constituem a adolescência; além disso, as marcas corporais são significadas socialmente, não sendo tomadas no conceito de adolescência em si, como características do corpo e, portanto, naturais. Exemplo disto são os seios na menina e a força muscular nos meninos. Sabemos que os seios e o desenvolvimento da massa muscular acontecem na mesma fase da adolescência. Mas, a menina que tem seus seios se desenvolvendo não os vê, sente e significa como possibilidade de amamentar seus filhos no futuro, o que seria vê-los como naturais. Com certeza, em algum tempo ou cultura, isso já foi assim. Hoje, os seios tornam as meninas sedutoras e sensuais. Esse é o significado atribuído atualmente. A força muscular dos meninos já foi significada como possibilidade de trabalhar, guerrear e caçar. Hoje é beleza, sensualidade e masculinidade (BOCK, 2007, p.68).

Calligaris, ao analisar a adolescência e juventude, assume que o adolescente só se torna adolescente quando ainda não adentrou no mundo adulto, não faz parte dele. Embora seu corpo e espírito estejam prontos para a competição, ele ainda não é reconhecido como adulto. Para o autor, mesmo a despeito dos valores sociais básicos já terem sido transmitidos, "há um tempo de suspensão entre a chegada à maturação dos corpos e a autorização de realizar ditos valores. Essa autorização é postergada. E o tempo de suspensão é a

adolescência" (CALLIGARIS, 2000 p.16). Essa postergação é chamada pelo autor de moratória¹⁴.

Como Kehl (2004), Calligaris (2000) também analisa a propagada falta de maturidade do adolescente, entretanto, com críticas a tal análise e com a visão de que ela é circular. Para ele, a espera que é imposta ao adolescente é justamente o que o mantém inadaptado e imaturo e é também o que o distancia da vida adulta, reconhecida como independente e autônoma. O que move o adolescente, segundo o autor, é sua busca em se tornar adulto. O adolescente "quer" tornar-se adulto. Contudo, atualmente, essa finalidade do adolescente em se tornar adulto é bastante confusa e está atrelada aos dilemas da sociedade atual.

Ao tratar a adolescência de forma contextualizada socioeconomicamente, Kehl pensa a adolescência como uma idade crítica e define, a partir das circunstâncias da sociedade capitalista, a condição de moratória do adolescente, pois de acordo com a referida autora:

O aumento progressivo do período de formação escolar, a alta competitividade do mercado de trabalho nos países capitalistas e, mais recentemente, a escassez de empregos obrigam o jovem adulto a viver cada vez mais tempo na condição de "adolescente", dependente da família, apartado das decisões e responsabilidades da vida pública, incapaz de decidir seu destino (KEHL, 2004, p.91).

É dessa maneira que a autora liga a vivência desse período da adolescência, o de uma moratória social, à oportunidade que a publicidade criou para esta faixa etária, ou seja, o jovem como um consumidor em potencial, "uma nova fatia do mercado".

Vários autores trabalham com essa concepção – capitalismo econômico, economia de mercado, sociedade do consumo – como um dos aspectos muito importantes para compreender hoje tanto o jovem como o adulto. Vale ressaltar que, para compreender o jovem hoje, faz-se necessária a compreensão do adulto também — esta discussão será feita mais adiante e estes aspectos serão aprofundados.

E, para fundamentarmos a compreensão desse processo que se instituiu, faremos agora um resgate de como a concepção de juventude foi adquirindo significados ao longo da história. Pois, conforme apontam alguns autores, a adolescência é um fenômeno que surgiu na modernidade, causando grande impacto nas relações sociais. "Uma das formações culturais

¹⁴ Erik Erikson, em "Identidade, juventude e Crise", de 1987, foi o primeiro autor que usou o termo "moratória" para falar da adolescência e para caracterizar esse momento como um modo de vida entre a infância e a vida adulta. Para aprofundar a visão do autor, conferir a obra.

mais poderosas de nossas época" (CALLIGARIS, 2000, p.9), "um certo ideal social, que talvez jamais termine" (RIBEIRO, 2004, p.27). E nas palavras de Kehl: "[...] o fato é que nas últimas décadas viramos jovens perenes" (KEHL, 2004, p. 93). Ou seja, o conceito de moratória social emergiu para dar conta de um período moderno do desenvolvimento humano.

2.2 Adolescência e juventude: uma construção histórico-social

O reconhecimento da juventude nos dias atuais como um ideal a ser perseguido, tanto pelos adultos como pelas crianças, é um processo histórico e passou por mudanças ao longo do tempo. Faz-se necessário, portanto, compreendermos sua historicidade para fugirmos de análises generalistas e naturalizantes.

O fenômeno que hoje conhecemos como adolescência teve seu início a partir do século XVIII. O historiador Philippe Ariès, em seu estudo clássico *História social da criança e da família*, de meados do séculos XX, se preocupou em pesquisar as gêneses dos fenômenos família, criança e adolescência. O autor delinea como, ao longo do tempo, as transformações nas etapas da vida se constroem simultaneamente às da sociedade. Com isso, desnaturaliza representações como a de idade — até então, tomadas como naturais e imutáveis —, mostrando que são construções sociais e históricas. Neste sentido, compreender a modificação da sociedade e a concomitante modificação das condições da adolescência e juventude nos ajuda a entender os impasses do jovem de hoje — afinal, a constituição do adolescente e o processo de criação e modificação da contemporaneidade caminham lado a lado.

Segundo Ariès, nas sociedades antigas, era da pré-modernidade, a noção da criança e do adolescente era a de um adulto em miniatura e o sentimento de infância tal como o concebemos hoje não existia, pois não existia a consciência de particularidade infantil. A criança ingressava no mundo dos adultos a partir do momento em que sua condição física admitisse e em idade muito precoce — deveras pequenina e frágil. Assim, logo que era misturada aos adultos, "ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude" (ARIÉS, 2011, p. IX - Prefácio). Portanto, sua aprendizagem se dava por meio da convivência diária com os adultos, pois com eles aprendia a "fazer".

Por se tratar de uma sociedade composta em boa parte de crianças e de jovens de pouca idade, uma vez que poucos homens nessa época tinham o privilégio de percorrer "as idades da vida" devido a grande mortalidade, essa também foi uma época em que raramente as pessoas se referiam a sua idade. Não se sabia ao certo sua data exata, pois a noção de idade também foi construída no decorrer dos séculos a partir de necessidades advindas de nossas civilizações técnicas.

Segundo Ariès (2011, p.4) constam nos textos da Idade Média algumas descrições que caracterizam e determinam as idades da vida, havendo, inclusive, menção à adolescência. As referências às idades eram dadas de diferentes maneiras e aparecem de formas variadas nos textos — poderiam corresponder aos planetas, por exemplo, ou às funções sociais que as pessoas desempenhavam.

Em um destes textos da Idade Média, *Le Grand Propriétaire de toutes choses*, a primeira etapa da vida é a infância, época em que os dentes nascem e que dura até os sete anos. A segunda idade se chama *pueritia* e se estende até os 14 anos. Depois vem a adolescência, a terceira idade, em que é possível procriar. Esta etapa compreende o período entre o vigésimo primeiro e o vigésimo oitavo ano, mas pode se estender até os trinta ou trinta e cinco anos. Segue-se então a juventude, período em que a pessoa está na plenitude de suas forças e que dura até os 45 ou 50 anos. A *senectude*, próxima etapa, se situa no meio do caminho entre a juventude e a velhice. Por fim, a velhice que, dura até a morte. De acordo com o conhecimento da época, estas sete etapas correspondiam a sete planetas, referendando o laço que unia o destino dos homens aos astros (ARIÈS, 2011). Além da classificação das idades de acordo com as etapas biológicas, havia a que correspondia às funções sociais: primeira etapa, a idade dos brinquedos, depois a idade da escola, seguidas pela idade do amor ou dos esportes. Passava-se, então, para as idades da guerra e da cavalaria e, enfim, se chegava às idades sedentárias, dos homens de lei, da ciência ou dos estudos. A vida se desenrolava de forma contínua, previsível:

[...] a vida era a continuidade inevitável, cíclica, às vezes humorística ou melancólica das idades, uma continuidade inscrita na ordem geral e abstrata das coisas, mais do que na experiência real, pois poucos homens tinham o privilégio de percorrer todas essas idades naquelas épocas de grande mortalidade (ARIÈS, 2011, p.8).

Quanto às etapas de vida, observa-se que até o século XVIII a adolescência não se distinguia da infância. Por exemplo, um rapaz de 15 anos podia ser chamado tanto de *puer* quanto de *adolescent*. Com o passar do tempo, houve uma evolução na noção de infância e gradualmente essa fase passou a ser abordada de uma forma específica. Isso deveu-se principalmente a uma mudança comportamental possível de ser observada nas instituições sociais, como a família.

Esta, por sua vez, ao sofrer grandes transformações no tempo, se distanciou de um modo de vida mais coletivo, comunitário, para dar lugar a um modo de vida privado. Com isso, passou a ser o lugar de afeição entre seus membros (cônjuges e filhos), que passaram a valorizar a criança, atribuindo-lhe o centro no bojo do funcionamento da dinâmica familiar. Essa afeição aos filhos foi expressa sobretudo pelo valor dado à educação deles. Desta forma, conforme Ariés observa, a principal mudança comportamental percebida na sociedade, ao longo dos séculos, foi a passagem de uma experiência coletiva para a experiência privada. Isto é, as pessoas começaram a se organizar longe da via pública, recolhendo-se em casa, e a se envolver cada vez mais neste espaço restrito, dando início ao processo de privatização da vida familiar. Esta experiência surgiu devido à escolarização das crianças e adolescentes, pois o colégio se tornou uma espécie de quarentena da criança — que a retinha com o intuito de prepará-la para ser solta no mundo — e o responsável pela aprendizagem, antes incumbência da família.

A educação ganha relevância e a escolarização foi uma mudança imperiosa que alterou os estilos de vida, alterou o lugar da criança na família, enfim, mudou a organização familiar, a estruturando, então, em torno da criança. Tem, assim, especial influência na concepção de infância e adolescência. Aliado à escolarização, outro fator importante foi o novo papel que o Estado passou a ter, junto à justiça, de interferir com maior frequência no espaço social.

A função da escola, esta nova estrutura educativa, como instituição social se destinou à socialização das crianças e adolescentes. Outra importante atribuição é o preparo para a vida adulta, objetivando assegurar a transmissão da cultura e garantir a continuidade da sociedade.

A música Siegfried de Wagner, compositor alemão, pode ser considerada uma representação precursora da ideia do que hoje se reconhece como o típico adolescente moderno. Sua música expressou atributos como a "mistura de pureza (provisória), de força física, de naturismo, de espontaneidade e de alegria de viver que faria do adolescente o herói do nosso século XX, o século da adolescência" (ARIÈS, 2011, p.14). Assim, para Ariès, a juventude, além de se tornar tema literário, também passa a ser uma preocupação dos moralistas e políticos, dando início ao desejo de saber o que pensavam os jovens e às consequentes pesquisas a seu respeito.

Prosseguindo com as transformações sociais, políticas e econômicas no decorrer do tempo histórico, vários autores apontam que o reconhecimento social de uma nova categoria de idade, a adolescência, situada entre a infância e a idade adulta teve seus primórdios na revolução industrial. Ribeiro (2004), por exemplo, relaciona, de uma perspectiva psicossocial, cultural e ideológica, o início da concepção da juventude, seu valor e sua importância com as revoluções francesa e industrial que, apesar de suas diferenças, trazem em seu bojo a ideia de inovação, de novidade. A partir da revolução francesa "ser moço" passou a ser algo positivo, passou a ser prioritário na agenda. Nesse sentido, segundo o autor aponta, são muitos os sinais a esse respeito:

Saint-Just, um dos líderes radicais da Revolução de 1789, braço direito de Robespierre, diz num discurso, na fase radical conhecida como o Terror: "A felicidade é uma ideia nova na Europa". [...] Penso que devemos enfatizar tanto a importância que ele dá à *felicidade* quanto a que confere à *novidade*. É claro que antes se falava em felicidade, mas esta, conforme mostra Robert Mauzi (1960), consistia basicamente na adaptação da vontade ao que existe; ora, se para ser feliz é preciso que coincidam nossos desejos com a realidade, o que desde 1789 se tentará é não mais desistir dos desejos, mas modificar o mundo (RIBEIRO, 2004, p. 23).

Ao tratar em seus estudos da revolução industrial e seus efeitos na delimitação da concepção de juventude, Clímaco (1990) nos mostra que a aprendizagem de um ofício passou a ocupar um espaço de tempo consideravelmente maior na vida do sujeito, pois, com a divisão do trabalho e o aumento de sua complexidade por meio do desenvolvimento técnico, passou a ser exigida maior formação e conhecimento do trabalhador. Por outro lado, a duração média de vida se prolongou, demandando um período maior de estudo do jovem, já que permaneceriam, então, mais tempo no mercado de trabalho, em busca de sua subsistência.

Este fato reforçou a ideia de que os adolescentes deveriam ser, gradativamente, separados do conjunto da sociedade, fazendo da escola, novamente, o depositário desta separação.

Um aspecto que marca a adolescência como uma categoria distinta da infância ocorreu após a primeira guerra mundial. No início do século XX, na esteira da sociedade capitalista e industrializada, período da modernidade, várias reformas na escola, no mundo do trabalho, na família, no serviço militar, mudanças no mundo do lazer e principalmente nas instituições escolares contribuíram para essa consciência de juventude. Os jovens ficavam mais tempo na escola e, com isso, retardavam sua entrada no mundo do trabalho, no mundo dos adultos.

[...] a extensão do período escolar e o conseqüente distanciamento dos pais e da família trazem a aproximação de um grupo de iguais (física e socialmente nas mesmas condições) que, por identificação, se institui como um novo grupo social. As marcas do corpo que se desenvolvem física e biologicamente são tomadas como sinais, não como geradores da adolescência (BOCK&LIEBESNY, 2003, p.211).

Com os jovens adquirindo visibilidade na sociedade, várias instituições foram criadas para conter suas demandas específicas: "Escolas e internatos, prisões e tribunais de menores, serviços de ocupação e bem-estar, tudo isso formava parte do reconhecimento social de um único status de quem já não era criança, mas ainda não era plenamente adulto" (FEIXA, 2006, p.4). Mais um marco importante em relação à discriminação dos ciclos de vida, deveu-se ao alistamento militar obrigatório, ao ser estabelecido a todos os jovens que completassem 20 anos que se alistassem para defender sua pátria, o que adquiriu o sentido de rito de passagem para a idade adulta. Apesar de ser uma forma de rito de passagem para os jovens, esta percepção era dada de maneira diversa, a depender das diferenças de classes sociais às quais cada jovem pertencia:

Contudo, essa reforma fundamental do recrutamento militar, que contribuiu para precisar os limites da juventude, teve um ímpeto desigual e, ainda na segunda metade do século XIX, os jovens percebiam o ofício das armas de maneira profundamente diversa. Uma das diferenças principais provavelmente dizia respeito às relações com a família de origem. Para os jovens que conheciam o mundo do trabalho desde a infância e já tinham passado longos períodos longe da casa paterna durante a adolescência, o exército representava só uma das etapas da própria emancipação individual, enquanto para os estudantes, que raramente contribuíam para a gestão econômica da família e saíam de casa bastante tarde, ele tinha um valor iniciatório fundamental: entre a família de origem e o matrimônio, entre a independência econômica e a escolha da profissão, estava o uniforme militar. Assim, foi sobretudo no âmbito escolar, entre os ambientes mais instruídos da população, que, na virada do século, passou-se a atribuir ao chamado às armas um significado existencial ritual e, em alguns casos, a considerar o campo de batalha como uma

prova sexual, que sancionava o ingresso do jovem na idade viril (LEVI&SCHMITT, 1996, p.40).

Nos anos pós-guerra, principalmente nos anos 1950, época de escolarização massiva nos Estados Unidos, novas possibilidades de "ser jovem" surgiram. Identifica-se esta época como fruto da sociedade de consumo e nascimento do mercado adolescente, iniciando, assim, o "culto à juventude".

O termo *teenager*, usado para a definição de uma nova idade da vida, é também próprio deste momento histórico, de uma geração¹⁵ que se constrói diferente das gerações anteriores. Uma geração que tem a si própria como modelo de normas, visões de mundo e estilos de vida. Isto é, no momento histórico desta geração, a indústria capitalista, ao associar o jovem ao consumo, inaugura-o como um consumidor. Transforma o adolescente em fatia privilegiada do mercado (KEHL, 2004). Tendo início nos Estados Unidos nos anos 1950, a juventude foi associada ao hedonismo, à beleza, à sensualidade e à liberdade. Disseminou-se no mundo um modelo com certos códigos de comportamento, determinadas roupas, hábitos e grifes que passaram a ser tornar "universais" (BOCK&LIEBESNY, 2003). Particularmente, o cinema americano colaborou muito para a expansão desta cultura jovem ao redor do mundo, repercutindo o *modus vivendi* da juventude.

Sendo a juventude, tal como outra categoria social, resultante de uma vivência situada histórico-socialmente, verificamos nos jovens da década de 1960 uma irrupção de demandas próprias de uma nova categoria social, responsável por uma missão emancipadora, que se mobilizava para contrapor a ordem social estabelecida. O tempo de concepção desta juventude foi o do movimento da contracultura, de discursos e combates sociais feito pelos jovens rumo a uma cultura alternativa, com forte componente político na visão de mundo e nos estilos de vida. Uma juventude que se distingue historicamente por seu viés altamente contestador e confiante em suas convicções de construir o futuro, o que fomentou a ambição de ficarem adultos logo e romperem a relação de dependência com os pais, para, inclusive, saírem cedo de sua casa. Época dos movimentos estudantis, representado pelo célebre e histórico ano de 1968, e pelo movimento hippie, período que se estendeu até os anos setenta.

¹⁵ Para Karl Mannheim (1928), importante sociólogo nos estudos sobre gerações, o conceito de geração delimita um recorte histórico: "os jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos, pode-se dizer, fazem parte da mesma geração" (Feixa; Leccardi, 2010, p.187).

Importante salientar que as aspirações dos jovens deste período centravam-se, além do seu elemento político e contestador, na "busca frenética pela aventura, que impulsionava a cultura do risco e da rebeldia" (BIRMAN, 2005, p.12). Complementar a isso, mas olhando sob outra ótica e evitando generalizações, Ribeiro (2004) alerta para o fato de que nem todas as juventudes se distinguiram historicamente pela disposição de contestarem o mundo em que nasceram.

Nos anos oitenta, com a revolução juvenil e as ideologias da contracultura dos idos sessenta e setenta já arrefecidas, os jovens, ao contrário da geração anterior, comportaram-se de forma apática e indiferente frente às questões políticas, predominando uma forma de ser voltada para o individualismo, para o consumismo e para o "conservadorismo moral". Aparece uma juventude "depositária de um certo medo relativo 'ao fim da história', uma vez que nega seu papel como fonte de mudança" (ABRAMO, 2007, p.83). Com isso, assistimos ao aparecimento de um período juvenil ligado a uma moratória social. O retorno à dependência familiar, as dificuldades de inserção profissional e a alta competitividade do mercado de trabalho, aliada às incertezas macroeconômicas, e, conforme já mencionamos, o aumento da escolarização obrigam o jovem a permanecer mais tempo sob a condição de dependência familiar:

Tal como foi consolidado no pensamento sociológico, a juventude nasce na sociedade moderna ocidental (tomando um maior desenvolvimento no século XX), como um tempo a mais de preparação (uma segunda socialização) para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe. Preparação feita em instituições especializadas (a escola), implicando a suspensão do mundo produtivo (e da permissão de reprodução e participação); estas duas situações (ficar livre das obrigações do trabalho e dedicado ao estudo numa instituição escolar) se tornaram os elementos centrais de tal condição juvenil (ABRAMO, 2005, p.41).

Retornamos, novamente, à questão da moratória social, fato este que se institui como um período dilatado em que o jovem não é mais criança, mas ainda não tem as responsabilidades do adulto: casamento, filhos, emprego, obrigações. Bock (2007) nomeia este período de latência social, o relacionando às questões do sistema capitalista, tais como a necessidade de ingresso no mercado de trabalho e a necessidade de preparo técnico que tal inserção requer. Junto a isso, ao longo do século XX, ocorreram muitas transformações e o tom da moratória para os jovens também se alterou:

[...] surgem muitas modificações no conteúdo da *moratória*; não mais só adiamento e suspensão, mas variados processos de inserção em várias dimensões da vida pessoal e social, como sexualidade, trabalho, participação cultural e política etc. A vivência da experiência juvenil passa a ter sentido em si mesma e não mais somente como preparação para a vida adulta (ABRAMO, 2005, p.43).

No entanto, a autora ressalta o modelo de jovens burgueses, que imprimiu a noção moderna de juventude, resiste e ainda permanece funcionando como um padrão de vivência dos jovens. Bock (2007) referenda esta questão ao apontar que no âmbito da psicologia a visão do jovem está fundamentada em um único tipo de jovem: "homem-branco-burguês-racional-ocidental, em geral, provindo da Europa ou dos Estados Unidos" (BOCK, 2007, p. 66 apud SANTOS, 1996).

Um aspecto que sofreu modificações quando se trata de juventude, é a pulverização e a disseminação dos rituais de passagem do adolescente para a vida adulta. Os rituais, o mecanismo de iniciação, a cerimônia ritualística que as diferentes sociedades infligiam ao adolescente tinham o propósito em conceder anuência real e simbólica para que seu status de jovem mudasse para o status de adulto, carregando assim as características e diferentes funções sociais que distinguiram uma etapa de vida da outra. Ou melhor, por definição, os rituais de passagem caracterizam-se por acontecimentos que são delineados socialmente, distintos de outras atividades sociais, marcados por padrões e cerimônias de natureza simbólica e cultural que realizam-se em determinados períodos. Tais alterações dos rituais, ou sua ausência, ocorreram devido às muitas transformações e pluralização de estilos e modos de vida.

Fazendo uma retrospectiva histórica, Ribeiro (2004) revela que, na concepção das sociedades clássicas greco-romanas, o rito de iniciação ocorria nas cerimônias em que a deusa grega *Juventa* era chamada para assistir aos mancebos (adolescentes), quando estes trocavam as suas roupas simples pela toga, tornando-se cidadãos de pleno direito. Na visão de Kehl (2004, p.90), da Grécia às sociedades indígenas brasileiras, a passagem à vida adulta é acompanhada por rituais que têm por função "reinscrever simbolicamente o corpo desse (a) que não é mais criança, de modo a que passe a ocupar um lugar entre os adultos". Calligaris (2000) enriquece esta discussão ao relacionar a moratória da adolescência à indefinição de provas rituais no contexto de vida atual dos jovens. Para ele, o equivalente da adolescência em outras culturas constitui-se por meio de um rito de iniciação, eventualmente acompanhado de

algumas provas. Ainda que sejam provas duras, elas serão sempre mais suportáveis que a indefinição da moratória moderna. O grande nó nesta questão da indefinição centra-se, segundo Calligaris, na dificuldade em saber o que define um homem ou uma mulher hoje, em saber o que define o adulto. "Essa definição, na cultura moderna ocidental, fica em aberto" (CALLIGARIS, 2000, p.20). E, em consequência disso, "fica também em aberto a questão de quais provas seriam necessárias para que um adolescente merecesse se tornar adulto".

Nesse sentido, o autor conjectura uma situação diferente desta vivida pelo jovem atual: "numa sociedade em que os adultos fossem definidos por alguma competência específica, não haveria adolescentes, só candidatos e uma iniciação pela qual seria fácil decidir: sabe ou não sabe, é ou não é adulto" (CALLIGARIS, 2000, p.21). Como não se tem hoje uma lista estabelecida de provas rituais, cabe ao adolescente então "a espera, a procrastinação e o enigma [...]".

Importante pontuarmos que, diante deste novo fenômeno, a adolescência, já relacionada por muitos autores como uma nova fase da vida, revela também suas idiossincrasias, suas ambivalências e suas contradições. Uma grande contradição se configura decorrente da situação do jovem, por ele ser este sujeito que se encontra apto para a produção, mas ao mesmo tempo é socialmente considerado inapto, pois o espaço que lhe é outorgado ocupar na sociedade é o da formação, da preparação para torná-lo produtivo para o trabalho. Nessa mesma direção, outra contradição, também apontada por muitos autores, centra-se na ambivalência que o jovem sofre diante de sua condição de subordinação à família e à sociedade coexistente com suas grandes expectativas de emancipação e independência. Além dessas questões, alguns autores apresentam as questões políticas e ideológicas que podem estar a serviço de interesses, de disputas e de manipulações que a concepção da adolescência carrega enquanto uma nova etapa da vida. Guimarães (2005), ao citar Bourdieu (1978, p.112), aponta para os interesses que essa definição pode encobrir:

[...] e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. (p. 153).

A autora segue sinalizando que as marcas etárias e os cortes geracionais de leis específicas em diferentes campos expressam as divisões em torno dos objetos correspondentes em disputa. Isto é, o trabalho, por exemplo: as distintas regras que existem no mercado de

trabalho em relação à faixa etária do trabalhador são construções sociais dotadas de limites etários. Nesse sentido, Bock (2007) atesta:

A moratória na qual se encontram os jovens não é um período necessário do seu desenvolvimento e, sim, um período no qual o mundo adulto considerou necessário colocar seus jovens para poderem, os adultos, estar mais tempo no mercado de trabalho e os jovens mais bem preparados para responderem às exigências do novo mundo do trabalho tecnológico (p.69).

Novaes (2002, p.47) ao referir-se às delimitações das etapas da vida expõe o uso ideológico e de poder que estão imbuídos nas caracterizações por faixa etária:

Existem, na verdade disputas sociais que estão em jogo na definição de "etapas da vida". Quando se fala em geração, não se está falando apenas da ideia biológica, de quem tem 17 ou 18 anos, 23 ou 24 anos. Nas definições de juventude sempre há alguém empurrando alguém para ser jovem e não ter poder ou alguém que está retirando alguém da juventude e levando-o a entrar na maturidade para trabalhar. De fato, há interesses econômicos e políticos na delimitação dessas fronteiras, razão pela qual eles podem ser mais flexíveis na sociedade em que vivemos.

Nessa mesma direção, Ribeiro (2004, p. 27) retoma o conceito de juventude como produto histórico recente que se transformou com o decorrer do tempo em um ideal social, conceituando-a como uma "construção artificial e por isso mesmo algo artificioso". Artificioso porque, ao tornar-se um ideal a ser almejado pelos não adolescentes, ou seja, pelos adultos, esta condição de vida passa a ser estendida ao longo da vida, como certo ideal social que talvez nunca termine. Ainda de acordo com o autor, esta busca pela juventude deve-se, entre outros fatores, à ideia de liberdade pessoal e ao funcionamento de nossa sociedade, que estima cada vez mais valores associados à mocidade: um corpo bem cuidado, manter-se belo, saudável, ter o máximo de liberdade, com um mínimo de responsabilidade.

Conforme já dito, a sociedade capitalista apoderou-se da indefinição criada para esta nova etapa da vida: a juventude. Momento em que o jovem não é mais criança, uma vez que "ser criança" tem sua condição já estabelecida – é o ser dependente que está em fase de desenvolvimento psíquico e físico, para quem socialmente se impõe a escolarização – nem adulto, o qual possui a imagem de autonomia e independência. No meio deste processo, a publicidade soube capturar esta indefinição, buscando impulsionar novos desejos e, desta forma, vender seus produtos e alimentar a lógica econômica da sociedade de consumo, da sociedade de mercado²⁹. Nesse sentido, ajudou a moldar a definição da juventude, propagando principalmente a imagem do adolescente feliz, de uma etapa da vida ligada à

realização de desejos. Feliz, porque tem o tempo da sua vida à disposição, porque é saudável, tem disposição física, porque pode se aventurar, pode errar mais, pode se lançar mais às novas situações e rever as escolhas, porque pode e, principalmente deve, experimentar. Produz e ao mesmo tempo propaga a noção de sujeitos insaciáveis, eternamente em busca do prazer.

Para tanto, conforme explicita Costa (2004), para existir a sociedade de mercado é necessário que as atitudes e disposições psicológicas dos indivíduos para agir e pensar se coadunem com o que é propagado por esta mesma sociedade. Assim, o autor reforça que um dos aspectos que o sujeito de tal sociedade precisa ter é se deixar seduzir pela propaganda das mercadorias, além disso "deve estar convertido à moral das sensações, ou seja, ter pretensões a satisfações em curto prazo, em detrimento de satisfações que exigem projetos de longo alcance" (COSTA, 2004, p. 76). Este aspecto apontado pelo autor segue na mesma linha da afirmação de Ribeiro (2004) sobre a artificialidade da adolescência como produto cultural criado pela sociedade, pois nem sempre se viveu sob o signo da moral das sensações.

Importante destacar a noção da "felicidade das sensações", ou da "nova moral do prazer"¹⁶, valorizada pela nossa cultura, a qual Costa tematiza tão bem. Para ele, a moral do prazer é o maior trunfo do imaginário do mercado de consumo. O autor explica que toda cultura, para permanecer viva, abre canais de satisfação a seus participantes. As formas que nos trazem satisfação são variadas e por isso se exprimem de diversas maneiras. Cada cultura delimita as possibilidades e impossibilidades da conduta de seus sujeitos:

Em nossa época, a grande inovação em matéria de condutas é a busca do *ideal de prazer corporal* ou do *prazer das sensações*¹⁷. Hoje procuramos os prazeres sensoriais como há dois ou três séculos perseguíamos os prazeres sentimentais do romantismo e da vida familiar; os prazeres do reconhecimento pela operosidade e pela honestidade do trabalho; os prazeres da admiração pelos grandes feitos políticos e militares; os prazeres da alma no exercício das virtudes religiosas etc (COSTA, 2004, p. 81).

Operando quase de forma dialética com o consumismo, a moral do prazer contemporânea se relaciona com o ciclo do consumo, uma vez que nossos ideais de felicidade nos empurram para a aquisição permanente de objetos. Estes objetos, por sua vez, ao serem

¹⁶ Para Costa (2004), a moral do prazer sensorial consiste no prazer das sensações, ou seja, se baseia fundamentalmente nas disposições físicas do corpo para ser estimulado. Diferentemente do prazer sentimental que pode durar na ausência dos estímulos sensório-motores, o prazer sensorial depende do estímulo físico imediato e da presença do objeto fonte de estimulação.

¹⁷ Grifos do autor.

adquiridos, carregam em si o signo da obsolescência, pois a demanda por objetos descartáveis faz com que o ciclo do consumo se torne interminável. Assim, para Costa (2004): "O tipo de satisfação ao qual aspiramos pede uma renovação incessante das fontes de estimulação sensorial. Os objetos são os meios que encontramos para alcançar os fins que desejamos" (p. 84).

Cabe observar que, para não cairmos em desvios naturalizantes, ou seja, na ideia de que este processo de satisfação pessoal por meio da "felicidade das sensações" é algo inerente à condição adolescente, resgatamos a lógica da sociedade de consumo que apontamos acima: para que o mercado funcione é preciso que o sujeito consuma os novos produtos criados pela indústria. Dessa forma, Costa (2004) sublinha que comprar não é uma ação regida por necessidades biológicas, mas um ato econômico com implicações sociais, pois existem conotações ideológicas na fabricação dos objetos, uma vez que não são todos eles que estão disponíveis a todos: os objetos de consumo também são fonte de desigualdade social.

Feita a ressalva quanto à nova moral das sensações da vida contemporânea e do reforço da publicidade em relação aos produtos destinados à juventude, "vendendo a ideia da eterna juventude " a todos, voltemos ao ponto da juventude preconizada como ideal e às contradições engendradas por este ideal de vida¹⁸. A juventude, constituída hoje como a idade favorita, nem sempre foi a etapa da vida "protagonista".

2.3 Ideal social do adulto, ideal social do jovem

O imperativo social, a idade idealizada e desejada, do início do século XX até meados deste mesmo século, o padrão que dominava entre os jovens era a busca da aparência de "senhores", de uma idade mais avançada, de velhice. Dessa forma, o mercado colocava à disponibilidade um contingente de produtos possíveis para alcançar tal feito:

¹⁸ Importante destacar que, tal como apontamos em nosso texto, a concepção de juventude não prescinde de uma definição única. Sendo assim, a mesma premissa vale para analisarmos a juventude como ideal. Pois bem conhecemos as peculiaridades existentes com relação às distinções entre as próprias formas diferenciadas de juventude e as diferentes realidades em que se encontram. Isto é, não podemos naturalizar que todos os jovens se adéquem às dimensões simbólicas da juventude. Não podemos prescindir em nossas análises, conforme também já mencionamos, das determinações materiais, históricas e políticas que envolvem qualquer produção social. Portanto, a caracterização da juvenilização, do ideal social da juventude a todos não se objetiva, quando tratamos de jovens de camadas socioeconômicas baixas, dos quais muitos vivem a adultização precoce.

“Somente o creme Barbalho/ Tornará todo grisalho/ Vosso cabelo juvenil/ Garantindo-lhe o respeito/ De um ar sisudo e senil/ Em cargos de grande efeito!” [...] O mercado logo percebeu que o artigo em maior demanda era o pastiche do ar senhoril. Novas fortunas se fizeram, do dia para a noite, vendendo pacotes de velhice instantânea (SEVCENKO, 1998, p. 5).

Esta foi uma época em que o projeto dos jovens era tornarem-se mais velhos logo que possível, a busca era pelo envelhecimento precoce, a idade da vida era a velhice, com sua aura de sabedoria, tradição e autoridade. Para os homens valorizava-se a produção e para as mulheres a reprodução, em contraposição aos que ainda se encontravam no limbo entre a infância e a idade adulta (KEHL, 2004), pois "o desejo não era de se conformar aos adultos, mas de não se diferenciar deles por ser infantis, adolescentes" (CALLIGARIS, 2000, p.71).

Kehl (2004) resgata os escritos do dramaturgo Nelson Rodrigues que tão bem esclarece esse período:

O Brasil de 1920 era uma passagem de velhos, escreveu Nelson Rodrigues em uma crônica sobre sua infância na rua Alegre. "Os moços não tinham função, nem destino. A época não suportava a mocidade". O escritor estava se referindo aos sinais de respeitabilidade e seriedade que todo moço tinha pressa em ostentar, na primeira metade do século XX. Um homem de 25 anos já portava o bigode, a roupa escura e o guarda-chuva necessários para identificá-lo entre os homens de 50, e não entre os rapazes de 18 (p.90).

Portanto, inserir-se logo na fase madura, no mundo dos adultos, tornou-se o imperativo ideológico dessa época. E ainda, retornando um pouco mais na história, Ribeiro (2004) resgata que, no século XVIII, a nobreza usava perucas empoadas, pois os cabelos brancos eram sinal de respeito e, então, desde cedo os jovens se faziam de velhos.

Enfim, o que podemos observar é que nestas épocas os adultos, ou melhor, a condição do "ser adulto" era valorizada. O ideal dos jovens e adolescentes era ser adulto, este era seu projeto. Para isso, apoiavam-se na estética e, principalmente, nos modos de ser e agir dos adultos – responsável, maduro, sábio e experiente – para atingir esta condição o mais rápido possível. Já em nosso momento histórico, marcado por inúmeras transformações, a adultez vem assumindo um sentido bastante diverso do que se compreendia há algumas décadas, um século atrás, fazendo com que muitos autores se perguntem: o que é ser adulto hoje? E, indo mais além, também nos perguntamos: será que o projeto dos jovens é o de ser adulto logo?

Importante observar que, para que possamos entender o jovem, também faz-se necessário que entendamos quem é o adulto hoje. Conforme já mencionamos, vivemos no

mundo do contemporâneo, desta maneira, enfatizamos valores, conceitos, objetos e experiências construídos socio-historicamente que se apresentam neste mundo. Ele afeta a tudo e a todos os que nele habitam, transformando-os. Podemos dizer que o adulto de hoje, tal como o jovem, é afetado pelas condições de incerteza de nossa sociedade. Assim, a ideia de estabilidade e segurança que outrora representava a vida adulta foi abalada. Sposito (2005) traz esta questão ao questionar a aludida instabilidade juvenil em contraposição ao status de estabilidade conferido à vida adulta. Para a referida autora, a compreensão da vida adulta como estática e rígida é um fato que não mais se sustenta hoje, pois parte significativa do que se denomina condições contemporâneas da vida se inscrevem na insegurança, na turbulência e na transitoriedade.

Neste cenário de instabilidade, a condição de adulto também se alterou. Cabe salientar que outros fatores, além da incerteza de nossa sociedade, contribuem para a indefinição de sua condição. Os estudos da UNESCO (2004) trazem importantes reflexões: "há uma perda das características que definem um adulto principalmente devido à tendência à 'juvenilização'; em contraponto, os jovens vivem um processo de 'adultização' acelerado, decorrente das incertezas e desafios advindos da crescente globalização". Convém explicitar que a adultização precoce dos jovens refere-se, principalmente, aos jovens de camadas socioeconômicas desfavorecidas, que precisam trabalhar e assumir responsabilidades e compromissos preponderantemente conhecidos como aspectos da vida adulta. Este fato indica que o tornar-se adulto também é atravessado por questões socioeconômicas. No entanto, afirmar que a entrada no mundo adulto se faz única e automaticamente pela ascensão ao trabalho seria uma afirmação equivocada e simplista.

Pimenta (2007), em sua pesquisa "'Ser jovem' e 'Ser adulto': Identidades, representações e trajetórias", estuda a transição para a vida adulta. Uma das sínteses de sua pesquisa centra-se na constatação de que não existe uma representação única de adulto:

[...] a partir da passagem por uma sequência determinada de etapas, mas pelo acúmulo de um conjunto de experiências e condições que lhe permitem se afirmar enquanto tal. Desse modo, a identidade adulta pode ser mais ou menos frágil dependendo dos fatores internos e externos que atuam para consolidá-la (PIMENTA, p.178).

Prosseguindo com a autora, ela se refere, em sua pesquisa, a um conjunto de características definidoras que estabelecem aquilo que o adulto é e aquilo que ele faz. São

estas: autonomia e capacidade de autogestão, independência econômica e financeira em relação aos pais, liberdade para agir e capacidade para efetivar suas próprias decisões. Contudo, vale ressaltar que algumas das características definidoras de sua condição encontram-se mescladas com características da juventude. Isto reforça o questionamento do status da vida adulta na atualidade.

Alguns autores referem-se à noção de vaguidade do lugar do adulto na sociedade, pois se o lugar do adulto está "vazio", quem vai ocupá-lo na relação com os adolescentes? Estamos aqui nos referindo à condição de juvenilização que já apontamos acima. Faz-se necessário, ainda, indicar outros aspectos para esta indefinição do adulto. A falta de critérios claros que delimitam o período da juventude, especialmente no que diz respeito ao seu término; o prolongamento da juventude; as transformações na organização familiar e a mudança nos padrões de relacionamento entre as gerações – uma certa horizontalidade nas relações dos pais e filhos –; a longevidade; a questão econômica: um mercado de trabalho retraído, que não oferece condições de emprego a todos, fazendo com que muitos não possam alcançar autonomia e independência; todos estes fatores que fundamentam a indefinição do lugar do adulto hoje.

Em suma, o que assistimos hoje são às variações de imagem de adulto, o que portanto impede a constituição de um modelo para os jovens. Por outro lado, se este mundo adulto não existe como uma expectativa futura para o jovem – pois, de acordo com Imanishi (2008), um dos aspectos presentes na relação do adolescente com o mundo adulto se dá a partir de uma expectativa de um papel que, futuramente, ele será convocado a desempenhar –, é porque ele próprio também está sendo construído no presente, tal como o mundo dos jovens também. Ou seja, ambos os mundos estão sendo constituídos pelas mesmas leis que regem o mundo atual; a lógica do mercado, da incerteza e da velocidade das informações. Portanto, um adulto também exposto às incertezas, aos riscos inerentes à nossa vivência contemporânea, é impelido a constituir-se como um novo adulto, como um novo sujeito, abdicando da clareza que seu papel tinha para os jovens no passado.

Enfim, um adulto muito diferente do que foi preconizado pela psicologia tradicional:

O mundo adulto é visto como etapa final de um processo. O adulto está destinado à coerência, à conservação, à responsabilidade, ao trabalho e à autoridade (...) como

ponto final de um crescimento. A identidade tem sido concebida como algo que se é e não como processo de mudança permanente (BOCK ; LIEBESNY, 2003, p. 221).

Sposito (2005), ao apoiar-se nos estudos de Miguel Abad (2003), referenda essa questão, da perda do papel do adulto como referência para as novas gerações, pois de acordo com o referido autor: a desinstitucionalização ou a crise das instituições tem sido “tradicionalmente consagrado à transmissão de uma cultura adulta hegemônica, cujo prestígio tem se debilitado pelo não cumprimento de suas promessas e pela perda de sua eficácia simbólica como ordenadoras da sociedade” (SPOSITO, 2005, p.91, apud ABAD, 2003, p.25). Desta forma, as instituições tradicionais, como a escola e a família passam a ser ocupadas por um maior desdobramento da subjetividade juvenil. Esta forma de viver a juventude é o que caracteriza viver esta etapa da vida de um modo distinto daquele experimentado por gerações anteriores (SPOSITO, 2005, p. 91).

Conforme temos visto até aqui, o momento da juventude ou das juventudes tem sido fundamental para compreender muitas das transformações, em curso, de nossa sociedade. Sendo assim, outro aspecto fundamental para compreendermos as juventudes neste momento diz respeito às mudanças que incidem no processo de suas transições para a vida adulta.

Camarano (2006) no livro "Transição para a vida adulta ou a vida adulta em transição" trata este processo considerando o jovem em suas inter-relações com as macrotransformações que afetam esse ciclo de vida: escola, trabalho, família e constituição de domicílio. A autora prossegue apontando que, paralelamente a estas transformações, outras ocorreram: grande demanda social de uma escolaridade mais elevada para competir no mercado de trabalho – mais tempo passado na escola –, dificuldades de inserção no mercado e dificuldades financeiras para montar um novo lar, ocasionando um prolongamento da dependência da estrutura dos pais. Com isso, os jovens têm permanecido por mais tempo na casa dos pais, o que suscita outro debate: o prolongamento da juventude. Cabe observar que, além das razões econômicas, outro fator que também está em jogo é o desejo do jovem de estender sua condição juvenil. Este aspecto já mencionamos acima quando abordamos o ideal social da juventude.

A literatura aponta que hoje existe um novo cenário que atravessa a transição para a vida adulta. O paradigma da linearidade foi rompido e agora impera o da multiplicidade, das inúmeras possibilidades de trajetórias:

Os estudos recentes sobre transição para a vida adulta têm mostrado que as experiências de vida e as expectativas da atual geração são mais complexas e menos previsíveis que as de suas predecessoras, sugerindo que os modelos lineares de transição estão se tornando cada vez mais inapropriados para o contexto de mudança social e econômica das últimas décadas (WYN; DWYER, 1999 apud CAMARANO, 2006, p.15).

Neste sentido, se aponta para uma flexibilização na sucessão dos eventos, sugerindo que o processo de transição deixe de ter padronização (CAMARANO, 2006). Com base nisso, a autora destaca que, à luz destas mudanças, as distinções entre estudante e não estudante, trabalhador e não trabalhador, solteiro e casado estão se tornando ultrapassadas, pois as sequências dessas transições, conforme já mencionamos, não mais obedecem a uma lógica linear e uniforme. A delimitação das fases da vida variam no tempo e no espaço e, com tantas transformações, hoje está cada vez mais difícil precisar o início e o fim de cada fase. Assim, há de acordo com Abramo (2005, p.44), uma "descronologização do percurso das idades", ou segundo Castells (2009, p.538) ocorre "uma indeterminação dos ciclos de vida".

Um fato também relevante que está relacionado aos ciclos de vida é a grande mudança observada no prolongamento da vida. Este traz, ao mesmo tempo, consequências e modificações consideráveis tanto para a sociedade quanto para a constituição de nossas subjetividades:

No mundo desenvolvido, a Revolução Industrial, a constituição da ciência médica, o triunfo da razão e a afirmação dos direitos sociais alteraram esse padrão nos últimos dois séculos, prolongando a vida, superando doenças, controlando os nascimentos, diminuindo os óbitos, questionando a determinação biológica dos papéis sociais e construindo o ciclo vital em torno de categorias sociais, entre as quais a educação, o tempo de serviço, os padrões de carreiras e o direito à aposentadoria adquiriram extrema importância (CASTELLS, 2009, p. 538).

Com os novos arranjos organizacionais, tecnológicos e culturais, como os recursos da ciência e da biotecnologia, passam a existir diferentes modos de vida, diferentes escolhas e hábitos de comportamento. Por exemplo, a escolha para se ter um filho nos dias de hoje não sofre um padrão determinado somente pelo biológico, diferentemente de muitas décadas atrás, em que o período fértil da mulher era mais restrito e improrrogável. É possível ser pai e avô,

avó e mãe em idade avançada, pois as tecnologias reprodutivas auxiliam neste processo. Neste contexto, há para as mulheres estágios variados em seu ciclo de vida para que decidam ter filhos. Tudo isso se modificou devido à emancipação da mulher em relação a sua carreira, sua formação e aos novos arranjos familiares. Junta-se a isso a baixa natalidade e o adiamento do casamento e da reprodução. Portanto, hoje os sujeitos escolhem cada vez mais de forma individualizada, "em que cada vez mais a nova regra é que haja poucas regras" (CASTELLS, 2009, p. 542).

E a consequência direta é outra forma de invalidação do tempo, do tempo biológico humano, do ritmo temporal mediante o qual nossa espécie tem sido regulada desde suas origens. [...] Um ritmo biológico secular foi substituído por um momento de decisão existencial (CASTELLS, 2009, p.542).

A longevidade, o prolongamento da vida, não está associada somente à maternidade conforme exemplificamos acima, está fortemente ligada à saúde e à beleza, principalmente, quando se trata de vincular estes aspectos à mercadoria a ser consumida, ideia amplamente usada pela publicidade. Novamente voltamos ao ponto do ideal da juventude, pois o imperativo da saúde associado ao ideal estético da beleza está a serviço de vender a juventude para todas as idades. Assim, principalmente para as pessoas maduras, a venda da longevidade faz mais sentido. Diante disso, se observa que os sujeitos se diferenciam cada vez menos, vivenciando estilos de vida muito próximos.

Por fim, a despeito de nossas pesquisas efetuadas em livros, base de dados, artigos que se dedicam a compreender a juventude, o que pudemos apreender é que ainda há um campo vasto a ser explorado. Existem muitos estudos e pesquisas na área, entretanto, são muitas, e aceleradas, transformações pelas quais o nosso mundo passa, portanto, quanto mais estudos e mais pesquisas que tenham a pretensão de compreender os jovens, paralelamente a estes acontecimentos, melhor. Eles são apontados como ideal social, ou ainda como porta vozes de nosso momento atual, daí a importância também de revelarem seu presente momento e seus projetos (tanto os pessoais quanto os coletivos) que, inclusive, podem ter a capacidade de acelerar transformações relevantes na sociedade. Para tanto, passaremos ao terceiro capítulo desta tese que aborda a compreensão dos projetos de futuro e os questionamentos subjacentes a eles nos dias de hoje.

Capítulo 3 - O projeto e sua construção no tempo: muitas escolhas, vários caminhos

"Eu posso sempre escolher, mas devo estar ciente de que, se não escolher, assim mesmo estarei escolhendo" (SARTRE, 1970, p.14).

"A noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher é a base, o ponto de partida para se pensar em projeto" (VELHO, 2004, p. 24).

Neste capítulo, considerando os elementos teóricos apresentados anteriormente, notadamente no que diz respeito às concepções e aspectos que são importantes na compreensão do jovem do mundo atual, nos propomos a prosseguir a discussão, tendo em vista a abordagem dos elementos que compõem os projetos de futuro, bem como os elementos que os articulam.

Trataremos então de algumas dimensões que desde o nosso ponto de vista são essenciais para a discussão dos projetos de futuro dos jovens nesta tese. Consideraremos as condições objetivas e subjetivas que dão o mote para que os projetos de futuro sejam constituídos em um mundo tão complexo, o qual impõe uma gama de determinações em sua construção. Para tanto, se faz necessário destacarmos uma série de aspectos que contribuem para a sua realização, dentre eles: analisarmos o que se entende por projeto de futuro e suas importantes concepções e reconhecermos os discursos sociais instituídos e construídos ao longo dos anos que determinam expectativas sociais, vieses ideológicos, bem como as mudanças no mundo do trabalho, cada vez mais complexo. Cabe ressaltar também que nossa sociedade contemporânea traz em seu bojo uma multiplicidade e heterogeneidade de caminhos possíveis aos sujeitos. É diante deste contexto social repleto de incertezas, de rápidas mudanças sociais e econômicas, que vários autores consideram a ideia da construção de projetos de curto prazo em detrimento da construção dos projetos de longo prazo, tal como analisaremos adiante.

3.1 O projeto de futuro, suas concepções

Em consonância com o referencial teórico adotado, o materialismo histórico-dialético, e partindo da ideia de que a categoria historicidade é a que nos permite uma análise histórica do fenômeno, é de central importância recorrermos à gênese do processo pelo qual o projeto se constituiu enquanto elemento unicamente humano. Recorremos a Boutinet (2002), que traz

grande contribuição para os estudos sobre projeto e sua origem. De acordo com o autor, o termo "projeto" é uma invenção recente. A origem da palavra projeto deriva do latim do verbo *projicere* que significa lançar a frente e *projectu* é o seu particípio passado.

Foi com a concepção de projetos arquitetônicos no século XV que o termo projeto surge de maneira regular. *Pourjet* ou *project* são elementos arquitetônicos lançados para a frente, principalmente balcões sobre uma fachada, tendo então uma significação essencialmente espacial de lançado para a frente. (BOUTINET, 2002, p. 34). Com o Iluminismo, há uma mudança no pensamento do homem frente à sociedade que passa a dar grande foco no poder da razão e a se distanciar dos ditames da religião e dos abusos do Estado. Desta forma, foi também no alvorecer do Iluminismo que o homem se instituiu como agente da história, como o senhor dos seus desejos e de seu destino. Isso não significa, entretanto, que estamos tratando aqui de um homem que é senhor de seu destino no sentido lato da palavra, pois, conforme nossa perspectiva teórica e a visão de mundo e sociedade que compartilhamos, o homem tem uma relação com o mundo que é dialética.

No âmbito do desenvolvimento histórico do projeto, verificamos que, nos séculos XVII e XVIII, há uma expansão para outras esferas da sociedade, uma vez que do projeto arquitetônico, novas formas de projeto surgiram impulsionadas pelas concepções filosóficas da época, cujas ideias, bem como seus ideais, buscavam o progresso da sociedade – o projeto adquiriu um cunho social. As ideias de progresso e o homem mais liberto das ordens da religião fazem com que a sociedade também não seja mais pré-determinada pelo divino e pela tradição, como ocorria na Idade Média. Entende-se que esta libertação dos ditames do divino e as múltiplas mudanças sofridas pela sociedade nestes séculos acabam trazendo para os sujeitos novos modos de vida e novas opções de escolhas.

As necessidades de uma sociedade em progresso e em busca da independência frente aos ditames do divino impulsionaram as demandas para o desenvolvimento científico e técnico. Com isso, novas ideias surgiram e novos questionamentos também, apontando para caminhos e rumos para além das ideias pré-concebidas e impostas até então. Aliado a isso, houve o desenvolvimento das comunicações, do comércio e a possibilidade de mobilidade social se instaurou. No turbilhão de mudanças do século XVIII, o termo projeto se insere pela

primeira vez para dar corpo à representação de uma sociedade em progresso, uma vez que os grandes pensadores da época, tinham em mente o progresso da humanidade.

Concomitante a essas transformações, há um importante acontecimento: a Revolução Industrial. Com início no século XVIII, foi marcada por uma transição da produção artesanal para a produção por meio de máquinas. Tal transformação foi tão contundente que produziu uma remodelação nos rumos da vida cotidiana e do mundo, fazendo com que a sociedade sofresse um amplo processo de aumento da complexidade: a divisão social do trabalho, o aumento exponencial da produção, maior circulação de mercadorias, o que estimulou a intensificação do consumo. Paralelo a isso, houve também o aumento do crescimento das cidades e da vida urbana. Estes fatos impõem aos sujeitos novos estilos de vida. Podemos dizer que o desenvolvimento do fenômeno do projeto, do modo como o concebemos hoje e sua expansão, se deu de maneira a responder às demandas deste processo de complexificação que a sociedade sofreu nos últimos séculos.

Em meio a estas mudanças e transformações da sociedade, o individualismo ganhou destaque como categoria, assumindo um valor central em nossa cultura. O indivíduo, conforme mencionamos, agora não mais subsumido a uma ordem religiosa, ou à coletividade à qual pertence, se constitui como um ser moral independente, autônomo, responsável e capaz, possuidor de relativa independência frente às dimensões concretas da vida às quais está ligado.

Desta maneira, no decorrer do desenvolvimento histórico, acompanhamos a passagem de um sujeito constituído no cerne de uma sociedade holística, coletivista, cuja totalidade social é valorizada, para uma forma ideológica das sociedades ocidentais modernas, as quais disseminam um sujeito como detentor unicamente dos rumos de sua vida, o valorizando como um ser individual, cuja lógica é “cada um por si”, cada um deve se responsabilizar por conduzir sua vida pessoal e profissional. Sendo assim, de acordo com Liebesny (2008, p.4), "as condições objetivas existentes não permitem aos jovens refletir sobre estas mesmas condições ou multideterminações de sua história, sobre a subjetivação das suas condições objetivas de vida".

Em face de um indivíduo que possui mais liberdade de seguir para várias direções, vários rumos, a diversidade de experiências traz para o sujeito muitas alternativas de caminhos a seguir e, assim, com mais opções, o *homo eligens*, "o homem que escolhe", se depara com uma necessidade maior em fazer escolhas, uma vez que agora, não mais subsumido a regras prefixadas e objetivos universalmente aprovados a se seguir, ele se vê diante de situações carregadas de incertezas, o que torna o ato de escolher cada vez mais doloroso. Assim, de acordo com Velho (2004, p. 24): "a noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher é a base, o ponto de partida para se pensar em projeto".

Para Boutinet (2002, p.87), a figura do projeto expandida para as várias esferas da vida humana teve seu ponto de destaque a partir de meados do século passado. Atribui-se a isso os avanços científicos e tecnológicos, os quais a sociedade sofreu e tem sofrido nas últimas décadas, que acarretaram, como já mencionado anteriormente, mudanças nos modos de vida das pessoas. O indivíduo e a própria sociedade perante estas mudanças se viram impelidos a operar desde uma "praxeologia geral"¹⁹ que busca "controlar seu próprio devir".

Tratar sobre projetos requer considerar os sujeitos que são sociais e históricos e, ao mesmo tempo, singulares. Pois são estes que hoje, mais do que em outro momento histórico, se veem impelidos à articulação de projetos, em face da necessidade de articular seu futuro, sua vida profissional e pessoal mediados por projetos. Esta é uma questão que nos instiga, pois de acordo com vários autores que estudam o momento atual, contemporâneo, pensar em elaboração de projetos, principalmente em projetos a longo prazo, é um ponto de muitas dúvidas. É sob este ponto de vista que Guichard (2012, p. 140) observa: "muitos duvidam que fazer projetos de futuro, a médio e a longo prazo, seja uma conduta adequada como era durante as décadas após a Segunda Guerra Mundial".

3.2 O que é o projeto?

As concepções de projeto apresentadas no presente trabalho se baseiam em autores que fundamentam suas teorias em linhas teóricas diversas. Resgatar outros autores se faz

¹⁹ Praxeologia, que vem do grego *praxis* (ação, prática), é uma metodologia que tenta explicar a estrutura lógica da ação humana. Para a praxeologia a ação humana é todo comportamento propositado, aquele que busca atingir um dado fim, de longo alcance. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Praxeologia>. Acesso em: 28/08/2014.

necessário, pois suas reflexões e afirmações teóricas trazem contribuições que agregam elementos significativos ao esforço de compreendermos aspectos importantes relativos às construções dos projetos de futuro dos jovens dos dias de hoje. Além disso, colaboram no entendimento do projeto de futuro dos jovens mediados²⁰ pelo tempo da instantaneidade, do imediatismo e do tecnológico, compreendidos sob a luz da perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, que se constitui na base referencial de nossa análise, tal como descreveremos no capítulo subsequente, do método.

Apontaremos as contribuições de Sartre (1997, p.570) que, com seu conjunto teórico e metodológico existencialista, traz na concepção de "projeto de ser" um dos aspectos primordiais de sua teoria. Ao tratar do projeto de ser, trata de um aspecto crucial: a dimensão temporal do projeto.

Com Sartre, se concebe o projeto desde uma perspectiva da filosofia da ação. O ser humano se define pelos fins que persegue, isto é, o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo, pois é, antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro. Constitui-se como homem de acordo com um conjunto de empreendimentos que ele é. "Ele é a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem esses empreendimentos" (SARTRE, 1997, p.570). Desta forma, os homens criam projetos e criam a si mesmos como um projeto.

As escolhas que o homem faz se configuram como elementos determinantes do seu modo de ser no mundo. Cada escolha efetuada é parte de sua totalidade, é parte de seu "projeto primordial que se oculta em cada uma de suas intenções particulares" (GUICHARD, 1995, p.15). Ou, expondo de outra forma, cada uma das ações tomadas pelo indivíduo reflete o futuro que projeta para si, reflete o seu modo existencial de ser no mundo, seu projeto de ser.

²⁰ A mediação é uma categoria metodológica que permite a compreensão do real, dos elementos que constituem os objetos/processos, as suas conexões, suas relações, suas determinações. "É através dessa categoria que engendram-se as ações no processo dialético, pois, conforme elucida Severino (2002) *apud* (Ozella e Aguiar, 2013, p.302), a mediação é "uma instância que relaciona objetos, processos ou situações entre si: a partir daí o conceito designará um elemento que viabiliza a realização de outro que, embora distinto dele, garante a sua efetivação, dando-lhe concretude. Portanto, de acordo com Aguiar e Ozella (2013, p.301), "o uso desta categoria nos permite romper com as dicotomias interno/externo, objetivo/subjetivo, significado/sentido, assim como nos afastar das concepções naturalizantes [...]". Tendo em vista que a mediação permite que os objetos sejam constituídos em sua totalidade e não de forma dicotômica, ela se torna assim o centro organizador objetivo das relações existentes entre fenômenos que ao mesmo tempo se excluem e se incluem e que, apesar de serem diferentes ou mesmo opostos, um contém o outro.

A concepção do projeto de ser em Sartre parte do pressuposto de que qualquer "ação humana é por princípio intencional" e sempre "remete a motivos e móveis que lhe dão significação" (SARTRE, 1997, p. 573). A escolha, e consequentemente as decisões tomadas, tem para este filósofo grande importância, pois é ela que dispõe o mundo com suas significações. Assim: "escolhemos o mundo – não em sua textura em si, mas em sua significação – escolhendo a nós mesmos" (SARTRE, 1997, p.571). Todas as escolhas de um sujeito revelam o seu ser. E, referendando esta perspectiva, Sartre (1997, p.591) alude: "a necessidade de escolher-me perpetuamente identifica-se com a perseguição – perseguida que sou".

Esta concepção filosófica, fenomenológica, existencial, de projeto enfatiza a ação, a intencionalidade, mas também a totalidade. O projeto pretende ser a totalização real e a ação que visa a mudar o mundo, que visa a mudar a si. O projeto é então vivido como superação subjetiva da objetividade, como um impulso para chegar à objetivação final. Conforme explicita Boutinet (2002, p.57): "ao mesmo tempo em que o projeto é o momento que integra em seu seio subjetividade e objetividade, é também o momento que funde em um mesmo conjunto o futuro entrevisto e o passado rememorado".

Catão (2001, p.53), em sua pesquisa sobre as representações sociais na construção do Projeto de Vida na Exclusão/Inserção social, salienta esta leitura filosófica existencial, pois para a autora: "projeto e escolha caminham juntos", uma vez que o homem se define pela escolha de seus fins. Contudo, a escolha é inexequível, é impossível não escolher. "Eu posso sempre escolher, mas devo estar ciente de que, se não escolher, assim mesmo estarei escolhendo" (SARTRE, 1970, p.14).

Fundamentando-se conceitualmente na teoria das Representações Sociais e fazendo uma articulação com a perspectiva psico-sócio-histórica²¹, Catão (2007, p.5) define o projeto, caracterizando-o na dialética do subjetivo e do objetivo :

É através da reflexão crítica, em dimensão do vivido, que o indivíduo e o coletivo superam sua situação em direção às possibilidades e impossibilidades do futuro, lançando-se para a possibilidade de objetivar-se de outra forma, superando a objetividade anterior negada pela subjetividade transformando sua situação.

²¹ Psico-sócio-histórica é um termo usado pela autora.

Na perspectiva em questão, a autora define o recorte temporal e espacial do projeto, que tem na objetivação da interface entre o passado, presente e futuro, a base de construção das representações sociais do Projeto de Vida. Prosseguindo em sua definição, entende o projeto de vida "enquanto intenção de transformação do real orientado por uma representação social do sentido dessa transformação, considerando as suas condições reais na relação presente/passado na perspectiva do futuro" (CATÃO, 2001, p. 27).

Bohoslavsky, importante teórico da área da Orientação Profissional, ao dedicar seus estudos no processo de escolha profissional, se baseou nos conceitos da psicanálise. Mas, da mesma forma, o autor também se vale de concepções fenomenológicas existenciais quando introduz o conceito de projeto pessoal, pois, ao se referir ao sujeito em situação de escolha profissional, o autor observa: "trata-se de escolher o futuro e ao mesmo tempo, de traçar um projeto" (BOHOSLAVSKY, 1983, p.11). De acordo com Bohoslavsky (1977, p.47), a escolha do futuro é algo que pertence ao homem, considerado como um sujeito de escolhas. Este sujeito de escolhas é um vir a ser que, frente ao seu futuro real e confrontado com as possibilidades e impossibilidades que se apresentam, impele a escolha de um futuro singular e não de outros. Sendo assim, para o autor: "definir o futuro não é somente definir o que fazer, mas fundamentalmente definir quem ser e ao mesmo tempo definir quem não ser" (BOHOSLAVSKY 1977, p.53).

Em seus estudos, Bohoslavsky (1977, p.57) afirma: "o futuro tem uma importância atual-ativa enquanto projeto para o adolescente, fazendo parte de sua estrutura de personalidade neste momento". No entanto, alerta que esta relação do homem com seu futuro, esta dimensão temporal, é um aspecto teórico que ainda precisa ser desenvolvido, ser incluído na teoria da orientação vocacional.

Por sua vez, se faz necessário pontuar que a concepção de homem como sujeito de escolhas remete, segundo o autor, a uma concepção que vai além da ciência, porque considera as implicações ideológicas subjacentes a estas escolhas, pois possuir "direito de opção" ou mesmo ter "possibilidade de escolha" são acepções que remetem à análise da liberdade, de suas condições e suas formas de conquista (BOHOSLAVSKY, 1977, p.48). Neste sentido, esta concepção de escolha de futuro – que leva em conta a articulação com o social, revelando desta forma a ideologia e a relativa liberdade do sujeito frente à escolha – vem ao encontro da

perspectiva materialista histórica e dialética, a qual considera o sujeito, contendo ele a objetividade apropriada e reconfigurada pela subjetividade historicamente constituída.

Bohoslavsky no livro "Vocacional: teoria, técnica e ideologia, de 1983", efetua uma análise sociológica e, para tal, trata das relações entre os conceitos de alienação em Marx e de vocação. Neste sentido, aponta que a vivência da alienação se contrapõe à de criatividade e de realização pessoal do sujeito, acarretando uma perda de sentido que se expressa, entre outras coisas, em uma ambiguidade quanto ao seu projeto vocacional.

Em primeiro lugar, os sujeitos afirmam ter "perdido o sentido" que em algum momento deram ao seu trabalho ou estudo; experimentam sensação de que esses seguem leis e projetos que lhe são estranhos; quando trabalham ou estudam sentem que não são eles que trabalham ou estudam, mas são governados por leis estranhas a eles; os antigos projetos são nostalgicamente desejados; a anterior clareza quanto às metas e sua articulação com os meios que supostamente ofereciam o exercício de um ofício ou profissão se perde, sendo seguida de uma angustiante sensação de perda de limites; a ambiguidade frente ao futuro é acompanhada de uma desarticulação vivida pelo sujeito entre suas diversas atividades (BOHOSLAVSKY, 1983, p.50).

Ribeiro (2012), em sua Tese de Livre Docência, ao se debruçar na análise e teorização da carreira dentro da abordagem psicossocial, aponta o projeto como uma das dimensões constitutivas da carreira. Esta perspectiva, fundamentada em Bohoslavsky (1983), é desta forma explicitada:

O autor busca escapar da dicotomia entre a pessoa e a realidade sociolaboral ao centrar seu foco de análise da dimensão psicossocial, ou seja, na relação entre eu-outro, colocada em ação pelo projeto profissional e objetivada na identidade profissional, resultado da síntese identificatória desenvolvida na contínua interação entre fatores internos e externos à pessoa (RIBEIRO, 2012, p.30).

Ao reafirmar a ideia do projeto como uma estratégia no tempo, Ribeiro referenda sua teorização de carreira como uma proposta de estratégia espaço-temporal, cujos projetos vão sendo construídos ao longo da vida, tendo como base a temporalidade como dimensão constitutiva do projeto. Diante disso, o espaço é juntamente uma dimensão importante. O autor se funda "na relação com os lugares socialmente constituídos por meio de estratégias construídas nas relações psicossociais e legitimadas por essas relações", pois "o lugar é o *locus* no qual o espaço pode ser criado e ganhar *status* de corporeidade" (RIBEIRO, 2009 *apud* RIBEIRO, 1999, p. 69). Há, portanto, na constituição da carreira o outro como referente, a relação eu-outro que funda lugares e espaço para as ações das pessoas.

Em face do desenvolvimento de sua teoria da carreira como fenômeno psicossocial, Ribeiro (2012) toma, então, como eixo de análise a relação eu-outro, considerando, com isso, sua indissociabilidade. O autor não estabelece a dicotomia entre a pessoa em sua dimensão subjetiva e a sociedade em sua dimensão social, pois para ele a noção de psicossocial se fundamenta em uma:

[...] construção contínua e compartilhada, não um ajustamento ou adaptação de um indivíduo (processo subjetivo) a uma realidade (processo social), ambos compreendidos não como processos, delimitados e separados, mas sim um único processo visto como elo de continuidade do subjetivo ao social e vice-versa, polos extremos de uma mesma estrutura processual global, que é produzida em relação dialética, pois se constitui como produto e produtora da sua própria relação, relação de dupla transição: do subjetivo ao social e vice-versa, num movimento contínuo. A estrutura é sempre processual, nunca substantiva (RIBEIRO, 2012, p. 56).

Por fim, Ribeiro, ao considerar a definição clássica de projeto de vida – uma ação que permite uma apropriação do futuro pela reconstrução do passado, por meio da ação no presente – em consonância com a perspectiva adotada (psicossocial), define projeto de vida como:

O projeto de vida se constituiria pelas possibilidades de relação dialética entre o projeto do indivíduo (vinculado a sua possibilidade de existir no mundo) e o projeto de mundo (que sobredetermina qualquer projeto singular), numa relação de transformação contínua na qual sujeito e mundo se modificam a todo momento através da dialetização de sua relação (RIBEIRO, 2012, p.42).

Gilberto Velho, importante antropólogo, em seu livro "Individualismo e Cultura de 2002" desenvolve seu estudo sobre as sociedades complexas, individualismo e projeto. O autor se refere às sociedades complexas como abrangedoras de instituições que hoje se apresentam fragilizadas em proporcionar mapas de orientação para a vida dos sujeitos, já que estes mapas se apresentam ambíguos e contraditórios. Apoiando-se nesta visão de mundo, complexa e mutável o autor apresenta a ideia de que os projetos necessitam de um mínimo de plasticidade simbólica, um razoável potencial de metamorfose para se tornarem eficazes. Desta forma, para o autor, nossa sociedade complexa e plural tanto traz a possibilidade de elaboração de projetos quanto torna possíveis a contradição e o conflito neste processo.

Para a definição de projeto, o autor recorre a Alfred Schutz, que o define como "conduta organizada para atingir fins específicos" (VELHO, 1994, p.101). E, desta forma, chama a atenção para a dimensão da ação que todo projeto comporta, pois o projeto se concretiza pelos seus objetivos e fins e por meio da organização das ações, pois é por meio

das ações que os objetivos serão alcançados. Portanto, a ação é o que objetiva o que foi antecipadamente idealizado enquanto projeto. Nesta mesma orientação de pensamento, Guichard (1995, p.19) se refere a projeto como uma "reflexão de ordem tripla: sobre a situação presente, sobre o futuro desejado e sobre os meios para se empenhar para alcançá-lo".

O futuro é uma dimensão essencial no projeto. Não há projeto se não há futuro. Tratar de projetos é voltar-se a um futuro. Portanto, o futuro é a temporalidade que marca o contínuo vir a ser do homem, da sociedade, de todos os que fazem projetos:

O projeto não é uma simples representação do futuro, do amanhã, do possível, de uma ideia, é o futuro a fazer, um amanhã a concretizar, um possível a transformar em real, uma ideia a transformar em ato (BARBIER, 1996, p. 52).

O projeto em sua base existe em um nível relacional, entre o sujeito e o objeto. Seguindo essa linha de raciocínio e tendo em mente que há uma relação entre o projeto e o objeto, a relação entre eles é mediada pelo outro, pelo social. O projeto em sua existência e concretude necessita ser comunicado. Constituindo-se na relação com o outro e mediado pelas possibilidades históricas do momento, o projeto é expresso por palavras, por conceitos, por considerações. Dentro desta lógica, podemos dizer que a comunicação dá ao projeto a legitimidade de sua existência, sua materialidade. "A própria condição de sua existência é a possibilidade de comunicação" (VELHO, 2004, p.27). A existência, a concretude do projeto, além de suplantar uma concepção puramente subjetiva — pois o projeto, pelo que podemos compreender, é uma expressão do movimento de objetivação e subjetivação, uma síntese da objetividade e subjetividade —, é um fenômeno que se constrói em relação e se configura, por sua vez, por uma intenção mediada pela reflexão, em um processo de construção de algo que se entrevê como desejável e possível.

O projeto também remete à história de vida do sujeito, de seu passado e de suas ações empreendidas no seu presente. Nesta perspectiva, é o sujeito que constitui as significações (significado e sentido) de seu projeto de futuro, que se constitui como tal a partir da articulação dialética de seus desejos, necessidades, expectativas, dúvidas, valores, afetos e questionamentos, referentes às significações historicamente constituídas. Isto é, no "projeto pessoal opera sempre um conjunto estruturado dos elementos que constituem, para um determinado sujeito, um mundo com sentido" (GUICHARD, 1995, p.20).

Resgatando as ideias de Velho, o qual centra sua análise nas ideologias individualistas, e o faz focando na elaboração de projetos e suas vicissitudes, bem como nas questões antropológicas e filosóficas associadas ao tema da liberdade individual, suas limitações e relativizações –, Liebesny (2008, p.55) vai além das questões ideológicas de nossa sociedade, em sua crítica. De acordo com a autora, outra questão importante é a ação do profissional que atua com jovens frente à elaboração de seus projetos de futuro, pois sua ação é de mediação na análise – pelo sujeito produtor – de seu projeto de futuro. Isto é, a autora defende que o profissional, tendo em vista uma atuação de cunho crítico na sociedade, tem como objetivo, na intervenção do trabalho, possibilitar condições ao sujeito de transformação de uma produção ideologizada sobre seu futuro. Desta forma, o jovem é então capaz de refletir sobre seu processo de produção de significados e sentidos, podendo potencializar sua condição de agente transformador na sociedade (LIEBESNY, 2008, p.62).

De acordo com Liebesny (2008, p.7), as elaborações de projetos de futuro mediadas pela ideologia individualista, aparecem centrados nos indivíduos, sem referência a projetos coletivos. Faz-se necessário, portanto, que ao se trabalhar nas construções de projetos dos jovens, sejam efetuados questionamentos referentes às determinações de projetos de vida alienantes em nossa sociedade, possibilitando uma maneira de poder transformá-los. Assim sendo, a autora ao apoiar-se em Fraga e Lulianelli destaca que:

Também é necessário compreender que as formas de organização social e o reconhecimento do lugar dos adolescentes nessas organizações implicam ideologias que determinam as possibilidades de construção de projetos de futuro pelos seus indivíduos (LIBIESNY, 2008, p.7 *apud* FRAGA e LULIANELLI, 2003).

Cabe observar, à luz do trecho destacado, que os jovens de nossa pesquisa, pertencentes às classes mais favorecidas, por possuírem condições econômicas, são os que permanecem mais tempo na escola, têm seu processo educativo formal prolongado, o que possibilita uma melhor preparação quanto a sua inserção no mercado de trabalho e, com isso, maiores chances de se desenvolverem adequadamente em suas carreiras. Enfim, é nesta realidade social que constroem seus projetos de futuro. Constroem projetos atravessados pela ideologia dominante da produtividade e do alto ganho financeiro. Portanto, é a partir da objetividade desta realidade que os jovens subjetivam suas experiências, suas demandas, seus desejos, sonhos e ideias, é neste movimento que seus projetos se configuram como constitutivos de suas

subjetividades. É ainda neste movimento que ocorre a intenção de criação, transformação e de superação da realidade do jovem a partir de seu projeto de futuro.

Vale ainda salientar que, sob a ótica da Psicologia Sócio Histórica, o projeto de vida ou o projeto de futuro é compreendido como uma produção individual derivada do coletivo, pois as "escolhas são de âmbito individual, mas as referências sob as quais se possibilitam as escolhas são de âmbito social, representadas pelas relações familiares, sociais, institucionais, de trabalho, etc" (LIEBESNY, 2008, p.53).

Isto é, a Psicologia Sócio-Histórica, fundamentada no materialismo histórico e dialético, compreende o sujeito como um "ser social, histórico e constituído nas e constituinte das relações sociais" (OZELLA E AGUIAR, 2013) – um sujeito inserido na realidade social, em seu movimento contraditório. Assim, para Liebesny (2008, p. 57), sua proposta de intervenção tem a intenção de possibilitar aos jovens "uma forma de apropriar-se dessa condição (possível) de sujeito de sua história e de sua participação ativa na construção das determinações de seu futuro".

Cabe observar que embasamos nossa visão dos fenômenos humanos e sociais utilizando a perspectiva da dialética²². Deste modo, na dialética da vida, na dialética da sociedade, observamos que tudo se transforma, tudo muda. Nada é assumido como já pronto, estático, permanente, pois tudo o que há na realidade tem movimento, tudo está em constante transformação. Então, ao estudar os projetos de futuro, devemos deixar claro que estamos tratando de um processo, de algo que está em curso, em movimento, em transformação. Pretendemos apreender o projeto frente a sua dinamicidade, frente à realidade contraditória que o constitui enquanto fenômeno, que é social e individual ao mesmo tempo.

²² As categorias da dialética e suas leis são as que nos ajudam a compreender as transformações e contradições da sociedade. Engels em a "Dialética da Natureza" formulou as leis da dialética: 1) lei da passagem da quantidade à qualidade, segundo a qual as mudanças passam por um processo de transformação, que precipitam saltos qualitativos, alterações radicais. 2) Lei da interpenetração dos contrários, que sustenta a unidade e a luta dos contrários, ou seja, as coisas não podem ser compreendidas isoladamente, pois conforme as conexões prevalece na coisa, um lado ou outro de sua realidade (que é contraditória). Os dois lados se opõem e no entanto, constituem uma unidade. (unidade dos contrários ou contradição). 3) Lei da negação da negação, que explicita no conflito dos contrários, a afirmação engendra a sua negação, que por sua vez são superadas e o prevalece é um síntese, ou seja, é a negação da negação (KONDER, 2003, p. 58-59).

Sob esta perspectiva teórica, observamos que os projetos, assim como os indivíduos, mudam. "O 'mundo' dos projetos é essencialmente dinâmico" (VELHO, 2004, p.27), uma vez que os sujeitos se relacionam com outros sujeitos, vivem em um determinado tempo e em determinada sociedade. O projeto nunca é pensado descolado da realidade social, porque sujeito e sociedade se constituem em um par dialético, assim, apesar de serem diferentes, um contém o outro e, por conseguinte, um se constitui na relação com o outro.

Por fim, se faz necessário salientar que os projetos se concretizam, conforme já mencionamos, pelas ideias e pelas ações. O projeto enquanto uma realização pessoal carrega as significações dos sujeitos sobre seu presente, seu futuro, os desejos aí depositados, suas crenças, seus sonhos, expectativas etc. Mas, para que este projeto seja vivido, concretizado, ainda é necessário a realização de uma programação, o estabelecimento de um plano de ação. Assim, Ribeiro esclarece que:

A noção de projeto é polissêmica e produz uma ambiguidade ontológica, pois se constitui, ao mesmo tempo, em resultado a ser alcançado (produto) ou projeto de estado; ou encadeamento de ações a ser realizado (processo) ou projeto de ação.²³ (RIBEIRO, 2009, p.213).

A consistência do projeto depende de vários fatores, alguns já mencionados, tais como: a intencionalidade de um projeto, as ações a que ele remete em busca de suas metas, o processo reflexivo, o estabelecimento de um plano de ação, a importância das possibilidades históricas do momento social e cultural, as concepções de homem imbuídas neste momento histórico e os desejos, ambições, sonhos e necessidades decorrentes deste sujeito histórico. Um sujeito que, ao constituir seu projeto no mundo, influenciado pelas determinações que são próprias dos contextos em que está inserido, produz projetos singulares.

Retomando a concepção de projeto de futuro, podemos dizer que este é elaborado a partir das significações do sujeito frente à articulação dialética entre seu passado, presente e o próprio futuro (BOHOSLAVSKY, 1983, CATÃO, 2007, GUICHARD, 1994), mediados por sua vivência cotidiana, pelos espaços ao qual pertence e pelas condições econômicas, políticas e sociais vigentes.

²³ Ribeiro (2009) explicita os conceitos de projeto de estado e projeto de ação de Barbier (1996), pois para o autor, "ao diferenciar um projeto de estado de um projeto de ação, diz que o projeto de estado produziria uma representação relativa ao estado final (realidade transformada) do que se pretende transformar, constituindo-se em uma antecipação de um estado, enquanto o projeto de ação produziria uma representação relativa ao processo que permitiria chegar a esse estado final, constituindo-se em uma antecipação de um processo" (p. 213).

Observamos que, diante de um contexto instável e incerto, bem como um ambiente difuso e de múltiplas referências, as necessidades dos sujeitos os incentivam a construir referências por meio das significações que eles têm do mundo. É importante salientar que, até o momento, nos referimos às significações dos sujeitos frente à elaboração de seus projetos. Contudo, não aprofundamos o entendimento da categoria significado e sentido, porque o faremos no capítulo que trata do método. Trataremos de tal categoria “significações”, que se constituem a partir do par dialético significado e sentido, pois são as significações dos sujeitos que nos permitirão ter acesso a elementos de suas subjetividades e, por conseguinte, aos elementos de seus projetos de futuro.

Em relação ao uso da expressão projeto de futuro neste trabalho, cabe observar que concordamos com a visão de Liebesny (2008, p.57): "é a compreensão da produção daquilo que está por vir, pelo próprio sujeito da produção". Sendo assim, para nós, o uso de projeto de futuro se configura como uma concepção que abrange tanto os elementos que compõem o projeto de vida quanto os elementos que compõem o projeto profissional. São, no geral, os elementos que compõem a construção do futuro pelo jovem.

3.3 O projeto de futuro e o trabalho no mundo contemporâneo

Consideramos tratar deste tópico, da categoria trabalho, uma vez que o trabalho, instância privilegiada de inserção social, configura-se como um dos elementos centrais na construção do futuro pelos jovens. E, além disso, consideramos ainda, o importante papel que esse exerce na passagem da adolescência para a vida adulta.

Conforme mencionamos anteriormente, a sociedade contemporânea presencia um cenário crítico, de grandes mutações e metamorfoses em todas as esferas da vida humana. Interessa-nos aqui neste estudo compreender quais são suas principais expressões e suas importantes consequências no que diz respeito ao mundo do trabalho e os significados que o trabalho tem hoje.

Mais recentemente, as crises – tanto social como financeira de mercado – que emergiram nas três últimas décadas do século XX, trouxeram em seu bojo, uma profunda

reestruturação no modo de funcionamento do sistema capitalista, ocasionando a emergência do neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, sendo essas, importantes expressões das mudanças sofridas no interior do mundo do trabalho. Essas transformações e profundas mudanças na ordem do trabalho culminaram com sua complexificação, fragmentação e precarização, situações que, como veremos adiante, se estendem até a atualidade.

Apesar do conhecimento de que os elementos que constituíram essa crise é fruto de grande complexidade do momento histórico, já que foram muitas as mudanças sociais, econômicas, políticas e ideológicas, podemos falar que, com a crise dos anos 70, houve uma reorganização capitalista, quando novos processos de trabalho emergiram: mutações organizacionais e tecnológicas, mudanças nas formas de gestão, individualização e diversificação cada vez maior nas relações de trabalho, novos padrões de busca de produtividade e competitividade, como também novas formas de adequação da produção à lógica do mercado, assim como à lógica do consumo.

A estratificação e a fragmentação do trabalho também se acentuam em função do processo crescente de internacionalização do capital (ANTUNES, 2009, p.116), aumento da concorrência econômica global, descentralização das empresas e sua organização em redes (CASTELLS, 2009, p.39), maior flexibilidade de gerenciamento –concentração do poder sem centralização. Além disso, assistimos a uma geração de novas riquezas profundamente vinculadas ao desmantelamento de burocracias governamentais e a intervenção estatal para desregular os mercados de forma seletiva e aliado a tudo isso, a deslegitimação das instituições (SENNETT, 2008, p.12).

Com a crise global de 2008 e a concorrência entre as empresas cada vez mais acirrada, se percebe um contingente ainda maior de corporações transnacionais que governam as atividades econômicas dos países, resultando com isso, a concentração do poder privado, ou melhor, o aprofundamento do processo de ultramonopolização privada, fato esse até então, sem paralelo histórico. Assim, de acordo com Pochmann (2011, p.47), "[...] não são mais os países que têm empresas, mas grandes corporações empresariais que possuem países". Dessa forma, para o autor, o projeto de sociedade existente não pode ser universalizado, a não ser pela forte desigualdade que gera, pois simultaneamente permite a absorção de alguns em

detrimento da exclusão da maioria da população. Fortalece-se a ideia de uma sociedade para poucos.

Face a isso, compreender o significado do trabalho no mundo contemporâneo consiste em reconhecer que, em nossa era, o trabalho ocupa um lugar privilegiado na sociedade, uma vez que ao longo de sua história foi adquirindo valores morais e sociais que acabaram incorporados à vida humana, tornando-se o sentido dela. Consiste ainda, segundo Antunes, em entender suas contradições, seus múltiplos sentidos e as formas de centralidade que toma tanto em nossa sociedade, como para os sujeitos que necessitam dessa atividade vital.

E essa contraditória processualidade do trabalho, que emancipa e aliena, humaniza e sujeita, libera e escraviza, converte o estudo do trabalho humano numa questão crucial de nosso mundo e de nossas vidas neste conturbado século XXI, cujo desafio maior é dar sentido autoconstituente ao trabalho humano [...] (ANTUNES, 2009, p.12).

A livre produção e a circulação de mercadorias constituem-se na essência do capitalismo. Para esse sistema político-econômico, que traz em seu bojo formas de dominação e filosofia ideológica de funcionamento, o que diferencia os indivíduos não é a sociedade, mas a capacidade de trabalho de cada um. O trabalho, então, ocupa um lugar central como definidor da inserção social do sujeito, ou seja, em uma sociedade de consumidores, onde ser sujeito custa dinheiro, sua capacidade de consumo é o que define sua posição social e seu modo de integração ou não ao mundo.

Conforme mencionamos, as alterações que a sociedade sofreu a partir da década de 70, que resultaram em novos paradigmas e em uma nova concepção do capitalismo imposto à organização social, afetaram de forma substancial a subjetividade e os valores do indivíduo. A maneira de ser da classe trabalhadora se tornou mais heterogênea, fragmentada e complexificada (ANTUNES, 2009). O autor, esclarece que:

[...] a classe-que-vive-do-trabalho sofreu a mais aguda crise deste século, que atingiu não só a sua materialidade, mas teve profundas repercussões na sua subjetividade e, no íntimo inter-relacionamento destes níveis, afetou a sua forma de ser (ANTUNES, 2009, p.206).

Há também uma transformação qualitativa na configuração do trabalho, que nesse sistema flexibilizado necessita cada vez menos do trabalho estável e cada vez mais das diversificadas formas de trabalho parcial, terceirizado, temporário, subcontratado, precário.

Enfim, com regimes e contratos de trabalho mais flexíveis, tendo como consequência certo desmantelamento do sistema trabalhista.

Ainda em decorrência dessas transformações, o setor de serviços recebe uma ampliação de notáveis proporções, ocupando um lugar privilegiado na compreensão do significado atribuído ao trabalho no mundo contemporâneo. Segundo Pochmann (2011, p.61) neste começo de século XXI, mais de 70% de ocupações são as que envolvem as atividades de serviços.

Verificamos que, nos dias de hoje a produtividade que mais cresce advém do trabalho imaterial, há uma evolução da intelectualização nos procedimentos de trabalho nos setores industriais e de serviços. Tendo, desse modo, o trabalho abstrato um papel decisivo na criação de valores de troca, traço crucial do capitalismo atual. Observa-se com isso que, a reflexão da centralidade do trabalho hoje move-se em torno do trabalho imaterial, tendência presente no mundo da empresa capitalista moderna, a qual se encontra em interação com as formas de trabalho material (ANTUNES, 2009, 125).

Prosseguindo com o autor, "pode-se constatar de um lado um efetivo processo de intelectualização de trabalho manual; de outro, e em sentido inverso, uma desqualificação e mesmo subproletarização, expressa no trabalho precário, informal, temporário etc" (ANTUNES, 2009, p. 210). Para Pochmann (2011, p.14), a "concentração desta nova e imensa riqueza em poucas mãos é que potencializa a grave crise do capital globalizado".

Em uma sociedade produtora de mercadorias, com a ampliação do trabalho imaterial e concomitante alterações nas competências laborais, torna-se premente, portanto, aos trabalhadores o amplo acesso ao conhecimento, ou melhor, que tenham acesso à educação ao longo de sua vida. Dessa maneira, ocorre uma alteração na imagem tradicional do trabalhador, que agora demanda novo perfil e novo conceito de qualificação profissional. Requer uma formação profissional compatível com as exigências de empresas cada vez mais internacionalizadas e geridas em rede, assim como com o ininterrupto desenvolvimento tecnológico, requer aspectos cruciais que elevam as habilidades e os requisitos de qualificação profissional para o trabalho. Enfim, na chamada sociedade do conhecimento, a educação e a

formação precisam ser continuadas ao longo da vida útil das classes dos trabalhadores (POCHMANN, 2011, p.60).

Nota-se com isso que, os jovens com condições financeiras, filhos de pais de classes média e alta, os quais possuem condições de financiar a inatividade dos filhos, podem dedicar-se somente aos estudos e ingressam no mercado de trabalho depois do cumprimento do ensino superior. O mesmo não se dá-se com os jovens filhos de classe baixa, pois esses não tem como manter-se somente inativos, buscam trabalho em conjunto com seus estudos e muitos abandonam a escola. O fosso aprofunda-se mais e mais entre as classes sociais e, quando do acesso as melhores oportunidades de trabalho, as melhores vagas, esses jovens encontram-se praticamente condenados ao trabalho precário e/ ou informal.

Outra questão ainda, diz respeito à condição econômica em que a sociedade se encontra. Por exemplo, se a economia está em alta no país, as perspectivas de futuro são otimistas, entretanto, em épocas de crise econômica, de retração econômica, as possibilidades de mobilidade social tornam-se escassas. Diante de um cenário negativo e incrédulo fazer projetos de futuro é algo desolador, frente as pessimistas possibilidades de sua concretização. Isso se torna mais dramático ainda com jovens que possuem baixa escolaridade. Mas, por outro lado, cabe ressaltar que o desemprego não afeta somente as classes baixas e com pouca escolaridade. Afeta também os mais escolarizados, que se veem com restrições de escolha de trabalho e diante de trabalhos que estão aquém de sua formação escolar.

Sennett (2012) é um autor da nossa atualidade que tão bem analisa a nova economia e suas relações com as mudanças estruturais na ordem do trabalho. Para ele, a dimensão do tempo no novo capitalismo, os mercados de ação global ou o livre-comércio, e não simplesmente a transmissão de dados *hi-tech*, é o que dá o tom e que afeta mais diretamente a vida emocional das pessoas no trabalho e fora do local de trabalho.

De acordo com Sennett (2012, p.31), o tempo na vida dos indivíduos, na era pré-capitalismo flexível, era vivido por muitos como linear e previsível. O trabalhador podia projetar sua linha do tempo presente e futuro, sua entrada no trabalho e também sua aposentadoria. Ou seja, seu ambiente de relativa estabilidade e segurança, permitia-lhe elaborar planejamentos que contemplasse o longo prazo de seu futuro profissional.

Em nossa era, contudo, esse estilo de vida desmoronou. E é visto hoje em dia como um estilo conformista, ou podemos dizer, até mesmo desprezível, pois o sujeito, na nova ordem do trabalho, é impelido a correr riscos e manter-se continuamente aberto às mudanças. O passado estável é, então, confrontado por um novo regime: o da flexibilidade.

A flexibilidade é um conceito importante na medida em que a organização flexível e com maior mobilidade, exige alta adaptabilidade por parte dos trabalhadores diante de novos cenários e novas formas de desempenhar o trabalho, quanto também novas formas de agir diante da obsolescência dos recursos físicos, das demandas por resultados de curto prazo e do agir perante condições instáveis e fragmentárias. Essas condições, além da alta rotatividade que se instala, levam o trabalhador a ter um baixo sentimento de pertencimento e lealdade profissional. Com isso a relação do sujeito com o trabalho fica mais superficial. Dissemina-se a ideia que o indivíduo precisa exercer o desprendimento necessário da família, dos lugares, das tradições culturais e de seu sentido quanto às projeções da própria vida.

Por outro lado, Sennett (2012, p.10), diz que, a flexibilidade dá as pessoas mais liberdade para moldar suas vidas, contudo, o próprio autor faz a crítica, pois para ele, essa nova ordem do trabalho impõe novos controles que são difíceis de entender. Isto é, a extensão e a ascensão do novo capitalismo, principalmente no que diz respeito ao trabalho e sua lógica de funcionamento hoje; trabalho precário, terceirizado, por projetos, parcial, ou seja, formas de poder que ideologicamente não são claras para os trabalhadores, são contraditórias e ambíguas, mas que beneficiam os detentores do poder e prejudicam os trabalhadores em seus direitos.

Outro fator que contribui para essa dificuldade imposta de leitura do contexto social do capitalismo atual é o que Bauman (2001, p.23) chama de "'efeito colateral' da nova leveza e fluidez do poder, cada vez mais móvel, escorregadio, evasivo e fugidio", que contribui para o declínio dos projetos sociais e coletivos. Tais projetos proporcionavam narrativas para a vida dos sujeitos. Para o sujeito, isso se torna um problema a ser gerenciado, pois esse se vê agora sem os referenciais e garantias, que eram propiciados pela tradição e estabilidade. Essa falta de referenciais e garantias, aliado a uma tempo da instantaneidade, da fluidez e cuja ordem do trabalho demanda trabalhadores ágeis, abertos a mudanças a curto prazo, que assumam riscos continuamente e dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais

(SENNETT, 2012, p.9), dão o mote de algumas das pressões que o jovem, bem como os trabalhadores em geral, sofrem constantemente no mundo do trabalho. E mais, quem não acompanha as características e o ritmo desse processo, pode ficar defasado, ou de forma mais grave, ameaçado a ficar de fora do jogo e ser deixado para trás.

Em oposição a estabilidade do passado, os valores de nossa época, são valores de camaleão, porque se desvalorizam em curtíssimo período de tempo e podem ser traduzidos utilizando as palavras de Sennett (2012, p.21): "Não há longo prazo". Frente a isso, nos questionamos: diante de um mundo célere, em movimento, em que tudo muda em uma velocidade instantânea, como os jovens equalizam suas expectativas de previsão e realização no futuro? Como na lógica da volatilidade fica a noção de futuro e projeções de longo prazo?

Assim, muitos autores, ao analisarem esse cenário contemporâneo, tomam que a lógica de longo prazo tem sido substituída pela de curto prazo, pois elaborar planejamentos de longo prazo fica extremamente difícil de se idealizar, então requer-se que o sujeito, o jovem, o trabalhador, busque estratégias sustentadas mais no curto prazo e leve em conta a rapidez dos acontecimentos, ou melhor, espera-se que faça sínteses e que constantemente reelabore seus projetos diante da instantaneidade da contingência. Para Bauman (2001, p.158), "o "longo prazo", ainda que continue a ser mencionado, por hábito, é uma concha vazia sem significado".

Ao relacionar a durabilidade dos objetos ou sua transitoriedade, o autor faz uma contraposição entre a modernidade sólida e a modernidade líquida. Enquanto que a modernidade sólida colocava a duração eterna como principal motivo e princípio da ação, a modernidade fluída subverteu radicalmente a duração eterna. Então, nas palavras do proferido autor:

É a capacidade como a de Bill Gates, de encurtar o espaço de tempo da durabilidade, de esquecer o "longo prazo", de enfocar a manipulação da transitoriedade em vez da durabilidade, de dispor levemente das coisas para abrir espaço para outras igualmente transitórias e que deverão ser utilizadas instantaneamente, que é o privilégio dos de cima e que faz com que estejam por cima (BAUMAN, 2001, p.159).

Nesse sentido, as pessoas que estão no comando, podem garantir que seus próprios objetos sejam sempre duráveis e o dos outros transitórios. Isso significa uma forma de

monopolizar o poder do bem durável para si e expandir a fluidez de maneira não codificada e confusa para os outros, perpetuando a transitoriedade e a obsolescência de um lado e de outro, a manipulação, em favor de si.

O contexto do trabalho, por sua vez, movido pela flexibilidade, por demandas de resultados ao curto prazo, rotatividade de bens e rotatividade nas relações sociais, com contratos temporários, trabalho por projetos, e por conseguinte, maior mobilidade ocupacional, remete os sujeitos a projetos de futuro que contemplem o curto prazo. Remete que se façam projetos caracterizados pela variabilidade, pois deve-se ficar alerta frente as possibilidades e oportunidades que possam surgir e no contexto, alterá-los. Portanto, um projeto maleável e não rígido.

Frente às implicações nas mudanças das relações entre o homem e seu trabalho, verificamos que, solicita-se ao sujeito que aprenda a jogar na aleatoriedade.

Para tanto, para compreendermos essa solicitação, retomaremos mais um vez os mitos gregos Chronos e Kairós, divindades que qualificam o tempo vivido, como também indicam as possibilidades que advém com esse tempo. Conforme já mencionamos, o tempo dos projetos lineares se dá no tempo de natureza Chronos, um tempo do previsível, do linear, cujas habilidades de planejamento de quem os idealiza, são valorizadas. Assim, de acordo com Pelletier (2001, p.4), ao analisar o decorrer de projetos no mundo contemporâneo, o autor relata que pode acontecer algo a qualquer momento que o desfaça, mesmo que tal projeto seja muito bem elaborado, bem construído ou muito bem organizado. O autor, contudo, ao referir-se aos projetos de natureza Chronos, traz a tona a ocorrência de rigidez. Isto é, o sujeito pode ter o objetivo de seu projeto tão presente em sua mente que pode, muitas vezes, não estar atento a outras oportunidades e outras possibilidades que outrora surgirão e perdê-las por conta da rigidez.

Prosseguindo com o autor, por outro lado, projetos de natureza Kairós, assumem uma história de intenção, de expectativas indefinidas, pois faz-se necessário, que se mantenha uma leitura o suficiente flutuante da realidade, para que no momento em que as oportunidades aparecerem, os sujeitos de seus projetos saibam reconhecê-las. Isso significa entender que, ao manter uma abertura no projeto, o sujeito abre-se por meio da experimentação ou da

experiência para os acontecimentos e imprevistos e não do planejamento, em uma sequência ordenada. Então, na atualidade é necessário contar com o tempo de kairós, o tempo onde ocorrem os *turning points*, as mudanças bruscas, os eventos inesperados, as rupturas, ou melhor, o momento de aproveitar o tempo certo, a ocasião, a oportunidade. Esse é um tempo que só pode ser plenamente compreendido por aquele que o vive, por aquele que entra em confronto com o imprevisível, com o imponderável, com o inédito.

Por fim, consideramos que a lógica da contemporaneidade, de um mundo instável e incerto, cria possibilidades entre Chronos e kairós, isto é, os projetos de natureza Chronos – linear, previsível, articulam-se com os projetos de natureza Kairós – lidar com as mutabilidades do contexto. Apoiamo-nos nas ideias de Pelletier (2001), pois para o autor, existe um timing no tempo de Kairós, que é o oportunismo, que é a atitude de ficar alerta para as oportunidades e agarrá-las. Consideramos que é dessa forma que os projetos dos jovens hoje estão sendo constituídos. Porém, cabe destacar que constituir projetos é considerar o processo e mesmo que os jovens desenvolvam uma atitude de experimentação e de ação (kairós), nem por isso permanecem presos ao presente, pois conforme mencionamos o projeto se faz na articulação dialética entre passado, presente e futuro.

Quanto a noção de futuro, vale mencionar que os sujeitos hoje se encontram diante de um "futuro privatizado e plural" (PELLETIER, 2001, p.14). Privatizado porque o sujeito hoje não tem mais disponível um projeto de sociedade com o qual contar, pois em um mundo pretérito onde se assegurava a estabilidade e linearidade, adiciona-se um mundo presente imerso na diversidade, complexidade e pluralidade. É plural porque é um mundo aberto a novas experiências, que se desdobram cada vez mais em novas experiências, que abrem novas perspectivas sociais, econômicas e políticas, impostas pela rapidez das mudanças e pela tecnologia virtual.

Verificamos então que, no âmbito de uma sociedade constituída por concepções abertas, que levam a consequências inesperadas e imprevisíveis, a abertura, as novas formas de fazer as coisas, bem como a possibilidade de interagir com a diversidade do pensamento, revelam suas contradições. Uma delas é a que trata de difundir aos jovens a necessidade de tornarem-se adaptáveis ao contexto.

Confrontar-se com a certeza da incerteza, bem como vivenciar situações imprecisas, faz com que seja necessário aprender a conviver na mudança, aprender a conviver em um mundo, cuja característica principal é a mobilidade. Portanto, a aprendizagem é uma peça fundamental, visto que contém o processo, a transformação, a preparação permanente para a mudança. Com esse ponto de vista, confrontamos a visão que muitos autores trazem, que é a de adaptação às mudanças, pois para nós, adaptar-se ao contexto soa como algo dado, inevitável e preciso e não como processo.

Outra contradição que afeta diretamente os jovens, diz respeito ao medo do futuro.

Novaes cita várias pesquisas desenvolvidas com jovens, cujo medo do futuro aparece de forma recorrente, o qual estão comumente associados ao trabalho, pois o medo expressa-se pelos sentimentos de uma geração que se defronta com um mercado de trabalho restritivo e mutante. Além disso, a autora menciona o conflito existente entre os pais e os jovens e faz uma importante comparação entre os conflitos de uma geração e o de outra.

Hoje, nas relações familiares, a incerteza quanto à inserção no mundo do trabalho tem um peso semelhante ao que a questão sexual, sobretudo para as mulheres, teve nas gerações passadas. Os conflitos que aumentam em casa são aqueles relacionados à área do trabalho, no presente e no futuro (NOVAES, 2006, p.109).

E finalmente, concluimos com a autora, quando afirma que "com todas as diferenças de expectativas, os jovens de diferentes classes sociais temem o futuro" (NOVAES, 2006, p.110).

Capítulo 4 - O Método

"A procura de um método torna-se um dos problemas mais importantes de todo o empreendimento para a compreensão das formas caracteristicamente humanas de atividade psicológica. Neste caso, o método é, ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo (Vigotski, 2000, p.86).

4.1- Considerações metodológicas

Não há um método que seja alheio a uma concepção de realidade. De maneira semelhante, não é possível conceber um método sem ter em mente a concepção de homem e a relação homem-mundo. Neste sentido, toma-se o método como forma de abordar o objeto, uma forma de pensar a realidade.

Para tanto, tendo em vista o desenvolvimento desta pesquisa, buscamos apoio teórico-metodológico na Psicologia Sócio-Histórica, que tem Vigotski como um de seus autores centrais. Na construção de sua abordagem teórica e forma de compreensão da realidade, Vigotski se fundamentou no materialismo histórico-dialético.

Desta forma, o autor se preocupou em construir conceitos teóricos que pudessem dar conta de compreender o homem em sua totalidade e em sua relação com a sociedade. Neste referencial, o sujeito é concebido como um ser social constituído historicamente e dialeticamente nas relações com o mundo material no qual está inserido. A partir de tais relações, no movimento da atividade, ele vai se constituindo como sujeito singular e, ao mesmo tempo, sujeito social. Ou seja, um sujeito historicamente constituído que, ao transformar a realidade natural em uma realidade cultural ou humana, por meio do trabalho, não somente se constrói, como também cria relações com os outros indivíduos. O trabalho, portanto, é constitutivo da subjetividade humana, uma vez que simultaneamente altera a natureza e transforma o próprio ser que trabalha.

Para buscar compreender como os jovens estão significando seus projetos de futuro mediados pelo tempo contemporâneo, é preciso um método de apreensão do real que possa se aproximar das significações (sentidos e significados) dos jovens que, vale lembrar, são criadas conforme o conjunto de suas relações sociais, pelo seu empreendimento de ações e relações que existem entre indivíduo e sociedade, bem como por suas vivências no mundo. Assim,

buscamos, com o método materialista, histórico e dialético romper com as visões simplistas e ingênuas da realidade a ser investigada, uma vez que esta não pode ser entendida como fixa ou imutável e, sim, conforme já mencionamos, uma realidade em permanente movimento e transformação.

O método, portanto, possui um referencial crítico interessado em combater os reducionismos e as dicotomias existentes, pois, na concepção teórica que subsidia nosso estudo, o sujeito não está em uma posição de oposição à sociedade. Ao contrário, indivíduo e sociedade, bem como subjetividade e objetividade, não são apreendidos como elementos isolados, mas como pares dialéticos, constitutivos um do outro num movimento de transformação constante. Por meio da dialética, fica claro que os fenômenos devem ser compreendidos em suas múltiplas conexões, em suas relações parte-todo, em suas contradições — e não isoladamente —, as quais são configuradas e constituídas neste mesmo movimento. Desta forma, a função primordial do método dialético é elucidar o movimento histórico da realidade, simultaneamente objetiva e subjetiva, bem como investigar os processos constitutivos dos fenômenos humanos.

No intuito de compreender tal movimento e seus processos, partimos da premissa de que precisamos apreendê-los para além da aparência de seus fatos empíricos, uma vez que entender o real depende de um esforço do pesquisador em olhar para além da aparência — o real não se mostra diretamente e a aparência não revela o todo. Tal compreensão permite que se vá mais além, em busca do processo, entendendo como o fenômeno se desenvolveu. Para isto, se faz necessário abordar a realidade em seu movimento. Cabe, então, ressaltar que a contradição é o que move a realidade, ela é a mola propulsora da mudança. Portanto, entender as contradições é primordial para compreender o real, para entender a realidade em movimento.

Como mencionado, pretendemos apreender e explicar a realidade em seu processo dialético e histórico de constituição. Importante ressaltar que, trabalhando com o método baseado na Psicologia Sócio-Histórica, autores como Bock e Gonçalves (2009, p.139) nos lembram que, ao se buscar o entendimento de nosso objeto de investigação, não se responde "o que é", mas sim "como se constituiu".

Sendo assim, para compreender o humano em toda a sua complexidade, bem como produzir teoria sobre ele, precisamos de categorias que expliquem, ou que ajudem a entender, o movimento do homem em relação ao mundo e do mundo em relação ao homem.

É por meio de algumas categorias teórico-metodológicas da Psicologia Sócio-Histórica, como historicidade e significações, que analisaremos nosso objeto de estudo, os projetos de futuro dos jovens mediados pelo tempo do contemporâneo. Para tanto, faz-se necessário entendermos porque a Psicologia Sócio-Histórica trabalha com categorias como modo de explicar o real. As categorias revelam e permitem fazer a articulação entre as relações que são constitutivas dos fenômenos e ainda permitem alcançar as múltiplas determinações que constituem o fenômeno. Bock e Gonçalves (2009, p. 140) explicitam esta questão:

As categorias inauguram a possibilidade de se falar de elementos que caracterizam os fenômenos, mas que só podem ser captados, como relação, pelo pensamento. As categorias são categorias de pensamento que permitem que se ultrapasse a aparência (enganosa) dos objetos e se compreenda sua gênese e seu movimento. Não se buscam as causas, mas os elementos e aspectos que constituem os objetos como se apresentam a nós, em seu movimento de transformação constante.

Nesta mesma direção de pensamento e retomando que as categorias expressam a compreensão da realidade, concordamos com Aguiar (2001, p. 95) que as entende como abstrações, construções intelectivas com a intencionalidade de explicar o movimento do real, ou melhor, pretendem dar conta de uma determinada zona do real. Assim, nas palavras da autora:

As categorias se apresentam [...] como aspectos do fenômeno, constituídos a partir do estudo do processo, do movimento, da gênese deste último [...]. São construções ideais (no plano das ideias) que representam a realidade concreta e, como tais, carregam o movimento do fenômeno estudado, suas contradições e sua historicidade.

Se os fenômenos são contraditórios, então o sujeito também o é. Para tanto, precisamos perceber o sujeito em sua complexidade, nas multideterminações que o constituem. Neste sentido, buscamos a gênese social do individual, pois o sujeito é individual e social ao mesmo tempo.

Para compreendermos, de forma mais aprofundada, a noção que o jovem tem hoje de projeto de futuro, nos compete agora entendermos sua subjetividade, ou melhor, a categoria subjetividade do jovem.

A subjetividade é compreendida a partir da relação entre o sujeito e a sociedade, o externo e o interno, entre o subjetivo e o objetivo, pois conforme afirma González Rey (1999, p.108):

(...) a subjetividade é definida como a organização dos processos de sentido e significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua.

Na discussão ontológica da subjetividade e na fundamentação de homem que compartilhamos, a subjetividade é uma dimensão que se relaciona ao sujeito, ou como nos diz González Rey (2005, p.35), "o sujeito passa a ser uma categoria central do estudo da subjetividade". Tendo ela em si, como unidade central, as configurações de sentido que integram o atual e o histórico, em cada momento de ação do sujeito, dentro de seus diferentes tipos de atividades e nas diversas áreas de sua vida.

A subjetividade, então, é um sistema em desenvolvimento, no qual as novas produções de sentidos constituídos nas atividades do sujeito influenciam o sistema de configurações da personalidade, não de modo imediato, mas de modo mediato nos processos de reconfiguração que acompanham a constante processualidade dos diferentes sistemas de atividade e de relações do sujeito (GONZÁLEZ REY, 2005 p. 35).

A adesão a este modo de conceituar a subjetividade nos leva a compreendê-la como processual e histórica, para a sua produção. Desta forma, rompe com toda e qualquer concepção que trate a subjetividade como algo dado, definitivo, estático. Ou ainda como concepção metafísica ou universal.

Vemos, portanto, um indivíduo constituído pela sociedade e pela história e ao mesmo tempo um indivíduo que constitui sua sociedade e produz história, pois, de acordo com Marx (1978, p.328), "os homens fazem sua própria história, mas não a fazem sob a circunstância de sua escolha e, sim, nas condições objetivas da realidade existente".

A afirmação do homem como sujeito histórico é expressão de um lugar concreto que foi sendo por ele construído e ocupado. É a afirmação de uma possibilidade, historicamente construída, que o homem tem de, percebendo-se como sujeito ativo que constrói a própria existência, interferir deliberadamente, de maneira posicionada, nos rumos que deve ter a história, seja a sua história, seja a história da

humanidade, nessa concepção, o homem não pode ser concebido fora da história dos homens. (GONÇALVES, 2010 p.24).

Os sujeitos históricos configuram-se como elementos constituintes dos fenômenos sociais ao mesmo tempo em que são constituídos pelo social. Ou seja, o indivíduo se constitui na relação dialética entre o subjetivo e o objetivo.

Isto significa entender a dialeticidade da relação indivíduo-sociedade, compreender que, mesmo havendo uma relação de complementaridade entre indivíduo e sociedade, cada um tem sua identidade preservada, um fenômeno não existe sem o outro e ao mesmo tempo um contém o outro. Portanto, o sujeito se constitui enquanto síntese de múltiplas determinações, pois como explicitam Aguiar e Ozella (2013, p.301):

Este homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela - em todas as suas expressões - a historicidade social, a ideologia, as relações sociais e o modo de produção. Ao mesmo tempo esse mesmo homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos.

Neste sentido, retomamos o método materialista histórico e dialético, que busca vencer os desafios impostos por toda a complexidade que envolve o sujeito social, singular e histórico, e a complexidade do mundo, no âmbito de uma pesquisa.

Importante ainda observar que, no processo histórico em que o homem atua sobre a realidade e ao mesmo tempo é modificado por essa, verificamos que o conhecimento também se dá neste processo de transformação. Deste modo, o trabalho do pesquisador ao iluminar a realidade através do método, utiliza-se deste caminho para chegar ao conhecimento, uma vez que parte-se do empírico para se chegar ao concreto. Contudo, pelo fato da realidade estar em movimento constante, ser variável e múltipla, faz-se necessário compreender o quanto é impossível apreender todas as determinações constitutivas do real investigado.

Aproximar-se da subjetividade significa se embrenhar nas formas mais complexas de expressão do sujeito: se aproximar de seus sentidos. Mas o sentido não é algo que aparece diretamente nas respostas dos sujeitos, ele aparece disperso e necessita de nossas interpretações e construções para lhes dar significado. É nessa mesma linha de pensamento que Aguiar (2001, p.130) se questiona a respeito de como assimilar este sentido, este algo que está além da aparência, como fica claro em sua citação de Vigotski, que afirma que "para

apreender um processo interno é necessário exteriorizá-lo, relacionando-o com alguma outra atividade exterior".

A autora ressalta que a palavra com significado é a unidade de análise, e esta encerra em si as propriedades do pensamento, que por sua vez, também se constitui como uma mediação deste. Assim a fala – nessa tese, a palavra com significado é investigada em sua forma escrita por meio do instrumento de Frases Incompletas. Assim, esse instrumento constitui o ponto de partida para a apreensão das significações dos sujeitos. Para a compreensão da fala é necessário buscar as múltiplas determinações que a compõem, pois todas as expressões dos sujeitos são sociais, históricas e culturais. Todas as suas expressões são únicas, mas ao mesmo tempo são sociais. "Cabe ao pesquisador buscar essas determinações (históricas e sociais) que se configuram no plano do sujeito como motivos, necessidades e interesses" (AGUIAR, 2001, p.131).

Importante observar que as necessidades representam fatores de mobilização do o sujeito, criando situações em que, muitas vezes, nem o próprio sujeito é capaz de identificar o que lhe falta, uma vez que elas também são produzidas social e historicamente.

4.2 As categorias teóricas metodológicas em nossa pesquisa

4.2.1 Historicidade

Como mencionado, trabalharemos essencialmente com as categorias historicidade e as significações para analisarmos o objeto de investigação desta pesquisa. Pois são essas categorias que nos permitem empreender os esforços de análise necessários tanto à compreensão dos jovens em relação ao seus projetos de futuro, como em relação ao movimento dialético e histórico do mundo em que vivem. Apesar de delimitarmos nossa análise tomando por base tais categorias, cabe salientar que a Psicologia Sócio-Histórica trabalha com um conjunto de categorias, entrelaçadas entre si, como forma de explicitar a complexidade do real. Contudo, não nos ocuparemos aqui de explicá-las uma a uma, havendo ênfase somente nas categorias que auxiliam diretamente no presente estudo.

Para Bock e Gonçalves (2009, p.138), a noção básica da Psicologia Sócio-Histórica é a historicidade, pois de acordo com as autoras:

O que significa ter como ponto de partida a concepção de que todos os fenômenos humanos são produzidos no processo histórico de constituição da vida social. Essa vida social se constitui na materialidade das relações e entre os homens e a natureza, para a produção da sua existência.

Por tais razões, falar de uma história criada pelo homem em suas relações sociais, por meio de sua atividade, requer destacar o caráter materialista e dialético da condição histórica. Kahhale e Rosa (2009, pg 25) explicitam esta questão:

[...] Isso quer dizer que a forma de análise adotada entende o processo histórico humano a partir das determinações fundamentais da base material sobre a superestrutura, num processo necessariamente dialético. A base material da sociedade encerra um processo contraditório entre as relações sociais de produção e o desenvolvimento de forças produtivas.

As autoras vão além e defendem a concepção de que "matéria existe objetivamente, isto é, fora e independentemente da percepção e da consciência do homem" (KAHHALE E ROSA, 2009, p.27). Da mesma forma, a matéria constitui toda a diversidade infinita do mundo e, por isso, também se refere aos objetos, fenômenos e processos que existem, além dos que já existiram e os que ainda existirão no mundo.

Sendo assim, como dito anteriormente, nossa análise será calcada na dialeticidade indivíduo-sociedade, sobretudo em seu caráter histórico. Estabeleceremos nossas compreensões dentro de uma perspectiva que busca a gênese histórica dos fenômenos sociais e psicológicos, bem como suas contradições e múltiplas determinações existentes, contrapondo-as às visões naturalizantes e universais sobre os fenômenos. Isto é, apontar o caráter histórico dos fenômenos nos auxilia em uma análise que possibilita sua desnaturalização.

É neste sentido que a categoria historicidade nos auxilia a compreender ou mesmo desvendar a complexidade do real e do humano, pois, de acordo com Ozella e Aguiar (2013, p.302), esta categoria "permite olhar para a realidade e pensá-la em movimento e, mais do que isso, apreender seu movimento".

A historicidade implica não o simples movimento, mas também e sempre uma determinada direção na mudança, uma direção que se expressa em transformações

qualitativas de determinados complexos, tanto em-si quanto em relação com outros complexos (LUKÁCS, 1979, p. 79).

De outro modo, podemos dizer que o nosso “olhar” sobre a realidade não é destituído de uma concepção teórica, histórica e política do mundo. Pelo contrário, nossa compreensão do mundo está pautada pelo movimento dialético e histórico do seu processo de constituição. Em face disso, os capítulos teóricos empreenderam esforços até aqui em buscar a historicidade dos fenômenos que nos interessam neste estudo: juventude, projetos de futuro e tempo.

4.2.2 As significações: sentidos e significados

Conforme já salientamos anteriormente, há que considerar que, ao tratarmos das significações na Psicologia sócio-histórica, estamos nos referimos à articulação entre sentidos e significados. Tais categorias se constituem no mesmo processo, na relação dialética entre subjetividade e objetividade. Isso significa entender que uma categoria não existe sem a outra, entretanto, uma não é a outra. Articuladas a estas categorias estão as categorias pensamento e linguagem que, de forma conjunta e dialética, auxiliam na apreensão do humano. Utilizando estas categorias, nos aproximamos daquilo que mais revela o sujeito como sujeito: sua subjetividade.

De acordo com Aguiar et. al (2009), Vigotski (1995, p.84) afirma que a significação “[...] é a atividade mais geral e fundamental do ser humano, a que diferencia em primeiro lugar o homem dos animais do ponto de vista psicológico”. O homem ao nascer encontra um sistema de significações pronto, fruto de produções históricas e sociais. Desta forma, os significados se referem a uma construção social, de origem convencional e são relativamente estáveis e fixos, sendo assim compartilhados e apropriados pelos indivíduos.

Faz-se necessário pontuar aqui que, na discussão da significação, ou do ato de significar, o significado é o aspecto que torna possível a relação social, pois a significação, que é social e historicamente construída, tem o poder de converter o fato natural em fato cultural, permitindo a passagem do plano social para o pessoal. Isto é, a capacidade de

significação se refere ao processo de constituição do pensamento e, por sua vez, da constituição dos significados e dos sentidos.

Ao explicitar o processo de constituição dos sentidos, Aguiar et. al, afirmam que:

No processo humano, os significados sociais compartilhados, mais estáveis, mediadores do processo de comunicação e, por que não, do próprio processo de humanização, são transformados/convertidos em sentidos, num processo subjetivo, que contém - como elemento essencial - a realidade objetiva. [...] os significados sociais, que serão internalizados e transformados em sentidos, só existem enquanto tal porque os homens, na sua atividade no mundo social e histórico, os constituíram e os constituem permanentemente (AGUIAR et al, 2009, p.63).

Desta forma, se observa que os sentidos são uma categoria mais ampla do que os significados, uma vez que se caracterizam por uma formação mais fluída, instável e complexa. Referem-se ao sujeito, constituem sua expressão ou, mais precisamente, constituem o modo particular do sujeito, os aspectos mais próprios da sua subjetividade, os quais carregam a marca de sua individualidade. Assim, o sujeito se apropria da realidade a partir de sua subjetividade, que é social e histórica. Tais experiências do sujeito vão ser reconfiguradas de acordo com seu modo de ser, sobretudo com seu modo emocionado e afetivo de se apropriar dos significados sociais. Em face disso, verificamos que os sentidos são constituídos pelas mediações histórico-sociais que, na atividade, forjaram o modo de pensar, sentir e agir do sujeito.

Ao longo da vida, todos os sujeitos produzem sentidos, então, nesta pesquisa, buscaremos nos aproximar dos sentidos que nossos sujeitos atribuem aos seus projetos de futuro. Pois, como observam os autores Aguiar et. al, (2009, p. 65) "falar de sentidos é falar de subjetividade, da dialética afeto/cognição, é falar de um sujeito não diluído, de um sujeito histórico e singular ao mesmo tempo".

4.3 O processo de coleta de informações

4.3.1 Os sujeitos desta pesquisa e o local de informação

Os sujeitos de nossa pesquisa são 30 estudantes, sendo 19 jovens de Ensino Médio de escolas particulares de São Paulo e 11 jovens de cursinhos pré-vestibulares particulares, também localizados em São Paulo. Os instrumentos de pesquisa foram aplicados em uma instituição que tem como missão atender os jovens em suas demandas educacionais, sociais e de formação humana. Esta instituição é tradicionalmente reconhecida na cidade de São Paulo por seu Programa de Orientação Profissional para jovens e é o local onde trabalho como orientadora profissional.

Os jovens participantes da pesquisa vieram para um Programa de Orientação Profissional. Primeiramente, antes do início do atendimento, tanto os pais quanto os jovens foram informados da pesquisa, e foi entregue um termo de consentimento para o jovem e um termo de consentimento para os pais de jovens menores de idade. O intuito do termo de consentimento é o de esclarecer o teor da pesquisa e validar a participação dos filhos. Para os maiores de idade, eles foram os responsáveis e assinaram o termo de consentimento. A faixa etária dos sujeitos variou entre 16 anos e 19 anos. Cabe salientar que são jovens pertencentes às camadas socioeconômicas média e alta da cidade de São Paulo.

Os critérios que justificam a escolha dos sujeitos envolvidos na investigação levaram em conta alguns fatores, como a ampla facilidade de acesso que temos a estes jovens e a grande quantidade de jovens na instituição, pois são muitos os que procuram por orientação profissional. Uma questão importante que nos levou a escolher esses sujeitos foi o fato de serem jovens que já se encontram de certa forma mobilizados para discutirem e refletirem questões sobre seus futuros, uma vez que, ao procurarem um processo de orientação profissional, se encontram sensibilizados ou mesmo preocupados com seu futuro profissional e seus projetos de vida. Também levamos em consideração a disponibilidade de tempo dos jovens para a aplicação do instrumento.

Além disso, o instrumento de pesquisa aplicado dentro do trabalho de orientação profissional proposto auxiliou no próprio processo de orientação profissional. O conteúdo das respostas se mostrou um meio eficaz de trazer informações que foram importantes para a

pesquisa e para o orientador, possibilitando discussões e propiciando autoconhecimento aos sujeitos. E, desta forma, auxiliou em nosso objetivo de pesquisa, de nos assegurarmos que o instrumento fosse respondido no ambiente de trabalho do processo de orientação profissional. Por conta de todos estes fatores de critérios, acreditamos termos escolhido um campo favorável de pesquisa para responder ao instrumento e investigar as mediações do jovem com o seu futuro.

4.3.2 Instrumento

Para avançarmos na coleta de dados com nossos sujeitos, utilizamos um instrumento escrito, denominado de frases incompletas (BOHOSLAVSKY, 1977, pp.114-115) ou completamento de frases (GONZÁLEZ REY, 2005, p.57).

Este instrumento escrito apresenta indutores curtos, que são frases ou palavras, cujo significado frente a estas frases será dado a partir da vivência do sujeito, de sua história, ou seja, ele será convocado a expressar suas opiniões, ideias, impressões e sentimentos, cujas respostas e os sentidos aí captados nos levam a compreender o nosso objeto de estudo em sua complexidade e historicidade.

De acordo com González Rey (2005, p.57), o completamento de frases apareceu na literatura como um teste projetivo (Rotter), o qual busca significados particulares para as formas gerais de expressão das pessoas diante dos indutores. Vale observar que o instrumento, enquanto mediador da relação do pesquisador com o sujeito, é compreendido como um meio que favorece a expressão dos jovens pesquisados, fazendo com que suas expressões adquiram significado no contexto social da pesquisa. Desta forma, é considerado uma via legítima para estimular a reflexão e, por conseguinte, produzir informação na pesquisa. O instrumento privilegiará a expressão como processo, e não respostas pontuais (GONZÁLEZ REY, 2005, p.59). Faz-se necessário esclarecer que o sujeito constrói suas respostas de acordo com a intencionalidade das frases, pois os indutores/frases afetam o sujeito a partir de sua subjetividade, de sua história de vida, de seus anseios, preocupações, temores, conflitos e dificuldades, bem como de seus sonhos e desejos, que se estabelecem em torno de seus projetos de futuro.

Além das respostas dadas pelos sujeitos nas frases, ou melhor, ao expressarem os sentidos constituídos no âmbito de suas subjetividades, há também que considerar que na construção das frases há uma carga subjetiva de quem as formulou, ou seja, a subjetividade do pesquisador. E ainda é pertinente salientar que a construção das frases se mostra coerente com a fundamentação teórica e metodológica que nos orienta, pois provoca o sujeito em respostas não construídas previamente, não mecânicas, não automatizadas, permitindo ainda a expressão de elementos mais espontâneos, conteúdos inusitados e o mobiliza a refletir de forma mais aberta, mais criativa, uma vez que pedimos para que associe livremente em relação às frases propostas.

Quanto à sua aplicação, o instrumento foi aplicado em sujeitos que participaram de atendimento em grupo, o que gerou mais facilidade e praticidade para o desenvolvimento da pesquisa. A aplicação ocorreu entre abril e julho de 2015, com 30 sujeitos.

Tivemos a intenção de aplicar as frases incompletas no primeiro encontro do processo de orientação profissional, pois dessa forma, os jovens ainda estavam com suas ideias a respeito de seu futuro não refletidas e trabalhadas de forma sistemática e organizada, como é proposto dentro do processo de orientação. Nossa intenção era apreender suas ideias mesmo que confusas, ambíguas, idealizadas, ou mesmo indiscriminadas das múltiplas mediações que os afetam em relação à construção de seus futuros.

Para tanto, agora veremos as frases que compõem o instrumento:

Frases Incompletas ²⁴	
1) Pensar no futuro	_____
2) Meu maior sonho é	_____
3) Traçar projetos para mim significa	_____
4) As coisas que considero importantes para meu futuro são	_____
5) Minhas preocupações em relação ao futuro são	_____

²⁴ As frases 18 e 19 foram extraídas do teste de frases incompletas para exploração da identidade vocacional de Bohoslavsky (1977, p. 114 e 115).

- 6) Minhas intenções de futuro profissional são _____
- 7) Consideraria uma grande oportunidade _____
- 8) Passado é _____
- 9) Minha trajetória de vida até aqui _____
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento _____
- 11) Quando eu começar meu curso superior _____
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior _____
- 13) Quando estiver formado eu _____
- 14) Trabalhar para mim _____
- 15) Ser um profissional significa _____
- 16) "Chegar lá" para mim significa _____
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são _____
- 18) O mais importante na minha vida é _____
- 19) Estou certo de que _____
- 20) "Ser alguém" na vida é _____
- 21) "Não ser alguém" na vida é _____
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero _____
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu _____
- 24) Lido com as incertezas da vida _____
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu _____
- 26) Ser adulto para mim é _____
- 27) As vantagens de ser adulto são _____

- 28) As desvantagens de ser adulto são _____
- 29) O trabalho do adulto para mim representa _____
- 30) Minha família espera de mim _____
- 31) O tempo para mim (representa) _____
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam _____
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim _____
- 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu _____
- 35) Ser jovem é _____

4.3.3 Quadro geral do grupo de frases e seus objetivos

No intuito de melhor esclarecer o modo como elaboramos o instrumento, suas categorias²⁵ e os objetivos dos grupos de frases, segue abaixo uma tabela ilustrativa:

Categoria	Frases	Objetivo
Futuro	1) Pensar no futuro.... 2) meu maior sonho é.... 4) As coisas que considero importantes para o meu futuro são.....	Investigar as significações de futuro que os constituem: suas necessidades, seus desejos, seus sonhos.

²⁵ Torna-se importante ressaltar que o termo categoria neste momento é utilizado com o significado de dimensionar questões que estão agrupadas, com o objetivo de explicar as frases. Porém, seu uso, em outros momentos, se refere a um construto intelectual do pesquisador, pois as categorias aqui não surgiram como fruto da análise da coleta de dados, mas como resultantes das reflexões do pesquisador sobre as questões elaboradas a priori.

	6) Minhas intenções de futuro profissional são..... 11) quando eu começar meu curso superior 12) quando eu estiver terminando meu curso superior 13) Quando estiver formado eu 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero.....	Pesquisar sobre suas noções de futuro a curto, médio e longo prazo.
Projetos	3) Traçar projetos para mim significa.... 17) As coisas que farei para "chegar lá" são....	Investigar os elementos dos projetos de futuro, bem como sua consistência e as chances vislumbradas para a sua concretização.
Preocupações e temores frente ao futuro	5) Minhas preocupações em relação ao futuro são..... 21) "Não ser alguém" na vida é	Compreender os medos, temores e obstáculos constituídos frente ao futuro.

Expectativas de futuro	16) "Chegar lá" para mim significa 20) "Ser alguém" na vida.... 30) Minha família espera de mim.....	Pesquisar as expectativas pessoais e sociais de sucesso na vida pessoal e profissional.
Passado	8) Passado é..... 9) Minha trajetória de vida até aqui.....	Entender as significações e vivências que tem o passado e verificar como se configuram como referenciais no presente.²⁶
Presente	10) Eu quero para mim nesse exato momento..... 18) O mais importante na minha vida é..... 19) Estou certo de que	Compreender seus desejos imediatos e os valores que sustentam suas ações.

²⁶ A despeito das frases 8 e 9 tratarem sobre o tempo passado e sua importância na elaboração de projetos de futuro, cabe ressaltar que na análise efetuada, conforme descrito a seguir no capítulo da análise, as respostas dos jovens em relação a essas duas frases não trouxeram contribuições relevantes para a compreensão da construção de seus projetos de futuro. O mesmo se deu com as frases 11, 12 e 13, pois avaliamos que as respostas dos sujeitos não trouxeram dados novos, não trouxeram informações consistentes, ou seja, não contribuíram para atingir o objetivo da pesquisa.

Tempo tecnológico, virtual	31) O tempo para mim representa.... 32) Internet e o mundo virtual para mim significam.... 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim.... 34) Quando fico sem o meu <i>smartphone</i> eu	Explorar o seu tempo virtual/tecnológico Pesquisar como a dimensão do tempo e do espaço e sua relação com a tecnologia podem impactar ou não as construções dos projetos de futuro dos jovens.
Tempo de Kairós / Tempo de Chronos	7) Consideraria uma grande oportunidade 23) quando acontece algo imprevisto ou improvável eu..... 24) lido com as incertezas da vida..... 25) quando as coisas são previsíveis ou rotineiras eu....	Compreender como o jovem lida com esse mundo contemporâneo, mediado pela diversidade, complexidade e pluralidade. Pesquisar como o jovem lida ao confrontar-se com a certeza da incerteza e as experiências das situações imprecisas. Por outro lado, verificar como ele lida com a previsibilidade em sua vida.

O "ser jovem" e o "ser adulto"	35) Ser jovem é..... 26) Ser adulto para mim é..... 27) As vantagens de ser adulto são..... 28)) As desvantagens de ser adulto são.....	Investigar se há desejo em estender ao máximo sua condição de jovem. Entender qual a visão da adultez na contemporaneidade e como isso os afeta. Verificar se a adultez configura-se como um projeto desejado de ser alcançado logo ou não para os jovens hoje.
O trabalho	14) Trabalhar para mim..... 15) Ser um profissional significa..... 29) O trabalho do adulto para mim representa	Investigar os significados do trabalho, tal como a representação que eles têm do que é ser um profissional hoje em dia.

4.3.4 Procedimentos de análise

O quadro acima foi articulado de forma didática, tendo o intuito de evidenciar os objetivos de cada grupo de frases, sendo que cada conjunto/grupo abarca questões essenciais que contribuíram para atingir o objetivo de nossa pesquisa, ou seja, ajudaram no processo de apreensão das significações que os jovens produzem frente aos seus projetos de futuro

mediados pelo tempo do contemporâneo. Salientamos ainda que nossa intenção principal com o quadro foi a de organização das informações para, com isso, elaborarmos um modo de ajudar na análise.

As frases que apresentamos foram aglutinadas em dez categorias. Cabe observar que estes agrupamentos que contêm as frases não são de forma alguma fixos e imutáveis, pois uma mesma frase pode pertencer a uma outra categoria também. Ao considerarmos a análise das falas/repostas de nossos sujeitos, ponderamos que os conteúdos produzidos por eles jamais podem pertencer a um só momento de sua realidade, de seu mundo, de suas experiências, de suas vivências, não podem ser analisados como uma parte descolada do todo, uma vez que trabalhamos com a noção de totalidade, de movimento e dialeticidade dos fenômenos.

Em mais um processo de agrupamento e tendo em vista uma análise mais refinada, voltada para o nosso objetivo da pesquisa, consideramos portanto que, das dez categorias explicitadas, cinco são essenciais, elementares para esta tese, já que se apresentam como as mais expressivas, carregando um conjunto de elementos mais consistentes e integrados. Desta forma, conseguimos, por meio delas, elementos suficientes para atingir o objetivo de nossa pesquisa. As outras cinco categorias apresentadas também têm sua importância, na medida em que explicitam as cinco primeiras categorias, desempenhando o papel de conteúdos mediadores destas cinco primeiras.

As cinco categorias que denominamos como as que mais aglutinam conteúdos importantes para nossa análise são: futuro, tempo, projeto, juventude e trabalho. Assim, podemos dizer que estas categorias são a base da estrutura de nossa análise, isto é, são elas que vão estruturar e organizar nossa análise. Como é possível observar, elas mantêm uma identidade própria, embora as cinco categorias estejam estreitamente articuladas entre si e se mostrem integradas desde uma perspectiva de totalidade (de modo que uma categoria determina a existência da outra).

Capítulo 5 - Análise

"No fim da tarde, nossa mãe aparecia nos fundos do quintal : meus filhos, o dia já envelheceu, entrem pra dentro" (Manoel de Barros).

5. 1. O tempo passa como uma estrela cadente: mudanças na nossa relação com o tempo

Se debruçar sobre qual é a ideia de tempo, investigar o que se pensa dele, qual sua representação para os sujeitos, é uma tarefa complicada, envolvendo grande desafio e complexidade, pois o tempo, esta dimensão que oscila entre o incompreensível, o abstrato, o misterioso e o enigmático, "não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear, nem respirar como um odor" (ELIAS, 1998, p.7).

Além de incompreensível e misterioso, o tempo passa durante nossa vida e corre rápido. Para Elias, a trajetória da vida humana é medida com extrema exatidão – quando se refere à idade da pessoa, aos anos vividos por cada um –, em uma escala de tempo que adquire um sentido único e irreversível.

[...] por isso é que a escala temporal parece muitas vezes possuir a força coercitiva de um processo irreversível: assim, dizemos que os anos ou o tempo passam, quando, na realidade, estamos falando do caráter irreversível de nosso próprio envelhecimento (ELIAS, 1998, p.57).

Em nossa pesquisa, constatamos que alguns jovens se referiram ao tempo como uma representação da percepção de nossa existência ao longo do tempo, ou seja, o tempo representa a vida. Assim, na frase "**O tempo pra mim representa**", suas respostas foram:

- ❖ "a vida",
- ❖ "a vida vivida e o que falta viver",
- ❖ "a vida, para organizá-la, para não perdê-la;"
- ❖ "como a nossa vida passa rápido",
- ❖ "inquietação e me aflige por ser algo que deve ser aproveitado enquanto ainda há tempo".

Tais respostas refletem como os jovens sentem a passagem do tempo, que é inevitável, e o quanto isso os preocupa. Além de demonstrarem que estes jovens também enxergam o tempo enquanto indicativo da vida e da morte – porque o processo irreversível da vida nos mostra dialeticamente a contradição em que só há morte, se há vida. Por isso, ao entrar em

contato com a recorrente velocidade da vida e com o medo diante da finitude, o sujeito se angustia, se inquieta, se atemoriza. Nesta mesma direção, outros jovens tratam o tempo como:

- ❖ "algo cruel";
- ❖ "algo limitador";
- ❖ "a passagem dos acontecimentos";
- ❖ "algo que desejamos que passar (sic) e que possamos voltar atrás"²⁷.

Isso aponta para uma sucessão de acontecimentos, em que cada hora, cada dia, cada momento são únicos – não se repetem e não voltam, pois o tempo é mudança. E se não houvesse mudança, não falaríamos em tempo.

Além do tempo mais abstrato e existencial que aponta para uma totalidade e que representa a vida, dois jovens trouxeram em suas reflexões a dimensão do tempo físico, o tempo como um dado evidente:

- ❖ "medida";
- ❖ "uma invenção humana para dividir os momentos e as fases da vida em horas, dias, anos, etc."

Ou seja, a dimensão do tempo que se utiliza de instrumentos de orientação, de símbolos reguladores temporais tais como relógios, cronômetros, calendários, para que as pessoas se situem em uma ordem cronológica dos acontecimentos em suas vidas. O relógio, por exemplo, é a referência fundamental deste tempo mensurável e universal. Observamos, assim, que o tempo, na maioria das vezes, é tomado apenas como uma realidade objetiva, pois, apesar de todos nós vivermos o tempo cotidianamente, é válido ressaltar que pouca reflexão se faz acerca desta vivência. Neste sentido, entendemos que analisar o tempo, tanto em sua dimensão social, quanto em sua dimensão subjetiva, ajuda a compreender como os jovens estão significando os seus projetos de futuro na contemporaneidade, uma vez que o tempo é um dos elementos constitutivos dos projetos.

De outro modo, as expressões de outros jovens nos revelam as constantes pressões sofridas por sujeitos que se encontram imersos em uma sociedade dinâmica, concebida por um ritmo acelerado. Mostram, ainda, suas novas relações com o tempo: o da experiência da

²⁷ Optamos nessa tese por manter fielmente as respostas dos sujeitos, tal como foram por eles expressas, mantendo erros gramaticais e frases escritas de maneira confusa ou pouco clara.

velocidade, fruto da velocidade da vida social capitalista, significando uma demanda cada vez maior por produção/produtividade. Então, para eles, o tempo representa:

- ❖ "tempo de produção, tempo de prazer";
- ❖ "algo que deve ser bem aproveitado, e não desperdiçado. Deve-se gastá-lo prudentemente, exatamente com o que se quer fazer";
- ❖ "a necessidade de agir".

Estas frases representam seus modos de viver na contemporaneidade, cuja ideologia produtiva está alicerçada na rentabilidade do tempo e da vida. "Uma vida cuja qualidade se mede por critérios de eficiência, competência e disponibilidade para o consumo e a diversão" (KEHL, 2004, p.194). Não se pode perder tempo. É preciso produzir. É preciso viver intensamente o momento, diz o imperativo social da atualidade. Há um ideal de prazer, mas este ideal é acompanhado pela busca por tempo produtivo nas horas de lazer e nas horas de "não trabalho". Assim, também trazem o tempo como:

- ❖ "algo que passa muito rápido e representa o quanto estamos desfrutando da vida";
- ❖ "a vida, quando as pessoas dizem que estão sem tempo para sair ou descansar estão deixando de viver".

Se não se consegue este feito de aproveitar cada momento, os sujeitos são invadidos por um sentimento de ansiedade e de dívida consigo mesmos. Isso se dá por causa das necessidades e demandas de satisfação e prazer geradas pelos imperativos sociais de "viver a vida intensamente", de usufruir das alternativas de uma sociedade de consumo, como consumir viagens, passeios, bens materiais, buscar o prazer no lazer, nas horas de não trabalho. E buscar ainda o consumo da cultura em seu sentido mais amplo, de uma boa educação, boa formação escolar e acadêmica. Um tempo de busca e de ações que nunca cessa.

Para Kehl, esta impaciência, esta necessidade urgente de responder aos estímulos presentes, é uma aflição que precipita os sujeitos ao vazio pelo fato de não se tolerar a impossibilidade de parar o tempo. Na visão da autora, isso "não passa do *páthos* contemporâneo" (KEHL, 2009, p.148).

As respostas abaixo reforçam este aspecto e ainda trazem a dimensão do quanto desvalorizado atualmente é o ócio, pois, conforme mencionamos, o tempo tem de ser produtivo, tem de ser o tempo para a ação, para o fazer:

- ❖ "passa rápido, por isso eu não gosto de ficar sem o que fazer";

❖ "é valioso e pode ser desperdiçado facilmente".

Não há tempo para o ócio, pois se invertem os valores. Voltar-se no dia a dia para o descanso de uma vida produtiva não é algo muito bem visto. Assim, encontramos jovens cansados, até mesmo esgotados, devido a uma rotina que envolve uma multiplicidade de tarefas. No caso destes jovens, um exemplo é a demanda por bons resultados no vestibular, o que acarreta uma intensa carga de estudos. Aí está a inversão de valores, pois as poucas horas que podem ser usadas para um tempo de descanso são rejeitadas, vistas como "preguiça". Os jovens se julgam preguiçosos, mas não percebem que ter "vontade de não fazer nada" ou mesmo "vontade de dormir" é algo natural, principalmente para quem é muito exigido devido a uma intensa agenda de atividades – idiomas, esportes, aulas particulares, etc. Disso decorrem cobranças e culpa, uma vez que há a necessidade de descanso, de equilíbrio, da existência de um tempo do "não fazer nada", no entanto, este tempo acaba sendo visto como um tempo morto, não um tempo livre. Em realidade, o tempo livre quase não existe, uma vez que a vida produtiva "escravizou" o tempo – seja o tempo de trabalho, o de não trabalho e mesmo o tempo de lazer.

Desta forma, de acordo com Kehl (2009, p.125) :

As atividades de lazer são marcadas pela compulsão incansável de produzir resultados, comprovações, efeitos de diversão, que torna a experiência do tempo de lazer tão cansativa e vazia quanto a do tempo da produção. Nada causa tanto escândalo, em nosso tempo, quanto o tempo vazio.

Ainda de acordo com a referida autora, e retomando a questão da desvalorização do ócio, é perceptível a perda da experiência do ócio e mesmo do tempo do sonho. Isto é, foi perdida a experiência do ócio que permitia aos sujeitos uma temporalidade com grande proximidade com o tempo do sonho, um tempo que facilmente era preenchido pela fantasia.

De todas as experiências subjetivas que a história deixou para trás, talvez a mais perdida, para o sujeito contemporâneo, seja o do abandono da mente à lenta passagem das horas: tempo do devaneio, do ócio prazeroso, dedicado a contar e rememorar histórias (KEHL, 2009, p. 164).

No mundo atual, conectado, surge uma nova lógica temporal, compartilhada por todos. O tempo tecnológico e virtual, ao ser difundido por toda experiência humana, difundiu também maior instantaneidade e fluidez, trazendo para os sujeitos contemporâneos uma nova experiência, uma transformação em suas formas de perceber e experimentar o espaço e o tempo. É deste processo de difusão do tempo tecnológico e virtual que advém a nova lógica.

Encontramos, nas expressões de nossos sujeitos, o tempo acelerado e, por vezes até, indefinido ou mesmo um tempo desperdiçado ou perdido. Esta questão pôde ser verificada nos sujeitos quando são instigados a refletirem sobre a seguinte frase:

"Quando estou nas redes sociais o tempo para mim"

- ❖ "passa muito rápido e acabo perdendo bastante tempo";
- ❖ "passa rápido";
- ❖ "passa rápido e sinto como se o tivesse desperdiçando";
- ❖ "parece que passa muito rápido e depois percebo que foi desperdiçado";
- ❖ "passa muito rápido";
- ❖ "passa mais rápido e quando observo vejo que não fiz nada";
- ❖ "passa rápido e despercebido";
- ❖ "é perdido. Desperdiçado. Inutilizado";
- ❖ "passa mais rápido ainda";
- ❖ "é desperdiçado e passa muito depressa".

Com estas respostas, e salientando que os sujeitos foram quase unânimes ao responder que o tempo passa rápido quando estão nas redes sociais, é possível perceber que os jovens trazem o tempo em suas vivências virtuais de forma acelerada. Além disso, muitos deles enxergam o tempo neste espaço como um tempo perdido ao exporem esta questão como um incômodo e de forma crítica: perde-se tempo, o tempo fica inutilizado, desperdiça-se o tempo. Cabe observar que, tomando esta perspectiva, estes jovens também reproduzem o discurso instituído do capitalismo, no qual impera a ideologia produtiva, rechaçando, então, o tempo improdutivo. Por outro lado, entretanto, veremos em suas respostas adiante que alguns jovens também significam suas vivências virtuais de forma positiva, principalmente, quando se referem às redes sociais. Ou seja, a relação dos jovens com a tecnologia e o mundo virtual tem uma faceta contraditória.

Além do tempo rápido que se impõe, a experiência na internet é também de um tempo fluido, difuso, que faz com que se tenha a sensação da redução do tempo, ou seja, de perda da dimensão do tempo, dos segundos, minutos e até mesmo das horas. Alteram-se profundamente suas percepções quanto aos referenciais têmporo-espaciais, respondendo ao imperativo do tempo do instantâneo. Portanto, a vivência no espaço cibernético configura-se em outra proporção de tempo. É uma forma de vida. Um modo de viver a temporalidade que

é diluído no fluxo de informações instantâneo, transformando, desta maneira, a consciência individual que os sujeitos têm do tempo cronológico dos relógios. "O tempo passa como uma estrela cadente", escreve uma jovem.

Podemos dizer que estes dados levantados vêm referendar tanto a ideia que Castells (2009) traz de tempo intemporal, quanto o conceito de compressão tempo-espço desenvolvido por Harvey (2005). O tempo intemporal, conforme formulado por Castells (2009), é o tempo aleatório, uma mistura de tempo que cria um universo eterno, um tempo que foge dos contextos de existência real e migra para um outro contexto, em que impera um tempo difuso, confuso, que proporciona a vivência de um presente eterno. Ou seja, há uma descontinuidade na sequência aleatória dos fenômenos, uma supressão dos acontecimentos, cujo espaço dos fluxos dissolve e comprime o tempo.

Frente a isso, ainda podemos dizer que a experiência do tempo fica ausente quando faltam seus instrumentos orientadores, tais como já mencionamos os relógios, os cronômetros, ou mesmo a noção orientadora de uma sequência em que há marcadores como o "antes" e o "depois". Isso se assemelha ao que Castells (2009) expõe sobre a comunicação em tempo real, pois, para o autor, a instantaneidade deste processo derruba as barreiras temporais. O tempo ilimitado do mundo virtual é um "horizonte aberto sem começo, nem fim, nem sequência" (CASTELLS, 2009, p.553), muito diferente do tempo rotinizado que traz ao sujeito uma lógica homogênea, em que a uniformidade, linearidade e a coordenação do tempo se fazem presentes. Em face desta diluição, celeridade e instantaneidade das informações, ou melhor, neste universo oceânico de informações, em constante mutação, estas novas formas de experiências mediadas pelo mundo fluido e virtual afetam, de certa forma, a temporalidade psíquica do sujeito. Assim, observamos que a temporalidade psíquica acaba contrastando com a velocidade da vida virtual, pois há que se considerar, que a temporalidade do sujeito, o ritmo vivenciado do tempo que lhe é próprio, seu tempo subjetivo, não é o mesmo da temporalidade do mundo digital. Ou seja, ele tem a dimensão subjetiva da realidade objetiva, concreta.

Podemos dizer então que este imperativo do instantâneo, ao alterar as formas de experiência e percepções do sujeito em relação aos referenciais têmporo-espaciais, constitui a vivência do sujeito contemporâneo, afetando as esferas de sua vida. Importante mencionar

que esta vivência virtual revela-se muito diferente das vivências de sujeitos de outros tempos históricos.

Em face disso, faz-se necessário pontuar que o conteúdo histórico de nossa realidade, a compreensão crítica que temos desta realidade complexa e contraditória, inclui compreender suas multideterminações, bem como entender os fenômenos que a constituem. Sendo assim, a noção de tempo que os jovens nos trazem, bastante peculiar de nosso momento, está relacionada às dimensões subjetiva e objetiva da realidade. Isto é, as mediações constitutivas desta noção de tempo dos jovens são subjetivas e ao mesmo tempo objetivas, porque fazem parte de uma realidade material, objetiva, concreta.

Vale ressaltar que a dimensão objetiva relaciona-se ao modo como a sociedade produz sua existência, às suas forças produtivas, e a dimensão subjetiva, de acordo com Bock e Gonçalves (2009, p.143), "representa a expressão de experiências subjetivas em um determinado campo material, em um processo em que tanto o polo subjetivo como o objetivo transformam-se".

Da mesma forma que o tempo passa rápido e, para muitos jovens perde-se tempo no mundo virtual, há o lado positivo deste mundo sem limites, como pôde ser observado nas respostas à questão: **"Quando estou nas redes sociais o tempo para mim":**

- ❖ "voa. Parece que sempre tem uma notícia nova, vídeo, pesquisa ou seja o que for";
- ❖ "passa rápido, pois gosto das interatividades e lazer que elas proporcionam";
- ❖ "passa mais rápido pois é lazer";

Cabe pontuar que, com a crescente diversificação dos estilos de vida, há também uma diversificação geral do tempo de lazer, pois, se o mundo online permite que não haja diferença entre dia e noite, perde-se a homogeneidade de horários. Ademais, com a internet sem limites, há também uma heterogeneidade de horários quanto ao acesso em relação ao lazer, à diversão.

Vemos, portanto, que o modo de ser e de estar no mundo hoje está relacionado à compressão do tempo e ao ritmo veloz imposto pela vida moderna, muito diferente de um tempo que não passa, de um tempo mais contemplativo que outrora caracterizou a vivência das pessoas, do tempo em outras épocas históricas. O tempo tecnológico acelerou este processo. Na contemporaneidade, o que observamos é que a experiência do tempo praticamente fica sintetizada à experiência da aceleração. Contudo, quando questionados na

frase "**quando fico sem o meu smartphone**"²⁸, eles revelam contradições. Por um lado, sentem-se dependentes dos dispositivos tecnológicos, mas por outro, quando se encontram sem estes, revelam ter uma sensação de liberdade. Revelam o quanto é bom ter uma vida não mediada o tempo todo por uma tela. Demonstram, por meio de suas expressões, tanto a necessidade de um tempo de reflexão quanto certo alívio em ficar sem o aparelho e, por isso, ficarem desconectados virtualmente:

- ❖ “fico muito bem até; me faz refletir em bastante coisa”;
- ❖ “me sinto bem mais feliz sinceramente posso relaxar”;
- ❖ “aproveito mais o dia”;
- ❖ “após eu ter uma leve crise de abstinência, fico extremamente contente de não usar meu smartphone, poder olhar o mundo a sua [sic] volta sem uma tela atrapalhando”;
- ❖ “tento me distrair de outras formas”.

Contudo, observamos que "ficar sem o smartphone, ficar desconectado, sem acesso à internet, é sentido por eles como se lhes subtraíssem sua sociabilidade, sua comunicação, sua interação com amigos e com as pessoas em geral (ficar sem WhatsApp, por exemplo) e lhes tirassem a possibilidade de diversão. E, assim, retomando a frase "**Quando fico sem o meu smartphone**":

- ❖ "fico entediado, não falo com meus amigos";
- ❖ "fico entediado, pois ele é grande fonte de entretenimento para mim";
- ❖ "fico incomunicável";
- ❖ "fico com raiva, não me sinto bem";
- ❖ "consigo sobreviver, mas é difícil";
- ❖ "eu fico ansiosa";
- ❖ "sinto falta, pois me condicionei a [sic] presença dele";
- ❖ "me sinto desamparada".

²⁸ O levantamento Millennial Survey, realizado pela Telefónica em 2014, traz o mapeamento do comportamento de 6,7 mil jovens em todo o mundo em relação a posições políticas, econômicas e inovadoras. Entre os entrevistados pela pesquisa no Brasil, 78% dizem ter e usar um smartphone e 42% declaram usar um tablet. No Brasil, 68% dos usuários de smartphones dizem fazê-lo para acessar redes sociais, 60% para ler notícias, 57% usam para fazer uma ligação telefônica, 56% para enviar mensagens de texto, 51% para assistir a vídeos online, 40% usam para postar vídeos, 37% usam para fazer vídeos e fotos, 31% usam para jogar, 30% para streaming de vídeo, 24% para fazer uma transação financeira e 20% usam para comprar. Mas apenas 5% usam os dispositivos para atividades avançadas, como educação à distância, fóruns de discussão, mobile banking entre outras. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/78-dos-jovens-usam-smartphone-mostra-pesquisa>. Acesso em: 01de setembro de 2015.

O aspecto negativo que observamos em suas falas referem-se à dependência que eles demonstram ao ficarem sem esses dispositivos móveis e sem internet. Isso causa ansiedade, desamparo e como nos disse um jovem em tom de brincadeira: "uma leve crise de abstinência [...]".

Observamos também que não estar conectado traz a sensação de vazio e de não pertencimento. Traz a sensação de alienação em relação ao que está acontecendo à sua volta, uma experiência de não se sentir inserido nas relações interpessoais, uma vez que impera um mundo cada vez mais interativo, onde estar disponível, estar online durante 24 horas, é a regra, ou seja, "estou acordado, estou *online*". Ou melhor, temos o desejo de não perdermos nada do que se passa à nossa volta e também nada do que se passa no mundo virtual, só a vida vivida nos espaços físicos já não é a realidade do "estar e viver" contemporâneos, principalmente da nossa juventude conectada. Confirmamos isso por meio da expressão de um jovem: "me sinto momentaneamente alienado em relação ao mundo que me rodeia incessante".

Conforme já mencionamos, observamos que as expressões dos jovens nos permitem perceber o quanto a vivência no mundo hoje está fortemente mediada pelos dispositivos tecnológicos/virtuais, mediação esta representada por uma tela. E ainda o quanto os jovens mostram-se bastante capturados por esta experiência da virtualidade, da vida online. Tanto que sentem sua vivência no mundo virtual como uma extensão de si, referendando as afirmações de Lanier (2010), que encara os telefones celulares como extensões de nós, na medida em que são como ouvidos remotos, bem como o mundo de detalhes que encontramos online funciona como uma extensão para a nossa memória. Assim, estas extensões configuram-se nas estruturas por meio das quais nos conectamos às outras pessoas e ao mundo. A resposta de um jovem à frase "**Internet e mundo virtual para mim significam...**" nos revela esse aspecto:

- ❖ "ter uma extensão do mundo e de amigos junto a mim o tempo todo, além de facilitar a transmissão de notícias pelo mundo".

Importante ressaltar o quanto o mundo virtual é visto por eles como algo inovador, moderno, mesmo sendo jovens nascidos sob a égide da internet e criados na era digital. São os jovens da primeira geração criada na era dos smartphones. Pessoas para as quais a palavra

tecnologia está totalmente incorporada em suas vidas. Quando questionados sobre o que **significa o mundo virtual**, suas respostas foram:

- ❖ "conexão, modernidade, curiosidade, facilidade, saber";
- ❖ "progresso e futuro";
- ❖ "o quanto a humanidade foi e é capaz de evoluir a partir do zero";
- ❖ "avanço";
- ❖ "informação sem fim";
- ❖ "comunicação, a forma de atualmente se atualizar das notícias e acontecimentos";
- ❖ "a dinamização do mundo atual e a possibilidade de realizar muito do que requeria enorme esforço rápido e confortavelmente";
- ❖ "novas portas se abrindo para oportunidades novas";
- ❖ "o melhor meio de estar em contato com o mundo".

Neste panorama das experiências dos jovens com a internet, são notáveis as contradições deste mundo virtual, as quais oscilam entre polos opostos, isto é, entre os aspectos que podemos denominar de positivos em relação à internet e os aspectos que podem ser negativos. Por sua vez, cabe lembrar que o método dialético determina a necessidade de apreendermos os fenômenos em sua processualidade e totalidade, portanto, os resultados positivos e negativos que a tecnologia enseja são polos opostos de uma mesma unidade. Entretanto, aqui em nossa pesquisa observamos que os aspectos positivos predominam, conforme pudemos verificar nas expressões acima.

Outros aspectos contraditórios apontados pelos sujeitos dizem respeito a alguns pares dialéticos, isto é, ao mesmo tempo que a internet é necessária, é incomoda; ao mesmo tempo que aprisiona, pode também libertar; ao mesmo tempo que aproxima, pode também afastar:

- ❖ "uma forma de aproximar pessoas distantes mas também de afastar os próximos (fisicamente)";
- ❖ "meios de comunicação, ao mesmo tempo que une pessoas distantes, ela separa pessoas que convivem no mesmo ambiente";
- ❖ "o encurtamento relativo das distâncias entre as pessoas".

É neste sentido que a afirmação de Bauman (1999, p.19) assinala estas vivências virtuais: "as distâncias já não importam, ao passo que uma ideia de uma fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar no mundo real". O autor observa ainda que, "no universo de

software da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado, literalmente, em ‘tempo nenhum’; cancela-se a diferença entre ‘longe’ e ‘aqui’” (BAUMAN, 2001, p. 149). E a instantaneidade, que se caracteriza por ser um movimento muito rápido e muito curto, dá o mote para a vivência do encurtamento das distâncias, bem como da sensação da ausência de tempo. A frase abaixo, expressa por um dos jovens entrevistados, explicita melhor o sentido que se dá ao mundo virtual.

❖ "um mundo paralelo que não se compara com a realidade".

Um "mundo que não se compara com a realidade", um mundo imaterial, um mundo desterritorializado. A inter-relação existente entre realidade e virtualidade comporta um longo diálogo, uma vez que estas fronteiras não são bem demarcadas, comportando uma dificuldade de delimitação entre virtualidade e realidade. Porém, concordamos com Levy (1999, p.47) que traz o conceito de que o virtual é toda entidade desterritorializada, toda entidade que gera manifestações em diferentes momentos e locais determinados, mas sem estar presa a um tempo ou lugar específico. E, assim, o autor assume a conclusão de que "o virtual é real".

Este lugar desterritorializado (caracterizado pelo imaterial, que se refere, especialmente, à compressão têmporo-espacial), isto é, esta nova forma de experimentação do espaço, é vivenciada por eles como um "lugar", um legítimo espaço de se relacionar em sociedade. O mundo virtual para um jovem, neste sentido, pode ser representado pela seguinte afirmação que coletamos: "um lugar onde eu possa conversar com os meus amigos e aproveitar o meu tempo livre".

Então, observamos que o lugar virtual é constituído pela temporalidade singular de cada sujeito que acessa o espaço dos fluxos. E, por fim, pontuamos que a nova instantaneidade, as novas formas de vivenciar o tempo e o espaço tecnológico/virtual, das redes em fluxo, ainda são questões a serem analisadas e mais bem exploradas ao longo do tempo.

Passaremos agora a analisar o tempo sob a perspectiva de Chronos e Kairós. Há que se considerar que não pretendemos dicotomizar o conceito de tempo, somente lançamos mão de conceitos que podem esclarecer melhor como a vivência do tempo se dá nos sujeitos contemporâneos. Isto é, até onde podemos nos aproximar de suas vivências e experiências. Sendo assim, de posse destes conceitos, podemos analisar a vivência do tempo destes jovens frente ao desenvolvimento da sociedade. Porém, não mais estando limitados apenas aos

efeitos do desenvolvimento da tecnologia, mas sim buscando uma visão do mundo atual por uma perspectiva da mudança e da incerteza.

É sabido que a história da humanidade constituiu-se e está se constituindo por meio das transformações que ocorrem; sabemos também que em nossos dias a quantidade e a rapidez das transformações estão acontecendo em um tempo acelerado, pois em um mundo cada vez mais complexo, tudo muda constantemente. O ritmo das mudanças é maior que o ritmo da vida. Apesar do ritmo da vida ocorrer em um processo veloz, há para o sujeito um curso de vida, um caminho a ser seguido, que contempla certa ordem lógica e planejamento em sua vida. Assim, os elementos da vida do sujeito mostram-se aparentemente bem organizados e previsíveis, estão caminhando de acordo com o esperado e parecem estar sob controle, entretanto, subitamente, tudo muda. Além de os percursos de vida dos jovens hoje em dia não serem nada simples, uma vez que as alternativas e trajetórias possíveis que lhes são apresentadas são inúmeras, é preciso considerar os *turning points*, as rupturas, as descontinuidades, os acontecimentos imprevistos que vêm desregular o percurso idealizado, planejado. Estes acontecimentos bruscos e inesperados são atribuídos ao tempo de Kairós.

Para Pelletier (2001, p.8), conforme já mencionamos, "[...] existe a partir de Kairós um tempo vivido, inédito, irreversível, em ruptura, às vezes violenta com aquilo que se anunciava". Este acontecimento inesperado, esta ruptura, altera drasticamente a vida do sujeito, podendo dar-lhe novos rumos.

Os jovens vivenciam situações incertas e imprevisíveis de formas diferentes. Assim, enquanto para alguns estas situações de natureza imponderável são vividas como desafio, com otimismo, curiosidade e motivação, para outros elas atemorizam, causam insegurança. Deste modo, as repostas dos jovens em relação à frase "**Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu**":

- ❖ "tento buscar solução para resolver o imprevisto";
- ❖ "encaro do melhor jeito que puder";
- ❖ "supero";
- ❖ "não procuro ficar decepcionada e tento encontrar uma forma de reverter a situação";
- ❖ "estudo a respeito para que possa ter um final feliz, ou em algumas vezes, me arrisco";

- ❖ "busco uma solução para o problema";
- ❖ "tento superar o mais rápido possível (em caso negativo)";
- ❖ "tento me adaptar às novas circunstâncias";
- ❖ "demoro um pouco mas me adequo a nova situação";
- ❖ "tento superar quaisquer dificuldades provenientes disso, do melhor modo possível";
- ❖ "lido bem, levo a mudança como algo bom";
- ❖ "tento ficar calma e resolver o mais rápido possível".

E, diante da frase "**Lido com as incertezas da vida**", algumas de suas respostas também foram na mesma direção das frases acima:

- ❖ "de maneira lógica (racional), pragmática e sensata, na medida do possível";
- ❖ "com muita cautela";
- ❖ "desafios a serem batidos";
- ❖ "como algo positivo, pois se tudo na vida é muito certo sua vida fica sem graça".
- ❖ "buscando refletir a respeito do dado dilema";
- ❖ "sendo eficiente, tentando resolver o mais rápido possível";
- ❖ "seguindo em frente";
- ❖ "vivendo um dia de cada vez";
- ❖ "muito bem".

Em síntese, suas falas acima nos mostram que eles analisam, refletem, buscam soluções, superam e se adaptam quando se deparam com imprevistos. Ao mesmo tempo, demonstram lidar com cautela, de forma madura e com eficiência diante destas situações. E cabe ressaltar que eles tratam estas situações como algo positivo, como possibilidades e oportunidades que se abrem diante deles.

O modo de enfrentar tais situações vem ao encontro do que Pelletier (2001, p.8) afirma sobre o tempo de Kairós, sendo que "a nova geração aborda o tempo muito mais sob o ângulo do acontecimento e de Kairós do que sob o ângulo da programação e de Chronos". Neste sentido, alguns jovens, ao mesmo tempo em que querem controlar o tempo, o que está por vir, também demonstram a capacidade de adaptação perante uma realidade que requer uma habilidade de improvisação e flexibilidade. Possuem ainda uma capacidade de compreender as mudanças com rapidez, entendê-las e aproveitá-las como oportunidades.

- ❖ "como se fossem possibilidades, cada uma tem seus prós e contras";
- ❖ "analizo [sic], tento compreender, depois reajo, tentando me adaptar para resolver o imprevisto ou usá-lo a meu favor";
- ❖ "todos os dias, penso muito no incerto, mas aprendi a ter coragem e passar por cima do medo";
- ❖ "de maneira madura e pronta para surpresas";
- ❖ "inflexibilidade não existe em meu dicionário, e se um dia eu me cansar , posso facilmente mudar";
- ❖ "tentando me planejar sem desconsiderá-las".

Contudo, outros jovens demonstram que este mundo cada vez mais incerto gera insegurança, ansiedade e temores. Suas respostas para a frase: "**Lido com as incertezas da vida**" são:

- ❖ "provavelmente me sinto nervoso e ansioso perante a situação";
- ❖ "fico com medo, pois sou uma pessoa de rotina";
- ❖ "surto";
- ❖ "entro em desespero";
- ❖ "fico nervosa/ansiosa, mas tento lidar do melhor jeito";
- ❖ "me sinto despreparada";
- ❖ "pensando bastante e as vezes me angostiando (sic)";
- ❖ "jogando no par ou impar";
- ❖ "com muita ansiedade";
- ❖ "com muita preocupação".

Em relação às frases acima, faz-se necessário resgatar as características de nossos sujeitos para que possamos avançar na análise. Como sujeitos pertencentes às classes média e alta da cidade de São Paulo, estudantes de escola particular, o que permite uma condição socioeconômica e cultural específica, são jovens "protegidos" pelos pais. É como se vivessem em bolhas, estando seus percursos normalmente restritos entre a escola e suas casas. Paralelamente, desenvolvem atividades complementares à formação escolar, a fim de se preparem para vidas adultas bem sucedidas. Sendo assim, o que verificamos em suas vidas de alta pressão são as exigências e as expectativas exageradas em relação aos seus futuros profissionais, pelos próprios pais, pela escola e por si mesmos. Desta forma, ao voltarem suas

vidas no Ensino Médio para uma rotina de estudos intensa e desgastante, visando ao ingresso em uma boa universidade, muitas vezes, este processo corrido e acelerado, não possibilita ao jovem que seu processo de escolha profissional possa acontecer no seu próprio tempo, já que a maturidade para a escolha é processual, variando de um sujeito para o outro, sendo necessário, portanto, que o tempo de cada um para tal escolha seja respeitado.

Contudo, a pressão social pela escolha da faculdade no final do terceiro ano do Ensino Médio não respeita esta variância entre os tempos subjetivos, necessários para que os sujeitos estejam aptos a realizar tais escolhas. Paralelamente, o fato de estes jovens sofrerem excessiva proteção não os ajuda nesse processo de amadurecimento, acarretando, muitas vezes, maior fragilização e dificuldades para lidarem sozinhos com as adversidades, hesitando em realizar escolhas por si próprios e em lidar com os efeitos de tais escolhas. Frente a isso, notamos que a infantilização da condição de adolescente acaba por se prolongar.

Em outro tópico, quando os jovens são questionados a refletirem "**Quando as coisas são previsíveis e rotineiras**", suas respostas foram quase unânimes ao apontar tais situações como fontes de tédio:

- ❖ "acabo me cansando, ficando entediada";
- ❖ "eu tendo a me encher um pouco delas";
- ❖ "acho que está faltando algo. Fica muito chato";
- ❖ "fico desanimada";
- ❖ "me acomodo e me canso facilmente";
- ❖ "me desmotivado";
- ❖ "acho monótono";
- ❖ "me canso e não vejo graça no meu dia a dia";
- ❖ "me entedio fácil com elas e tento mudá-las para inovar";
- ❖ "me cansa e quero algo novo";
- ❖ "me canso, afinal surpresas (contanto que não sejam coisas ruins) são desafiadoras e dão mais dinamicidade à vida";
- ❖ "fico entediada";
- ❖ "não gosto";
- ❖ "fico entediada, procuro algo novo";
- ❖ "me sinto segura, mas entediada".

Por meio destas respostas, podemos verificar o quão desmotivadores são, para eles, o tempo cronológico, as atividades programadas e previsíveis, atividades de rotina. Atribuem este tempo linear a um tempo que não passa, em que nada acontece, nada muda, o tédio representando o tempo do vazio. E, em um tempo que pouco transcorre, o tédio acaba ocupando o lugar de uma vida sem projetos, uma vida cuja perspectiva de futuro pode não superar o presente. Esta situação contrasta com a vivência dos sujeitos, constituída em um mundo em movimento, onde a regra é a mudança. Então, se a vida do sujeito contemporâneo é retratada pelo movimento, estes sujeitos refutam atividades relacionadas apenas a Chronos em suas vidas, sem kairós.

Neste ponto, revelam-se contradições, pois, se o mundo atual representa o permanente movimento, perpassado pela enorme mobilidade das pessoas e num ritmo acelerado das ações, será que a vivência e percepção do tempo são significadas da mesma forma para jovens de diferentes classes sociais?

De fato, em grupos e em culturas diferentes, ainda que seja possível observar a existência de uma forma temporal preponderante, os indivíduos possuem experiências temporais heterogêneas, vivenciando o tempo de maneiras distintas. Em conjunção com esta vivência temporal subjetiva, fatores materiais, sociais e econômicos, entre outras condições objetivas, influenciam a formação de noção de tempo dos jovens. Esta terá implicações nos projetos de futuro deles.

Neste sentido, os jovens da camada socioeconômica baixa podem ter diferentes significações do tempo em relação aos jovens de camadas socioeconômicas média e alta. Para tanto, podemos ilustrar este aspecto por meio da análise de suas condições de estudo e trabalho, uma vez que sua realidade escolar não tem a mesma pressão por bons resultados escolares que os levem às universidades de elite, nem a pressão do tempo do vestibular. Ao contrário, suas condições objetivas apontam para uma falta de qualificação profissional, fruto da má qualidade de sua formação escolar, acarretando-lhes falta de perspectiva quanto ao seu crescimento profissional. Então, fadados a desempenharem trabalhos precários, sujeitos a atividades rotineiras e desmotivadoras, podem ter a experiência de um tempo moroso, morto, não produtivo, em contraste com o tempo acelerado, produtivo e rentável dos trabalhos valorizados socialmente.

Outra questão que referenda essa desigualdade é o que Bauman (1999) conceitua como nomadismo. Para o autor, somos "nômades", fadados ao eterno movimento. E nesta linha de pensamento, Bauman sugere que existem dois mundos. O primeiro é o mundo dos globalmente móveis, dos sujeitos que viajam no espaço mais rápido do que nunca, transpondo-o facilmente tanto em sua versão "real" quanto na sua versão "virtual". Já para o segundo mundo, o da "localidade amarrada", os sujeitos se veem impedidos de se moverem e sentem-se presos às suas localidades. Para a elite móvel, sujeitos do primeiro mundo, apresenta-se a experiência de viver num presente imediato, com constante ocupação e sempre sem tempo. Ou seja, possuem experiências cuja tônica se dá somente no presente e, por isso, sua vivência separa-se e distancia-se tanto do passado quanto do futuro. Concomitantemente, as pessoas do segundo mundo se veem espremidas por uma carga de tempo redundante e inútil, que não têm como preencher.

Os habitantes do primeiro mundo vivem no tempo; o espaço não importa para eles, pois transpõem instantaneamente qualquer distância [...]. Os habitantes do Segundo Mundo, ao contrário, vivem no *espaço*, um espaço pesado, resistente, intocável, que amarra o tempo e o mantém fora do controle deles. O tempo deles é vazio: nele "nada acontece" (BAUMAN, 1999, p.28).

Vale ressaltar que partilhamos da ideia de Bauman quanto a essa questão de desigualdade entre os dois mundos, entretanto, ela vem para complementar nossa visão de que o mundo é um só, sendo os dois mundos apresentados por Bauman apenas um reflexo das contradições inerentes à forma de produção capitalista. Desta forma, estes dois mundos não seriam dicotômicos, não podendo ser compreendidos separadamente, pois constituem uma unidade de contrários. Cada um deles só mantém sua existência numa relação dialética com o outro.

Por fim, a mobilidade, a compressão do tempo espaço, não é igual para todos, já que em uma sociedade desigual, de oportunidades desiguais, existem estilos de vida desiguais. As diferenças de ritmos, de tipos de atividade, de lugares e vivência temporal geram diferentes expectativas em relação ao futuro nos jovens. Salientando ainda que jovens de baixa renda, para quem o tempo pode ser vazio e "nada acontece", se veem sem potencial transformador de seus futuros.

E voltando nossa atenção para os nossos sujeitos, objeto de estudo desta pesquisa, nos questionamos: quais as significações de futuro para eles? Se os jovens vivem o tempo de

forma tão instantânea e imediata, tão calcada no presente, então, quando o futuro vai acontecer para eles? Como eles significam e constroem seus projetos?

5.2. "Nunca se chega realmente 'lá', é por isso que estamos sempre em movimento": ter um projeto e o encontro com os possíveis futuros

Se pudesse desejar algo para mim, não desejaria riqueza nem poder, mas a paixão da possibilidade; desejaria um olho que, eternamente jovem, ardesse de desejo de ver a possibilidade.

(SOREN KIERKEGAARD, O Instante, 1855)

O futuro existe para ser construído e neste mundo fluído, cuja previsibilidade é afetada pelas mudanças constantes, olhar para frente e se preparar para o novo tempo torna-se assustador. Diante disso, os jovens sentem-se amedrontados e temerosos, pois projetar-se no devir é contar com um horizonte incerto. Conforme já mencionamos ao longo desta tese, o tempo da modernidade industrial, anterior ao nosso tempo contemporâneo, estava marcado por ser um mundo mais estável, mais permanente, com menos rupturas. Ou seja, um mundo que funcionava mais calcado no tempo de Chronos do que no tempo de Kairós. Esse era o tempo que outrora dava mais condições aos sujeitos de olharem para o futuro, pois vivia-se em um mundo cujos referenciais sociais e institucionais eram consistentes. Com isso, havia grande possibilidade de ter previsão sobre o futuro e poder antecipar seus acontecimentos. Esta situação não mais se sustenta como uma significação segura para as pessoas, em uma época de constantes mudanças e de aceleração do tempo. Nesta perspectiva, o futuro é cada vez mais uma construção e não um fator de previsão e cálculo. Contudo, por encontrarmo-nos em um presente com possibilidades de desdobramentos de vários futuros, várias alternativas, horizontes que se abrem, podemos ter novas esperanças, novos planos, aludindo para um fator de motivação, de sonhos e desejos.

Tal como a palavra projeto, que significa aquilo que é lançado em um tempo futuro, o futuro também representa uma imagem que se lança adiante. Isso significa que lançar-se adiante, ou seja, idealizar o futuro, implica para os sujeitos um desafio constante, porque ao mesmo tempo que estimula, também inquieta. Desta forma, quando indagados na frase "**Pensar no futuro**", encontramos as seguintes respostas:

❖ é algo incerto;

- ❖ é imaginar minha vida;
- ❖ é quebrar a cabeça;
- ❖ dá frio na barriga;
- ❖ me deixa nervosa.

Ainda nessa linha, ao contemplar o futuro, o sujeito o enfrenta com atitudes contraditórias. Ou seja, do mesmo modo que tem o desejo, tem o medo. Assim:

- ❖ "é ao mesmo tempo animador e assustador";
- ❖ "é algo importante, mas não faço como deveria";
- ❖ "é ainda muito difícil, mas tento ser otimista";
- ❖ "é inevitável, porem desconhecido por causa do oculto";
- ❖ "é mais necessário do que nunca".

Com isso, faz-se necessário pensar e repensar a forma de ser e estar no mundo, pois, conforme já mencionamos, deve-se levar cada vez mais em conta, ao pensar no futuro, o tempo da ocasião, o tempo de Kairós, tal como assinala um jovem:

- ❖ "é difícil, pois qualquer coisa pode mudar tudo".

Cabe ressaltar que a mudança também pode ser vista por seu lado positivo, do encontro com novas oportunidades, o abrir-se para as várias possibilidades. Isso fica mais claro ao observarmos a resposta de outro jovem entrevistado, que vê o futuro com otimismo:

- ❖ "me deixa otimista o suficiente para valorizar o presente".

É digno de nota retomarmos que, por compartilharmos da teoria da Psicologia Sócio-histórica, entendemos que todas as expressões dos sujeitos são sociais, históricas e culturais. Todas as suas expressões são únicas, singulares e ao mesmo tempo sociais. Importante ainda salientar que suas expressões são fruto de suas experiências, de suas histórias de vida que, apropriadas pelo sujeitos, reconfiguram seus modos de ser e de estar no mundo e, portanto, também reconfiguram suas significações sobre o futuro e seus projetos.

Cabe aqui apontar as contradições existentes na realidade, dadas pelas relações em que as coisas são iguais e diferentes ao mesmo tempo. Neste sentido, entende-se então que há uma relação dialética que constitui os fenômenos e os fatos que, em seu movimento de negação e de superação, transforma a realidade, complexificando-a. Assim, o futuro, tal como expresso pelas respostas dos sujeitos, também expressa suas contradições: ora amedronta, deixando o sujeito nervoso, ora é otimista e animador.

Assim, compreender o movimento do devir, é compreender os elementos constitutivos da realidade social, econômica e cultural, que em seu movimento, em seu embate, engendram as contradições que gestam uma configuração de futuro. Isto é, pensar no futuro, "é ao mesmo tempo animador e assustador". Não consideramos o olhar para um futuro polarizado e sim para a totalização desta temporalidade.

Avançando em nossa análise, ao nos confrontarmos com a resposta abaixo, encontramos que o sentido do futuro para esse jovem está atravessado pelo medo e ainda pela descrença. Identificando a crise econômica, desenhada recentemente no país, como algo que está subtraindo seu futuro, ele sente seu amanhã ameaçado:

- ❖ "definitivamente, penso que me desenvolver nesse momento que o Brasil está em uma crise política e econômica, isso está afetando seriamente meu futuro".

Entende-se na assertiva o quanto o sujeito expressa o social e o social, por sua vez, expressa o sujeito. Um aspecto que fica evidente aqui refere-se ao fato de que a realidade tem determinações, ela não existe ao acaso. Portanto, faz-se necessário considerar as mediações históricas, econômicas, políticas e sociais na compreensão das significações dos jovens frente aos seus futuros. Neste sentido, este jovem manifesta muito bem as idiossincrasias do momento presente, ou seja, a "época da crise econômica". E em sua resposta encontramos a síntese da objetividade e subjetividade, vemos como sua objetivação expressa um sentimento geral, social, que compromete e constitui seus sentidos sobre seu futuro.

Enfim, em tempos de crise econômica, quando se vive unicamente para atender às demandas do presente, ou seja, quando se fica prisioneiro do imediato, o exercício de olhar para a frente fica obscurecido e os obstáculos e dificuldades advindos deste fato tornam-se elementos essenciais na construção do futuro dos jovens. É perceptível que não ter horizontes, não poder transformar os sonhos em realidade, acarreta uma dose de pessimismo aos jovens. Sendo assim, diante de um futuro nebuloso, de um cenário socioeconômico ruim, faz-se necessário um plano, um projeto concreto para enfrentá-lo. Isso conota uma contradição, pois, ao mesmo tempo em que vivemos o tempo da incerteza, nunca foi tão importante pensar no futuro.

Podemos observar que o temor dos jovens, diante da ameaça de ter seu futuro perdido, também refere-se ao receio quanto às suas escolhas efetuadas no presente, sobre seu futuro profissional. A frase abaixo representa este aspecto. Assim, "**Pensar no futuro**":

- ❖ "penso que, por ser uma das partes mais importantes da minha vida, gostaria de não estragar e conseguir realizar o que eu vou ter orgulho no futuro e o que me trará mais contentamento".

Cabe aqui observar que o futuro ocupa uma dimensão de muita importância na vida. É uma temporalidade bastante valorizada no mundo de hoje. A preocupação, a ligação que as pessoas de uma maneira geral têm com o tempo futuro, marca os sujeitos de nosso mundo atual. E a frase "por ser uma das partes mais importantes da minha vida" aqui é emblemática e ao mesmo tempo faz a síntese do quanto de ansiedade, temor e esperança estão colocados no porvir.

Frente a isso, recorremos a Boutinet (2002, p.23) que trata da questão da importância do futuro, considerando que as condutas de antecipação, tais como construir projetos, fazer planejamentos, elaborar previsões, se impõem hoje como um fato maior de nosso tempo, "[...] saber para prever trata-se de explorar o futuro para domesticá-lo". Apesar de trazermos essa linha de raciocínio do autor, por outro lado, a discussão da importância da temporalidade do futuro em nossa vida contemporânea é ainda incipiente. O que podemos verificar, em concordância com Boutinet, é que há uma tentativa de preocupar-se com o futuro e tentar prever acontecimentos, na busca de uma vida segura e estável, pois não é mais a regra ter o futuro colocado como promessa de um tempo melhor, de um tempo não tão próximo e sim construído e alcançado ao médio e longo prazo, como o era nas sociedades tradicionais e previsíveis. Nos dias de hoje, a regra fundamental é buscar a segurança no movimento. Buscar a segurança na incerteza e imprevisibilidade, não tendo o longo prazo como horizonte. Isso condensa o tempo, porque a busca tem de ser rápida e construída no imediatismo, já que a aceleração do tempo faz com que os intervalos entre os acontecimentos sejam cada vez mais breves. Diante disso, discordamos da ideia sugerida por Boutinet de que há tentativa de explorar o futuro para domesticá-lo, pois observamos que sua análise não se aprofunda do futuro em sua dimensão contraditória. O autor não apreende o futuro como contradição, não apreende a unidade contraditória entre futuro como abertura de horizontes e o futuro como algo a ser domesticado. Enfim, ao propor a domesticação do futuro, o autor ignora a importância de enfrentar e desvendar as contradições, superá-las.

Cabe ainda ressaltar que a própria ideia de domesticação do futuro é figurada e ideológica, já que notamos nos jovens formas contraditórias de encarar a realidade. Há, sim,

uma ânsia em tentar controlar o futuro, o que aparece em suas expectativas, em seus sonhos, representando este controle tanto a conquista da estabilidade financeira, quanto a atenuação de riscos. Mas há também a abertura para novos horizontes e novas descobertas.

Nesta linha de calcular riscos e fazer previsões, esse tempo do amanhã tem de ser, de igual modo, pensado e construído desde o presente com muito cuidado e reflexão, pois o futuro toma a figura de um cenário mais implacável para quem não se preparar para ele. Em relação à frase "**Minhas preocupações em relação ao futuro são**", algumas respostas apontam para esta direção:

- ❖ "as muitas escolhas, as suas consequências, que terei de fazer";
- ❖ "ir para o caminho errado e não conseguir voltar";
- ❖ "não conseguir dinheiro suficiente para viver e escolher a ocupação errada";
- ❖ "não saber o que irá acontecer";
- ❖ "me arrepender de minhas escolhas".

Constatamos seus temores diante das escolhas e decisões que irão forjar seu futuro – muitos têm medo de suas escolhas profissionais. Temem fazer escolhas equivocadas, querem fazer escolhas numa linha de segurança e estabilidade, no intuito de terem a chance de poder ter controle sobre seu futuro, conforme mencionamos acima. Por outro lado, há contradições. Demonstram querer segurança financeira, mas não querem uma vida linear e previsível. Aspiram uma vida de muitas experiências, uma vida vivida com movimento, pois sabem que as coisas acontecem, que novas dinâmicas são introduzidas em suas vidas, fazendo com que vivam de forma mais aberta às mudanças e às rupturas que podem surgir. Isto é, faz-se necessário quando se está diante do futuro estar aberto ao acaso, ao incerto, ao inesperado, ao tempo de Kairós.

A insegurança do medo de errar na escolha nos parece estar em consonância com a noção de um tempo fixo, da ordem do imutável. Ou seja, muitos jovens ainda pensam e carregam a imagem de que a escolha profissional é para sempre, pensam ainda que suas escolhas são imutáveis, fixas, acarretando a ideia de um fatalismo, de que não podem mudá-las, não veem saída para essa situação. Ou seja, na possibilidade de se equivocarem na escolha, pensam que essa escolha não pode ser superada. Esquecem ou não percebem, não sabem, que a escolha, ou melhor, que a construção da profissão é processual, portanto, vai se constituindo no tempo, entre avanços e retrocessos, continuidades e mudanças. Tomar essa

visão de imutabilidade é bastante contraditório em um mundo em movimento, pois, conforme já assinalamos, a possibilidade de mudança hoje é o corolário de nossa vivência contemporânea.

É notável que, mesmo vivendo no mundo da incerteza, muitos jovens anseiam pela certeza. Vemos, portanto, que estar diante de mudanças profundas em seus contextos de vida e ter dúvidas em relação a que caminhos escolher deixa-os extremamente ansiosos. Então, no intuito de aplacar suas ansiedades frente ao novo, buscam uma definição propriamente dita, buscam certeza em suas escolhas. Alguns pensam, anseiam de forma mágica ou fantasiosa, que há garantias em determinada profissão ou em determinados caminhos. Ou melhor, buscam por garantias em um mundo que traz a ausência delas. Esse aspecto toma relevância na seguinte frase **"O que eu quero para mim nesse exato momento"**:

- ❖ "certezas";
- ❖ "estar certa de que estou tomando um bom rumo para a minha vida";
- ❖ "ter certeza de qual profissão me deixaria feliz";

Devemos observar que o mundo atual, "percebido como múltiplo, complexo e rápido" (BAUMAN, 2001, p.148), acelera as incertezas quanto às escolhas profissionais. A afirmação de um dos jovens: "as muitas escolhas [...] que terei que fazer" decorre justamente destas características da sociedade atual. Este mundo – caracterizado pela globalização, isto é, a diminuição das fronteiras e o aumento da mobilidade – traz maior gama de opções, o que implica um número maior de escolhas possíveis para parte dos jovens contemporâneos. Esse cardápio de possibilidades que o mundo globalizado e capitalista lhes oferece, amplia seus horizontes de escolha, cria várias possibilidades de futuro; ao mesmo tempo os deixa confusos, indecisos e extremamente ansiosos. Ter de tomar decisões autônomas sobre suas vidas também é um fator que amedronta, principalmente para muitos jovens que não se sentem seguros diante de uma multiplicidade de caminhos a que estão expostos constantemente, como nos mostra a resposta de uma jovem diante da frase **"Eu quero para mim nesse exato momento"**:

- ❖ "saber o que eu quero, porque eu jogo tênis, aí eu tenho possibilidade de estudar fora do país, fazer faculdade fora, então eu preciso logo saber o que eu quero porque meu futuro é agora. Eu tenho que me preparar".

"Meu futuro é agora" configura-se como uma pressão do presente imediato para esta jovem que se vê diante da possibilidade de estudar no exterior, fazer a graduação fora do país²⁹. Para tanto, cada vez mais cedo exige-se esse posicionamento. Esta fala, resposta dada ao instrumento das frases incompletas por uma jovem que está no terceiro ano do ensino médio, é um exemplo claro de tal exigência.

Fazer a graduação no exterior é mais uma das opções que se apresenta para esses jovens estudantes de escolas particulares de São Paulo. São muitas as empresas de intercâmbio que visitam as escolas oferecendo seus serviços. Com um marketing agressivo e em um mundo globalizado, essa é uma opção bastante encantadora para capturar os jovens quanto aos seus futuros, principalmente em relação aos seus futuros profissionais. O slogan a seguir é um exemplo: "Uma boa formação acadêmica é essencial para uma carreira de sucesso. E para chegar ainda mais longe, você pode fazer um curso superior fora do Brasil".

Assim, o que verificamos é que as empresas de intercâmbio atraem jovens confusos diante de tantas opções e pais preocupados com seus futuros. Estes pais também se sentem inseguros em relação ao futuro de seus filhos e, com isso, se portam de forma obcecada, tentando garantir um futuro seguro para eles. Com tantas alternativas e pressões, os filhos precisam antecipar suas escolhas profissionais, muitas vezes realizando-as sob pressão, em um tempo subjetivo ainda não convergente com o tempo externo, caracterizado pela pressão e pelo imediatismo.

Não cabe aqui juízo de valor em relação a estas opções. Trata-se de apresentar os fatos, com a intenção de discutir como o incremento das opções disponíveis pode aumentar a angústia dos jovens, uma vez que surgem para eles ainda mais decisões que devem ser tomadas no curto prazo. São escolhas a respeito de vestibular e intercâmbio, por exemplo. A questão não é só o pouco tempo disponível para mais esta escolha, mas também o fato de que ela ainda deve ocorrer numa época de grandes mudanças, que acontecem em ritmo cada vez mais acelerado. Tudo isso numa época em que os jovens vivem uma pulverização e mistura

²⁹A reportagem do jornal Folha de São Paulo, intitulada Diploma com Sotaque, traz dados sobre o aumento de estudantes brasileiros em universidades norte-americanas. Como descrito, "nos últimos dez anos, o número de alunos brasileiros em universidades norte-americanas aumentou 70%. E, entre os 13 mil estudantes do Brasil que estavam lá em 2014, 40% viajaram para cursar graduação. [...] Para os universitários, uma das vantagens de estudar nos EUA está na flexibilidade da grade curricular. Um dos modelos de grade curricular, nos EUA, por exemplo, é o de "liberal arts", em que o aluno não precisa escolher sua especialização até o quarto ano". Disponível em : <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/fovest/233800-diploma-com-sotaque.shtml>. Acesso em 15/10/2015.

de experiências. Desta forma, muitas vezes acabam não dispondo do tempo necessário para fazer escolhas que se adequem ao seus estilos de vida, aos seus desejos.

Com isso, entende-se que as pressões do imediato acabam por ameaçar a reflexão sobre o futuro. Isso pode se configurar como uma grande contradição, pois estudar no exterior significa preparar-se para o futuro, mas ter de resolver de forma imediatista nem sempre está, em um primeiro momento, voltado para o futuro, pois pode estar a fim de atender as demandas existentes no presente. Neste caso, existe o risco de os projetos de futuro serem elaborados sem sustentação realista, sem o tempo necessário para que seus contornos sejam mais bem delineados. Neste sentido, cabe o paralelo entre tática e estratégia: em vez de elaborarem estratégias mais complexas para atingir seus objetivos, os indivíduos correm o risco de ficarem presos na dimensão das táticas, vinculadas ao presente e ao imediato.

Por fim, o que queremos apontar é que essa busca de segurança antecipa o futuro para esses jovens cada vez mais, fazendo com que essa temporalidade seja tão próxima que o futuro seja agora ou mesmo a semana que vem, uma vez que as escolhas têm que ser efetuadas cada vez mais cedo. Essas ideias ainda mostram que o excesso de futuro, ou essa "urgência de agir" (PELLETIER, 2001, p.7), imposto em nossa vida contemporânea, que nos impele justamente para a ação, acaba causando grande ansiedade nos jovens, deixando-os muito confusos e ansiosos. Por sua vez, tratamos de levar em conta que essa urgência atinge os jovens de modo complexo, impactando e constituindo suas subjetividades.

Pelletier (2001, p.1) acentua a ideia com a questão: “[...] por que pensar no futuro se o presente contém mais possibilidades e mais opções do que aquilo que nós podemos compreender e escolher?”. O autor traz a noção do quanto nossa vivência hoje é pautada na urgência e, por isso, pouco tempo nos resta para refletir. É possível observar que esta norma contemporânea também se aplica aos nossos jovens frente ao vestibular. Isto é, os jovens que, ao focar no vestibular, estão se preparando para seus futuros acabam vivenciando suas possibilidades do tempo presente, apenas. Ou seja, é como se estivessem sendo "tragados" pelo curto prazo, pelo imediatismo dos estudos, de sua preparação para o vestibular.

Assim, como não dá para negar o futuro porque um dia ele chega, então o vestibular para eles representa que o futuro chegou! O futuro é o vestibular! O futuro é o imediato. De tal modo, valorizam-se as conquistas imediatas em detrimento das conquistas de longo prazo.

Outro aspecto que podemos apontar em relação à antecipação do futuro é o fato de esses jovens referirem-se de forma naturalizada à necessidade de pensar na escolha profissional. Mesmo porque eles são de fato pressionados a fazerem suas escolhas, a dedicarem seu tempo a estas decisões já no início do Ensino Médio. Muitas vezes, esta questão aparece no discurso deles em uma fantasia onipotente de que isso os salvaguardaria de uma futura decisão profissional equivocada. Vale ressaltar que a realidade das escolas, que têm o ensino voltado para o vestibular, traz a pressão desta prova desde primeiro ano do ensino médio, vindo acompanhada da pressão sobre a escolha do curso – são preferíveis carreiras tradicionais como engenharia, medicina, direito e administração. A pressão é ainda maior para que os jovens ingressem em faculdades de elite, em especial as públicas, para as quais há maior competição. Pode-se perceber, então, como e quanto a estrutura educacional é um elemento constituinte e exerce forte influência nos projetos de futuro dos jovens.

Importante salientar que, nesta lógica empresarial da educação, os rankings das melhores escolas aludem para os pais a “garantia” quanto à segurança do futuro de seus filhos: a possibilidade da sonhada liquidez financeira, bem como um desejado estilo de vida, com conforto e bens materiais.

Retomando o ponto acima sobre as pressões que os jovens sofrem nesta etapa da vida, é possível destacar algumas respostas à questão **"Eu quero para mim nesse exato momento":**

- ❖ "passar no vestibular";
- ❖ "tranquilidade para prestar vestibular e segurança para escolha profissional";
- ❖ "aproveitar meu último ano de escola e passar no vestibular".

E o corolário dessa vida escolar intensa, corrida, vem nas seguintes respostas da mesma frase acima:

- ❖ "tranquilidade";
- ❖ "um pouco de descanso";
- ❖ "uma vida tranquila".

Outro aspecto que revela a antecipação do futuro nos dias de hoje diz respeito ao culto ao desempenho. Conforme já dito, nossa sociedade há décadas é orientada para uma busca irrefreável por desempenho cada vez melhores, que acaba por afetar em cheio o sujeito. Em decorrência disso, surge a busca pelo sucesso que, inclusive, serve como indicador do valor

peçoal. No intuito de que os filhos alcancem o melhor desempenho possível, os pais "compram" um presente de qualidade (escolas de elite voltadas para o vestibular) que permitirá que eles tenham o sucesso profissional e a estabilidade financeira.

Em face disso, Birman (2005, pp.9-10) afirma que a exigência de performance já ocorre com as crianças:

Antes de mais nada, a exigência de performance realizada sobre as crianças são muito maiores hoje do que outrora, principalmente no que se refere à multiplicidade de atividades ligadas à educação e ao aprendizado. Neste contexto, existe um incremento importante da rivalidade entre as crianças, que passam a se preocupar com o futuro muito precocemente. Em contrapartida, o espaço para os jogos e as brincadeiras infantis se estreita de maneira marcante.

Mais uma vez, ocorre uma ênfase cada vez maior no presente, com o futuro sendo antecipado, a fim de prevenir riscos. Ou seja, preparar-se para ele requer muitas ações no tempo presente. Desta forma, frente às inúmeras atividades exigidas, a sensação dos sujeitos é a de estarem sendo tragados pelo presente, dificultando as reflexões necessárias para projetar o que virá em seu devir.

Neste cenário, cabem, portanto, as seguintes questões: como construir projetos se o futuro é antecipado e as decisões são tomadas de forma imediata? São os projetos calcados no presente imediato e construídos em prazos curtíssimos?

Retomando a ideia de que muitos jovens têm medo em relação ao futuro, é possível afirmar que grande parte do temor está relacionada ao mercado de trabalho, à possibilidade de não conseguir inserção neste mercado. Ainda assim, existem muitos medos, e são significativos, como o temor de não conseguir realizar seus sonhos, ficar perdido, ficar sem objetivos. Assim, para eles "**Não ser alguém na vida**" significa:

- ❖ "estar perdido";
- ❖ "não conseguir seguir em frente";
- ❖ "não ter objetivos, ou seja, perdido";
- ❖ "ser desempregado";
- ❖ "é não ser produtivo para nada e nem ninguém";
- ❖ "não ter objetivos, viver a vida como uma rotina eterna".

Cabe observar que o "estar perdido", "ficar perdido", configura-se quase como um adjetivo de quem não consegue buscar sentido em sua vida profissional e pessoal, ou seja, em seu projeto de vida. Este adjetivo acaba sintetizando muitas situações e muitas dúvidas,

tornando-se um estereótipo do jovem. Um estereótipo porque naturaliza, simplifica situações que são complexas e muitas vezes são atribuídas unicamente ao sujeito, não levando em conta as condições objetivas que o levam a essa condição humana.

O "estar perdido" consiste no temor de ficar confuso, sem rumo, sem alternativas, paralisado, sem sair do lugar. Ou mesmo patinando no mesmo lugar, sem conseguir crescer, sem conseguir desenvolver-se profissionalmente, nem alcançar realização profissional. Ou seja, revela o medo de fracassar, dialeticamente oposto ao discurso do sucesso profissional, instituído socialmente e que é tão disseminado pela mídia, principalmente por meio das revistas de carreira.

Outro aspecto importante a destacar é o modo como os jovens referem-se aos seus objetivos, às suas metas, aos seus projetos. Chama-nos a atenção o fato de um jovem ter colocado que perdido é quem não tem objetivos. Isso nos faz refletir sobre a dificuldade que eles encontram para estabelecer suas próprias metas e seus próprios objetivos. Na frase **"Chegar lá para mim significa"**, as respostas apontam para aspectos que parecem vagos em suas respostas:

- ❖ "conseguir realizar uma meta";
- ❖ "atingir todas as expectativas que sempre tive";
- ❖ "alcançar seus objetivos e metas";
- ❖ "conseguir alcançar suas metas";
- ❖ "alcançar meus sonhos, tanto pela ótica pessoal como pelo ponto de vista profissional".

O que chamamos aqui de "parecer vago" deve-se ao fato de ser frequente a alusão a metas que devem ser perseguidas, mas em um discurso que parece vazio, indefinido, inconsistente. Compreendemos que esta superficialidade em seus discursos e respostas está relacionada ao fato de que "chegar lá" é um futuro muito distante, sobretudo para jovens que vivem seus projetos no curto prazo, de maneira imediata. Portanto, torna-se mais difícil a demonstração de concretude em suas metas, definindo-as e não generalizando-as.

Ao fazer projetos, o sujeito constrói meios de buscar o que lhe falta, o que deseja. E, para tanto, nomeia seus desejos, seus sonhos. E ao delinear projetos são necessárias as ações. São as ações que irão construir a realidade, que irão no processo, no movimento, transformar

as ideias em possibilidades reais, concretas. Assim, verificamos que as frases transcritas acima em geral repetem um discurso, focado em uma ideia: ter objetivos.

Frente a isso, os sujeitos devem se perguntar: eu devo ter objetivos, metas, mas o que me falta? Quem eu quero me tornar? Como eu vou me tornar quem eu quero? O que realmente faz sentido?

Cabe ressaltar que é preciso haver uma articulação entre as necessidades do sujeito e as demandas socioeconômicas. Isso significa que todo projeto pessoal está dialeticamente articulado aos contextos sociais, políticos, culturais e familiares, bem como às possibilidades e aos limites do momento histórico. Assim, como diz Catão (2007, p.1), "todo indivíduo, assim como seu projeto de vida, é indivíduo e projeto em movimento [...]." Os sujeitos mudam, o mundo muda.

Um jovem foi bastante perspicaz em sua resposta ao captar que há processo e movimento em seus objetivos, nas suas metas, ou seja, na própria ideia de "chegar lá". Isto é, quando se "chega lá", outros objetivos e outras metas são construídas. Assim, para este jovem, "nunca se chega realmente 'lá', é por isso que estamos sempre em movimento".

Em relação à frase "**Traçar projetos para mim significa**", suas expressões também caminham na direção de que fazer projetos é algo difícil para eles. Por exemplo, essa resposta:

❖ "uma maneira incerta de atingir o sucesso".

Se fazer projetos é uma maneira incerta de atingir o sucesso, então não há garantias neste processo. Ou seja, ele não acredita que vá atingir seus objetivos delineando seus projetos, traçando suas metas. Deste modo, pode-se afirmar que há um discurso disseminado para os jovens do que é preciso ser feito, mas que, muitas vezes, não faz muito sentido para eles, o que provoca incerteza no jovem, ele não sabe se traçar metas e delinear projetos, de fato, vai funcionar.

Algumas das respostas dos jovens apontam para a dificuldade em elaborar projetos de maneira concreta. Ao completar a frase "**Traçar projetos para mim significa**", deram declarações como:

- ❖ "pensar no futuro";
- ❖ "ter um objetivo";
- ❖ "pensar muito";
- ❖ "obter desafios";

- ❖ "estabelecer metas";
- ❖ "sonhar".

Constatamos então que, para eles, esta ideia é ainda distante e imprecisa, não palpável, pois o projeto do sujeito não pode reduzir-se simplesmente à um desejo ou intenção vaga. Isso demonstra que os sentidos e significados que os jovens dão aos seus projetos se baseiam mais em aspirações, pensamentos e ideias gerais do que em estratégias, intencionalidades e ações.

Entretanto, ao mesmo tempo em que alguns falam da dificuldade de fazer projetos, outros acreditam que fazê-los é o melhor para eles, que é, sim, necessário estabelecer metas, planejar, pensar e organizar as ideias. Percebe-se que eles apostam em alguns meios como possibilidade de construção dos seus projetos:

- ❖ "encontrar maneiras mais concretas de alcançar meus sonhos";
- ❖ "ter em mente coisas que tenho vontade de fazer e ter ideia de como fazer isso";
- ❖ "teorizar métodos práticos de alcançar sonhos";
- ❖ "imaginar o futuro de forma mais concreta";
- ❖ "saber seus objetivos para poder cumprir o que planejou";
- ❖ "traçar maneiras de se alcançar um objetivo";
- ❖ "organizar seus planos e metas".

Estas respostas nos mostram que eles se preocupam em tornar suas ideias, seus sonhos em realidade. Algumas de suas palavras apontam para uma tentativa de nomear o ato de traçar projetos, como: "organizar planos e metas", "teorizar métodos práticos", "imaginar o futuro de forma mais concreta". Reconhecem a importância de organizar as ideias e os sonhos, as metas e os objetivos e com isso seguir o passo a passo em busca de atingir seus objetivos.

- ❖ “pensar em metas, repensar , mudar, lapidar, até virar algo quase concreto”;

A resposta de outro jovem representa realmente a elaboração de um projeto. Ele menciona as etapas e também as modificações que podem ser necessárias de acordo com os imprevistos que podem vir a ocorrer. E nesse processo de continuidades e retrocessos o esforço é concretizar as ideias e os sonhos. Neste caso, o plano concreto é a objetivação das ideias, de modo que possa reconstruí-lo a cada mudança e nova configuração da realidade. Tal mudança pode se dar tanto de maneira externa, relacionada às condições objetivas, quanto pelas transformações em seu processo interno, em sua subjetividade, como, por exemplo, sua

forma de enxergar a vida e a capacidade individual de lidar positivamente com mudanças. Portanto, o projeto é processo e processo é movimento.

A resposta abaixo apresenta a ideia do que é a elaboração de um projeto contemplando o passo a passo, as ações, as estratégias. Vale ressaltar que as ações consistem na efetiva participação da pessoa na construção de seu futuro, por se tratar de uma resposta que se aproxima de algo mais real, mais consistente. Desta maneira, há maior concretude no projeto; sua dimensão objetiva advém das ações empreendidas e também do sentido de suas intencionalidades.

- ❖ "planejar passo a passo minhas próximas ações de forma que eu possa atingir determinado objetivo";

Cabe salientar que nas repostas dadas, a concepção do tempo em que seus projetos se realizarão (duração da elaboração do projeto), não foi delimitada de forma detalhada. Porém, quando questionados em relação ao seu futuro de longo prazo, pudemos apreender que suas respostas apontam para ideias generalizadas e desejos carregados de idealização. Como é possível verificar por meio da complementação da frase **"Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero"**:

- ❖ "estar trabalhando com algo que eu goste muito e estar feliz e satisfeito com o que fiz, planejando sempre melhorar no futuro";
- ❖ "estar estável financeiramente, satisfeita com minha carreira";
- ❖ "estar morando em SP, sozinha e exercendo a profissão que escolhi";
- ❖ "já estar construindo uma família, ter já viajado bastante e estar estável financeiramente";
- ❖ "ter estabilidade financeira e tempo o suficiente para as relações com família e amigos, além de gostar do meu trabalho".

A despeito das expressões de seus projetos para daqui dez anos estarem idealizadas, temos consciência de que os sonhos, as idealizações são necessárias para que suas reflexões virem ações e se concretizem. Apoiamo-nos nas ideias de Liebesny (2008 p.57) a respeito da importância de que "o sujeito reflita sobre o que é sua expectativa de realização, sob o ponto de vista de suas atividades reais e concretas, para além do plano do desejo e da fantasia, sempre cabíveis num projeto idealizado".

Por outro lado, como estamos tratando do tempo do presente imediato, questionamos a respeito do quanto os jovens adotam uma atitude reflexiva de suas intenções de futuro, principalmente em se tratando de um futuro mais distante. Citando Sennett, "como se pode buscar metas de longo prazo numa economia dedicada ao curto prazo?"(SENETT, 2012, p10). Indo mais além, o autor desfere como sinal mais tangível dessa mudança o lema "Não há longo prazo" (SENETT, 2012, p.21).

Voltando nosso olhar para os jovens, faz-se necessário observar que seus desejos de longo prazo apoiam-se em sonhos e valores tradicionais: ter trabalho, estabilidade financeira, constituir família; para além disso, também valorizam a independência pessoal e as amizades. No entanto, não foi possível saber com clareza como eles elaboram esse processo, para além de suas respostas sobre esforçar-se na faculdade, trabalhar durante o curso, fazer estágios, ter sua formação, que foram as expressões que trouxeram quanto as suas ações em direção as suas aspirações. A explicação que nos arriscamos a formular entende que esses jovens veem em seu futuro mais distante o que é importante para eles, o seu produto, os objetivos a serem alcançados. Mas o que dizem a respeito do processo necessário para alcançar seus objetivos é o que está dentro do esperado, ou seja, trazem um discurso mais teórico, reproduzindo o que lhes é dito que façam. Ou seja, o discurso ideológico do capitalismo que, afirma que ao se esforçarem e darem tudo de si, vão conseguir alcançar seus objetivos. Em realidade se apropriam dessa significação social, fruto de uma concepção neoliberal, como se essa condição de esforço e vontade fossem suficientes na superação de suas dificuldades. Claro que o esforço é uma atitude necessária, mas não é a única, nem o suficiente. Nesse contexto, a lógica do discurso é a de que estando atualizados e tendo diversos cursos no currículo, o risco de ficar fora do jogo, de ficar fora das regras do mercado de trabalho diminui. Como mencionado anteriormente neste trabalho, entende-se que atenuando-se o risco, aumenta a possibilidade de atingir o objetivo de "chegar lá".

Essas questões aparecem em suas respostas nas frases construídas que contemplam o curto, médio e longo prazo, e que estão relacionadas a sua formação acadêmica. Assim, complementando a frase "**Quando eu começar meu curso superior**":

- ❖ "vou me esforçar";
- ❖ "meu foco vai ser maior";

- ❖ "eu vou me esforçar para aprender até mais do que na escola, pois eu mesmo terei escolhido o curso";

Já na frase "**Quando eu estiver terminando meu curso superior**":

- ❖ "espero já conseguir um estágio";
- ❖ "eu espero já estar fazendo estágio e com perspectivas de trabalho";
- ❖ "ingressar no mercado de trabalho";
- ❖ "pretendo trabalhar";
- ❖ "desejo já ter um esboço ao menos dos meus planos futuros";
- ❖ "irei criar um projeto de vida/ já vou ter alguma coisa em mente no trabalho pronto";
- ❖ "algum tipo de planejamento de vida".

E na frase "**Quando eu estiver formado**", suas repostas foram:

- ❖ "pretendo ser efetivada no estágio ou buscar por um emprego";
- ❖ "espero estar trabalhando com o que eu goste e em um cargo bom";
- ❖ "vou trabalhar";
- ❖ "eu quero ter um bom emprego";
- ❖ "irei atrás de minha meta";
- ❖ "trabalhar, viajar para conhecer coisas novas, ter um projeto";
- ❖ "realmente eu não planejo com tanta antecedência".

Como dissemos acima, entendemos que algumas de suas frases apontam para determinadas formas idealizadas de atitudes, tendo em vista que há muita expectativa de mudança diante de cada nova realidade que se apresenta a eles, como por exemplo, na frase: **quando eu começar meu curso superior** "eu vou me esforçar", "meu foco vai ser maior".

Ainda depreendemos que, a cada nova etapa e a cada nova busca de um caminho possível em suas vidas, ou seja, em suas transições – entre o ensino médio e a faculdade, a faculdade e o estágio, a faculdade e o trabalho, alguns jovens ainda demonstram medo ou mesmo sentem-se impotentes em relação à constituição de seus projetos, de seus objetivos e metas, como se não confiassem na suas capacidades de serem ativos na construção das determinações de seus futuros, como se não acreditassem na possibilidade de serem sujeitos de sua história. Essas frases assinalam tal questão: **quando eu estiver formado** "irei atrás de minha meta", "trabalhar, viajar para conhecer coisas novas, ter um projeto". Ou **quando eu**

estiver terminando o meu curso superior "desejo já ter um esboço ao menos dos meus planos futuros", "algum tipo de planejamento de vida".

Outra questão importante que diz respeito as significações dos jovens em relação aos seus projetos de futuro está relacionada ao projeto implícito ou explícito que a família tem para eles. Os pais hoje são bastante implicados no projeto de futuro profissional dos filhos. Para tanto, se dedicam a forjar um futuro de qualidade para eles, concedendo-lhes um presente de qualidade – sua formação escolar e preparação para uma profissão de sucesso, em busca desse futuro almejado. Contudo, muitos pais na ânsia de tudo protegerem, e por vezes controlarem, o que diz respeito à vida de seus filhos, acabam escolhendo por eles, pensando por eles.

Na frase "**Minha família espera de mim**", vemos claramente os anseios de alguns pais em relação aos seus filhos, os quais atestam o desejo de ascensão profissional, bem como o ganho financeiro e o sucesso.

- ❖ "sucesso pessoal e financeiro";
- ❖ "sucesso na vida profissional, responsabilidade";
- ❖ "que eu me esforce para realizar meus sonhos";
- ❖ "que eu siga meus objetivos";
- ❖ "que seja bem sucedido nas escolhas que eu fiz";
- ❖ "ganhar dinheiro";
- ❖ "que eu seja bem sucedido e tenha um emprego lucrativo";
- ❖ "que eu faça o que me faz feliz";
- ❖ "que eu seja realizado no que eu faça, feliz e também faça meu dinheiro";
- ❖ "a realização plena";
- ❖ "alcançar grandes coisas, ter sucesso financeiro e não ser medíocre, estar sempre à frente de outros.

Voltando nosso olhar para as frases acima, verificamos o quanto os valores familiares estão sendo "transmitidos" aos filhos, o quanto a participação de seus pais e suas opiniões frente aos seus futuros profissionais estão sendo objetivamente dados, constituindo um elemento de forte influência em suas decisões profissionais. Vale dizer que, em muitos casos os pais esperam obter realização por meio do esperado sucesso do filho, o que implica que

serão felizes, conforme podemos verificar na expressão: "**Meus pais esperam de mim: realização plena**".

No Artigo de opinião "Como destruir um filho"³⁰, João Pereira Coutinho ao analisar o livro "*How to Raise an Adult*" (como educar um adulto) cita a sentença da autora Julie Lythcott-Haims, a qual profere: "antigamente, os pais preparavam os filhos para a vida; hoje, os progenitores preferem proteger os filhos da vida – e isso vê-se nas pequenas coisas e nas grandes coisas". É nesse sentido que a família pode exercer grande influência nas determinações da construção do futuro do jovem. Diante deste cenário, o jovem, por sua vez, pode ou não reconhecer o seu próprio processo de constituição de seus projetos de futuro, atribuindo sentido as suas experiências individuais, suas motivações, aspirações e desejos, que darão significado para suas ações.

Na presente situação, o sujeito está exposto a múltiplas experiências contraditórias e inserido num mundo incerto e em movimento, no qual há oportunidades, mas ao mesmo tempo não apresenta modelos de garantia para os projetos de futuro. Vemos que este cenário impacta nos jovens, que chegam a fazer projetos, mas projetos marcados pelo curtíssimo prazo de tempo, uma vez que o futuro no longo prazo está muito longe de sua realidade. Esse distanciamento do futuro no longo prazo, por sua vez, está ligado à imersão dos jovens no presente imediato. Desta forma, os jovens são impelidos a elaborarem projetos de forma dinâmica, pois precisam levar em consideração o tempo de Kairós, em que mudanças e imprevistos certamente ocorrerão. Assim, com dificuldades para se planejar ao médio e longo prazo, o futuro então é antecipado, "o futuro é a semana que vem".

5.3. Ser jovem é "aproveitar cada segundo da vida", ser adulto é "tão incerto quanto o resto da vida"

Sempre tive medo de crescer, via a vida adulta como tão carregada de seriedade e responsabilidades que sempre temia que fosse perder meu senso de humor, meu jeito de criança e o tanto de tempo livre que tinha para brincar e afins. Olhando para trás hoje não diria que perdi essas coisas, elas mudaram conforme eu mudei. Lembro de um dia quando minha prima menor chegou à conclusão de que eu não sorria mais, ou não mais tanto quanto ela estava acostumada, minha avó notou que eu não cantaloro mais tanto por aí (coisa que ela gostava que eu fazia porque sabia que eu estava feliz), hoje em dia eu sou muito feliz, com minha vida e comigo mesmo,

³⁰ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/233864-como-destruir-um-filho.shtml>. Acesso em: 29/10/2015.

talvez um pouco mais desgastado, cansado de novas responsabilidades e do stress inevitável de cada dia, meu sorriso que um dia foi de criança, tão puro e ingênuo, acabou por se perder de certa forma devido às experiências que o "crescer", tão temido, proporciona, aquele sorriso sem preocupações e inocente não mais me pertence, e me pesa reconhecer isso, mas esse foi substituído por um sorriso, ainda com um forte senso de humor e reflexo de muita felicidade, mas cada vez mais maduro, e em ocasiões necessárias artificial, mas ainda tenho o prazer de sorrir genuinamente, e isso é algo que, por mais que eu cresça e amadureça, não abrirei mão.

(F., 17 anos. Jovem que participou de um processo de Orientação Profissional)³¹

Penso muito no tempo. Eu penso demais, eu penso no tempo relacionado a infância: não estou pronta para deixá-la ir.

(J., 16 anos. Jovem que participou de um processo de Orientação Profissional)

O relato de F. e a frase de J. nos mostram o quanto a transição para o mundo adulto tem sua marca e distinção próprias e, claramente, acontece de forma subjetiva. Essa transição vem carregada pelos modos particulares de enfrentamento de cada um, com mais sofrimento ou menos sofrimento, despertados pelas pressões objetivas, as condições da vida contemporânea. Ou seja, um excesso de ofertas, de possibilidades que amedrontam, elementos do mundo adulto que antes seduziam já não mais seduzem, porque foram transformados em demandas. O maior número de demandas pressiona cada vez mais o adulto; estas demandas também refletem nas expectativas dos jovens e em suas visões sobre a adultez.

Frente a isso, percebemos na frase da jovem, um tanto de pesar e preocupação, certo sofrimento e melancolia em ter de um dia abandonar esse lugar de proteção e inocência, que para ela consiste no período da infância e possivelmente o da adolescência estendida. Já o relato do jovem, escrito de forma simples, porém claro e sensível em relação a seus temores, percepções e vivências pertinentes à sua transição para o mundo adulto, sinaliza algumas das coisas que estão em jogo neste processo.

Importante observar que o jovem trouxe em seu relato o temor em perder a inocência, aspecto esse que se mostra condizente com os resultados da pesquisa realizada por Imanishi (2008, p.105), em que um dos aspectos negativos apontados em relação a se tornar adulto

³¹Os fragmentos das expressões desses jovens foram extraídos de atividades propostas e executadas durante um Programa de Orientação Profissional. Como já exposto no método, nossos sujeitos da pesquisa vieram para um processo de orientação profissional na Instituição em que trabalham. Ao procurarem por esse trabalho, tais jovens buscam um espaço e um profissional que os ajudem a compreender seus conflitos, suas dúvidas, as pressões que sofrem, para que, por meio das atividades e reflexões, possam elaborar seus projetos e escolhas profissionais de forma igualmente autônoma e independente. Vale ressaltar que esses dois jovens também foram sujeitos da pesquisa e responderam as frases incompletas.

estava relacionado às "mudanças nas características individuais, como perder a espontaneidade, que sempre caracterizou a leveza e a alegria da juventude".

Voltando nosso olhar para os jovens sujeitos de nossa pesquisa e ao pesquisarmos as significações que eles têm em relação à imagem do adulto hoje, encontramos na frase "**Ser adulto para mim é**", as seguintes respostas:

- ❖ "ter responsabilidades";
- ❖ "ser responsável e saber se virar sozinho";
- ❖ "assumir responsabilidades que antes não tinha";
- ❖ "ter suas responsabilidades e estar ciente de todas as suas ações";
- ❖ "ser responsável e maturo (sic)";
- ❖ "ter responsabilidades e autonomia";
- ❖ "ser independente (financeiramente), ter responsabilidades";
- ❖ "ter completo controle e responsabilidade de meus atos e modo de vida";
- ❖ "ter responsabilidade a cumprir".

Por meio de suas expressões, fica claro que as significações que eles têm acerca de ser adulto envolvem pessoas carregadas de grandes responsabilidades. Foi notável a quase unanimidade de respostas em relação a ter/assumir responsabilidades e ser responsável.

Indo nessa mesma direção, porém, por meio da análise de outra frase, "**As desvantagens de ser adulto são**", observamos mais uma vez, que a responsabilidade e ter que arcar com muitos compromissos é visto por eles de forma temerosa, pesada:

- ❖ "muitas responsabilidades, contas para pagar e muito trabalho";
- ❖ "responsabilidades desagradáveis, como contas a pagar";
- ❖ "ser responsável por literalmente tudo";
- ❖ "responsabilidades, stress, ter que cumprir horários etc";
- ❖ "não ter tempo livre, não descansar tanto e ter muita responsabilidade";
- ❖ "estar preso aos valores da sociedade e ter que viver de acordo com ela";
- ❖ "se perde tempo, os relacionamentos são mais superficiais, o jogo de interesse é gigantesco entre outras";
- ❖ "a responsabilidade de sustentar filhos e engolir sapos no emprego";
- ❖ "as preocupações e as cobranças".

Por tudo que suas respostas puderam nos mostrar, podemos constatar que para esses jovens as exigências da tarefa de crescer são muitas e pouco atraentes. Ou seja, eles são convocados a ocupar um lugar que, em um primeiro momento, não os seduz, uma vez que nossa sociedade não sinaliza muitas vantagens em ser adulto. O sentido que eles atribuem a esse lugar é de muita seriedade, comprometimento e trabalho, quase como algo indesejável, um fardo. Trazem aspectos de sofrimento dos adultos, que precisam se manter, sobreviver, trabalhar, e por isso são mais cobrados. Por essas e outras razões que encontramos, principalmente em jovens das camadas sociais médias e altas, jovens que desejam prolongar a juventude, uma espécie de culto à juventude eterna, que está relacionado ao medo da vida adulta.

Podemos dizer que esses jovens, os de nossa pesquisa em particular, já estão bastante próximos dessa realidade "pesada", no que tange seu cotidiano cheio de compromissos, atividades, pressões e agenda intensa de estudos.

Em face disso, uma jovem nos mostra o lado bom de ser adulto quando em sua resposta nos traz o alívio de se ver livre das pressões da escola. Para ela, **"As vantagens de ser adulto são"**:

- ❖ "não precisar de permissão dos pais, poder viver independentemente, não ter que estudar 14 matérias".

Vemos, no entanto que, para avançarmos em nossa análise e na busca de compreendermos os fenômenos em sua realidade contraditória, essa frase nos parece revelar a dialética articulação dos fatos, uma vez que para essa jovem estudar 14 matérias traz o aspecto da responsabilidade, da grande pressão que sofre e até podemos dizer, de um sentimento de aprisionamento. Fatos que estão relacionados à imagem do adulto. Entretanto, a imagem do adulto também é significada como aquele que tem autonomia, independência e maturidade, o que proporcionaria autonomia em suas escolhas para a autora da frase.

É nesse sentido que a realidade contraditória e dialética nos mostra que os elementos ao mesmo tempo que mantêm uma relação de não identidade – autonomia e aprisionamento –, guardam relação entre si, uma vez que um é constitutivo do outro, não existindo um sem o outro. Nesse sentido, essa relação só pode ser compreendida nesse movimento contraditório de aproximação e distanciamento, pois ao mesmo tempo que esses elementos estão

intimamente ligados, são diferentes. Por exemplo, essa jovem reivindica a autonomia, mas tem o aprisionamento.

Aqui nos deparamos com a historicidade dos fatos, em sua materialidade, em suas contradições sociais. Então, há que se considerar que as significações de ser adulto para os jovens não é necessariamente algo enfadonho, pesado, ruim. Não tem somente aspectos negativos, mas também possui aspectos positivos, tais como já mencionamos: a independência, a autonomia e a maturidade. Para tanto, voltamos em algumas respostas da frase "**Ser adulto para mim é**":

- ❖ "ser responsável por mim mesma e meus atos";
- ❖ "saber encarar problemas com maturidade";
- ❖ "ter maturidade e independência";
- ❖ "ter responsabilidades e autonomia";
- ❖ "ser independente financeiramente e judicialmente";
- ❖ "ter liberdade mas compromissos também";
- ❖ "ter responsabilidades e maturidade para enfrentar os problemas sozinha".

Como podemos observar, as respostas de nossos sujeitos sobre a noção que se tem do adulto hoje, enfatizam aspectos como a maturidade, a autonomia, fazer as próprias escolhas e lutar por elas. As respostas da frase "**As vantagens de ser adulto para mim são**" também referendam essa noção:

- ❖ "independência, prazer em conseguir as coisas sozinho";
- ❖ "o livre arbítrio, ou seja, a liberdade de escolha, o que não temos quando crianças";
- ❖ "ter maior liberdade e autonomia em diversas esferas da vida";
- ❖ "poder ter suas próprias decisões sem depender de alguém, independência, liberdade e autonomia";
- ❖ "ter mais experiência para lidar com a vida";
- ❖ "poder controlar as rédeas de sua própria vida";
- ❖ "a independência e a liberdade".

A despeito da noção de maturidade ser uma das dimensões atribuídas à condição do ser adulto, vale ressaltar que o conceito de maturidade articula-se dentro de um critério bastante subjetivo. Nesse sentido, vale também ressaltar que algumas vivências e modos de

estar no mundo parecem mais característicos de determinadas classes sociais do que outras. Trata-se de um elemento para o qual precisamos nos atentar constantemente, no decorrer deste trabalho: esta tese trata especificamente de um recorte da vida de jovens contemporâneos e urbanos, que vivem em determinada classe social. Estamos, portanto, falando de jovens com estas características que vivem e sentem assim e que têm essas experiências específicas, não se tratando dos jovens do Brasil, ou mesmo dos jovens do Estado de São Paulo. O processo de constituição destes jovens está relacionado às questões subjetivas e objetivas de sua realidade.

Verificamos ainda que suas expressões vêm ao encontro de alguns dos valores apregoados como centrais em nossa sociedade, como a intensa valorização da independência e da autonomia, valores esses também buscados pelos jovens. Vale lembrar que todas as expressões são sociais, histórico e culturais. Todas as expressões são ao mesmo tempo sociais e únicas.

A imagem do adulto incerto, tal como a imagem de um jovem incerto, justifica-se porque, estar no mundo hoje é entrar em confronto permanentemente com as condições de incerteza que nossa sociedade plural, rápida e em constante transformação promove. É ser afetado por essas mudanças. Para tanto, ilustraremos essa questão trazendo a frase de um jovem quando instigado a refletir sobre o que é "**ser adulto**":

❖ "tão incerto quanto o resto da vida".

Como discutido na parte teórica, a adultez vem assumindo um sentido bastante diverso do modo como era compreendida há algumas décadas atrás. O adulto era reconhecido e admirado por sua sabedoria, experiência, autoridade e papel de guia das gerações mais novas. Havia ainda a ideia de estabilidade e segurança que representava a adultez no passado, e isso foi abalado.

Diante de todas essas mudanças, e diante de um mundo incerto na atualidade, os pais buscam incessantemente pela segurança. A segurança dos filhos é um valor e ao mesmo tempo representa um desejo e um temor (de os filhos não a conseguirem). Então, conforme já mencionamos, os pais investem no presente educacional dos filhos com o intuito de os auxiliarem na garantia de um futuro estável financeiramente. Notamos a contradição que existe, pois a partir do momento em que os pais anseiam incessantemente pela segurança, isso ocorre, justamente para dar conta e sobrepujar os inevitáveis riscos da vida. Estes pais

acreditam que, com a segurança de seus filhos garantida, a felicidade deles também estaria assegurada.

Retomando a questão da adultez, e partindo do princípio que definir quem é o adulto hoje é algo confuso, ou como diz Calligaris (2000), é um enigma, o que assistimos hoje são às variações da imagem de adulto que impedem a constituição de um modelo único para os jovens. Sendo assim, um adulto também exposto às incertezas é levado a constituir-se como um novo adulto, como um novo sujeito. Então, verificamos que suas significações de ser adulto estão sendo constituídas no presente, estão se constituindo no processo. Ou melhor, tanto a constituição do adulto quanto a do jovem estão sendo constituídos pelas mesmas leis que regem o mundo atual; a lógica do mercado, da incerteza e da velocidade das informações. A vida do sujeito contemporâneo é mediada por essas leis. Contudo, faz-se necessário observar que essas leis que constituem os sujeitos e a sociedade são contraditórias, fruto do processo dialético de negação e superação. Com isso, queremos dizer que esse modo de viver do sujeito e modo de funcionamento da sociedade não podem ser vistos como estáticos, logo, para compreendermos os fenômenos precisamos compreender também sua historicidade, buscar sua gênese.

Como vimos, além das leis que regem nossa vida hoje, somam-se a elas muitos outros fatores da vida moderna que fundamentam a indefinição do lugar do adulto na sociedade. Por isso, ser adulto "é tão incerto quanto o resto da vida".

Neste contexto, podemos dizer que os adultos bem como os jovens encontram-se em um período exploratório e de busca. É claro que precisamos relativizar esta afirmação, uma vez um período de busca e exploratório é atribuído a fase em que se encontra o jovem. Então por que incluir o adulto? Porque uma descronologização das etapas da vida, ligada a mudanças nos ciclos de vida, incide na vivência e subjetividade das pessoas do mundo moderno. Essa busca está associada ao dinamismo do atual modelo de sociedade — a sociedade do conhecimento. Assim, torna-se premente que os sujeitos tenham acesso à educação ao longo de sua vida, para que estejam inseridos no mercado de trabalho. Soma-se a isso, uma sociedade constituída por concepções abertas, que levam as novas formas de fazer as coisas. Deste modo, as pessoas escolhem mais, mudam mais, buscam mais. Procuram pelo novo, pelo o que lhes traz sentido, pelo que possa inspirar.

A título dessas maiores possibilidades, tomamos como exemplo: não se atribui mais a escolha profissional como sendo um fenômeno social unicamente do jovem, pois uma pessoa aposentada, ou com os filhos na faculdade pode fazer seu primeiro curso superior, ou mudar de rumo em sua carreira. Em um mundo mais aberto, essa busca do adulto é facilitada pela flexibilização dos percursos da vida e pela pluralização e modos de vida. Por essa razão nossa pesquisa centra-se na importância do projeto de futuro, uma vez que é dinâmico e vai se modificando no processo.

Por fim, faz-se necessário pontuar que mesmo com toda a indefinição e incerteza que a marca da adultez carrega em si hoje, permanece a visão do trabalho como definidor dessa etapa da vida. A expressão de um jovem ao responder a frase "**O trabalho do adulto para mim representa**", referenda essa condição:

❖ "a legitimidade da posição do adulto na sociedade".

E o jovem? Quais as significações que os jovens de nossa pesquisa têm a respeito do ser jovem em nossa sociedade contemporânea? No intuito de pesquisarmos essa questão, vamos verificar algumas de suas respostas relativas à frase "**Ser jovem é**":

- ❖ "ter muito tempo, depender de terceiros e ao mesmo tempo desejar inúmeros objetivos e conseqüentemente trazer inúmeras incertezas".
- ❖ "uma eterna espera por uma espera maior";
- ❖ "viver a vida";
- ❖ "aproveitar cada segundo da vida";
- ❖ "aproveitar a vida ao máximo antes das responsabilidades";
- ❖ "não ter muitas pressões e poder aproveitar a vida";
- ❖ "sentir-se disposto e capaz de fazer qualquer coisa. Ter infinitas possibilidades";
- ❖ "ter um mundo de possibilidades à sua frente";
- ❖ "ter sonhos";
- ❖ "ser entusiasmado e sonhador".

Como podemos observar, as respostas de nossos sujeitos foram coerentes com algumas características descritas na literatura sobre ser jovem nesse momento histórico. Expressões como "aproveitar cada segundo da vida", "aproveitar a vida ao máximo antes das responsabilidades", refletem a disseminação de um estilo de vida hedonista, cujo imperativo

social é o de viver intensamente o presente³². A juventude, então, caracterizada como uma fase da vida bastante valorizada e enaltecida em nossa sociedade, vem ao encontro do que muitos autores sinalizam a respeito desse período existencial. Isto é, a vivência dos jovens acaba sendo representativa na sociedade e paralelamente sintetiza um estilo de gozar a vida, disseminada para todos os sujeitos. Birman (2007, p.59), é um dos autores que trata dessa questão, lembrando da flexibilização dos ciclos da vida e estilo adolescente de existência, ao acrescentar:

[...] Pode-se ser pai, mãe, avó e avô na atualidade sem perder o fulgor da adolescência, no qual a potência desejante se encontra ainda presente. O que se impõe como indagação hoje, nesta expansão do estilo adolescente de existência, é se aquela separação destas idades da vida não foi um artefato produzido pelo discurso biopolítico dominante nos últimos duzentos anos e se este agora não tende a se transformar nas suas linhas fundamentais de força.

Importante acrescentar à citação acima o fenômeno da longevidade, do prolongamento da vida, propiciado pelos avanços da medicina. Pois o avanço da medicina, da biologia, principalmente das tecnociências e da biogenética facilitaram o rompimento com os paradigmas estabelecidos das idades sociais. Se antes não era possível para mulheres em idade avançada serem mães, tendo em vista que seus órgãos reprodutores em processo de envelhecimento terem seu funcionamento comprometido, atualmente, o desejo de ter um filho pode ser auxiliado pelas novas técnicas de fertilização. Com isso, o modo existencial jovem de viver (a maternidade) não é único de jovens e de adultos jovens.

Nesta mesma linha de pensamento, Ribeiro (2004, p. 27) acentua ainda que :

A juventude assim não ficou em seu papel de limiar, nem somente aumentou sua duração: ela passa a ser uma possibilidade que reponta, ao longo da vida. Melhor dizendo, ela pode terminar mas, também, recomeçar. Isso se nota com maior frequência nas relações amorosas, quando se encontra um novo amor, mesmo tardio. O mesmo começo pode se dar na vida profissional ou nos valores que conferem sentido à vida. Vivemos hoje a quebra de uma vida linear.

Encontramos em suas respostas sobre "**Ser jovem** " a visão de alguns sujeitos sobre o tempo, pois ao olhar a perspectiva que se tem a frente, projeta-se viver um longo tempo de vida, delineia-se uma vida inteira pela frente, em uma sequência temporal que retrata a vida na juventude em uma curva ascendente. Associa-se a isso a vivacidade da juventude, a saúde, o vigor, a força física, os quais referendam essa ideia. Sendo assim, retomamos as palavras de

³² Importante lembrar que a juventude que nos referimos aqui, é a que pertence as camadas médias e altas, compatíveis com o nível socioeconômico de nossos sujeitos da pesquisa.

Novaes (2002, p.46) quando a autora diz que, "biologicamente, o jovem é aquele que, em tese, está mais longe da morte".

"Ter muito tempo", "ter um mundo de possibilidades à sua frente", "ter sonhos", "ter infinitas possibilidades", por meio dessas expressões podemos depreender que ser jovem é estar diante de um horizonte de possibilidades mais alargado e de mais liberdade de escolhas e estilos de vida, quando comparado às responsabilidades e às restrições impostas pela vida adulta, principalmente quando se pensa no adulto em uma curva descendente em seu tempo de vida.

Vale retomar as questões que dizem respeito à incerteza, pois notamos que esta toma a cena em algumas de suas expressões em relação ao **"ser jovem"**:

- ❖ "viver na incerteza, é ser inconstante, é poder se aventurar e poder cometer erros, a linha tênue entre a inocência da criança e o mundo dos adultos";
- ❖ "ter muito tempo, depender de terceiros e ao mesmo tempo desejar inúmeros objetivos e consequentemente trazer inúmeras incertezas".

A incerteza assume o significado com o qual trabalhamos até agora no presente trabalho: a certeza de nosso mundo é a incerteza, pois estamos em um mundo em constante transformação. Podemos depreender que são os jovens que se mostram familiarizados com essa noção.

Notadamente, observamos, por meio de suas respostas, o quanto as significações do ser jovem para eles estão em consonância com o discurso que se vê no cotidiano — um discurso naturalizado do jovem que pode fazer besteira, errar, fazer loucuras. Assim, na frase **"Ser jovem é"**:

- ❖ "fazer loucuras, cometer erros e ser feliz";
- ❖ "não se preocupar com as consequências que o futuro trará";
- ❖ "fazer besteira que ainda há tempo";
- ❖ "fazer besteira e aprender para que não se repita";
- ❖ "é errar para aprender, viver experiências diversas para descobrir quem você é";
- ❖ "realizar mudanças, tentar e quebrar ou não a cara, testar coisas novas e aprender com erros e acertos";
- ❖ "ser destemido o suficiente para ser cheio de inseguranças";
- ❖ "ter a mente aberta e trazer novas tradições e mudanças".

Depreendemos também de suas respostas que, pelo fato de os jovens ainda não terem adentrado o mundo adulto, tendem a não possuir a seriedade e as responsabilidades atribuídas socialmente a essa fase da vida, uma vez que se encontram em período de moratória social. Podemos observar que eles têm a seu favor: a possibilidade de experimentações, novas experiências, estão mais livres para o risco, para a aventura, para a busca do novo. É permitido a eles que errem, acertem, errem novamente, que avancem, mas que também possam retroceder. São vistos como sujeitos em desenvolvimento e bem sabemos que este processo de constituição é um processo que envolve erros e acertos, bem como autoconhecimento contínuo e sucessivas reflexões.

Desta forma, observamos em algumas de suas expressões a vivência de sua constituição, de um jovem em permanente construção social e histórica. E por isso, está em processo de constituição contínua, em um processo singular, único. Encontramos esses aspectos nas respostas abaixo quando questionados em relação a "**Ser jovem é**":

- ❖ "ainda estar se encontrando";
- ❖ "é errar para aprender, viver experiências diversas para descobrir quem você é".

Podemos verificar que, mesmo apesar de os jovens já se encontrarem em condições de produzir e de se inserirem na lógica do mercado, pelas condições socioeconômicas de seus pais, que podem financiar a inatividade econômica dos filhos, notamos que eles estão ainda em uma etapa de preparação para se tornarem produtivos para o mercado — a vivência de sua moratória social. Então, já há uma naturalização para os jovens da nossa pesquisa o fato de eles não trabalharem e se preparem ativamente para o mercado de trabalho por meio da formação educacional.

Alguns elementos merecem ser analisados com o que viemos apresentando até o momento. As significações que esses jovens atribuem ao trabalho, a visão que eles têm do trabalho adulto e o que considerariam uma oportunidade em suas vidas atuais, devem ser analisados, pois, conforme mencionado, o trabalho é um dos elementos fundamentais que compõe as significações sobre seus projetos de futuro.

Para tanto, algumas de suas respostas frente a frase "**Trabalhar para mim**":

- ❖ "é algo obrigatório que se deve fazer para ganhar dinheiro, mas que deve trazer prazer e satisfação";
- ❖ "faz parte da vida";

- ❖ "é ter prazer no que faço";
- ❖ "ganhar dinheiro";
- ❖ "deve ser satisfatório";
- ❖ "é cansativo e chato";
- ❖ "é fazer o que eu gosto";
- ❖ "não é apenas ganhar dinheiro, mas fazer aquilo que gosto e receber o dinheiro como recompensa pelo bom trabalho".

Suas significações a respeito do trabalho apontam para certas marcas do sujeito contemporâneo, cujo ato de trabalhar não tem somente o significado da subsistência, mas também do valor social que lhe é atribuído em nossa sociedade.

É importante observar que o trabalho para os jovens é certamente vivenciado de forma subjetiva e portanto, individual e única. E por isso adquire diversas formas, ocupando na constituição dos sentidos e significados do jovem, um lugar de maior ou menor importância. Desse modo, observamos que para um sujeito o trabalho representa "algo que ainda não consegui imaginar ainda", para outro significa que "faz parte da vida", em outra expressão, "é cansativo e chato", para outro jovem "deve ser satisfatório". Podemos dizer que para esses jovens a categoria trabalho ainda não tem a significação de centralidade em suas vidas, em seus projetos. O trabalho é visto como algo necessário, mas aparentemente ainda distante, com o qual não há necessidade de preocupação. Estes jovens parecem não se apropriar da complexidade e das mediações que constituem o trabalho, o que dá indícios de como enxergam seus projetos de futuro. A resposta do jovem abaixo vai ao encontro do que preconizamos a respeito do sentido do trabalho nesta tese, isto é, o sujeito se constitui e cria relações por meio do trabalho, uma vez que essa atividade, conforme já mencionamos, foi, ao longo da história, se transformando e adquirindo valores morais e sociais, os quais incorporados à vida humana, tornaram-se o sentido dela (ANTUNES, 2009). Há uma busca por um trabalho significativo. Assim, o trabalho para o jovem:

- ❖ "tem que ter um significado que justifique toda a minha dedicação diária, não só por bens materiais, mas sim imateriais e pessoais".

A despeito desta expressão trazer o trabalho como constitutivo da subjetividade, cabe ressaltar que todos os aspectos que os sujeitos trazem, desde "fazer o que gosta", o que "dá prazer", "ser chato", um fator de subsistência, etc, são decorrentes da maneira como eles se

apropriam da realidade, do contexto em que vivem, de seu meio social, que por sua vez, são constituintes de suas subjetividades. Sendo assim, as suas vivências, suas experiências e histórias de vida são igualmente constituintes de seus modos de pensar, sentir e agir. Importante ressaltar que esse processo subjetivo e único é o que dá sentido às suas aspirações de futuro.

Para os jovens desta pesquisa, observamos que o que se configura como mais importante nesse momento para eles, o que eles aspiram é ter trabalho no futuro, é conquistar sua profissão. E no anseio pela sua realização profissional, alguns jovens buscam o trabalho dos sonhos. Para tanto, alguns jovens trazem consigo uma grande idealização a esse respeito, como podemos verificar por meio da frase "**Trabalhar para mim**":

- ❖ "é exercer aquilo que ama";

Ou nas respostas em relação a frase "**Consideraria uma grande oportunidade**":

- ❖ "um convite para me dedicar profissionalmente a fazer o que eu amo";
- ❖ "descobrir e exercer uma profissão pela qual eu me apaixone".

Se apaixonar pelo trabalho, exercer aquilo que ama, são palavras que expressam um modo emocional de olhar para o seu trabalho no futuro. É o que desejam vivenciar em suas atividades de trabalho, são suas expectativas e estão fortemente carregadas de intensidade e idealização. Podemos dizer que se trata, por parte desses jovens, de uma "romantização" do trabalho. É mais do que buscar um trabalho com significado, que dê satisfação. É romancear e idealizar, imaginar que sempre haverá felicidade, fantasiar uma vida irreal, um trabalho irreal. É buscar um trabalho quase inatingível. Dessa forma, coloca-se o trabalho em um patamar do tudo ou do nada. Ou como afirma Alexandre Teixeira³³ "trabalhos dos sonhos são quase sempre estereotipados. A maioria das pessoas tem empregos duros. Amar o que faz nem sempre é possível. Mas é sempre desejável".

Podemos depreender que a busca idealizada da profissão dos sonhos pode estar relacionada à nossa vivência em sociedade, em uma era caracterizada pela consolidação de uma sociedade de mercado, cujos sujeitos contemporâneos tendem eternamente à busca de prazer, e por conseguinte, mostram-se mais insaciáveis. Então o desejo é de uma profissão que possam amar, pela qual possam se apaixonar e que não tenha contratempos.

³³ Extraído do artigo "Felicidade de resultados" de Alexandre Teixeira, p.6. Folha de São Paulo. 27 de setembro de 2015. Especial Guia das Profissões.

Da mesma forma, vale ainda ressaltar que alguns jovens trazem o apaixonar-se pela profissão e isso se deve à imaturidade frente à realidade, pois veem-se bastante distantes da realidade concreta, objetiva, do ambiente de trabalho. Assim, o ato de idealizar funciona como uma defesa, desviando o olhar da realidade, uma vez que adequar as expectativas à realidade implica dúvidas e pressão para a tomada de decisões.

Por outro lado, a busca de uma profissão que traga realização é legítima e, portanto, se faz necessária reflexão acerca da escolha da profissão tanto para quem ainda pretende ingressar no mercado de trabalho quanto para quem nele já possui espaço. Notamos que isto é igualmente válido hoje, uma vez que diante de novos cenários e novas formas de desempenhar o trabalho, além das sucessivas crises econômicas, é natural que o trabalhador sinta insegurança e fragilidade. Uma lógica de funcionamento diferente do que foi no passado, em que os empregos eram para toda vida, ou seja, eram estáveis e o que importava era a lealdade e a disciplina. Hoje busca-se gostar e ter prazer no que se faz, ou seja, uma aliança entre trabalho, prazer e reconhecimento.

Verificamos esses aspectos por meio de suas expressões:

- ❖ "é ter prazer no que faço";
- ❖ "tem de ser algo prazeroso";
- ❖ "é fazer algo que eu gosto e ainda ser paga para isso";
- ❖ "me sentir feliz com a minha profissão";
- ❖ "trabalhar em algo que eu realmente goste e que eu seja feliz fazendo";
- ❖ "ser bom naquilo que faço e fazer por prazer";
- ❖ "achar o que eu gosto de fazer".

Mas, paralelamente à busca do prazer no trabalho, outros aspectos são procurados, tais como áreas com boa oferta de trabalho e bons salários. Aliado a isso, são importantes também, valores como o aprendizado, o desafio intelectual, e um trabalho que seja voltado para ajudar a sociedade, valor esse de alguns jovens mais sonhadores. Para esses jovens, em relação à frase "**Trabalhar para mim**", suas respostas foram:

- ❖ "significa me empenhar em fazer o que gosto com o objetivo de contribuir para a sociedade";
- ❖ "é se esforçar para criar algo relevante que possa ajudar alguém";
- ❖ "é deixar sua marca na humanidade";

- ❖ "fazer uma coisa que eu goste, mas que também ajude os outros e traga algum tipo de mudança positiva na sociedade".

Ou na frase o "**Trabalho do adulto para mim representa**":

- ❖ "A consciência de que ele deve fazer algo acima de tudo por si próprio, de preferência que muda algo a sua volta e ajude outros no caminho".

Ressaltamos aqui a pesquisa feita pela consultoria de recrutamento Page Talent³⁴ com 3.684 jovens brasileiros, com idades entre 17 e 26 anos, que aponta a preocupação e o engajamento em trabalhos voluntários dos jovens da geração Z, com 64% deles fazendo ou já tendo feito trabalho voluntário. Cabe mencionar a pesquisa, pois não aparecem muitas respostas nas entrevistas realizadas no desenvolvimento do presente trabalho que expressem esta vontade de ajudar as pessoas e a sociedade de alguma maneira. Mas fazer alguma coisa útil à sociedade ou que ajude de alguma forma as pessoas é, sim, um aspecto que também move os jovens, os desafia e dá sentido a suas atividades, mesmo que estas atividades mais altruístas sejam feitas de forma paralela a sua atividade profissional. Vale, no entanto, fazer uma ressalva: se por um lado fazer trabalho voluntário pode ser uma atividade importante, de ajuda, até mesmo de contato com uma realidade, provavelmente muito diferente da que esses jovens possuem, por outro lado, não podemos cair no perigo de fazer uma leitura idealista ou ingênua e acreditar que participar de trabalho voluntário já indica um movimento de transformação social, de crença na salvação mundial.

Em uma sociedade cuja atividade de trabalho sofre grande fragmentação, afetada por um *modus operandi* individualista, onde o que importa é o bem-estar do sujeito, sua felicidade, partindo do conhecimento de que os modelos de funcionamento da sociedade vão se esgotando e se superando, o que assistimos atualmente quanto a relação da juventude e suas preocupações sociais, preocupações com a coletividade, em contraposição a cultura narcísica difundida, deve-se ao fato de que encontramos-nos em um processo de transição, em que ideias e ações estão sendo gestadas. Podemos verificar esse movimento nas expressões e ações políticas ligadas aos recentes movimentos sociais no Brasil e no mundo. Assistimos novas formas e espaços de expressões reivindicatórios de livre manifestação mediados e possibilitados pela sociedade em rede, pela tecnologia. Sendo assim, podemos unicamente

³⁴ Extraído da reportagem "Profissionais mais jovens são otimistas com o seu futuro", p. 3. Folha de São Paulo. 29 de novembro de 2015. Negócios e Carreiras.

apontar esses fatos, pois não é nosso objetivo nos debruçarmos sobre a politização da juventude. Contudo, todas as manifestações e expressões sejam elas virtuais ou em espaços físicos são mediações importantes na constituição de nossos jovens, constituição de suas subjetividades e por conseguinte, de seus futuros. Cabe aqui fazer uma observação, pois apesar de concordarmos com os autores que usamos como referência nesta tese e que definem nossa era como narcísica, não gostaríamos de generalizar os jovens desta forma, pois como mencionamos no capítulo teórico, trabalhamos com o conceito de juventudes e portanto, subjetividades diferentes, realidades diferentes, projetos igualmente diferentes.

Outro aspecto de significação para o jovem quanto aos elementos que compõem o seu projeto de futuro, é a forma como ele vê e vivencia os valores e a forma de trabalho de seus pais. Para tanto, na frase "**As desvantagens de ser adulto são**":

- ❖ "se perde tempo, os relacionamentos são mais superficiais, o jogo de interesse é gigantesco entre outras".

E em outra resposta relacionada à frase "**O trabalho do adulto para mim representa**":

- ❖ "muito tempo usado ao estresse";
- ❖ "algo que pode deixar a vida complicada";

Frente às expressões acima, podemos observar que esses sujeitos veem o trabalho do adulto como cheio de desafios e dificuldades a serem enfrentadas, a serem transpostas. Em face disso, nos perguntamos: o que é hoje o mundo do trabalho? Quais suas demandas, impasses e exigências? Como os jovens veem os adultos diante das pressões, como os veem lidando com as renúncias, com os dados de realidade?

O mundo e as relações entre os sujeitos sofreram mudanças profundas. Isso se faz visível nas relações profissionais, cujo contexto de trabalho caracteriza-se pelo individualismo e alto grau de competitividade. Há cada vez mais tensões nesse ambiente onde se (des) articulam interesses diversos, com alto grau de cobrança, obsessão por resultados e cumprimento de metas. Todos estes elementos podem deflagrar estresse, desânimo, desmotivação ou perda de sentido na atividade laboral para os sujeitos.

Da mesma forma, a insegurança no emprego, as frustrações com o trabalho, a rotina, o aumento de horas dedicadas, também se configuram como preditores de estresse. Podemos então observar que a cultura da competitividade e do individualismo que impera nos

ambientes de trabalho, em especial os empresariais, faz mal a muitos que neles trabalham. Isso significa que para os jovens é propagado um modelo de trabalho que os deixa inseguros e temerosos em buscar oportunidades semelhantes.

Contudo, esse mesmo ambiente proporciona crescimento profissional, desenvolvimento de competências, superação pessoal. Surgem ambientes corporativos, onde cargos de gestão são valorizados socialmente e por consequência, financeiramente. Tais ambientes empresariais acabam dando o mote para o projeto de muitos jovens que aspiram um retorno financeiro rápido, mesmo que em muitas vezes, isso possa mostrar-se ilusório. Nesse aspecto podemos apontar a contradição social que se evidencia, pois o executivo, o trabalhador das grandes empresas, das grandes corporações, ao mesmo tempo que alcança status, poder e sucesso, leva uma vida "voltada" ao trabalho, em grande parte dos casos deixando família, lazer e vida social em segundo plano. Vale ainda notar que os projetos dos sujeitos de nossa pesquisa são afetados pela globalização, pela internacionalização do trabalho, por modelos de trabalho onde exige-se flexibilidade, bem como pelo modelo "tradicional" do emprego, desejo presente nas aspirações de alguns sujeitos.

Algumas de suas expressões em relação à frase "**Consideraria uma grande oportunidade**" são elucidativas das demandas que mencionamos acima:

- ❖ "ir estudar fora";
- ❖ "fazer um intercâmbio";
- ❖ "aprender com um grande profissional e estagiar numa empresa grande";
- ❖ "algo que proporcione viajar e conhecer lugares diferentes fazendo alguma coisa que eu goste";
- ❖ "ir estudar e morar na Europa";
- ❖ "uma chance de construir uma carreira internacional";
- ❖ "um trabalho promissor fora do Brasil";
- ❖ "viajar o mundo todo encontrando novas culturas e línguas"
- ❖ "ser chamada para colaborar em um projeto inovador, quem sabe no exterior";
- ❖ "estágios em empresas grandes, intercâmbios e empregos temporários em outros países";
- ❖ "estudar em outro país, ganhar uma bolsa de estudos, etc";
- ❖ "poder trabalhar fora do país";

❖ "trabalhar em uma grande empresa com alto reconhecimento"

Confrontamo-nos cotidianamente com um mercado de trabalho dinâmico, que aliado as diversas exigências dos ambientes corporativos, demanda cada vez mais profissionais flexíveis, com boa adaptabilidade, hiperqualificados, produtivos, versáteis, criativos, que falem, de preferência mais de uma língua estrangeira, entre outras qualificações. Por tais razões e outras, fruto da subjetividade de cada um, os jovens ambicionam fazer intercâmbios, viajar pelo mundo, conhecer novas culturas, trabalhar e fazer carreira em outro país, trabalhar em uma grande empresa.

Assim, jovens das classes medias altas e altas tendem a prolongar seus estudos no Brasil ou no exterior para terem melhores condições de disputa no mercado, sobretudo em relação às vagas mais qualificadas e rentáveis. Cabe ao trabalhador, como já dissemos, educação de qualidade e atualização, pois é dessa maneira que ele tem a possibilidade de mobilizar suas potencialidades e preparar-se para o domínio do trabalho intelectual, o trabalho abstrato, já que a centralidade do trabalho hoje move-se em torno do trabalho imaterial (ANTUNES, 2009). Nesse sentido, a formação cumpre o papel de forma de ascensão social.

Além da globalização da economia e da internacionalização do trabalho, verificamos que os anseios apresentados pelos jovens em abrir seus horizontes por meio de experiências em outros países, conhecer novas culturas, estão em consonância com a vivência de experimentação que vivemos hoje, ou como Pelletier (2001, p.12-13) destaca:

A geração atual se inspira numa "filosofia" segundo a qual a gente gera conhecimento pela ação. Conhece-se indo ver. [...] é pela ação e pela interação que se conhece tudo. A relação com o mundo torna-se , portanto, uma co-ação. Eu conheço, agindo, experimentando a diversidade das aparências e dos fenômenos ligados a todo objeto a descobrir.

Por fim, assistimos hoje a uma busca frenética por novas experiências, estímulo para que as pessoas se aventurem, busquem novas formas de fazer as coisas, tenham acesso a novas culturas, conheçam pessoas e estilos de vida diferentes. Enfim, que possam estar abertas a novas experimentações. Para além da formação educacional e humana de um jovem globalizado e contemporâneo, o imperativo da vivência da experimentação também é motivado e ao mesmo tempo é consonante com a vigência de uma sociedade de mercado. O capital media cada vez mais as vivências humanas. Vale dizer que em relação a estes aspectos, das novas e constantes experimentações, novos estilos de vida e novas culturas, não

é possível para todos realizar seus desejos relativos a tais experimentações, uma vez que não estão igualmente disponíveis ou acessíveis para todos os sujeitos, mas sim para poucos.

Como conclusão de tudo o que dissemos até agora, cabe considerar que a transição para o mundo adulto, ou seja, as significações que eles têm em relação à imagem do adulto, vem carregada de seriedade e muita responsabilidade, pois as exigências do crescer são muitas e a sociedade não dá sinais tão sedutores para que eles entrem tranquilamente nessa etapa da vida. Por outro lado, enquanto jovens que são, aspiram o modelo que têm dos adultos a independência e a autonomia, já que esses são valores também buscado por eles. São jovens que estão escrevendo suas histórias, uns mais preocupados em viver o momento presente, outros preocupados com o processo de constituição de suas subjetividades frente a realidade objetiva, carregada de incertezas.

Ao fim e ao cabo, a frase desse jovem em relação ao trabalho nos dá a ideia totalizante de como o trabalho se configura, em uma relação dialética em que "Pode tanto fazer com que você se sinta no lugar certo quanto te tirar qualquer oportunidade de respirar".

Considerações Finais

O capitalismo é o senhor do tempo. Mas tempo não é dinheiro. Isso é monstruosidade. O tempo é o tecido de nossas vidas (Antonio Candido).

Tendo em vista que vivemos em uma sociedade em constante transformação, caracterizada por uma nova construção temporal, a relação que os sujeitos têm com a dimensão do tempo é mediada por novas relações, sobretudo, pela nova experiência da velocidade. Os dados dos jovens que analisamos corroboram este aspecto, pois mostram as constantes pressões sofridas de sujeitos que se encontram imersos em uma sociedade dinâmica, concebida por um ritmo acelerado. Revelam o quão são pressionados por um tempo que não pode ser ocioso e deve, categoricamente, ser produtivo. O tempo, então, precisa ser bem aproveitado, tem de ser voltado para a ação, para o fazer, e deve ser gasto prudentemente, ou seja, não pode ser desperdiçado. Isso nos mostra o quanto eles estão cotidianamente imersos na ideologia do capitalismo econômico: da rentabilidade do tempo e da vida.

Pode-se ainda constatar, por meio dos dados analisados, as contradições sociais que o momento histórico enseja. Quando investigados sobre suas relações com o tempo tecnológico, da internet e das redes virtuais, alguns significaram este tempo como algo desperdiçado, perdido. Portanto, esses jovens revelam também o quanto podem ficar aliviados em ter uma vida não mediada por uma tela o tempo todo. Em face disso, observamos que a sensação de alívio é quase um sonho, já que a pressão da Internet parece ser quase inevitável. Desta forma, esses sujeitos vivem a contradição de nossa sociedade tecnológica, pois expressam ao mesmo tempo certo sofrimento ao terem de se conectar e necessidade de fazê-lo, uma vez que o modo de estar e viver no mundo é fortemente mediado pela vivência da virtualidade.

Entretanto, para outros sujeitos, o tempo é significado como lazer, informação e socialização. Estes sujeitos nos mostram que satisfazem-se tanto conectados nas redes sociais quanto desconectados. Parece que eles não expressam sofrimento, não vivem a contradição.

Depreendemos disso que nos dois casos citados os sujeitos não se apropriam das contradições sociais que os afetam, uma vez que, com mais ou menos sofrimento, vivem o mundo virtual como algo natural de sua época. Eles não expressam que percebem este fato como algo próprio desta sociedade, uma sociedade tecnológica que os constitui ao mesmo tempo em que é constituída por eles.

Concluimos também que esses polos, que aparentam ser opostos, se complementam. Isso porque a socialização e a obtenção de informações, ou seja, a interação que os sujeitos têm nas redes virtuais, são importantes, tanto quanto os momentos em que permanecem desconectados, com possibilidades de reflexão. Então, os jovens, quando se expressam, o fazem de forma dicotômica, porque não se apropriam das contradições sociais constitutivas das noções do tempo.

Assim, a frase "O tempo passa como uma estrela cadente" elucidada, e até podemos dizer que acaba sintetizando, suas vivências virtuais, pois os dados levantados vêm referendar o que Castells (2009) denomina de tempo intemporal e Harvey (2005), de compressão tempo-espaço. Tempo este que proporciona ao sujeito a vivência de um presente eterno. Enfim, pudemos apreender, com os dados apresentados, que as formas de experiências mediadas pelo mundo fluido e virtual afetam, de certa forma, a temporalidade psíquica do sujeito, afetando também outras esferas de sua vida.

Vale salientar que esta noção de tempo dos jovens é constituída por mediações tanto subjetivas quanto objetivas. Por um lado, estas mediações são elementos essenciais da subjetividade dos jovens; por outro, fazem parte de uma realidade material, objetiva e concreta. A objetividade do tempo tecnológico e do tempo da incerteza oriunda do capitalismo alude para a vivência subjetiva dos jovens que, por sua vez, também objetivam essa realidade e, numa dialética constante, tornam a subjetivar a realidade objetiva. E, conforme já mencionamos, a subjetivam de forma naturalizante, reforçando que hoje é normal viver sob a égide do tempo instantâneo, cada vez mais veloz, vivenciando-o como um tempo encurtado.

Esta realidade material, peculiar deste nosso momento histórico, é complexa, paradoxal e mediadora do contexto contemporâneo. Ela se apresenta desta forma em decorrência de múltiplos fatores, conforme já discutido ao longo desta tese. Resgatando alguns deles, temos: a emergência do neoliberalismo; os processos de produção flexíveis — verdadeiros sistemas de regulação social e econômica — e a urgência do agir perante condições instáveis e fragmentárias de trabalho. A flexibilidade, esta nova ordem do trabalho, impõe novos controles que são difíceis de entender, uma vez que são formas de poder ideologicamente não claras para os trabalhadores, porque são contraditórias e ambíguas, beneficiando os detentores do poder.

Para que ocorra uma leitura do contexto social do capitalismo atual, conjuntamente às mudanças mais estruturais, é necessário considerar a educação e a formação ao longo da vida, pois é por meio da apropriação de conhecimentos e experiências que o sujeito vai inserir-se no mercado de trabalho e também desenvolver-se e permanecer neste mercado com regras que mudam frequentemente, muitas vezes não sendo tão claras aos sujeitos. Em suma, há uma realidade confusa, ambígua e contraditória, "'efeito colateral' da nova leveza e fluidez do poder, cada vez mais móvel, escorregadio, evasivo e fugidio", que, conforme Bauman (2001, p.23) elucida, contribui para o declínio dos projetos sociais e coletivos. Esse efeito colateral traz diversas implicações e dificuldades para os jovens que fazem seus projetos e sonham com seus futuros.

Em nossa realidade, o que assistimos e que muitos autores estudam é a mudança das relações dos sujeitos com o tempo presente e também com o tempo futuro. Verificamos que as respostas dos sujeitos frente ao tempo futuro indicam suas contradições, pois do mesmo modo que eles o desejam e é estimulante pensar no futuro, o futuro é fonte de medo, tal como retrata a expressão de um jovem: "é ao mesmo tempo animador e assustador".

Da mesma forma, chama-nos atenção outra contradição social: vivemos na era da incerteza e, simultaneamente, nunca foi tão importante pensar no futuro. A preocupação, a ligação que as pessoas de uma maneira geral têm com o tempo futuro, marca os sujeitos da era atual. Por meio da frase: "por ser uma das partes mais importantes da minha vida" observamos o quanto o futuro é uma dimensão de muita importância na vida dos jovens e ao mesmo tempo temos claro o quanto de ansiedade, temor e esperança estão colocados no porvir.

Os dados também nos mostram, assim como a expressão adiante, a síntese da experiência de sermos nós, sujeitos contemporâneos, produtores e ao mesmo tempo fruto de um mundo da incerteza e das múltiplas determinações presentes no processo social. Desta forma, pensar no futuro "é difícil, pois qualquer coisa pode mudar tudo". Quanto a esse aspecto — o da incerteza —, as respostas de nossos jovens nos revelam que a mudança pode tanto ser temida, mesmo desestruturante, como também vista por seu lado otimista e construtivo: o encontro com novas oportunidades, o abrir-se para as várias e novas possibilidades.

A análise nos possibilitou apreender que, na era da incerteza, o jovem busca certeza, objetividade, respostas imediatas. A pressão do tempo imediato faz com que o tempo da espera seja vivenciado como um tempo encurtado, que passa muito rápido. Essa pressão acaba gerando ansiedade, inquietação.

Podemos dizer, portanto, que, nos dias de hoje, a regra fundamental é buscar a segurança no movimento. Buscar a segurança na incerteza e imprevisibilidade, não tendo o longo prazo como horizonte. Isso condensa o tempo, pois a busca tem de ser rápida e construída imediatamente, já que a aceleração do tempo faz com que os intervalos entre os acontecimentos sejam cada vez mais breves. Faz-se necessário, com isso, levar cada vez mais em conta o tempo da ocasião, do incerto, do inesperado, o tempo de Kairós, ao se pensar no futuro. Os jovens precisam estar atentos às mudanças e às oportunidades que surgirem.

Nossa análise também nos mostrou as contradições que os jovens trazem quanto a suas decisões e escolhas profissionais. Demonstram insegurança e medo de errar na escolha, pois ainda a encaram como algo eterno. Além disso, de maneira um tanto quanto fatalista, pensam que são imutáveis, fixas, não enxergando saída para essa situação. Eles não se apropriam da ideia, portanto, de que a construção da profissão é processual: vai se constituindo no tempo, entre avanços e retrocessos, continuidades e mudanças. Tomar essa visão de imutabilidade é bastante contraditório em um mundo em movimento.

Para além da escolha profissional, voltamos ao objetivo da pesquisa: investigar as significações dos projetos de futuro dos nossos sujeitos mediados pelo tempo do contemporâneo. Constatamos que elaborar projetos ao longo prazo para eles é algo que soa vago, porque eles nos trazem o fato de que têm metas a serem perseguidas, tem objetivos, mas em um discurso que parece vazio, indefinido, inconsistente. Cabe dizer que, para eles, está ainda tudo muito impreciso, não palpável, distante, pois o projeto do sujeito não pode constituir-se simplesmente em um desejo ou intenção vaga.

Compreendemos que essa superficialidade em seus discursos e respostas está relacionada ao fato de que "chegar lá" é um futuro muito distante ainda e, por viverem seus projetos no curto prazo, suas vidas no presente imediato, fica difícil para eles demonstrarem uma concretude de suas metas, nomeando-as e não generalizando-as. Apontamos aqui também uma contradição da experiência do tempo, pois pensar em um futuro distante é algo difícil, não palpável, mas ele existe. Por outro lado, o futuro é experienciado como "agora".

Então observamos que há o predomínio dessa temporalidade encurtada em suas vidas, que suprime o futuro distante.

Entretanto, ao mesmo tempo em que alguns deixam clara a dificuldade que possuem em fazer projetos, outros apostam em alguns meios como possibilidade de construção dos seus, como estabelecer metas, planejar, pensar e organizar as ideias. É importante assinalar as contradições que apontamos, pois muitos jovens não têm seus projetos realmente delineados, mencionando apenas a importância de ter metas e objetivos, demonstrando assim pouca concretude em sua elaboração. Por outro lado, há alguns jovens que demonstram ter planejamento e estratégia em seus projetos. Isso se deve às condições subjetivas e objetivas que configuram as significações de seus projetos. Cabe lembrar que a elaboração de um projeto é individual, singular, mas ao mesmo tempo está inserida num contexto socio-histórico.

Os jovens dessa pesquisa demonstraram também a grande pressão que sofrem pelo tempo presente. São inúmeros os estudos e as atividades que lhes são exigidos, sentem-se como se estivessem sendo "tragados" pelo imediatismo dos estudos, pela intensa preparação para o vestibular, pelo curto prazo de tempo de que dispõem para suas escolhas, etc. E quanto mais ficam presos ao presente, menos se apropriam da elaboração de seus futuros, como se ficassem presos no emaranhado das demandas do tempo presente, dispondo de pouco tempo para cuidar do futuro e prepará-lo.

Diante disso, entendemos que, em nosso momento atual, valorizam-se as conquistas imediatas em detrimento das conquistas de longo prazo, pois o próprio futuro é encarado de maneira imediata. O futuro é agora. Exatamente por isso o futuro acaba mostrando-se uma pressão no presente imediato, dificultando as necessárias reflexões para projetar o que está por vir. E como consequência exige-se cada vez mais cedo dos jovens que se posicionem em relação às suas escolhas.

Vale observar que os jovens ao serem solicitados a fazerem suas escolhas sob pressão, correm o risco de fazê-las em um tempo subjetivo ainda não convergente com o tempo externo e imediatista do tempo da pressão, ou seja, seu ritmo interno não "acompanha", as pressões, que são mais velozes do que ele pode elaborar subjetivamente.

Por fim, o que podemos apreender neste cenário contemporâneo, cujo sujeito está exposto a múltiplas experiências contraditórias, é que os jovens até elaboram projetos, mas de uma forma diferente, e em um curtíssimo prazo de tempo. O futuro a longo prazo está muito distante da realidade deles, portanto, faz-se necessário que elaborem seus projetos de forma dinâmica, levando em conta um mundo que está em constante movimento, não é simples, seguro e previsível. Ao contrário, este mundo nos impõe obrigatoriamente mudanças no modo como nos mobilizamos para a ação, criando a possibilidade de planejamento e elaboração de um projeto dinâmico, que vai se modificando no tempo, ou seja, faz-se necessário que os jovens contemplem a noção de tempo oportuno, o tempo de Kairós, que é a arte de viver o tempo de ação.

Assim, a forma como eles estão significando seus projetos de futuro passa pela articulação entre o tempo de Kairós e de Chronos. Contudo, conforme nos alerta Pelletier (2001, p 9), "a nova geração aborda o tempo muito mais sob o ângulo do acontecimento e de Kairós do que sob o ângulo da programação e de Chronos". Então, os jovens precisam estar atentos às oportunidade que surgem e no momento em que surgem e, para isso, precisam ter capacidade de improvisação. Prossegue o autor sublinhando que "sob a ordem de Kairós um projeto torna-se muito mais uma história de intenção, de valor pessoal de expectativas indefinidas que se pode ter, mantendo-se uma leitura assaz flutuante da realidade" (PELLETIER, 2001, p.10).

Finalmente, depreendemos a importância que a noção do tempo tem na vida dos jovens contemporâneos hoje. Se a noção de tempo implica a noção de futuro e, conseqüentemente, a noção de projeto, isso claramente tem implicações no cotidiano e na vida desses jovens. Então, essa forma de vivenciar, de significar o tempo do contemporâneo, é uma mediação essencial para entender as significações que constituem a forma de eles pensarem o projeto de futuro. Reafirmamos com isso a importância que esta pesquisa tem em investigar este aspecto, dar luz à relação que o sujeito tem com seu futuro, pois trata-se de um aspecto teórico que precisa continuar a ser desenvolvido.

Este estudo, ao se debruçar e discutir aspectos e elementos constitutivos dos jovens neste final da primeira quinzena do século XXI, tenta aproximar-se da compreensão de suas vivências, criando, dessa forma, zonas de inteligibilidade nos processos de existência desses sujeitos. Com isso, consideramos que este estudo pode abrir caminhos para outros estudos

relacionados aos jovens e suas demandas de futuro. Além de mostrar ser de suma importância tanto na área acadêmica quanto na área social, uma vez que contribui para o enriquecimento da compreensão e estudo da constituição da subjetividade dos jovens contemporâneos.

Ao fim e ao cabo, temos a convicção de que teorizar sobre os jovens aponta para a aplicabilidade em várias frentes: para quem trabalha com a juventude e para os que vão trabalhar, isto é, para professores e orientadores educacionais em escolas de ensino médio, em ONGs, em cursinhos universitários. Traz também importantes contribuições para o orientador profissional, pois é necessário conhecer o jovem que faz escolhas e projetos para ajudá-los a lidar com a incerteza, ajudá-los a formular seus objetivos e as ações na direção de concretizá-los.

Neste sentido, outra aplicabilidade importante deste estudo diz respeito aos pais dos jovens que no bojo de suas vidas contemporâneas aspiram segurança e felicidade para seus filhos, ao idealizarem os projetos de futuro com eles e/ou para eles. Criar espaços de grupos de pais em escolas ou instituições educacionais também se apresenta como um aspecto importante, uma vez que, como vimos, as ideologias presentes em nossa sociedade envolvem a todos no mesmo movimento, isto é, o adulto enfrenta o mesmo mundo incerto que o jovem. E, além disso, ainda precisa lidar com a indefinição de seu papel, que outrora já foi extremamente valorizado como modelo seguro para os jovens.

Desta maneira, a pesquisa aponta a oportunidade de os pais participarem de trabalhos que possibilitem reflexões, ou seja, de um espaço em que possam confrontar e compartilhar suas experiências, ideias, dúvidas, seus valores pessoais, aspirações e expectativas quanto ao futuro dos filhos. Assim, eles podem apropriar-se desta realidade e sentirem-se mais próximos e fortalecidos para ajudar seus filhos a buscarem seus próprios referenciais e modelos, uma vez que, ao superarem as expectativas que projetaram em relação aos seus filhos, deixam-nos mais livres na direção de construírem projetos de futuro mais consistentes e menos determinados pelas suas expectativas.

Posto isso, acreditamos que esta é uma forma de superar o discurso social disseminado como verdadeiro do sucesso econômico, como garantia para a felicidade do filho. Essa proposta é ainda legitimada pelo modo de vida individualista que opera em nossa sociedade, muitos pais sentem-se sozinhos e desorientados quando são convocados a orientar seus filhos.

Quanto aos jovens, também faz-se necessário que se instituem e se legitimem espaços de trabalho em que possam ser compreendidos em suas aspirações, desejos, ansiedades e conflitos. É importante ajudá-los a fazerem reflexões, auxiliá-los na capacidade de construir e reconstruir seus projetos e ações à luz de novos fatos, novos acontecimentos, novas oportunidades, novos horizontes que se abrem. Pois é urgente sobreviver em um contexto instável, de riscos e incertezas, um mundo diversificado e plural que trás a tona questões sobre os caminhos a seguir. Assim, frente às inúmeras opções, torna-se importante que o jovem possa construir sentidos e referenciais capazes de oferecer qualidade às suas ações, construindo a cada dia, a cada escolha o seu porvir.

Referências bibliográficas

- ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. P. M (2005) **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo.
- ABRAMO, H. W. (2005). Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo.
- ABRAMO, H. W. (2007) Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: **Juventude e contemporaneidade**. – Brasília : UNESCO, MEC, ANPED, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).
- AGUIAR, W. M. J. (2001) A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: Contribuições para o debate metodológico. In BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica**: Uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez.
- AGUIAR W. M. J. & OZELLA S. (2013) **Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação**. Rev. bras. Est. pedag., Brasília, v.94, n.236, p.299-322, jan./abr.
- AGUIAR ET AL (2009) Reflexões sobre sentido e significado. In: **A dimensão subjetiva da realidade**: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez.
- ANTUNES, R. L. C. (2009). **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. [2 ed. 10. reimpr. rev. e ampl.]. São Paulo: Boitempo. (Mundo do Trabalho).
- ARIÈS, P. (2011). **História social da criança e da família** - Rio de Janeiro: LTC.
- BARBIER J. -M. (1996) **Elaboração de projectos de acção e planificação**. Porto, Portugal : Porto Editora.
- BAUMAN Z. (2010) **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BAUMAN Z. (1999) **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BAUMAN Z. (2001) **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BAUMAN, Z. (2013) **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BIRMAN J. (2005) **Tatuando o desamparo**: a juventude na atualidade. Disponível em: <http://www.eposgsv.org/arquivos/tatuando.pdf>. Acesso em: 25/07/2014.
- BIRMAN J. (2007) **Laços e desenlaces na contemporaneidade**. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 40(72): 47-62, jun.

BOCK, A. M. B. (2007) **A adolescência como construção social:** estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicol. esc. educ.* [online]. vol.11, n.1, pp. 63-76. ISSN 1413-8557.

BOCK A. M. B. & LIEBESNY B. (2003) Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. **Adolescências Construídas.** São Paulo: Cortez.

BOHOSLAVSKY, R. (1977) **Orientação vocacional:** a estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes.

BOHOSLAVSKY, R. (Org.) (1977) **Vocacional:** teoria, técnica e ideologia. São Paulo: Cortez.

BOUTINET, J. P. (2002) **Antropologia do projeto.** Porto Alegre: Artmed, 5ª ed.

CAMARANO A. A. (Org.) (2006) **Transição para a vida adulta ou a vida adulta em transição?** Rio de Janeiro : Ipea.

CASTELLS M. (2009) **A sociedade em REDE.** Em a era da informação: economia, sociedade e cultura. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

CASTELLS M. (2013) **Redes de Indignação e esperança:** movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar.

CATÃO, M. F. F. M. (2007) O que pedem as pessoas da vida e o que desejam nela realizar? In E. Kruttszen & S. Vieira (orgs), **Psicologia social, clinica e saúde mental** (p.75 -94).

CATÃO, M. F. F. M. (2001) **Projeto de vida em construção :** na exclusão / inserção social. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária.

CLÍMACO, A. A. S. (1990) **Repensando as concepções de adolescência.** Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CALLIGARIS, C. (2000) **A adolescência.** São Paulo: Publifolha.

COSTA, J. F. (2004) Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, R. & VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade:** trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

DEBERT, G. G. (2010) **A dissolução da vida adulta e a juventude como valor.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 49-70, jul./dez.

ELIAS, N. (1998) **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro : Zahar.

ESTEVES L. C.G & ABROMOVAY M. (2008) Resumo "**Juventude, juventudes:** pelos outros e por eles mesmos". Anais do VI Congresso Português de Sociologia. Universidade

nova de Lisboa. Acesso em 25/02/2015. Disponível em <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/254.pdf>.

FEIXA, C. (2006) Generación XX. Teorías sobre la juventud en la era contemporánea. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Menizales, v. 4, n. 2, p.1-18, dez.

FEIXA C. & LECCARDI C. (2010) O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n.2, maio/agosto.

GONÇALVES, M. G. M. (2010) **Psicologia, subjetividade e políticas públicas**. São Paulo: Cortez (Coleção construindo o compromisso social da psicologia).

GONZALEZ REY, F. L. (2005) **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Thompson Learning.

GUICHARD, J. (1995) **La escuela y las representaciones de futuro de los adolescentes**. Barcelona: Editorial Laerte.

GUICHARD, J. (2012) Quais os desafios para o aconselhamento em orientação no início do século 21?, **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 13, n.2, p.139-152, jul/dez.

GUIMARÃES, N. A. (2005) Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo.

GONÇALVES, M. G. M. (2001) A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: o debate pós-moderno. In BOCK A. M. B., GONÇALVES M. G. M, FURTADO, O. (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica**: Uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez.

HARVEY, D. (2005) **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola.

IMANISHI, H. A. (2008) **A Imagem do adulto na contemporaneidade**: Uma avaliação dos jovens sobre os adultos. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

JAMESON, F. (2007) **Pós-Modernismo**. A lógica cultural do capitalismo tardio. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática.

KAHHALE E. M. S. P e ROSA E. Z. (2009) A construção de um saber crítico em psicologia. In: **A dimensão subjetiva da realidade**: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez.

KEHL, M. R. (2004) A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R. & VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

KEHL, M. R. (2009) **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo.

KONDER, L. (2003) **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense. (Coleção primeiros passos; 23).

LANIER, J. G. (2010) **Você não é um aplicativo**: Um manifesto. São Paulo: Saraiva.

LECCARDI, C. (2005) Por um novo significado de futuro mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, São Paulo. v. 17, n. 2. p.23-57.

LIEBESNY, B. (2008) **Análise de projeto de futuro - pelo jovem - como processo de apropriação de significados e produções de sentidos**. Doutorado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LIMA, N. L., SOUZA, E. P., REZENDE, A. O., MESQUITA, A. C. R. (2012) Os adolescentes na rede: uma reflexão sobre as comunidades virtuais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, p.2-18.

LEVI, G. & SCHMITT J. C. (org.) (1996) **História dos jovens**. Vol. 2. A época contemporânea . São Paulo: Companhia das Letras.

LEVY, P. (1999) **Cibercultura** . São Paulo: Editora 34.

LUKÁCS, G. (1979) **Ontologia do ser social**: Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Lech Livraria Ciências Humanas Ltda.

MAIA A. A. R. M. & MANCEBO D. (2010) **Juventude, Trabalho e Projetos de Vida**: Ninguém Pode Ficar Parado. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 30 (2) , p.376- 389.

MARX, K. (1978) O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores).

MORACE, F. (2013) **O que é o futuro?** São Paulo: Estação das Letras e Cores.

NICOLACI-DA-COSTA A. M. (2005) **O Cotidiano nos Múltiplos Espaços Contemporâneos**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Set-Dez Vol. 21 n. 3.

NICOLACI-DA-COSTA A. M. (2006) O psicólogo na sociedade em rede. In: PRADO, O.Z., FORTIM, I., CONSENTINO, L. (Org.), *PSICOINFO*, 3., São Paulo. **Psicologia & informática**: produções do III. Psicoinfo II. Jornada do NPPI. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, p. 20 - 30.

NOGUEIRA, F. M. M. (2007) **Os sentidos que os estudantes do primeiro ano de administração da PUC-SP atribuem aos seus projetos de futuro profissional**. Dissertação de mestrado, Programa de Psicologia da Educação, PUC-SP.

NOVAES R. R. (2002) Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: **Juventude em debate**. ABRAMO, FREITAS E SPÓSITO (org.) 2ª ed. São Paulo: Cortez.

NOVAES, R. & VANNUCHI, P. (2004) **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

NOVAES R. (2006) Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M DE & EUGÊNIO, F. (Org.) **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

PELLETIER, D. (2001) S' orienter dans um monde incertain. In: D. Pelletier (Org.), **Pour une approche orientante de l'école québécoise: concepts et pratiques à l'usage des intervenants** (pp. 7-23). Québec: Septembre.

PIMENTA, M. M. (2007) **"Ser jovem" e "Ser adulto":** Identidades, representações e trajetórias. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.USP.

POCHMANN, M. (2011) **O trabalho no Brasil pós-neoliberal**. Brasília: Liber Livros.

RIBEIRO, M. A. (2012) **Uma abordagem psicossocial da carreira com base no Construcionismo Social**. Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo.

RIBEIRO M. A. (2009) **A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2009, vol. 12, n. 2, pp. 203-216.

RIBEIRO, R. J. (2004) Política e juventude: o que fica de energia In: **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. Organizadores: Regina Novaes e Paulo Vannuchi. São Paulo: Editora Perseu Abramo.

SENNETT, R. (2012) **A corrosão do caráter**. 1ª ed. - Rio de Janeiro: BestBolso.

SENNETT, R. (2008) **A cultura do novo capitalismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record.

SPOSITO M.P. (2005) Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo.

SEVCENKO, N. (1998) Adultescência: O grande motim. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.5. 20 Não é um mês valido! Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs20099805.htm>>. Acesso em: 15/05/2015.

SARTRE, J-P. (1997) **O Ser e o Nada**. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. 5ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes.

SARTRE, J-P. (1970) **L'Existentialisme est Humanisme**. Paris: Les Éditions Nagel. Tradução de: Rita Corrêa Guedes.

VALENTINI, D. B. (2013) **Orientação vocacional**: O que as escolas têm a ver com isso? Campinas, SP: Papirus.

VELHO, G. (2004) **Individualismo e cultura**: Notas para uma antropologia da sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 7ª ed.

VELHO, G. (1994) **Projeto e metamorfose**: Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

UNESCO (2004) **Políticas públicas de/para/com as juventudes**. Brasília.

ANEXO A

1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. A aluna pesquisadora e doutoranda Flávia Maria Marques Nogueira, do programa de Pós Graduação em Educação : Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – requisitou minha participação em uma pesquisa. O título da pesquisa é: “O futuro é a semana que vem: um estudo sobre juventude e tempo ”.

2. Eu fui informado de que o propósito da pesquisa é investigar como os jovens estão significando seus projetos de futuro mediados pelo tempo do contemporâneo.

3. A presente pesquisa justifica-se por oferecer um espaço de reflexão acerca das questões voltadas para a construção de projeto de futuro em estudantes de ensino médio e estudantes de cursos preparatórios para o vestibular, que se encontram diante de questionamentos, expectativas e decisões frente ao seu futuro. Além disso, justifica-se porque o preenchimento do instrumento desenvolvido pela pesquisadora, pode posteriormente, ser usado em processos de orientação Profissional.

4. Para este estudo, o procedimento adotado envolve responder a um questionário aberto, um instrumento denominado por Frases Incompletas, o qual aborda questões sobre projetos de futuro, sobre o tempo relacionado a internet, sobre a imagem do adulto, sobre sonhos, ideias e expectativas de futuro, tendo duração de, aproximadamente, trinta minutos para o seu preenchimento.

5. Para participar deste estudo, eu compreendo que não haverá nenhum custo, nem receberei qualquer vantagem financeira.

6. Tenho ciência que minha participação é voluntária e que não existem riscos ou desconfortos previstos caso eu concorde em participar do estudo.

7. Sei que os resultados deste estudo podem ser publicados através de um panorama geral dos dados mais relevantes, mas meu nome ou identificação não serão revelados, mantendo-se a confidencialidade de meus registros obtidos através do instrumento utilizado, ou seja, das Frases Incompletas.

8. Fui comunicado de que quaisquer dúvidas que tiver em relação à pesquisa ou à minha participação, antes, durante e depois de meu consentimento, serão respondidas por Flávia Maria Marques Nogueira , pesquisadora

deste estudo, sob orientação da prof. Wanda Maria Junqueira de Aguiar, estando seus telefones e endereço eletrônico de contato disponível ao final deste termo de compromisso.

9. Eu compreendo que, se tiver dúvidas quanto aos meus direitos como sujeito participante desta pesquisa, ou se sentir que fui colocado em risco, poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para esclarecimentos.

10. Declaro ainda que fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações. Por fim, tenho certo de que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

11. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra cópia me será dada.

12. Para tanto, eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, declaro que concordo em participar desse estudo.

Assinatura do sujeito _____

Data _____

Assinatura do investigador _____

Data _____

Telefones e endereços eletrônicos de contato:

Pesquisadora responsável: Flávia Maria Marques Nogueira

Celular: (11) 996239308 e o e-mail: flaviammарques@uol.com.br

Profª orientadora: Wanda Maria Junqueira de Aguiar

Cel : (11) 982486060 e o email: iajunqueira@uol.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP Campus Monte Alegre. Rua Ministro Godói, 969, Edifício Reitor Bandeira de Mello, sala 63-C - Perdizes - São Paulo - SP - Tel/FAX (11) 3670-8466 - email: cametica@pucsp.br

2. TERMO DE CONSENTIMENTO DO MENOR

1. A aluna pesquisadora e doutoranda Flávia Maria Marques Nogueira, do programa de Pós Graduação em Educação : Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – requisitou

minha participação em uma pesquisa. O título da pesquisa é: “O futuro é a semana que vem: um estudo sobre juventude e tempo”.

2. Eu fui informado de que o propósito da pesquisa é investigar como os jovens estão significando seus projetos de futuro mediados pelo tempo do contemporâneo.

3. A presente pesquisa justifica-se por oferecer um espaço de reflexão acerca das questões voltadas para a construção de projeto de futuro em estudantes de ensino médio e estudantes de cursos preparatórios para o vestibular, que se encontram diante de questionamentos, expectativas e decisões frente ao seu futuro. Além disso, justifica-se porque o preenchimento do instrumento desenvolvido pela pesquisadora, pode posteriormente, ser usado em processos de orientação Profissional.

4. Para esse estudo, o procedimento adotado envolve responder a um questionário aberto, um instrumento denominado por Frases Incompletas, o qual aborda questões sobre projetos de futuro, sobre o tempo relacionado a internet, sobre a imagem do adulto, sobre sonhos, ideias e expectativas de futuro, tendo duração de, aproximadamente, trinta minutos para o seu preenchimento.

5. Para participar deste estudo, eu compreendo que não haverá nenhum custo, nem receberei qualquer vantagem financeira.

6. Tenho ciência que minha participação é voluntária e que não existem riscos ou desconfortos previstos caso eu concorde em participar do estudo.

7. Sei que os resultados deste estudo podem ser publicados através de um panorama geral dos dados mais relevantes, mas meu nome ou identificação não serão revelados, mantendo-se a confidencialidade de meus registros obtidos através do instrumento utilizado, ou seja, das Frases Incompletas.

8. Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisadora responsável, e a outra cópia me será dada.

9. Declaro ainda que fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Por fim, tenho certo de que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

10. Para tanto, eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ e de porte do consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo.

São Paulo, _____, de _____, 2015.

Assinatura do menor :

Assinatura do investigador:

Telefones e endereços eletrônicos de contato:

Pesquisadora responsável: Flávia Maria Marques Nogueira

Celular: (11) 996239308 e o e-mail: flaviammарques@uol.com.br

Profª orientadora: Wanda Maria Junqueira de Aguiar

Cel : (11) 982486060 e o email: iajunqueira@uol.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP Campus Monte Alegre. Rua Ministro Godói, 969, Edifício Reitor Bandeira de Mello, sala 63-C - Perdizes - São Paulo - SP - Tel/FAX (11) 3670-8466 - email: cametica@pucsp.br

3. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. A aluna pesquisadora e doutoranda Flávia Maria Marques Nogueira, do programa de Pós Graduação em Educação : Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – requisitou a participação de meu filho em uma pesquisa, cujo título é: “O futuro é a semana que vem: um estudo sobre juventude e tempo ”.

2. Eu fui informado de que o propósito da pesquisa é investigar como os jovens estão significando seus projetos de futuro mediados pelo tempo do contemporâneo.

3. Eu compreendo que os benefícios da participação de meu filho na pesquisa centra-se na possibilidade de oferecer um espaço de reflexão acerca das questões voltadas para a construção de projeto de futuro em estudantes de ensino médio e estudantes de cursos preparatórios para o vestibular, que se encontram diante de questionamentos, expectativas e decisões frente ao seu futuro. Além disso, justifica-se porque o preenchimento

do instrumento desenvolvido pela pesquisadora, pode posteriormente, ser usado em processos de orientação Profissional.

4. A participação de meu filho envolverá responder a um questionário aberto, um instrumento denominado por Frases Incompletas, o qual aborda questões sobre projetos de futuro, sobre o tempo relacionado a internet, sobre a imagem do adulto, sobre sonhos, ideias e expectativas de futuro, tendo duração de, aproximadamente, trinta minutos para o seu preenchimento.

5. Para participar deste estudo, eu compreendo que não haverá nenhum custo para meu filho, nem mesmo qualquer vantagem financeira.

6. Tenho ciência que a participação de meu filho é voluntária e que não existem riscos ou desconfortos previstos em sua colaboração neste estudo.

7. Sei que os resultados deste estudo podem ser publicados através de um panorama geral dos dados mais relevantes, mas o nome ou identificação de meu filho não serão revelados, mantendo-se a confidencialidade dos registros obtidos através do instrumento utilizado, ou seja, das Frases Incompletas.

8. Fui comunicado de que quaisquer dúvidas que tiver em relação à pesquisa ou à participação de meu filho, antes, durante e depois de meu consentimento, serão respondidas por Flávia Maria Marques Nogueira, pesquisadora deste estudo, sob orientação da prof. Wanda Maria Junqueira de Aguiar, estando seus telefones e endereço eletrônico de contato disponíveis ao final deste termo de compromisso.

9. Eu compreendo que, se tiver dúvidas quanto aos direitos do meu filho como sujeito participante desta pesquisa, ou se sentir que foi colocado em risco, poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para esclarecimentos.

10. Declaro ainda que fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações. Por fim, tenho certo de que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

11. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra cópia me será dada.

Assinatura do sujeito _____

Data _____

Assinatura do investigador _____

Data _____

Telefones e endereços eletrônicos de contato:

Pesquisadora responsável: Flávia Maria Marques Nogueira

Celular: (11) 996239308 e o e-mail: flaviamarques@uol.com.br

Profª orientadora: Wanda Maria Junqueira de Aguiar

Cel : (11) 982486060 e o email: iajunqueira@uol.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP Campus Monte Alegre. Rua Ministro Godói, 969, Edifício Reitor Bandeira de Mello, sala 63-C - Perdizes - São Paulo - SP - Tel/FAX (11) 3670-8466 - email: cametica@pucsp.br

ANEXO B

Frases incompletas

1) Nome: F. C. M. (19 anos, Cursinho)

1) Pensar no futuro sonhar, imaginar, planejar.

2) Meu maior sonho é ser plenamente feliz em todas as esferas, me sentir bem em relação aos próximos e a mim (coisas que realizo, o que desejo).

3) Traçar projetos para mim significa relacionar as coisas que quero com as coisas que sou.

4) As coisas que considero importantes para meu futuro são equilíbrio emocional (sempre estar amparado por amigos e família), equilíbrio financeiro e satisfação pessoal

5) Minhas preocupações em relação ao futuro são equilíbrio emocional, equilíbrio financeiro e satisfação pessoal

6) Minhas intenções de futuro profissional são ter um emprego fixo e que me proporcione prazer em realiza-lo e dinheiro.

7) Consideraria uma grande oportunidade ir estudar fora.

8) Passado é importante para se descobrir como pessoa.

9) Minha trajetória de vida até aqui não aconteceu/ fiz tudo o que quero/tenho vontade de fazer.

10) Eu quero para mim nesse exato momento entrar na faculdade e começar a trabalhar.

11) Quando eu começar meu curso superior quero me sentir satisfeito e curtir o que faço.

12) Quando estiver terminando meu curso superior quero estar satisfeito e conseguir um ótimo trabalho.

13) Quando estiver formado eu pretendo trabalhar e viver minha vida.

14) Trabalhar para mim pode ser chato mas também fazendo o que me interessa pode ser muito bom e gerar grande satisfação. Demanda muito esforço.

15) Ser um profissional significa ser alguém responsável, de confiança, útil e saber trabalhar de forma correta.

16) "Chegar lá" para mim significa realizar tudo o que foi planejado no passado.

17) As coisas que farei para "chegar lá" são me esforçar, estudar, trabalhar e sempre pensar.

18) O mais importante na minha vida é ser feliz.

19) Estou certo de que quero ser alguém na vida.

20) "Ser alguém" na vida é ser direito, correto, do bem, alguém que trabalha e consegue ter o que deseja.

21) "Não ser alguém" na vida é não conseguir desenvolver algo e não ser uma pessoa ética.

22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero estar trabalhando com algo que eu goste muito e estar feliz e satisfeito com o que fiz, planejando sempre melhorar no futuro.

23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu ou me desespero (dependendo do que acontece) ou tento me acalmar e solucionar.

- 24) Lido com as incertezas da vida pensando bastante e as vezes me angostiando (sic).
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu muitas vezes se tornam chatas sem cor, porém facilita a organização das atividades do dia-a-dia.
- 26) Ser adulto para mim é ser responsável e saber se virar sozinho.
- 27) As vantagens de ser adulto são independência, prazer em conseguir as coisas sozinho.
- 28) As desvantagens de ser adulto são muitas responsabilidades, contas para pagar e muito trabalho.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa responsabilidade, esforço e fonte de renda.
- 30) Minha família espera de mim que eu seja uma boa pessoa, feliz e que eu me auto sustente.
- 31) O tempo para mim (representa) tempo de produção, tempo de prazer.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam conexão, modernidade, curiosidade, facilidade, saber.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa muito rápido e acabo perdendo bastante tempo.
- 34) Quando fico sem o meu smartphone eu fico com raiva, não me sinto bem.
- 35) Ser jovem é conhecer a vida.

2) Nome: C. D'A. (18 anos, Cursinho)

- 1) Pensar no futuro é inevitável, porém muito difícil pelo medo do oculto.
- 2) Meu maior sonho é ser feliz com meu trabalho, minha família e meus amigos.
- 3) Traçar projetos para mim significa organizar seus planos e metas.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são satisfação no trabalho, apoio e amor da família e dos amigos, hobbies que me fazem feliz e trabalhos voluntários.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são minha remuneração, a felicidade dos meus pais, a minha independência e a minha felicidade.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são uma boa colocação na minha área e uma boa remuneração.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade fazer um intercâmbio.
- 8) Passado é um conjunto de momentos e fatos que nos fazem quem somos no presente.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui foi muito boa, mesmo com altos e baixos não me arrependo de nada e não faria nada diferente.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento a escolha do meu curso superior.
- 11) Quando eu começar meu curso superior pretendo me dedicar em todos os momentos para um melhor aproveitamento deste.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior pretendo estar estagiando.
- 13) Quando estiver formado eu pretendo ser efetivada no estágio ou buscar por um emprego.
- 14) Trabalhar para mim é algo que junta direito e dever, temos o direito de escolher trabalhar onde quisermos, mas temos o dever de arcar com as consequências.
- 15) Ser um profissional significa aquele que exerce um trabalho.
- 16) "Chegar lá" para mim significa conseguir alcanças suas metas.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são me dedicar na faculdade, no estágio e no trabalho.
- 18) O mais importante na minha vida é a minha família e meus amigos.
- 19) Estou certo de que com meu esforço vou conseguir atingir minhas metas.
- 20) "Ser alguém" na vida é algo relativo, para mim pode significar uma coisa e para outro alguém outra.
- 21) "Não ser alguém" na vida é impossível na minha concepção, mas outra vez acho algo relativo.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero estar trabalhando, morando sozinha, dirigindo e tomando conta da minha vida, ou seja, independência.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu me surpreendo e me confundo com qualquer um mas sempre penso em um jeito de lidar com a situação.
- 24) Lido com as incertezas da vida todos os dias, penso muito no incerto, mas aprendi a ter coragem e passar por cima do medo.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu acabo me cansando, ficando entediada.
- 26) Ser adulto para mim é assumir a responsabilidade pela própria vida.
- 27) As vantagens de ser adulto são o livre arbítrio, ou seja, a liberdade de escolha, o que não temos quando crianças.
- 28) As desvantagens de ser adulto são responsabilidades desagradáveis, como contas a pagar.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa ensinar as crianças sobre suas novas responsabilidades em sociedade.
- 30) Minha família espera de mim sucesso pessoal e financeiro.

31) O tempo para mim (representa) uma invenção humana para dividir os momentos e as fases da vida em horas, dias, anos, etc.

32) Internet e o mundo virtual para mim significam progresso e futuro.

33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa rápido.

34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu consigo sobreviver, mas é difícil.

35) Ser jovem é com certeza, principalmente, um estado de espírito.

3) Nome: T. C. M. (17 anos, 3º E.M)

1) Pensar no futuro é mais necessário do que nunca.

2) Meu maior sonho é poder decidir tão prontamente entre todos os meus grandes sonhos de modo a ter um maior sonho.

3) Traçar projetos para mim significa ser capaz de planejar o trajeto que leva de encontro às minhas metas.

4) As coisas que considero importantes para meu futuro são saber que estou vivendo cada dia plenamente, fazendo coisas significantes e ao lado de pessoas ou realizando coisas que me fazem (sic) sentir.

5) Minhas preocupações em relação ao futuro são não ter tempo o bastante para me dedicar ao que realmente importa para mim.

6) Minhas intenções de futuro profissional são exercer uma profissão que proporcione evolução pessoal, prazer em realizá-la e que permita tempo livre considerável.

7) Consideraria uma grande oportunidade um convite para me dedicar profissionalmente a fazer o que eu amo.

8) Passado é lição para o futuro.

9) Minha trajetória de vida até aqui representa de várias maneiras quem eu sou hoje.

10) Eu quero para mim nesse exato momento felicidade.

11) Quando eu começar meu curso superior desejo estar satisfeito com o que escolhi.

12) Quando estiver terminando meu curso superior desejo já ter um esboço ao menos dos meus planos futuros.

13) Quando estiver formado eu quero estar feliz com minha decisão, percurso e presente.

14) Trabalhar para mim tem que ter um significado que justifique toda a minha dedicação diária, não só por bens materiais, mas sim imateriais e pessoais.

15) Ser um profissional significa se especializar em uma área e exercê-la conforme éticas e normas.

16) "Chegar lá" para mim significa me sentir realizado em relação ao seu progresso perante sonhos.

17) As coisas que farei para "chegar lá" são me dedicar e dar o máximo de mim, tomando decisões conscientes e sendo capaz de realizar meu trajeto.

18) O mais importante na minha vida é o conjunto de todos que construírem comigo e tudo que eu amo e julgo essencial para viver bem e contente.

19) Estou certo de que não tenho certezas.

20) "Ser alguém" na vida é sentir-se satisfeito consigo mesmo e de trilhar o que julga ser seu propósito.

21) "Não ser alguém" na vida é encontrar-se em um estado onde não há mais motivos que representam uma razão para o viver, ou trair seus valores por completo

22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero não ter perdido a identidade que me define agora.

23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu provavelmente me sinto nervoso e ansioso perante a situação.

24) Lido com as incertezas da vida de maneira lógica (racional), pragmática e sensata, na medida do possível.

25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu tendo a me encher um pouco delas.

26) Ser adulto para mim é ser capaz de ter consciência responsável, autonomia, a nível de independência e capaz de exercer seu papel como cidadão buscando questionar e argumentar.

27) As vantagens de ser adulto são ter maior liberdade e autonomia em diversas esferas da vida.

28) As desvantagens de ser adulto são ter que arcar com ser seu próprio responsável e em muitos casos a perda das essenciais virtudes, como da criatividade, que teve uma vez quando criança.

29) O trabalho do adulto para mim representa o progresso a ser traçado durante sua vida por meio do qual objetiva-se atingir algo maior.

30) Minha família espera de mim que eu tome decisões conscientes e seja feliz como resultado delas.

31) O tempo para mim (representa) inquietação e me aflige por ser algo que deve ser aproveitado enquanto ainda há tempo.

32) Internet e o mundo virtual para mim significam o quanto a humanidade foi e é capaz de evoluir a partir do zero.

- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa rápido e sinto como se o tivesse desperdiçando.
 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu me sinto momentaneamente alienado em relação ao mundo que me rodeia incessante.
 35) Ser jovem é ter um mundo de possibilidades à sua frente.

4) Nome: G. B. (17 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro é ainda muito difícil mas tento ser otimista.
- 2) Meu maior sonho é achar alguma coisa que eu tenha a certeza que foi a escolha certa.
- 3) Traçar projetos para mim significa ter um objetivo.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são família, ser capaz de me sustentar e conseguir resolver incertezas.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são ir para o caminho errado e não conseguir voltar.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são não ser inocente e conseguir crescer profissionalmente e de forma justa.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade aprender com um grande profissional e estagiar numa empresa grande.
- 8) Passado é o que eu tento observar e ver o que me deixou feliz para eu fazer mais vezes e o que me deixou mal para evitar.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui foi muito curta mas sinto que já vivi bastante para ter minha opinião.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento achar uma certeza.
- 11) Quando eu começar meu curso superior espero não ter dúvidas que fiz a coisa certa.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior espero já conseguir um estágio.
- 13) Quando estiver formado eu espero já ter um estágio e conseguir passar na OAB.
- 14) Trabalhar para mim é algo que não consigo imaginar ainda.
- 15) Ser um profissional significa ser bom no que você escolheu para sua vida.
- 16) "Chegar lá" para mim significa ainda nada.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são ainda imprecisas mas espero que seja muito focada quando descobrir.
- 18) O mais importante na minha vida é ter família.
- 19) Estou certo de que ainda vou encontrar uma certeza.
- 20) "Ser alguém" na vida é gostar do que faz.
- 21) "Não ser alguém" na vida é estar perdido.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero já estar contruindo uma família, ter já viajado bastante e estar estável financeiramente.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu esperançosa (sic)
- 24) Lido com as incertezas da vida bem mal.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu acho que está faltando algo. Fica muito chato.
- 26) Ser adulto para mim é ter liberdade mas compromissos também.
- 27) As vantagens de ser adulto são poder ter suas próprias decisões sem depender de alguém.
- 28) As desvantagens de ser adulto são ser responsável por literalmente tudo.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa _____
- 30) Minha família espera de mim encontrar algo que eu esteja feliz e que me dê sustento.
- 31) O tempo para mim (representa) algo muito limitador.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam bastante. Fico bastante no celular.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim parece que não acaba.
- 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu fico muito bem até; me faz refletir em bastante coisa.
- 35) Ser jovem é ter sonhos.

5) Nome: B. S. L. (17 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro é se planejar e estabelecer metas.
- 2) Meu maior sonho é trazer algum tipo de impacto na sociedade.
- 3) Traçar projetos para mim significa encontrar maneiras mais concretas de alcançar meus sonhos.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são ter uma família, viajar para vários lugares, ser feliz e ter estabilidade na profissão.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são se vou ser bem sucedida e gostar da minha profissão.

- 6) **Minhas intenções de futuro profissional são** fazer uma coisa que eu goste mas que também ajude os outros e traga algum tipo de mudança positiva na sociedade.
- 7) **Consideraria uma grande oportunidade** algo que proporcione viajar e conhecer lugares diferentes fazendo alguma coisa que eu goste.
- 8) **Passado é** aquilo que já passou e trouxe algum tipo de mudança na vida.
- 9) **Minha trajetória de vida até aqui foi** normal, mas boa.
- 10) **Eu quero para mim nesse exato momento** tranquilidade para prestar vestibular e segurança para escolha profissional.
- 11) **Quando eu começar meu curso superior** espero gostar e ficar entusiasmada com o resto das coisas que eu for aprender.
- 12) **Quando estiver terminando meu curso superior** eu espero já estar fazendo estágio e com perspectivas de trabalho.
- 13) **Quando estiver formado eu** espero estar trabalhando com o que eu goste e em um cargo bom.
- 14) **Trabalhar para mim é** algo obrigatório que se deve fazer para ganhar dinheiro, mas que deve trazer prazer e satisfação.
- 15) **Ser um profissional significa** ser competente e apresentar as habilidades necessárias para desempenhar sua profissão.
- 16) **"Chegar lá" para mim significa** alcançar os objetivos pré-determinados pela pessoa.
- 17) **As coisas que farei para "chegar lá" são** me esforçar, estudar e me dedicar.
- 18) **O mais importante na minha vida é** minha família.
- 19) **Estou certo de que** nada na vida é totalmente certo.
- 20) **"Ser alguém" na vida é** fazer algo que traga uma mudança positiva e deixe um "legado" para as próximas gerações.
- 21) **"Não ser alguém" na vida é** não trazer nada de significativo e inovador, não acrescentar nada a ninguém.
- 22) **Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero** estar estável financeiramente, satisfeita com minha carreira.
- 23) **Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu** tento buscar solução para resolver o imprevisto.
- 24) **Lido com as incertezas da vida** sabendo que elas existem, mas às vezes fico preocupada.
- 25) **Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu** fico desanimada.
- 26) **Ser adulto para mim é** ter responsabilidades e maturidade para enfrentar os problemas sozinho.
- 27) **As vantagens de ser adulto são** independência, liberdade e autonomia.
- 28) **As desvantagens de ser adulto são** responsabilidades, stress, ter que cumprir horários etc.
- 29) **O trabalho do adulto para mim representa** uma obrigação.
- 30) **Minha família espera de mim** sucesso na vida profissional, responsabilidade.
- 31) **O tempo para mim (representa)** a passagem dos acontecimentos.
- 32) **Internet e o mundo virtual para mim significam** entretenimento.
- 33) **Quando estou nas redes sociais o tempo para mim** parece que passa muito rápido e depois percebo que foi desperdiçado.
- 34) **Quando fico sem o meu smartphone eu** fico entediada, mas depois de um tempo me acostumo.
- 35) **Ser jovem é** ser entusiasmado e sonhador.

6) Nome: L. A. (16 anos, 2º E.M)

- 1) **Pensar no futuro** me deixa nervosa.
- 2) **Meu maior sonho é** viver em um mundo ideal, perfeito para todos.
- 3) **Traçar projetos para mim significa** planejar a realização de um sonho.
- 4) **As coisas que considero importantes para meu futuro são** a minha família e a vontade de viver.
- 5) **Minhas preocupações em relação ao futuro são** em relação à minha profissão e ao amor.
- 6) **Minhas intenções de futuro profissional são** ajudar o mundo da melhor forma possível e a mim mesma.
- 7) **Consideraria uma grande oportunidade** ir estudar e morar na Europa.
- 8) **Passado é** a memória da minha vida até ontem.
- 9) **Minha trajetória de vida até aqui foi** cheia de alegrias e amores, mas também de traumas.
- 10) **Eu quero para mim nesse exato momento** saber o que eu quero, porque eu jogo tênis, aí eu tenho possibilidade de estudar fora do país, fazer faculdade fora, então eu preciso logo saber o que eu quero porque meu futuro é agora. Eu tenho que me preparar.
- 11) **Quando eu começar meu curso superior** vou ter que estudar mais ainda que hoje.
- 12) **Quando estiver terminando meu curso superior** vou trabalhar mais ainda.
- 13) **Quando estiver formado eu** vou comemorar e festejar.

- 14) Trabalhar para mim significa me empenhar em fazer o que gosto com o objetivo de contribuir para a sociedade.
- 15) Ser um profissional significa ser contribuinte da sociedade.
- 16) "Chegar lá" para mim significa ser feliz com a minha vida.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são me empenhar, trabalhar e melhorar meus defeitos.
- 18) O mais importante na minha vida é minha família.
- 19) Estou certo de que não quero morrer sozinha.
- 20) "Ser alguém" na vida é ser reconhecida por aqueles que amo.
- 21) "Não ser alguém" na vida é terminá-la sozinha.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero ter uma família, um emprego bom e ajudar outros com meus conhecimentos.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu fico com medo, pois sou uma pessoa de rotina.
- 24) Lido com as incertezas da vida pensando até demais sobre elas.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu me sinto confortável, a vontade (sic).
- 26) Ser adulto para mim é ser responsável por mim mesma e meus atos.
- 27) As vantagens de ser adulto são não precisar de permissão dos pais, poder viver independentemente, não ter que estudar 14 matérias.
- 28) As desvantagens de ser adulto são não ter tempo livre, não descansar tanto e ter muita responsabilidade.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa ensinar aos mais jovens como ser alguém melhor.
- 30) Minha família espera de mim que eu me esforce para realizar meus sonhos.
- 31) O tempo para mim (representa) a vida vivida e o que falta viver.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam a manipulação e alienação às quais estou sujeita.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa muito rápido.
- 34) Quando fico sem o meu smartphone eu tento me ocupar, mas sinto falta.
- 35) Ser jovem é fazer loucuras, cometer erros e ser feliz.
- 7) Nome: R. F. (19 anos, Cursinho)
- 1) Pensar no futuro faz parte da vida.
- 2) Meu maior sonho é aproveitar a vida.
- 3) Traçar projetos para mim significa estabelecer metas.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são ser feliz.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são aproveitar as oportunidades da vida.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são trabalhar com algo que me deixe feliz.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade algo que expanda meu conhecimento.
- 8) Passado é o que passou.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui é só o começo.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento expandir minha experiência de vida.
- 11) Quando eu começar meu curso superior terei um objetivo em mente.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior irei criar um projeto de vida/ já vou ter alguma coisa em mente no trabalho pronto para o próximo passado – ou um estudo.
- 13) Quando estiver formado eu irei atrás de minha meta.
- 14) Trabalhar para mim faz parte da vida.
- 15) Ser um profissional significa trabalhar com determinação.
- 16) "Chegar lá" para mim significa saber que aproveitei a vida.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são criar um objetivo e seguir do melhor jeito possível.
- 18) O mais importante na minha vida é ser feliz.
- 19) Estou certo de que tenho muito o que aprender.
- 20) "Ser alguém" na vida é cumprir seus próprios objetivos.
- 21) "Não ser alguém" na vida é não conseguir seguir em frente.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero saber qual é meu objetivo.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu encaro do melhor jeito que puder.
- 24) Lido com as incertezas da vida com muita cautela.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu trato com indiferença.
- 26) Ser adulto para mim é tão incerto quanto o resto da vida.
- 27) As vantagens de ser adulto são ter mais experiência para lidar com a vida.
- 28) As desvantagens de ser adulto são responsabilidades.

- 29) O trabalho do adulto para mim representa cumprir suas responsabilidades.
 30) Minha família espera de mim que eu siga meus objetivos.
 31) O tempo para mim (representa) o presente
 32) Internet e o mundo virtual para mim significam fontes de informação, que não necessariamente são conhecimentos.
 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim é eterno.
 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu posso relaxar.
 35) Ser jovem é não se preocupar com as consequências que o futuro trará.

8) Nome: R. O. (17 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro me deixa otimista o suficiente pra valorizar o presente.
 2) Meu maior sonho me sentir livre a ponto de não precisar mais deles.
 3) Traçar projetos para mim significa sonhar.
 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são mudança, liberdade e a sensação de estar vivendo como deveria.
 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são virar meus pais.
 6) Minhas intenções de futuro profissional são mudar a vida de alguém fazendo aquilo que eu gosto.
 7) Consideraria uma grande oportunidade mudar de cidade e personalidade por alguns meses.
 8) Passado é aquilo que nos constrói.
 9) Minha trajetória de vida até aqui não é tão plena quanto poderia mas me fez perceber porque deveria ser.
 10) Eu quero para mim nesse exato momento pegar um ônibus sem avisar ninguém e só voltar quando sentir falta.
 11) Quando eu começar meu curso superior espero conhecer novas ideias.
 12) Quando estiver terminando meu curso superior acho que no fundo vou estar tão confuso quanto agora.
 13) Quando estiver formado eu realmente não planejo com tanta antecedência.
 14) Trabalhar para mim pode tanto fazer com que você se sinta no lugar certo quanto te tirar qualquer oportunidade de respirar.
 15) Ser um profissional significa fazer aquilo que ama.
 16) "Chegar lá" para mim significa nunca se chega realmente "lá", é por isso que estamos sempre em movimento.
 17) As coisas que farei para "chegar lá" são sair de casa, tentar encontrar um emprego que me faça feliz e organizar minha vida até achar um "lá" mais distante.
 18) O mais importante na minha vida é saber que esta vivo e sentir-se bem por isso.
 19) Estou certo de que certezas raramente duram muito.
 20) "Ser alguém" na vida é existir.
 21) "Não ser alguém" na vida é não ter certeza sobre isso.
 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero morar em um apartamentinho apertado no centro da cidade com seis gatos e uma pilha de livros.
 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu surto.
 24) Lido com as incertezas da vida jogando no par ou impar.
 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu me acomodo e me canso facilmente.
 26) Ser adulto para mim é ter alguma noção do que acontece a sua volta, independente da sua idade.
 27) As vantagens de ser adulto são não muitas.
 28) As desvantagens de ser adulto são a tendência ao pessimismo.
 29) O trabalho do adulto para mim representa a consciência de que ele deve fazer algo acima de tudo por si próprio, de preferência que muda algo a sua volta e ajude outros no caminho.
 30) Minha família espera de mim que eu me mostre o filho que eles nunca entenderam que eu não sou.
 31) O tempo para mim (representa) mudança.
 32) Internet e o mundo virtual para mim significam outra forma de se manifestar, mais fácil porém perigosa.
 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa sem que eu perceba.
 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu me sinto bem mais feliz sinceramente.
 35) Ser jovem é uma eterna espera por uma espera maior.

9) Nome: L. F. V. (17 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro uma rotina.
 2) Meu maior sonho ser feliz a vida inteira.

- 3) Traçar projetos para mim significa traçar meu futuro.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são encontrar o caminho certo e seguir adiante.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são conseguir traçar as metas desejadas.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são diversão no trabalho e muito dinheiro.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade possibilidades no futuro.
- 8) Passado é passado.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui tem seus altos e baixos.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento dinheiro e lazer.
- 11) Quando eu começar meu curso superior meu foco vai ser maior.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior estarei no ápice.
- 13) Quando estiver formado eu farei tudo o que estiver ao meu alcance.
- 14) Trabalhar para mim gastar seu tempo em troco de dinheiro.
- 15) Ser um profissional significa ter uma profissão e exercê-la.
- 16) "Chegar lá" para mim significa missão cumprida.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são foco, força e fé.
- 18) O mais importante na minha vida é ajudar a tornar um mundo melhor.
- 19) Estou certo de que a vida é uma aventura da qual jamais sairemos vivos.
- 20) "Ser alguém" na vida é uma coisa para se debater.
- 21) "Não ser alguém" na vida é uma incógnita, pois irá sempre ser o dono de sua própria vida.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero tudo aquilo que eu sempre quis.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu não esperava por aquilo.
- 24) Lido com as incertezas da vida aprendendo e vivendo.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu costumo não gostar.
- 26) Ser adulto para mim é deixar de ser adolescente.
- 27) As vantagens de ser adulto são liberdade, dinheiro e energia.
- 28) As desvantagens de ser adulto são não poder fazer algumas coisas quando era jovem, além da falta de tempo.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa o sustento dele.
- 30) Minha família espera de mim que seja bem sucedido nas escolhas que eu fiz.
- 31) O tempo para mim (representa) uma joia que deve ser valorizada.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam um atalho.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa do mesmo jeito.
- 34) Quando fico sem o meu smartphone eu não ligo em ficar sem.
- 35) Ser jovem é fazer besteira que ainda há tempo.

10) Nome: D. G. S. (16 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro pensar na minha profissão;
- 2) Meu maior sonho é encontrar o que eu amo
- 3) Traçar projetos para mim significa pensar no futuro.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são fazer um trabalho legal e que dê dinheiro
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são achar uma profissão que eu goste e que dê dinheiro.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são ser o chefe.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade achar o que eu gosto de fazer.
- 8) Passado é passado, já foi e não pode voltar mais.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui escola.....escola.....escola.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento achar uma coisa que goste.
- 11) Quando eu começar meu curso superior vou ficar menos pressionado pelos educadores e mais por mim.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior vou trabalhar.
- 13) Quando estiver formado eu vou trabalhar.
- 14) Trabalhar para mim ganhar dinheiro.
- 15) Ser um profissional significa ter capacidade de fazer algo.
- 16) "Chegar lá" para mim significa conseguir realizar uma meta.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são me esforçar.
- 18) O mais importante na minha vida é ser realizado.
- 19) Estou certo de que tenho objetivos.

- 20) “Ser alguém” na vida é realizar seus objetivos.
- 21) “Não ser alguém” na vida é não ter objetivos, ou seja, perdido.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero ter achado o trabalho.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu supero.
- 24) Lido com as incertezas da vida de fato.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu me desmotivo.
- 26) Ser adulto para mim é ter responsabilidades.
- 27) As vantagens de ser adulto são não ter alguém mandando em você.
- 28) As desvantagens de ser adulto são ter que achar seu próprio caminho, não é ruim, porém, é difícil.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa trabalho.
- 30) Minha família espera de mim ganhar dinheiro.
- 31) O tempo para mim (representa) algo que desejamos que passar (sic) e que possamos voltar atrás.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam avanço.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa mais rápido e quando observo vejo que não fiz nada.
- 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu fico entediado, não falo com meus amigos.
- 35) Ser jovem é ainda estar se encontrando.

11) Nome: S. F. (18 anos, Cursinho)

- 1) Pensar no futuro é se prevenir.
- 2) Meu maior sonho é ser feliz.
- 3) Traçar projetos para mim significa planejamento.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são conforto financeiro e satisfação com minha profissão.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são salário e felicidade.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são de ser bem sucedida seja no que for que eu fizer.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade uma chance de construir uma carreira internacional.
- 8) Passado é história.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui mostra um pouco do que eu sou.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento tranquilidade.
- 11) Quando eu começar meu curso superior vou me esforçar.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior algum tipo de planejamento de vida.
- 13) Quando estiver formado eu quero ter um bom emprego.
- 14) Trabalhar para mim deve ser satisfatório.
- 15) Ser um profissional significa deixar de ser amador.
- 16) “Chegar lá” para mim significa alcançar felicidade emocional.
- 17) As coisas que farei para “chegar lá” são correr atrás do que gosto.
- 18) O mais importante na minha vida é minha família e amigos.
- 19) Estou certo de que ser feliz é fundamental.
- 20) “Ser alguém” na vida é ter seu trabalho reconhecido.
- 21) “Não ser alguém” na vida é não ter seu trabalho reconhecido.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero estar formada em uma área de meu gosto e ter um trabalho nessa área, que tenha uma boa remuneração.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu entro em desespero.
- 24) Lido com as incertezas da vida mal, porém cada vez melhor.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu acho monótono.
- 26) Ser adulto para mim é ter responsabilidades.
- 27) As vantagens de ser adulto são ter liberdade.
- 28) As desvantagens de ser adulto são ter responsabilidades.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa alguém para me guiar.
- 30) Minha família espera de mim que eu faça faculdade e termine-a.
- 31) O tempo para mim (representa) medida.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam informação sem fim.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim continua igual.
- 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu fico incomunicável.
- 35) Ser jovem é fazer besteira e aprender para que não se repita.

12) Nome: R. G. (17 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro é pensar nas coisas que preciso fazer e que pretendo fazer na minha vida.
- 2) Meu maior sonho é viajar para todos os lugares que tenho vontade.
- 3) Traçar projetos para mim significa ter em mente coisas que tenho vontade de fazer e ter ideia de como fazer.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são ser feliz e atingir minhas metas.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são que algo que eu pretenda fazer não dê certo e eu me decepcione com meus planos.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são trabalhar em algo que eu realmente goste e que eu seja feliz fazendo.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade um trabalho promissor fora do Brasil.
- 8) Passado é tudo aquilo que já aconteceu e que nós devemos olhar apenas com bons olhos para não nos arrependermos.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui me satisfaz pois sei que de tudo o que aconteceu até hoje eu tirei um aprendizado.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento ser feliz e estou satisfeito com minha vida do jeito que está.
- 11) Quando eu começar meu curso superior eu quero estar satisfeita com as minhas escolhas e quero ter grandes expectativas pra (sic) minha vida profissional.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior quero estar com um ótimo desempenho e saber que vou conseguir seguir a carreira cursada.
- 13) Quando estiver formado eu quero ter orgulho dos anos em que passei estudando e quero já estar trabalhando.
- 14) Trabalhar para mim não é apenas ganhar dinheiro, mas fazer aquilo que gosto e receber o dinheiro como recompensa pelo bom trabalho.
- 15) Ser um profissional significa saber o melhor modo de seguir a carreira.
- 16) "Chegar lá" para mim significa atingir todas as expectativas que sempre tive.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são estudar e correr atrás de dar sempre o meu melhor na minha profissão.
- 18) O mais importante na minha vida é ser feliz.
- 19) Estou certo de que vou sempre encontrar maneiras de ser feliz e não me estressar pelo trabalho.
- 20) "Ser alguém" na vida é fazer aquilo que goste e conseguir construir uma boa renda e estilo de vida com isso.
- 21) "Não ser alguém" na vida é não ser feliz com o que faz por mais que ganhe dinheiro.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero estar fazendo aquilo que sempre quis e realizando meus sonhos.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu não procuro ficar decepcionada e tento encontrar uma forma de reverter a situação.
- 24) Lido com as incertezas da vida de maneira madura e pronta para surpresas.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu me canso e não vejo graça no meu dia a dia.
- 26) Ser adulto para mim é saber encarar problemas com maturidade.
- 27) As vantagens de ser adulto são ser independente.
- 28) As desvantagens de ser adulto são ter mais problemas e ter que lidar com eles de frente.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa muito tempo usado ao estresse.
- 30) Minha família espera de mim que eu tenha a vida que eu sempre quis.
- 31) O tempo para mim (representa) tudo deve ser aproveitado da melhor forma.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam uma forma de aproximar pessoas distantes mas também de afastar os próximos (fisicamente).
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa rápido e despercebido.
- 34) Quando fico sem o meu smartphone eu me sinto longe do que está acontecendo mas presto mais atenção ao meu redor.
- 35) Ser jovem é aproveitar a vida ao máximo antes das responsabilidades.

13) Nome: L. G. B. (17 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro definitivamente, penso que me desenvolver nesse momento que o Brasil está em uma crise política e econômica, isso está afetando seriamente meu futuro.

- 2) Meu maior sonho é fazer algo importante o suficiente para marcar a história da humanidade de maneira positiva.
- 3) Traçar projetos para mim significa planejar passo a passo minhas próximas ações de forma que eu possa atingir determinado objetivo.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são meus amigos, minha irmã, meus primos e alguma realização relevante.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são se eu posso ou não manter contato com as pessoas importantes para mim se o caminho que eu seguir será compatível comigo, se estarei fazendo o que é certo.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são trabalhar com algo consistente e inteligente enquanto escrevo alguma coisa.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade um estágio em uma empresa que trabalhe com tecnologia.
- 8) Passado é o conjunto das memórias importantes e relevantes que me definem como quem sou.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui foi uma preparação para executar os planos que eu priorizo.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento me sentir bem em relação a (sic) minhas convicções.
- 11) Quando eu começar meu curso superior eu vou me esforçar para aprender até mais do que na escola, pois eu mesmo terei escolhido o curso.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior eu quero evitar sentimentos e nostalgia e tentar seguir adiante objetivamente.
- 13) Quando estiver formado eu vou trabalhar com muito empenho para fazer meu esforço valer.
- 14) Trabalhar para mim é se esforçar para criar algo relevante que possa ajudar alguém.
- 15) Ser um profissional significa ser especializado em determinada área ou atividade, de modo a poder ser incumbido de tarefas relacionadas a ela.
- 16) "Chegar lá" para mim significa completar algo com sucesso do início ao fim.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são provar constantemente que sou eficiente, criativo, original e inteligente (e, em alguns casos, o melhor).
- 18) O mais importante na minha vida é desenvolver e seguir minha própria filosofia, validando minhas ações. Entre elas, está ser leal aos meus amigos e permanecer próximo a eles.
- 19) Estou certo de que posso ser bem sucedido e feliz.
- 20) "Ser alguém" na vida é alcançar sucesso através de meu próprio esforço e perseverança.
- 21) "Não ser alguém" na vida é não tentar alcançar conquistas novas ou desistir por causa de algum contratempo.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero estar trabalhando em algo importante e saber que meus amigos estão fazendo o que querem.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu analizo (sic), tento compreender, depois reajo, tentando me adaptar para resolver o imprevisto ou usá-lo a meu favor.
- 24) Lido com as incertezas da vida ignorando-as e considerando que não têm importância.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu me entedio fácil com elas e tento mudá-las para inovar.
- 26) Ser adulto para mim é ser independente e responsável por suas ações.
- 27) As vantagens de ser adulto são a liberdade para fazer o que se quer e a sensação de autonomia.
- 28) As desvantagens de ser adulto são a constante preocupação com o que as pessoas pensam a seu respeito e o peso das responsabilidades.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa a legitimidade da posição do adulto na sociedade.
- 30) Minha família espera de mim que eu seja bem sucedido e tenha um emprego lucrativo.
- 31) O tempo para mim (representa) o conjunto de momentos a serem usados para algum tipo de evolução intelectual.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam a dinamização do mundo atual e a possibilidade de realizar muito do que requeria enorme esforço rápido e confortavelmente.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim é perdido. Desperdiçado. Inutilizado.
- 34) Quando fico sem o meu smartphone eu me preocupo e relaxo ao mesmo tempo. eu me liberto de tudo o que poderia gastar meu tempo, mas penso se algo está acontecendo sem que eu saiba.
- 35) Ser jovem é sentir-se disposto e capaz de fazer qualquer coisa. Ter infinitas possibilidades.

14) Nome: S. T. (19 anos, cursinho)

1) Pensar no futuro dá frio na barriga.

2) Meu maior sonho é ser feliz e bem sucedida financeiramente e pessoalmente.

3) Traçar projetos para mim significa pensar no futuro.

- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são felicidade, prazer em exercer minha profissão e ajudar pessoas e animais.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são não gostar daquilo que eu faço e ser infeliz.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são ser bem sucedida e feliz.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade trabalhar com pessoas importantes.
- 8) Passado é parte do que eu sou.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui foi normal.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento decidir o que fazer da vida.
- 11) Quando eu começar meu curso superior quero ter certeza que fiz a escolha certa.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior quero trabalhar na mesma área para ver se é isso mesmo.
- 13) Quando estiver formado eu quero me sentir aliviada.
- 14) Trabalhar para mim é ter prazer no que faço.
- 15) Ser um profissional significa ser responsável.
- 16) "Chegar lá" para mim significa atingir meus objetivos.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são ser honesta, trabalhar e dar o meu melhor.
- 18) O mais importante na minha vida é ser feliz e estar onde e com quem gosto.
- 19) Estou certo de que quero me destacar.
- 20) "Ser alguém" na vida é fazer a diferença.
- 21) "Não ser alguém" na vida é ser "vagabundo".
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero quero fazer o que gosto, espero ser bem sucedida e desejo morar na praia.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu fico nervosa/ansiosa, mas tento lidar do melhor jeito.
- 24) Lido com as incertezas da vida com muita ansiedade.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu fico acostumada.
- 26) Ser adulto para mim é ter responsabilidade.
- 27) As vantagens de ser adulto são ser responsável pela sua vida.
- 28) As desvantagens de ser adulto são ter muitas responsabilidades.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa crescer.
- 30) Minha família espera de mim que eu faça o que me faz feliz.
- 31) O tempo para mim (representa) a vida.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam informações para tudo.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa muito rápido.
- 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu fico ansiosa.
- 35) Ser jovem é viver a vida.

15) Nome : D. Q. (20 anos, cursinho)

- 1) Pensar no futuro é projetar a sua vida.
- 2) Meu maior sonho é constituir uma família e ser um bom profissional.
- 3) Traçar projetos para mim significa obter desafios.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são conseguir uma profissão que me faça feliz.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são não ser feliz.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são ser bom naquilo que faço e fazer por prazer.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade viajar o mundo todo encontrando novas culturas e línguas.
- 8) Passado é aprendizado.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui foi de muitos obstáculos, tristes e felizes
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento uma nova prancha e ir para o mar.
- 11) Quando eu começar meu curso superior espero estudar bastante, mas que eu tenha prazer e curiosidade de ler a respeito.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior já ficarei atento à (sic) oportunidades de emprego.
- 13) Quando estiver formado eu chorarei por ter conseguido.
- 14) Trabalhar para mim é exercer aquilo que ama.
- 15) Ser um profissional significa ser qualificado naquilo que faz e estar sujeito a tudo o que estiver ao seu alcance para conseguir um bom resultado.
- 16) "Chegar lá" para mim significa sucesso profissional, constituir uma família que tenha o máximo de harmonia.

- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são batalhar e dar o máximo de mim.
- 18) O mais importante na minha vida é ser fiel aos seus valores e princípios.
- 19) Estou certo de que o Brasil precisa mudar.
- 20) "Ser alguém" na vida é ser formado e trabalhar dignamente.
- 21) "Não ser alguém" na vida é não ter planejado seu futuro e trabalhar pelo simples fato de ter ganhado no final do mês.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero estar namorando, formado, viajando, trabalhando.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu estudo a respeito para que possa ter um final feliz, ou em algumas vezes, me arrisco.
- 24) Lido com as incertezas da vida desafios a serem batidos.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu em 80% gosto.
- 26) Ser adulto para mim é ser responsável.
- 27) As vantagens de ser adulto são decidir por si.
- 28) As desvantagens de ser adulto são muitas responsabilidades.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa ser exemplo para alguém.
- 30) Minha família espera de mim que seja um exemplo para a minha futura família e que eu seja feliz.
- 31) O tempo para mim (representa) inúmeras possibilidades de poder fazer o melhor.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam necessário, porém as vezes chato.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim demora a passar.
- 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu aproveito mais o dia.
- 35) Ser jovem é ter saúde e às vezes irresponsável.

16) Nome: G. B. (16 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro trazer conhecimentos do passado e presente, extraí-los o melhor possível para levar para o meu futuro.
- 2) Meu maior sonho é achar o equilíbrio necessário para atingir o sucesso.
- 3) Traçar projetos para mim significa uma maneira incerta de atingir o sucesso.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são felicidade, liberdade, amor, sucesso e VIRTÚ
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são não conseguir superar minhas adversidades.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são equilibrar trabalho, felicidade e lazer.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade algo que me faça suceder de uma forma concreta, para que esse sucesso não se desfaça.
- 8) Passado é tempo que podemos extrair nossos erros e acertos, para abstrairmos os melhores fatos, e levarmos para o nosso futuro.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui apesar de muitas barreiras e frustrações, consigo me olhar todo o dia (sic) no espelho e afirmar que sou feliz.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento equilíbrio.
- 11) Quando eu começar meu curso superior entrar em alguma faculdade que me forneça suporte para atingir meus objetivos.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior ingressar no mercado de trabalho.
- 13) Quando estiver formado eu espero estar realizado pelas minhas conquistas.
- 14) Trabalhar para mim é deixar sua marca na humanidade.
- 15) Ser um profissional significa ajudar a sociedade para que assim melhore.
- 16) "Chegar lá" para mim significa superar metas e conquistar a felicidade.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são combinar esforço, oportunidade, sorte e astúcia (eu espero).
- 18) O mais importante na minha vida é amor próprio e realização pessoal.
- 19) Estou certo de que farei o necessário para atingir minhas metas, se isso não interferir com meu bem-estar.
- 20) "Ser alguém" na vida é agir com seus próprios pensamentos e assim atingir o sucesso.
- 21) "Não ser alguém" na vida é passar na vida sem viver, apenas passar.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero eu quero, desejo e espero estar realizado comigo mesmo.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu se é algo positivo acho muito melhor, entretanto, se é algo negativo acho muito pior.
- 24) Lido com as incertezas da vida como algo positivo, pois se tudo na vida é muito certo sua vida fica sem graça.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu quando é algo positivo fico feliz por realmente ter sido o que eu pensava, porém a felicidade nunca será a mesma de algo incerto.

- 26) **Ser adulto para mim** é assumir responsabilidades que antes não tinha.
- 27) **As vantagens de ser adulto** são liberdade para fazer o que se quiser, ascender pelas suas próprias mãos, as conquistas são de maior importância entre outras.
- 28) **As desvantagens de ser adulto** são se perde tempo, os relacionamentos são mais superficiais, o jogo de interesse é gigantesco entre outras.
- 29) **O trabalho do adulto para mim** representa mesma resposta que a pergunta 15.
- 30) **Minha família espera de mim** que eu seja realizado no que eu faça, feliz e também faça meu dinheiro.
- 31) **O tempo para mim (representa)** é subjetivo, pois na vida, no meu ponto de vista devemos aproveitar cada fase de nossa vida e isso é atemporal.
- 32) **Internet e o mundo virtual para mim** significam uma revolução da humanidade, uma forma de proximidade que ao mesmo tempo distância.
- 33) **Quando estou nas redes sociais o tempo para mim** passa muito rápido.
- 34) **Quando fico sem o meu smartphone** eu sinto falta, pois me condicionei a presença dele.
- 35) **Ser jovem** é ter muito tempo, depender de terceiros e ao mesmo tempo desejar inúmeros objetivos e consequentemente trazer inúmeras incertezas.

17) **Nome:** P. S. (17 anos, Cursinho)

- 1) **Pensar no futuro** penso que, por ser uma das partes mais importantes da minha vida, gostaria de não estragar e conseguir realizar o que eu vou ter orgulho no futuro e o que me trará mais contentamento.
- 2) **Meu maior sonho** é conhecer a América Latina e ter a chance de ver o pôr do sol em cada um destes países.
- 3) **Traçar projetos para mim** significa pensar em metas, repensar, mudar, lapidar, até virar algo quase concreto.
- 4) **As coisas que considero importantes para meu futuro** são ter um emprego que me garanta uma renda confortável e ter a chance de compartilhar experiências com outros.
- 5) **Minhas preocupações em relação ao futuro** são quanto a minha escolha profissional e a instabilidade de trabalho.
- 6) **Minhas intenções de futuro profissional** são ser uma profissional respeitada em um bom ambiente de trabalho, capaz de ser versátil na área.
- 7) **Consideraria uma grande oportunidade** ser chamada para colaborar em um projeto inovador, quem sabe no exterior.
- 8) **Passado** é algo que pode evitar erros futuros, mas também pode se tornar um empecilho para a vida continuar.
- 9) **Minha trajetória de vida até aqui** não tem tantas aventuras como gostaria que tivesse.
- 10) **Eu quero para mim nesse exato momento** estar certa de que estou tomando um bom rumo para a minha vida.
- 11) **Quando eu começar meu curso superior** quero manter a mente aberta a novas possibilidades e experiências e também me informar se nessa área terei problemas se eu tiver modificações corporais como tatuagem.
- 12) **Quando estiver terminando meu curso superior** quero ter a chance de conhecer novas pessoas e novos ambientes de trabalho.
- 13) **Quando estiver formado eu** pretendo aprofundar meus conhecimentos e ganhar experiência no mercado de trabalho.
- 14) **Trabalhar para mim** deve ser algo que mesmo em um dia ruim, eu consiga lembrar o porque eu trabalho com isso.
- 15) **Ser um profissional** significa agir com responsabilidade e respeito., procurando soluções criativas sempre que necessário.
- 16) **"Chegar lá"** para mim significa me tornar uma profissional bem sucedida e poder compartilhar isso com aqueles que cativei.
- 17) **As coisas que farei para "chegar lá"** são muita dedicação e fé de que um dia chegarei lá.
- 18) **O mais importante na minha vida** é conciliar minha vida pessoal com a profissional, sempre buscando me tornar uma pessoa melhor e mais culta.
- 19) **Estou certo de que** independente da minha escolha , meus pais e família vão me apoiar. Única certeza que tenho.
- 20) **"Ser alguém"** na vida é trabalhar com o coração até alcançar a felicidade pessoal e profissional.
- 21) **"Não ser alguém"** na vida é não progredir como profissional e como pessoa, sem nem ter o mínimo de dedicação para isso.

- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero estar morando em SP, sozinha e exercendo a profissão que escolhi.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu tento tirar o melhor proveito possível da situação, se não consigo posso acabar ficando frustrada.
- 24) Lido com as incertezas da vida com muito medo e uma leve dose de adrenalina.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu dependendo da ocasião, a rotina pode virar algo massante (sic) e sem brilho.
- 26) Ser adulto para mim é parar de ter responsabilidade e atos que afetam só a mim, é aprender, ou pelo menos tentar, a tomar decisões pensando em um grupo maior de pessoas.
- 27) As vantagens de ser adulto são poder controlar as rédeas de sua própria vida.
- 28) As desvantagens de ser adulto são o tempo parece que passa cada vez mais depressa e as responsabilidades só aumentam.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa uma extensão de si mesmo, seus gostos, suas ideias.
- 30) Minha família espera de mim que eu seja uma pessoa digna, e acima de tudo, feliz.
- 31) O tempo para mim (representa) o objeto que fere e que cura.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam ter uma extensão do mundo e de amigos junto a mim o tempo todo, além de facilitar a transmissão de notícias pelo mundo.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim voa. Parece que sempre tem uma notícia nova, vídeo, pesquisa ou seja o que for.
- 34) Quando fico sem o meu smartphone eu após eu ter uma leve crise de abstinência, fico extremamente contente de não usar meu smartphone, poder olhar o mundo a sua volta sem uma tela atrapalhando.
- 35) Ser jovem é viver na incerteza, é ser inconstante, é poder se aventurar e poder cometer erros, a linha tênue entre a inocência da criança e o mundo dos adultos.

18) Nome: R. J. N. (18 anos, cursinho)

- 1) Pensar no futuro é difícil, pois qualquer coisa pode mudar tudo.
- 2) Meu maior sonho é ser feliz independente de condições econômicas.
- 3) Traçar projetos para mim significa ter objetivos para alcançar.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são boas companhias, ter sucesso profissional.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são não ter objetivos, viver a vida como uma rotina eterna.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são ser feliz com o emprego, ser exemplo para outros e liberdade de decisões e tempo.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade estágios em empresas grandes, intercâmbios e empregos temporários em outros países.
- 8) Passado é aprendizado, memórias e sua identidade.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui não teve grandes aventuras.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento ter certeza de qual profissão me faria feliz.
- 11) Quando eu começar meu curso superior quero ter tempo para me divertir, ir bem nos estudos para conseguir boas oportunidades e gostar do curso.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior saber que fiz a escolha certa, ter boas propostas de empregos.
- 13) Quando estiver formado eu trabalhar, viajar para conhecer coisas novas, ter um projeto.
- 14) Trabalhar para mim é fundamental, sem se esquecer de viver a vida.
- 15) Ser um profissional significa ter qualificação e competência para exercer seu trabalho.
- 16) "Chegar lá" para mim significa alcançar seus objetivos e metas.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são trabalho duro e dedicação.
- 18) O mais importante na minha vida é as pessoas que convivem comigo.
- 19) Estou certo de que não se pode pensar tanto no futuro, a ponto de esquecer de viver o presente.
- 20) "Ser alguém" na vida é ser feliz com a sua vida.
- 21) "Não ser alguém" na vida é ser infeliz.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero ter cumprido alguns objetivos, estar buscando outros, estar feliz em meu emprego, ou ter meu próprio negócio e ter tempo para a família.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu fico chateado se for algo ruim, mas se for algo bom fico feliz, mas em ambos os casos eu aceito, pois não há mais o que se fazer.
- 24) Lido com as incertezas da vida como se fossem possibilidades, cada uma tem seus prós e contras.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu me cansa e quero algo novo.

- 26) Ser adulto para mim é ter suas responsabilidades e estar ciente de todas as suas ações.
- 27) As vantagens de ser adulto são liberdade de ter o direito de fazer o que quiser.
- 28) As desvantagens de ser adulto são estar preso aos valores da sociedade e ter que viver de acordo com ela.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa a forma de sustento.
- 30) Minha família espera de mim alcançar grandes coisas, ter sucesso financeiro e não ser medíocre, estar sempre à frente de outros.
- 31) O tempo para mim (representa) a vida, quando as pessoas dizem que estão sem tempo para sair ou descansar estão deixando de viver, a não ser que
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam meios de comunicação, ao mesmo tempo que une pessoas distantes, ela separa pessoas que convivem no mesmo ambiente.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa rápido.
- 34) Quando fico sem o meu smartphone eu vivo normalmente, apenas não consigo falar com pessoas tão rapidamente.
- 35) Ser jovem é errar para aprender, viver experiências diversas para descobrir quem você é.

19) Nome: R. S. (19 anos, cursinho)

- 1) Pensar no futuro é teorizar possíveis vidas, para buscá-las com esperança e felicidade.
- 2) Meu maior sonho é ser feliz.
- 3) Traçar projetos para mim significa teorizar métodos práticos de alcançar sonhos.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são bem estar pessoal e profissional: tranquilidade em relações com família e amigos, e emprego que remunere o suficiente para uma vida confortável, além de que seja algo agradável de se fazer.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são estabilidade financeira (ganhar pelo menos o necessário para se viver bem) e pessoal (prezar o contato com a família e amigos e não unicamente pensar no trabalho).
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são realização a ver com criar e descobrir, além de uma vida materialmente confortável e jornada de trabalho flexível.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade estudar em outro país, ganhar uma bolsa de estudos, etc.
- 8) Passado é algo que não deve ser esquecido, os maus momentos funcionando como material para reflexão e superação, e os bons momentos funcionando como suporte para encarar dificuldades.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui teve uma boa formação acadêmica.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento descobrir e exercer uma profissão pela qual eu me apaixone.
- 11) Quando eu começar meu curso superior quero me dedicar bastante aos estudos, sem deixar de me socializar com as pessoas ao meu redor.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior eu gostaria de não perder o contato com amigos que fiz durante o curso.
- 13) Quando estiver formado eu gostaria de conhecer o mundo.
- 14) Trabalhar para mim é realizar algo prazeroso para mim, porém que não prejudique os outros.
- 15) Ser um profissional significa ter responsabilidade no serviço confiado a tal profissional, que deve exercer a tarefa com ética e dedicação.
- 16) "Chegar lá" para mim significa alcançar meus sonhos, tanto pela ótica pessoal como pelo ponto de vista profissional.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são esforço (estudar, trabalhar, etc).
- 18) O mais importante na minha vida é minha vida pessoal, minha liberdade.
- 19) Estou certo de que gosto de pesquisa, descobrir coisas novas.
- 20) "Ser alguém" na vida é estar seguro e ser feliz consigo mesmo.
- 21) "Não ser alguém" na vida é não estar feliz e não estar seguro consigo mesmo.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero ter estabilidade financeira e tempo o suficiente para as relações com família e amigos, além de gostar do meu trabalho.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu busco uma solução para o problema.
- 24) Lido com as incertezas da vida buscando refletir a respeito do dado dilema.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu me canso, afinal surpresas (contanto que não sejam coisas ruins) são desafiadoras e dão mais dinamicidade à vida.
- 26) Ser adulto para mim é ser responsável.
- 27) As vantagens de ser adulto são liberdade de opinião no que diz a si mesmo.
- 28) As desvantagens de ser adulto são responsabilidade, ter de decidir muitas coisas que dizem respeito aos outros.

- 29) O trabalho do adulto para mim representa algo que deve ser exercido com seriedade, sempre buscando a eficácia do que se busca realizar com tal trabalho.
- 30) Minha família espera de mim que eu seja feliz.
- 31) O tempo para mim (representa) algo que deve ser bem aproveitado, e não desperdiçado. Deve-se gastá-lo prudentemente, exatamente com o que se quer fazer.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam maior interatividade na sociedade, um mundo alternativo em que "mágicas" podem acontecer.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa rápido, pois gosto das interatividades e lazer que elas proporcionam.
- 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu fico entediado, pois ele é grande fonte de entretenimento para mim.
- 35) Ser jovem é realizar mudanças, tentar e quebrar ou não a cara, testar coisas novas e aprender com erros e acertos.

20) Nome: F. L. M. (17 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro é importante para traçar seus objetivos de vida.
- 2) Meu maior sonho é ser bem sucedido fazendo o que gosto e sou bom.
- 3) Traçar projetos para mim significa saber seus objetivos para poder cumprir o que planejou.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são minha família, saúde e estar bem economicamente.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são escolher a profissão que melhor me encaixo.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são trabalhar em algo que gosto e que me possibilite promoção e receber um salário bom.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade entrar numa grande faculdade para estar melhor preparado.
- 8) Passado é importante para aprender com os erros.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui acredito que tenha sido boa, aproveitei muito meu tempo na escola, tenho vários amigos.....
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento entrar em uma boa faculdade.
- 11) Quando eu começar meu curso superior estudarei bastante.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior pretendo trabalhar.
- 13) Quando estiver formado eu pretendo trabalhar.
- 14) Trabalhar para mim é algo muito importante pois além de receber dinheiro nos ocupa e traz objetivos.
- 15) Ser um profissional significa ser esforçado, determinado.
- 16) "Chegar lá" para mim significa dever cumprido, pois vai recompensar os esforços que fiz para isso.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são me esforçar e fazer sempre o máximo que consigo.
- 18) O mais importante na minha vida é família e saúde.
- 19) Estou certo de que vou estudar o máximo que quero para entrar na melhor faculdade.
- 20) "Ser alguém" na vida é fruto do que fiz para isso e satisfatório.
- 21) "Não ser alguém" na vida é uma amostra que não estou fazendo o melhor possível.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero estar trabalhando onde planejei na faculdade.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu tento superar o mais rápido possível (em caso negativo).
- 24) Lido com as incertezas da vida sendo eficiente, tentando resolver o mais rápido possível.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu vario dependendo da situação.
- 26) Ser adulto para mim é ser responsável e maturo (sic).
- 27) As vantagens de ser adulto são total autonomia.
- 28) As desvantagens de ser adulto são muita responsabilidade.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa muita dedicação.
- 30) Minha família espera de mim que eu trabalhe (que eu faça alguma coisa na minha vida).
- 31) O tempo para mim (representa) passa rápido, por isso eu não gosto de ficar sem o que fazer.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam modernidade, são importantes.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa mais rápido pois é lazer.
- 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu não gosto principalmente fora de casa, pois caso alguém precise falar comigo, o celular é a única opção.
- 35) Ser jovem é tirando o lazer, momento de aprendizado.

21) Nome: B. M. Q. F. (17 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro é algo incerto.
- 2) Meu maior sonho é fazer algo de que eu goste.
- 3) Traçar projetos para mim significa tentar ao máximo realizá-los.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são a felicidade e o sucesso.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são as muitas escolhas, as suas consequências, que terei de fazer.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são fazer algo que eu goste e em que eu seja bem sucedida.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade poder viajar.
- 8) Passado é importante, pois aprendemos com ele.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui não teve grandes episódios.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento um pouco de descanso.
- 11) Quando eu começar meu curso superior espero acordar cedo querendo ir para a faculdade.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior espero encontrar um estágio que me interesse.
- 13) Quando estiver formado eu quero ter um emprego que me possibilite evoluir.
- 14) Trabalhar para mim tem de ser algo prazeroso.
- 15) Ser um profissional significa se esforçar para realizar bem uma tarefa.
- 16) "Chegar lá" para mim significa ter reconhecimento.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são me esforçar e dedicar.
- 18) O mais importante na minha vida é ser feliz.
- 19) Estou certo de que tudo vai dar certo.
- 20) "Ser alguém" na vida é estar em paz com suas escolhas.
- 21) "Não ser alguém" na vida é não se esforçar para melhorar sua condição.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero estar fazendo uma pós-graduação.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu tento me adaptar às novas circunstâncias.
- 24) Lido com as incertezas da vida seguindo em frente.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu me acomodo.
- 26) Ser adulto para mim é ter responsabilidades e autonomia.
- 27) As vantagens de ser adulto são poder fazer suas próprias escolhas e não depender de outras pessoas.
- 28) As desvantagens de ser adulto são ter mais responsabilidades e ter de lidar com as consequências de suas opções.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa a atividade que mais tomará meu tempo.
- 30) Minha família espera de mim sucesso.
- 31) O tempo para mim (representa) a necessidade de agir.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam facilidade de acesso à informação.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa rapidamente.
- 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu tento me distrair de outras formas.
- 35) Ser jovem é ser livre.

22) Nome: B. F. (17 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro é algo importante, mas que não faço o quanto deveria.
- 2) Meu maior sonho é ser feliz e constituir uma família.
- 3) Traçar projetos para mim significa algo incerto e que pode mudar.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são estabilidade econômica e não ter problemas de saúde.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são estar fazendo algo que eu realmente goste.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são conquistar espaço em uma empresa e um bom salário.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade um trabalho com um bom salário mas que não seja necessário trabalhar tanto.
- 8) Passado é algo que nunca se apagará mas que não precisa ter tanta importância.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui é simples e com poucas "batalhas".
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento uma vida tranquila.
- 11) Quando eu começar meu curso superior me dedicarei e descobrirei minha importância.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior já estarei pronto para entrar no mercado de trabalho.
- 13) Quando estiver formado eu estarei pronto para desempenhar uma função profissional.
- 14) Trabalhar para mim é algo necessário mas que pode ser prazeroso.

- 15) Ser um profissional significa saber seus deveres e desempenhar bem sua função.
- 16) "Chegar lá" para mim significa ter estabilidade econômica e ter uma família.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são estudar e ganhar experiência profissional.
- 18) O mais importante na minha vida é ser feliz e não estar em conflito com alguém e aproveitar a vida.
- 19) Estou certo de que o dinheiro não é tudo na vida.
- 20) "Ser alguém" na vida é estar motivado em sua profissão.
- 21) "Não ser alguém" na vida é fazer algo que não gosto.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero ser alguém com um futuro promissor.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu demoro um pouco mas me adequo a nova situação.
- 24) Lido com as incertezas da vida com tranquilidade e pouca pressão.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu não me sinto mal mas ao mesmo tempo me faz querer mudar um pouco.
- 26) Ser adulto para mim é ter responsabilidades e autonomia.
- 27) As vantagens de ser adulto são autonomia e poder gostar do que faz.
- 28) As desvantagens de ser adulto são muitas responsabilidades e deveres.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa algo que pode deixar a vida complicada.
- 30) Minha família espera de mim ter alguma profissão e conseguir se auto-sustentar.
- 31) O tempo para mim (representa) algo que passa muito rápido e representa o quanto estamos desfrutando da vida.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam um mundo paralelo que não se compara com a realidade.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa rápido.
- 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu gostaria de estar com ele, porém não é algo que eu me importo muito.
- 35) Ser jovem é não ter muitas pressões e poder aproveitar a vida.

23) Nome: B. E.B. (17 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro é preciso.
- 2) Meu maior sonho é inspirar alguém.
- 3) Traçar projetos para mim significa ser organizado.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são saúde, felicidade e necessidades básicas (casa, comida, etc.).
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são não conseguir dinheiro suficiente para viver e escolher a ocupação errada.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são muito e loucamente confusas.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade trabalhar em um grande musical.
- 8) Passado é história.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui me trouxe experiência e conhecimento.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento um chocolate.
- 11) Quando eu começar meu curso superior irei me esforçar para tirar as melhores notas.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior espero estar feliz com o que aprendi na faculdade.
- 13) Quando estiver formado eu espero encontrar um emprego facilmente.
- 14) Trabalhar para mim deve ser uma balança entre coisas que eu gosto, coisas que eu sei fazer e boa remuneração.
- 15) Ser um profissional significa dar o máximo de si para executar sua função com maestria.
- 16) "Chegar lá" para mim significa conseguir um equilíbrio entre trabalho, lazer, família e vida financeira.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são trabalhar bastante e sempre expandir meus limites.
- 18) O mais importante na minha vida é ser feliz e adquirir conhecimento.
- 19) Estou certo de que um dia irei morrer.
- 20) "Ser alguém" na vida é fazer algo inédito.
- 21) "Não ser alguém" na vida é não pensar fora da caixa.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero ser alguém.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu primeiro entro em pânico, depois tento controlar a situação.
- 24) Lido com as incertezas da vida como eu lidei com o medo do escuro quando era pequena: me fiz dormir no escuro todas as noites até entender que não era perigoso, tento enfrentar.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu fico entediada e mais preguiçosa que o normal.

26) Ser adulto para mim é não mostrar pânico em emergências para não assustar o outro e tomar decisões racionais.

27) As vantagens de ser adulto são ser responsável por si mesmo e livre para fazer quase tudo.

28) As desvantagens de ser adulto são ser responsável por si mesmo e livre para fazer quase tudo.

29) O trabalho do adulto para mim representa trabalho racional e lógico.

30) Minha família espera de mim ter bastante dinheiro no futuro.

31) O tempo para mim (representa) experiência.

32) Internet e o mundo virtual para mim significam novas portas se abrindo para oportunidades novas.

33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa como uma estrela cadente.

34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu tento encontrar algo para fazer.

35) Ser jovem é querer mudar o mundo, sem ter ideia de como e falar de seus ideais sendo tascado de ingênuo e sonhador.

24) Nome: L. M. I. (16 anos, 3º E.M)

1) Pensar no futuro me faz ficar preocupada.

2) Meu maior sonho é ter a certeza de que continuarei sendo feliz no futuro.

3) Traçar projetos para mim significa planejar o futuro.

4) As coisas que considero importantes para meu futuro são felicidade, família e amizades.

5) Minhas preocupações em relação ao futuro são não saber o que irá acontecer.

6) Minhas intenções de futuro profissional são incertas.

7) Consideraria uma grande oportunidade conseguir passar em uma boa faculdade.

8) Passado é algo que me traz boas memórias.

9) Minha trajetória de vida até aqui foi muito boa.

10) Eu quero para mim nesse exato momento conseguir tomar uma decisão sobre o meu futuro.

11) Quando eu começar meu curso superior tentarei dar o meu melhor.

12) Quando estiver terminando meu curso superior começarei a pensar novamente no meu futuro profissional.

13) Quando estiver formado eu tentarei encontrar um emprego que me satisfaça.

14) Trabalhar para mim significa ter uma ocupação que seja útil para a sociedade em geral.

15) Ser um profissional significa ter competência para exercer um trabalho específico.

16) "Chegar lá" para mim significa atingir meus objetivos.

17) As coisas que farei para "chegar lá" são me esforçar e ser persistente.

18) O mais importante na minha vida é ter amigos e família.

19) Estou certo de que no futuro consegurei tomar uma boa decisão.

20) "Ser alguém" na vida é fazer o que te faz feliz.

21) "Não ser alguém" na vida é estar insatisfeito com o que está fazendo.

22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero que não me arrependa das minhas escolhas passadas.

23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu tento superar quaisquer dificuldades provenientes disso, do melhor modo possível.

24) Lido com as incertezas da vida tentando me planejar sem desconsiderá-las.

25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu fico entediada.

26) Ser adulto para mim é ter maturidade e independência.

27) As vantagens de ser adulto são não depender de ninguém e fazer suas próprias escolhas.

28) As desvantagens de ser adulto são ter que lidar com seus deveres e responsabilidades.

29) O trabalho do adulto para mim representa uma ocupação que faça a diferença.

30) Minha família espera de mim que eu faça o que for melhor.

31) O tempo para mim (representa) algo a levar em consideração ao planejar o futuro.

32) Internet e o mundo virtual para mim significam um meio de entretenimento e informação.

33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa mais rápido.

34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu tenho medo de precisar dele para fazer consto com alguém.

35) Ser jovem é não ter que lidar com todos os problemas dos adultos.

25) Nome: L. M. M. (17 anos, 3º E.M)

1) Pensar no futuro é normal para mim.

2) Meu maior sonho é me olhar no fim da vida e ter certeza das escolhas que realizei.

- 3) Traçar projetos para mim significa imaginar o futuro de forma mais concreta.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são família e sucesso profissional.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são não se satisfazer com minha profissão.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são a realização e o sucesso.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade poder trabalhar fora do país.
- 8) Passado é o que muitas vezes define o nosso "eu" no presente.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui foi repleta de realizações.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento certezas.
- 11) Quando eu começar meu curso superior espero que ele me deixe satisfeita.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior espero estar satisfeita com a minha escolha.
- 13) Quando estiver formado eu correrei atrás de um trabalho que me realize.
- 14) Trabalhar para mim é uma atividade importantíssima.
- 15) Ser um profissional significa trabalhar de forma honesta e correta.
- 16) "Chegar lá" para mim significa olhar para trás e ter certeza de que estou no caminho certo.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são estudar, trabalhar e batalhar pelos meus sonhos.
- 18) O mais importante na minha vida é minha família.
- 19) Estou certo de que vou realizar meus sonhos.
- 20) "Ser alguém" na vida é ser amado de qualquer forma ou amar.
- 21) "Não ser alguém" na vida é não ser amado, nem amar.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero estar feliz.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu lido bem, levo a mudança como algo bom.
- 24) Lido com as incertezas da vida bem.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu fico entediada.
- 26) Ser adulto para mim é saber lidar com as responsabilidades.
- 27) As vantagens de ser adulto são ter mais liberdade.
- 28) As desvantagens de ser adulto são as diversas responsabilidades.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa dedicação.
- 30) Minha família espera de mim a realização plena.
- 31) O tempo para mim (representa) algo que ao mesmo passo que constroe, distroe (sic).
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam um mundo sem fronteiras.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa rápido.
- 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu sinto falta, mas lido bem com a falta.
- 35) Ser jovem é ser destemido o suficiente para ser cheio de inseguranças.

26) Nome: L. C. D. (17 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro é meu presente.
- 2) Meu maior sonho é ser feliz e realizada com minha vida.
- 3) Traçar projetos para mim significa pensar no meu futuro e linhas de raciocínio.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são família, saúde e realização profissional.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são não ser feliz e não conseguir emprego.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são estar realizada.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade situações de escolhas e chance de novas experiências e desenvolvimento.
- 8) Passado é minha vida.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui é importante para tomar decisões.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento decidir minha escolha profissional e assegurar que tenha pessoas importantes ao meu redor.
- 11) Quando eu começar meu curso superior espero gostar e ter novas experiências.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior espero ter oportunidades de emprego e diferentes escolhas. quero ter orgulho da minha escolha.
- 13) Quando estiver formado eu
- 14) Trabalhar para mim é uma atividade prazerosa remunerada.
- 15) Ser um profissional significa agir de acordo com a ética de sua profissão.
- 16) "Chegar lá" para mim significa realizar meus sonhos e finalizar meu próprio trabalho.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são dedicação, esforço.
- 18) O mais importante na minha vida é ser feliz.

- 19) Estou certo de que quero ter sucesso e me dedicarei a isso.
- 20) "Ser alguém" na vida é ter pessoas que se importam.
- 21) "Não ser alguém" na vida é estar sozinho e não ter ninguém para compartilhar seus sonhos.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero estar satisfeita com as atividades que estarei realizando cercada de pessoas importantes e boas para mim.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu tento ficar calma e resolver o mais rápido possível.
- 24) Lido com as incertezas da vida com muita preocupação.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu fico tranquila.
- 26) Ser adulto para mim é ser o responsável pela minha própria vida.
- 27) As vantagens de ser adulto são autonomia na sua vida.
- 28) As desvantagens de ser adulto são responsabilidades e preocupações como pagar as contas, e o modo como as pessoas esperam atitudes sensatas de você.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa segurança em poder fazer planos para meu futuro.
- 30) Minha família espera de mim espera que eu me torne um ser humano honesto e faça o bem para os outros e para mim mesma.
- 31) O tempo para mim (representa)a vida.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam comunicação, a forma de atualmente se atualizar das notícias e acontecimentos.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim.....relaxar.
- 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu fico preocupada com o que poderia estar acontecendo.
- 35) Ser jovem é ter a mente aberta e trazer novas tradições e mudanças.

27) Nome: L. C. A. (17 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro é imaginar a minha vida.
- 2) Meu maior sonho é ser feliz.
- 3) Traçar projetos para mim significa me sentir segura em relação ao futuro.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são formar uma família e trabalhar com algo que eu goste.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são me arrepender de minhas escolhas.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são me sentir feliz com a minha profissão.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade morar em outro país.
- 8) Passado é todas as nossas ações até agora que nos fizeram ser quem somos.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui foi boa para mim.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento aproveitar o meu último ano da escola e passar no vestibular.
- 11) Quando eu começar meu curso superior espero fazer muitos novos amigos.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior vou procurar o meu primeiro emprego.
- 13) Quando estiver formado eu vou me sentir adulta.
- 14) Trabalhar para mim é começar a ter responsabilidades.
- 15) Ser um profissional significa fazer parte da sociedade de um jeito diferente do que fiz até agora.
- 16) "Chegar lá" para mim significa fazer o que me satisfaz.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são me esforçar muito.
- 18) O mais importante na minha vida é aproveitar cada momento.
- 19) Estou certo de que esse meu último ano de escola vai ser inesquecível.
- 20) "Ser alguém" na vida é ser feliz com o que eu sou.
- 21) "Não ser alguém" na vida é não ser feliz com o que eu sou.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero estar feliz com alguém que eu ame ao meu lado.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu procuro ficar calma.
- 24) Lido com as incertezas da vida vivendo um dia de cada vez.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu fico entediada.
- 26) Ser adulto para mim é ter muitas responsabilidades.
- 27) As vantagens de ser adulto são ser livre para fazer o que quiser.
- 28) As desvantagens de ser adulto são ser responsável por tudo o que faz.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa como a minha vida vai ser.
- 30) Minha família espera de mim passar em uma boa faculdade.
- 31) O tempo para mim (representa) como a nossa vida passa rápido.

32) Internet e o mundo virtual para mim significam um lugar onde eu posso conversar com os meus amigos e aproveitar o meu tempo livre.

33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa mais rápido ainda.

34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu fico bem desde que não seja por muito tempo.

35) Ser jovem é aproveitar cada segundo da vida.

28) Nome: B. B. (17 anos, cursinho)

1) Pensar no futuro é preciso.

2) Meu maior sonho é ser reconhecido.

3) Traçar projetos para mim significa traçar maneiras de se alcançar um objetivo.

4) As coisas que considero importantes para meu futuro são família, amigos e condição financeira estável.

5) Minhas preocupações em relação ao futuro são de ficar engessado em algum emprego e de ficar sozinho.

6) Minhas intenções de futuro profissional são ser financeiramente capaz de dar aos meus filhos o que meus pais me deram e ter horários flexíveis.

7) Consideraria uma grande oportunidade trabalhar em uma grande empresa com alto reconhecimento.

8) Passado é para ser estudado.

9) Minha trajetória de vida até aqui foi pouco emocionante.

10) Eu quero para mim nesse exato momento condição financeira estável, tempo livre.

11) Quando eu começar meu curso superior vou me esforçar para ser um dos melhores alunos do curso com o objetivo de ser um ótimo profissional.

12) Quando estiver terminando meu curso superior estarei fazendo estágio em uma empresa grande.

13) Quando estiver formado eu espero ter conseguido ser um bom aluno na faculdade, para agora ser um grande profissional.

14) Trabalhar para mim é cansativo e chato.

15) Ser um profissional significa ser um entendedor da área.

16) "Chegar lá" para mim significa construir uma família e ter bastante tempo para se dedicar a ela.

17) As coisas que farei para "chegar lá" são estudar na faculdade, fazer estágio nas melhores empresas, fazer pós-graduação, mas preservando meu tempo livre com os amigos.

18) O mais importante na minha vida é são os tempos livres.

19) Estou certo de que alcançarei todos os objetivos.

20) "Ser alguém" na vida é ter um bom emprego.

21) "Não ser alguém" na vida é ser desempregado.

22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero eu quero possuir um imóvel próprio e já for (sic) capaz de sustentar todos meus gastos.

23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu faço de tudo para contornar a situação da melhor maneira possível.

24) Lido com as incertezas da vida de forma prejudicial a mim.

25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu não gosto.

26) Ser adulto para mim é ser independente financeiramente e judicialmente.

27) As vantagens de ser adulto são não ser controlado.

28) As desvantagens de ser adulto são a responsabilidade de sustentar filhos e engolir sapos no emprego.

29) O trabalho do adulto para mim representa algo massante (sic), porém que deve ser feito.

30) Minha família espera de mim que eu tenha dinheiro.

31) O tempo para mim (representa) algo cruel.

32) Internet e o mundo virtual para mim significam o encurtamento relativo das distâncias entre as pessoas.

33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa devagar.

34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu fico procurando ele.

35) Ser jovem é ter tempo para fazer o que quiser, porém com a pressão de não ser ninguém no futuro.

29) Nome: N. M. Y. (19 anos, cursinho)

1) Pensar no futuro dá medo mas é divertido fazer planos.

2) Meu maior sonho é trabalhar com algo que eu goste e poder viajar para todos os lugares que tenho vontade.

3) Traçar projetos para mim significa fazer planos e procurar meios para cumprí-los.

4) As coisas que considero importantes para meu futuro são realizar meus planos e torcer para que eles sejam bons para mim.

- 5) **Minhas preocupações em relação ao futuro são** as incertezas, meus planos não darem certo, ser infeliz na vida profissional e pessoal.
- 6) **Minhas intenções de futuro profissional são** trabalhar em um lugar que me sinta confortável, tenha amigos e me divirta.
- 7) **Consideraria uma grande oportunidade** trabalhar com profissionais da área que admiro.
- 8) **Passado é o que me faz ser o que sou hoje.**
- 9) **Minha trajetória de vida até aqui** foi bem aproveitada e , no geral, bem feliz.
- 10) **Eu quero para mim nesse exato momento** começar a trabalhar com o que eu gosto.
- 11) **Quando eu começar meu curso superior** quero sentir que escolhi certo e é meu curso.
- 12) **Quando estiver terminando meu curso superior** quero me sentir realizada.
- 13) **Quando estiver formado eu** quero ver que os anos de estudo valerem a pena e me ajudaram a fazer o que gosto.
- 14) **Trabalhar para mim é** fazer algo que eu gosto e ainda ser paga para isso.
- 15) **Ser um profissional significa** fazer o seu trabalho da melhor maneira possível, admitindo erros e tendo ética.
- 16) **"Chegar lá" para mim significa** ter um trabalho que me deixe feliz e me dê uma situação financeira estável.
- 17) **As coisas que farei para "chegar lá" são** fazer faculdade e já procurar por estágios na área e em empresas que considero interessantes.
- 18) **O mais importante na minha vida é** estar perto das pessoas que gosto e fazer o que eu gosto, um trabalho legal que possa viajar.
- 19) **Estou certo de que** estou me esforçando para ter as coisas que mais importam para mim.
- 20) **"Ser alguém" na vida é** se sentir bem e realizado, não importa seus objetivos.
- 21) **"Não ser alguém" na vida é** não me sentir bem e realizado e não correr atrás para que isso mude.
- 22) **Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero** ter conseguido um trabalho legal, apartamento e viajar bastante.
- 23) **Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu** fico nervosa/ansiosa mas gosto de quebrar a rotina , da surpresa.
- 24) **Lido com as incertezas da vida** fico com muitas dúvidas e dificuldades de escolha.
- 25) **Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu** fico entediada, procuro algo novo.
- 26) **Ser adulto para mim é** ser independente (financeiramente), ter responsabilidades.
- 27) **As vantagens de ser adulto são** ter independência.
- 28) **As desvantagens de ser adulto são** ter independência, mas ter responsabilidades que acabam tirando um pouco dela.
- 29) **O trabalho do adulto para mim representa** um modo de ganhar dinheiro e aplicar seus conhecimentos.
- 30) **Minha família espera de mim** que eu seja feliz independentemente de minhas decisões.
- 31) **O tempo para mim (representa)** mostra que tenho que chegar rápido aos meus objetivos porque ele passa rápido.
- 32) **Internet e o mundo virtual para mim significam** lazer e meio de trabalho.
- 33) **Quando estou nas redes sociais o tempo para mim** passa muito rápido.
- 34) **Quando fico sem o meu *smartphone*** eu sinto falta , mas consigo ficar sem.
- 35) **Ser jovem é** ter espírito leve, vontade de sempre conhecer coisas novas e não ter medo de arriscar.

30) Nome: A. P. M. (19 anos, cursinho)

- 1) **Pensar no futuro é** ao mesmo tempo animador e assustador.
- 2) **Meu maior sonho é** é me sentir realizada com a minha vida.
- 3) **Traçar projetos para mim significa** poder olhar o futuro com segurança.
- 4) **As coisas que considero importantes para meu futuro são** família, qualidade de vida e saúde.
- 5) **Minhas preocupações em relação ao futuro são** todas relacionadas à realização de ideais que tenho para mim.
- 6) **Minhas intenções de futuro profissional são** ser uma profissional competente e reconhecida e também poder a partir dele conseguir o padrão de vida que eu quero.
- 7) **Consideraria uma grande oportunidade** qualquer coisa que me faça crescer intelectualmente.
- 8) **Passado é** aprendizado.
- 9) **Minha trajetória de vida até aqui** tem sido em pequenos passos.
- 10) **Eu quero para mim nesse exato momento** poder ter uma ideia do que quero para meu futuro, para poder focar e batalhar por ele.

- 11) Quando eu começar meu curso superior irei aproveitar cada segundo.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior espero estar caminhando para minha independência.
- 13) Quando estiver formado eu terei uma vida mais independente.
- 14) Trabalhar para mim é melhor que trabalhar para os outros.
- 15) Ser um profissional significa ter conhecimento e sucesso.
- 16) "Chegar lá" para mim significa realizar-se profissionalmente.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são desafiadoras e demandaram muito esforço.
- 18) O mais importante na minha vida é viver com pessoas que amo.
- 19) Estou certo de que não tenho certeza de nada.
- 20) "Ser alguém" na vida é fazer diferença no mundo.
- 21) "Não ser alguém" na vida é não ser produtivo para nada e nem ninguém.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero ter conquistado tudo aquilo que estou plantando nos dias de hoje: família, amigos e um trabalho. Tudo isso atrelado à minha felicidade.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu me sinto despreparada.
- 24) Lido com as incertezas da vida de forma medrosa e cautelosa.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu me sinto segura, mas entediada.
- 26) Ser adulto para mim é ter completo controle e responsabilidade de meus atos e modo de vida.
- 27) As vantagens de ser adulto são a independência e a liberdade.
- 28) As desvantagens de ser adulto são as preocupações e as cobranças.
- 29) O trabalho do adulto para mim representa um meio de autossatisfação e sustento.
- 30) Minha família espera de mim que eu tenha muito sucesso na vida.
- 31) O tempo para mim (representa) é valioso e pode ser desperdiçado facilmente.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim significam o melhor meio de estar em contato com o mundo.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim é desperdiçado e passa muito depressa.
- 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu me sinto desamparada.
- 35) Ser jovem é ser inexperiente, poder cometer erros e ter a opção de escolha. É ser imaturo mesmo acreditando no contrário.

31) Nome : R. V. (17 anos, 3º E.M)

- 1) Pensar no futuro é quebrar a cabeça.
- 2) Meu maior sonho é ser feliz.
- 3) Traçar projetos para mim significa pensar muito.
- 4) As coisas que considero importantes para meu futuro são ser bem sucedido e fazer o que eu gosto.
- 5) Minhas preocupações em relação ao futuro são não ser bem sucedido.
- 6) Minhas intenções de futuro profissional são trabalhar em grandes empresas.
- 7) Consideraria uma grande oportunidade poder escolher a faculdade que eu gostaria de fazer.
- 8) Passado é passado.
- 9) Minha trajetória de vida até aqui foi muito gratificante.
- 10) Eu quero para mim nesse exato momento comer..obs.. estou com fome.
- 11) Quando eu começar meu curso superior pretendo estudar muito e fazer novas amizades.
- 12) Quando estiver terminando meu curso superior eu quero estar empregado.
- 13) Quando estiver formado eu quero constituir uma família.
- 14) Trabalhar para mim é fazer o que eu gosto.
- 15) Ser um profissional significa se dar bem no que faz.
- 16) "Chegar lá" para mim significa alcançar o objetivo.
- 17) As coisas que farei para "chegar lá" são me esforçar muito.
- 18) O mais importante na minha vida é ser feliz.
- 19) Estou certo de que consigo o que eu quero.
- 20) "Ser alguém" na vida é ser bem visto pela sociedade.
- 21) "Não ser alguém" na vida é não ser bem visto pela sociedade.
- 22) Daqui a dez anos eu quero, desejo, espero estarem uma multinacional.
- 23) Quando acontece algo imprevisto ou improvável eu não me desespero.
- 24) Lido com as incertezas da vida muito bem.
- 25) Quando as coisas são previsíveis e rotineiras eu sigo a vida.
- 26) Ser adulto para mim é ter responsabilidade a as cumprir.
- 27) As vantagens de ser adulto são ser adulto.

- 28) As desvantagens de ser adulto são ter responsabilidade.
- 29) O trabalho do adulto para mim **representa** ser competente.
- 30) Minha família espera de mim que eu consiga fazer o que eu quero.
- 31) O tempo para mim (representa) vida.
- 32) Internet e o mundo virtual para mim **significam** globalização.
- 33) Quando estou nas redes sociais o tempo para mim passa rápido.
- 34) Quando fico sem o meu *smartphone* eu relaxo.
- 35) Ser jovem é curtir.